

CHRIS PAVONE

autor de *Os impostores*

O MANUSCRITO

Um texto anônimo,
um segredo mortal,
24 horas para
desvendar o mistério





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O MANUSCRITO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma

homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CHRIS PAVONE

O MANUSCRITO



Título original: *The Accident*

Copyright © 2014 por Christopher Pavone
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Luiza Newlands

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Fatima Fadel e Midori Faria

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Christiano Menezes/Retina 78

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P366m

Pavone, Chris
O manuscrito
[recurso
eletrônico] /
Chris Pavone
[tradução de
Maria Luiza
Newlands]; São

Paulo: Arqueiro,
2015.
recurso digital

Tradução de: The
accident

Formato:
ePub

Requisitos do
sistema: Adobe
Digital Editions

Modo de
acesso: World
Wide Web

ISBN 978-85-
8041-447-9
(recurso
eletrônico)

15-24014

1. Ficção
americana. 2.
Livros
eletrônicos. I.
Newlands, Maria
Luiza. II. Título.

15-
24014

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Mem.

“É possível ser bem-sucedido sem
cometer nenhuma traição?”

Jean Renoir

PRÓLOGO

Ele acorda apavorado. Busca por alguém pelo quarto, esquadrinha as sombras mais escuras no ambiente, no qual a única iluminação é a claridade azulada do luar. Num impulso, senta-se e inclina a cabeça para o lado, alerta aos ruídos. Estende a mão e pega a arma.

É só nesse momento que, mais consciente de tudo, percebe por que acordou. A arma é inútil. Ele a devolve para a mesa de cabeceira, ao lado da garrafa d'água. Bebe um gole demorado, mas a agitação em seu estômago faz com que ele leve alguns segundos para conseguir engolir.

Caminha até o fim do corredor, para o escritório que se resume a uma mesa e uma cadeira em frente à janela. O reflexo da lua brilha no lago de Zurique, a uma quadra do amontoado vitoriano de tijolos e ferro coberto de glicínias onde ele está, com o perfume das flores entrando pelas janelas.

Ele move o mouse para que o monitor se acenda, digita sua senha e clica no link para uma transmissão ao vivo. A câmera está instalada no alto de um quarto escuro e focaliza uma mulher deitada na cama, lendo. Ela dá uma tragada num cigarro e bate com ele de leve no cinzeiro de vidro.

Ele desvia os olhos da imagem invasiva para o pequeno teclado sob o computador. Pressiona algumas teclas rapidamente e, com um clique suave, as gavetas se destrancam.

Pega a pilha de papéis presa por um grosso elástico verde. Folheia, procurando o texto que identificava a cena em sua cabeça. Vira dez páginas para a frente. Em seguida, cinco. Depois, volta duas. Corre o dedo pelo papel e encontra, no pé da página 136, o que sua mente lhe mostrou durante o sono, no meio da noite. Uma palavra. Duas letras.

Eu.

E ele pensava que não tinha deixado passar nada.

É o terceiro rascunho do manuscrito e também o último. O primeiro ele escrevera em primeira pessoa, mas não seguindo o próprio ponto de vista. O plano inicial era fazer um livro de memórias com autoria de outra pessoa, mas escrito por ele... ou com sua colaboração como coautor. Eles ainda não tinham decidido sobre a natureza exata de seu crédito.

Então, as circunstâncias mudaram. Ao retomar o trabalho, reformulara a história a partir de sua perspectiva. Seria um livro mais honesto, mais transparente.

Depois que terminara e relera tudo, ele mudara de ideia. Decidira que precisava se esconder atrás da onisciência, do anonimato, para criar uma sombra

de dúvida sobre a autoria do livro. Para dar a si mesmo uma chance de sobrevivência. Então se debruçara sobre o manuscrito, revisando tudo e mudando o tratamento para a terceira pessoa. Excluíra trechos que já não faziam sentido e acrescentara partes e capítulos.

Tinha sido um grande trabalho de edição, mas nem um pouco incomum. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo quando se reescreve, faz revisões e reconsiderações. Escritores fazem um pente-fino em cada página, mudando o ponto de vista, substituindo substantivos e conjugações verbais. Seguidamente, milhares de vezes.

Ainda assim, é normal que deixem passar um ou dois pronomes. Apenas um pequeno engano, um erro de digitação... Não é uma questão de vida ou morte.

O acidente Página 488

EPÍLOGO

Não existe no mundo uma única pessoa que possa comprovar tudo o que está nestas páginas.

Mas há uma pessoa que pode chegar perto disso: o protagonista, Charlie Wolfe. Há outras pessoas que poderiam, se devidamente motivadas, confirmar certos fatos. Talvez este livro seja a motivação para essas testemunhas, um impulso para revelarem suas verdades, para comprovarem esta história.

Mas o autor não é uma dessas possíveis testemunhas. Porque, se o que você está lendo for um livro concluído, impresso, encadernado e distribuído para o mundo, é quase certo que eu já esteja morto.

FIM

PARTE I

manhã

Pouco antes do amanhecer, Isabel Reed lê a última folha. Seu batimento cardíaco acelera no meio da página. Boquiaberta, seus olhos percorrem cada linha, à medida que alcança o parágrafo final, ansiosa para chegar à revelação e confirmar suas suspeitas. Retém o fôlego até as últimas linhas.

Isabel lê a última frase, o pequeno ponto final de tinta, e solta a respiração.

Meu Deus.

Está perplexa com a dimensão da história e desapontada porque o que esperava não se confirma. Furiosa com o que pode significar e aterrorizada pelos perigos que aquilo representa. Acima de tudo, magoada com a imensidão da traição. Das traições.

Pousa a página em cima da grande pilha de papel apoiada na colcha da cama, ao lado de um pacote amassado e do cinzeiro de cristal no qual pontas de cigarros transbordam, um presente de aniversário ligeiramente sarcástico de um colega de trabalho do tipo passivo-agressivo. Segura o manuscrito com as duas mãos e alinha as páginas. Percebe que está tremendo. Tenta se recompor respirando fundo. Há quatro palavras centralizadas no alto da página:

O acidente

Autor anônimo

Isabel olha para o outro lado do quarto, para a escuridão da janela panorâmica, a parede marcada por sombras mal definidas, um vazio agressivo invadindo o casulo de seu lar. O quarto está escassamente iluminado por uma pequena arandela de leitura, instalada acima da cabeceira da cama. Na vidraça da janela, o reflexo da luz paira acima dela, como um pequeno sol iluminando o topo de sua cabeça, criando um halo de anjo.

Só que ela não é um anjo.

Sente o corpo tenso e a mandíbula se contrai num espasmo de raiva. Tenta reprimi-la mordendo o lábio, a fim de manter um mínimo de controle.

Afastando a colcha para o lado, faz um esforço para erguer o tronco. Há horas não muda de posição e suas pernas e costas estão doloridas. “Velhas”, se tivesse que escolher uma palavra para definir suas articulações. Balança as pernas, os pés procurando os chinelos forrados de lã.

Na parede, compridas prateleiras de alumínio enfileiram-se, repletas de pilhas bem-arrumadas de originais, os nomes dos autores escritos nas lombadas com caneta hidrográfica preta de ponta grossa. Dezenas de milhares de páginas de propostas de livros, oferecendo uma variedade de entretenimento e informação.

Parece que os mais jovens hoje só leem os originais em leitores digitais, mas Isabel se sente desconfortável, não natural, sentada ali com o aparelhinho em mãos. Ela tem idade suficiente para se sentir congenitamente desconfortável com as novas tecnologias. Quando começara seu primeiro trabalho, nem tinha computador em sua mesa. Um ano depois, passara a ter.

Talvez use uma dessas coisas digitais no próximo ano, mas, por enquanto, ainda prefere virar páginas físicas, fazer anotações com canetas, cercar-se de pilhas de papel como se fossem tijolos, fortificando-se contra o inevitável ataque do futuro. No caso de *O acidente*, não teve muita escolha. Embora quase todos os novos projetos sejam entregues eletronicamente, não foi o caso deste.

Segue arrastando os pés pelo breu do corredor. Acende as luzes da cozinha, liga a cafeteira e a pequena televisão, enchendo o apartamento silencioso e solitário com os ruídos da vida eletrônica.

Isabel passou o dia lendo o manuscrito freneticamente, na esperança de descobrir uma afirmação que soasse falsa ou um único fio solto que desmanchasse toda a narrativa, só que a página 1, lida no escritório de manhã, tornou-se a página 200 e alguma coisa, já em casa, à noite. Adormeceu em algum momento depois das onze da noite, tendo passado da metade do livro. Acordou às duas da madrugada sem acalmar a mente, ansiosa para voltar à história. As pessoas que trabalham com livros sempre alegam que “não conseguiram largar”, “ele me fez ficar acordado a noite inteira” ou “li todo em um dia”.

Desta vez, era verdade.

Assim, Isabel pegou de novo o manuscrito e retomou a leitura. Lembrou-se vagamente do tempo em que Tommy era bebê e ela ficava acordada num mundo adormecido. Períodos muito distintos e com motivações muito específicas. Naquela época da vida era normal estar acordada às quatro da manhã, quando o silêncio cobre a cidade e ouve-se apenas o sussurro de uma estrada de ferro em Nova Jersey ou o lamento distante de uma sirene de ambulância. Depois, há o baque inevitável do jornal no capacho e o início de um novo dia, mesmo que ainda esteja escuro lá fora.

Nada do que encontrou nas 488 páginas lhe pareceu falso. Ela levanta o rosto e encara o rosto do âncora na televisão, sintonizada em Wolfe... Aquele filho da puta desgraçado...

Sua raiva cresce e ela perde a cabeça.

Arremessa o controle remoto do outro lado da cozinha, fazendo-o se espatifar contra a porta da geladeira e cair com estrépito no chão. Em seguida, o silêncio e o tamborilar suave da pilha rolando pelo azulejo.

Isabel sente as lágrimas descendo-lhe pelo rosto e as enxuga.

A cafeteira chia e cospe as gotas finais dentro do vidro temperado. Isabel olha o relógio, que muda de 5h48 para 5h49 no canto da bancada bem-organizada, um

estudo em ângulos retos de aço escovado. Isabel é uma defensora apaixonada dos alinhamentos perfeitos. Até demais, diriam alguns.

Abre a porta da geladeira, agora marcada pelo arranhão do controle remoto, e tira a garrafa de leite, colocando um pouco na caneca. Depois, segura a alça de plástico da jarra da cafeteira e termina de preencher a caneca com a cafeína quente, densa, amarga, revigorante. Toma um pequeno gole, depois um maior. Enche a caneca até a borda e enxuga as lágrimas pela última vez.

Volta para o corredor, agora iluminado, onde se alinham as fotografias que guardou do apartamento de casada. Agora é uma mulher solteira num novo bairro, longe das lembranças dolorosas de sua vida na parte baixa da cidade, onde deparava com mães de mais. As mulheres que tinha conhecido nos parquinhos, nas lojas de brinquedos, nas academias de ginástica, em mercearias e cafês, na entrada da escola e na sala de espera do pediatra. Todas aquelas crianças crescendo, Emmas e Stellas em graciosas saínhas pregueadas, Gabriellas e Julias com cachos desgrehados e jeans justos em motonetas; todos aqueles pais com ar satisfeito, burgueses e boêmios daquela parte da cidade, descaradamente orgulhosos da precocidade de sua prole.

Ela havia comprado um apartamento de um quarto na parte alta da cidade, o tipo de apartamento que uma mulher escolhe quando aceita o fato de que não vai viver mais com outro ser humano. Atingira aquela idade, aquela fase, em que um estilo de vida se torna permanente: é o que é e sempre será, até a sua morte. E procurava deixar sua solidão o mais confortável possível. Com cuidados paliativos.

Se não fosse alérgica a gatos, teria provavelmente uns dois deles circulando por ali, examinando-a com ar de desdém.

Isabel revestiu as paredes de seu lindo corredor novo – assoalho de parkê, sancas trabalhadas, tomadas estrategicamente posicionadas – com fotos emolduradas. Lá está ela, uma criança sorridente no colo da bela mãe no parquinho perto do museu, a duas quadras da Park Avenue, um lugar muito acima das posses de seus pais.

Em seguida, de mãos dadas com o pai notavelmente pouco ambicioso, começando a quarta série na escola pública de uma cidadezinha no Vale do Hudson, depois que foram para sua “casa de campo”, a antiga propriedade da família que estavam vendendo aos poucos, parcelas de meio acre que sustentavam sua vida.

Mais adiante, de beca e capelo, oradora oficial na formatura do ensino médio, não tinha como destino Harvard ou Yale, nem mesmo uma faculdade estadual de primeira linha, mas uma particular de segunda – talvez terceira? – no norte, porque oferecia bolsa integral, incluindo hospedagem e alimentação, e não implicava viagens caras para fora do estado. O percurso de carro levava apenas algumas horas.

Seus pais a chamavam de Belle – ainda chamam. No entanto, quando teve idade suficiente, não aceitou mais que usassem o apelido. Começou a insistir em ser chamada pelo nome.

Isabel tivera a intenção de fazer pós-graduação, estudar literatura americana, talvez ensinar na universidade. Mas esse plano ruiu quando ela teve uma boa compreensão da realidade das finanças pessoais. Aceitou o que achava ser um trabalho de curto prazo numa agência literária – um dos colegas do pai era um editor famoso – com a absurda expectativa de que conseguiria poupar dinheiro para pagar a faculdade dentro de um ou dois anos. Foi incentivada por um modesto sucesso num ambiente de trabalho agradável e uma coisa acabou levando a outra. Além disso, nunca economizou um centavo. Ao chegar aos 25 anos, já não pensava mais em pós-graduação.

Quase nunca.

E lá estava ela, dentro de um vestidinho preto básico no palco de uma cerimônia, recebendo um prêmio em nome de um autor que, na ocasião, encontrava-se na América do Sul, buscando sua nova história. E radiante num vestido longo branco e rodado, no meio do grupo fotografado com lente panorâmica, a noiva de 36 anos e suas damas de honra, no casamento com aquele homem que ela havia começado a namorar apenas oito meses antes, com pouco tempo disponível, perfeitamente disposta a fechar os olhos para os óbvios defeitos e traços de personalidade dele... até ser tarde demais.

Canalha.

Ainda se espanta com a rapidez com que a juventude passara diante de seus olhos, como suas opções haviam se reduzido drasticamente. Apenas uma ou duas más escolhas de relacionamentos – um sujeito que, como ficou provado, nunca iria se comprometer; outro que era um cretino disfarçado – e as opções infinitas de seus 20 e tantos anos transformaram-se na míngua da seleção de seus quase 40, agora dizendo sim a todos os homens não assustadores que a convidam para sair em festas ou surgem em bares. Às vezes, quando o sujeito estava às margens da aceitabilidade, ela dava seu nome do meio, caso precisasse se esconder atrás do escudo impenetrável de uma alcunha. Ao longo dos anos, teve muitos encontros com homens que pensavam que o nome dela era outro. Metade do tempo, ela se sentiu satisfeita com a mentira.

Outra foto, menor, deitada na cama de hospital com Tommy nos braços. Pequenino, vermelho e zangado, embrulhado em seu cobertorzinho listrado e de touca azul. Isabel voltou ao trabalho após os três meses regulamentares, mas nesse período tinha acontecido algo que ela aceitou com vaidade complacente. Seu marido começou a ganhar quantidades exorbitantes de dinheiro, de modo que Isabel contratou uma governanta e uma babá. Antes que percebesse, levava uma vida aparentemente invejável: quatro dias de trabalho por semana, um carro reluzente na garagem – que dirigia do apartamento impecável até a casa

de praia elegante –, um bebê perfeito e um marido rico, divertido, inteligente e bonito...

Pura ilusão.

Ela se detém na última foto, em preto e branco, no centro de uma grande moldura branca. Um menino risonho numa praia rochosa, correndo do mar calmo, com boias nos braços. Isabel põe a mão nos lábios, dá um beijo nos dedos e o transfere para o menino. Como faz todas as manhãs.

Segue até o banheiro. No caminho, desabotoa a blusa de flanela, desamarra o cordão das calças do pijama e tira a calcinha. A água quente castiga seus ombros tensos e cansados. O vapor ondula em rajadas espessas, sai pela porta do banheiro e invade o quarto. O som da água escorrendo enche seus ouvidos, abafando o barulho da televisão e do mundo.

O que exatamente vai fazer com o manuscrito? Lava o cabelo, lambe o lábio superior, desloca o peso de um lado para outro, em pé sob a ducha, aturdida e desarmada, angustiada. Tudo em cima dela: a água, o manuscrito, o menino, o passado, a velha culpa, a nova culpa, as verdades aterradoras, o medo pela carreira e talvez, agora, por sua vida.

Enfia-se num roupão branco, espesso e macio, e seca o cabelo com a toalha. Desembaça o espelho e examina seus olhos cansados e avermelhados, com rugas nos cantos. A iluminação do banheiro não a está ajudando esta manhã. Havia muito tempo se acostumara a não dormir bem, mas, cada ano que passa, fica mais difícil esconder as evidências físicas da insônia.

Do outro cômodo vem o tagarelar irrelevante das notícias diurnas, os dramas insignificantes sobre arrecadações de bilheteria, mesquinhas indiscrições conjugais, abuso de drogas por celebridades. O vapor recobre o espelho e ela nota as grossas gotas de condensação que escorrem da borda chanfrada superior do vidro, abrindo caminhos estreitos de nitidez em meio à névoa, linhas claras e finas nas quais pode vislumbrar seu reflexo...

Algo está diferente. Um choque a percorre, um lampejo de uma imagem, um suspense hitchcockiano. Algo naquela raia clara e fina mudou. A luz mudou, agora há uma escuridão, uma sombra...

Mas não é nada, constata. Apenas o reflexo da televisão do quarto, mais imagens do noticiário internacional de ontem. Hoje ela precisa considerar as notícias sob uma luz inteiramente nova. Agora e sempre.

Veste um elegante conjunto de saia e blazer azul-marinho, sobre uma blusa branca engomada, e calça seus sapatos de salto baixo. O traje típico para quem quer ter uma boa aparência, sem se preocupar exatamente com estar na moda. Seca os cabelos louros com o secador e os escova. Aplica maquiagem e coloca as lentes de contato. Examina a si mesma no espelho de corpo inteiro – aparência cansada, indiscutivelmente de meia-idade – e suspira, desapontada. Três horas de sono restringem os limites do que a maquiagem pode disfarçar.

Checa de novo a parte inferior da primeira página de *O acidente*: “Contato com o autor: 40004026@worldmail.net.” Já enviou dois e-mails nas últimas doze horas. “Terminei o livro. Como podemos conversar?” Aperta o botão de Enviar. E mais uma vez recebe a frustrante mensagem de endereço desconhecido.

Isso não faz sentido. Quem se daria ao trabalho de escrever um livro desses e depois sumir do mapa? Então ela vai continuar tentando, forçando-se a acreditar que há algum problema técnico, algo que pode ser resolvido. Olha para seu notebook as gradações de cinza das várias janelas na tela, a moldura prateada do próprio aparelho. O pequeno círculo preto na parte superior, a câmera do tamanho de uma cabeça de alfinete que ela nunca usa, nem mesmo considera.

Ela poderia queimar o manuscrito agora, usando os fósforos compridos de lareira que uma tia avarenta enviou para comemorar a casa nova. Poderia fingir que nunca o lera, que nunca o recebera. Poderia apenas esquecer o assunto.

Ou poderia ir às autoridades, explicar o que aconteceu, deixar que elas lidassem com a questão. Que autoridades? Não a CIA, certamente. O FBI?

Ou levar o assunto até a mídia – o *The New York Times*, a CNN...?

Ou, quem sabe, falar com o presidente. Durante um minuto ela pondera se uma agente literária famosa poderia fazer o presidente dos Estados Unidos vir ao telefone. Não.

Ou pode fazer o que ela sabe que deve: publicar o livro o mais rápido possível e se proteger de maneira discreta, esperando que a onipresença inevitável da publicidade – o caráter público da história, o peso de suas acusações – a proteja. Ela não poderia ser presa ou morta na frente de todo o mundo. Ou poderia?

Isabel pega o celular e a cigarreira de prata que está em cima da lareira de mármore, sob sua única e exclusiva obra de arte. Sai para o terraço e acende um cigarro. Dá uma boa tragada e expele a fumaça em direção ao céu. Debruça-se no parapeito e analisa a escuridão, os verdes e negros de aparência sinistra do Central Park, a linha do horizonte da Quinta Avenida, o céu azul e a bola de fogo alaranjada surgindo no horizonte. Aquela vista é espetacular, em seu terraço cheio de plantas, envolto em tons neutros, meticulosamente projetado por um profissional.

Parece que ela tem uma vida boa.

Sabe que é a inevitável agente literária para aquele projeto. E também conhece o editor perfeito para adquirir o manuscrito, um amigo apaixonado por teorias conspiratórias, que não se importará com quão ridículas elas sejam. Ele costuma se dar muito bem com esse tipo de livro. Aparentemente existe um bom mercado. Vai adorar publicar outro do gênero. Especialmente este, sobre essas pessoas.

Mais uma vez, Isabel tenta combater o medo que brota dentro dela. Dá uma tragada final no cigarro, bate com ele no cinzeiro, depois joga o filtro relativamente inofensivo para o alto, e ele parece pairar no ar por uma fração de

segundo, como o Coiote do desenho animado, antes de cair, fora da vista.

Percorre a lista de contatos do celular, encontra um número e faz a ligação.

Hayden enfia o marcador de livros na apostila de islandês. Coloca o volume pesado sobre seu caderno de espiral, os dois junto a uma pilha mais alta de obras de referência, manuais com capa de vinil parecendo novos e brochuras surradas em estágios diferentes de preservação, algumas coladas com fita adesiva ou amarradas com grossos elásticos.

É cada vez mais fácil encontrar essas obras digitalmente, mas Hayden prefere segurar os livros, correr os olhos pelo alto das páginas e pelas colunas de texto, procurando uma palavra, uma imagem, um fato. O esforço, acredita ele, reforça o aprendizado. Tem idade suficiente para reconhecer que existe um universo finito de informação que absorverá no que resta de sua vida: quer aprender tudo isso direito.

Deita-se no chão, faz cinquenta flexões e cinquenta abdominais; sua minimalhação do final da manhã. Veste por cima da camiseta uma camisa social de punho virado, prende as abotoaduras esmaltadas, amarra a gravata. Coloca o paletó esporte e olha-se no espelho, enquanto ajusta o lenço no bolso.

Foi durante seu primeiro posto no exterior que começou a usar lenços de bolso, simples e de linho branco. Queria parecer um jovem funcionário americano, ambicioso e convencional, o tipo de sujeito que sai de Groton direto para Harvard e, de lá, para a Europa. Surpreende-se ao constatar quantas decisões tomadas naquela época, quando a idade adulta parecia se estender indefinidamente à frente, acabaram se tornando permanentes. Carreiras e passatempos, cônjuges, crenças políticas, preferências literárias, penteados, lenços de bolso...

Os raios de sol entram pelas portas francesas, lançando uma luz viva no piso, nas paredes de tijolos brancos, no estofamento, no inevitável móvel dinamarquês de teca. A cozinha fica ainda mais clara por causa dos reflexos dos aparelhos. É quase ofuscante.

A porta da frente, de madeira trabalhada, está coberta por centenas de camadas de tinta. Arranhadas, lascadas e profundamente estriadas, revelam uma camada inferior de verde-claro aqui, uma de azul-escuro ali. Ele pega uma caixa de fósforos do bolso, tira um e o insere entre a porta e o batente.

Pássaros cantam na rua arborizada e salpicada de claridade. A bicicleta de Hayden está estacionada em meio a dezenas de outras no bicicletário desarrumado da calçada larga, a poucas quadras do Palácio de Amalienborg. Ele monta nela e pedala calmamente pelas ruas tranquilas, até chegar a seu destino: o sisudo prédio de tijolos em Kronprinsessegade que abriga a coleção David, uma das principais reservas do continente daquilo que constitui seu novo passatempo: a arte islâmica. Passa meia hora examinando artefatos medievais

do emirado espanhol, de uma época em que Córdoba era a maior cidade da Europa Ocidental. Córdoba, logo Córdoba.

Hayden Gray, afinal, é um adido cultural. Tem um grande escritório luxuoso na Pariser Platz, 480 quilômetros ao sul dali, na embaixada americana, junto ao portão de Brandemburgo. Sua residência oficial continua sendo Munique, mas suas novas responsabilidades exigem aparições regulares em Berlim. Claro, a capital alemã sempre foi um fascínio para Hayden, aliás, para qualquer pessoa em sua linha de trabalho. Los Angeles tem a indústria do cinema e Paris tem a moda, mas Berlim é a terra da espionagem. Por outro lado, não se trata de uma cidade particularmente atraente, e as coisas interessantes nela – uma cultura jovem e vibrante e a energia ilimitada de sua vida noturna – não o atraem. Por isso, ele prefere não morar lá.

De volta à bicicleta, segue pela exuberante vegetação do Jardim do Rei, atravessa a ponte e, ao entrar em Nørrebro, encontra vida nas ruas: uma mistura de jovens artistas e imigrantes recentes, bares alternativos ao lado de casas de kebab. Mal prende a bicicleta, nota os pingos rápidos e sutis, mensageiros da chuva iminente.

Hayden corre para empurrar a porta lustrosa, sobe um comprido e íngreme lance de escadas e entra num apartamento de pé-direito alto e grandes janelas, despojado e quase vazio. O lugar onde ele dormira nas últimas duas noites era alugado – fazia 25 anos, para ser mais exato – e ficava do outro lado do centro de Copenhague. Mas este, em Nørrebrogade, tinha sido providenciado às pressas havia uma semana pela mulher que agora está sentada à janela, com um binóculo na mão.

– Olá – diz ela, sem se virar.

Ela o vê pelo reflexo da janela.

– Alguma coisa?

– Não. Um tédio.

Hayden chega perto dela e observa além da imensa iluminação da rua, suspensa por fios acima da avenida, a loja na calçada em frente e o apartamento em cima da loja.

Ela o avalia rapidamente com um olhar.

– Bela gravata – comenta. – Tem alguma coisa interessante para mim hoje?

– Sempre tenho. Vejamos... Ah, essa é boa: Thomas Jefferson e John Adams morreram no mesmo dia.

– Na mesma data?

– Não, no mesmo dia: 4 de julho de 1826.

Ela se vira para ele.

– Mentira.

– É verdade.

– Hum. Dou nota 9.

– O que me falta para um 10?

– Vou saber quando ouvir.

Ela se volta outra vez para a janela, retoma sua vigília.

Hayden tira os óculos de aro de tartaruga e usa seu lenço de linho irlandês para limpar as lentes. Ao terminar a limpeza minuciosa, segura-os contra a luz para avaliar se alguma parte ainda está suja.

– Isso está levando muito tempo – comenta ele.

Num tom simpático, ele espera.

– Está demorando uma eternidade – concorda ela.

Hayden sabe que ela quer ir para casa, para Paris. Voltar para seu marido, seus filhos, seu apartamento perfeito em Saint-Germain-des-Prés. Faz um mês que vem perambulando pela Europa atrás de uma pessoa. Um homem evasivo, inteligente e perigoso.

– Por que tenho de ser eu a ficar aqui?

Ele observa uma mulher bonita na rua, pedalando devagar sob a chuva, uma das mãos segura o guidom e a outra, um guarda-chuva, que cobre tanto ela quanto o grande cesto na frente que carrega três crianças pequenas de capas de chuva e chapéus combinando.

– Veja bem, não falo dinamarquês nem conheço Copenhague. Não sei nada sobre esse cara – insiste ela.

Através da janela do outro lado da rua, o homem desgrehado senta-se à sua mesa, como sempre virado de perfil. Jens Grundtvig – estudante e escritor em meio período, drogado em período integral – às vezes digita no computador, às vezes apenas move o mouse, pesquisando, e às vezes fica ao celular, coletando citações e conferindo fatos. Grundtvig parece trabalhar no projeto de outro homem, e a tarefa de Hayden é encontrar esse outro homem. Depois de três meses, Jens Grundtvig é a única pista substancial de Hayden.

– Porque confio em seus instintos – responde Hayden. – Parafraseando Proust: você, querida, é a jardineira encantadora que faz minha alma florescer.

Ela solta uma risadinha desdenhosa. Sabe que parte daquilo pode ser verdade, mas também sabe que Hayden não está lhe contando tudo. Aceita ficar na ignorância por enquanto; faz parte do acordo entre eles.

A verdade é complicada, como sempre. E a verdade é que esta operação é inteiramente clandestina, não há registro dela em lugar nenhum. As despesas da equipe – aquela mulher no apartamento, os dois homens estacionados nas esquinas do quarteirão, além dos outros dois que estão de folga – são financiadas por uma conta na Suíça. São todos freelancers clandestinos, caixa dois.

– Você é uma heroína – diz Hayden, dando um tapinha no ombro dela.

– É o que não paro de dizer ao meu marido – acrescenta ela –, mas ele não acredita.

– Uma heroína, Kate... Uma verdadeira mártir.

O celular tocando, o medo de ter perdido a hora e o barulho do noticiário na televisão arrancaram Jeff Fielder do abraço de um sono agitado.

Ele esfrega os olhos e esquadrinha o pequeno quarto procurando o maldito aparelho. Há livros, jornais e revistas empilhados por toda parte... em cima da escrivaninha, das mesas laterais, até no assoalho de tábua corrida. Uma garrafa quase vazia de uísque está no chão. Teria ele tomado um pouco ontem à noite, quando chegou em casa? Ao lado da garrafa, o segundo romance de sua ex-mulher, o que ela escreveu depois de tê-lo abandonado, largando também seu emprego na revista e deixando Nova York. Antes mesmo que Jeff percebesse que sua vida estava desmoronando, o pessoal de televisão em Los Angeles já se interessava pela triste história do fim de seu casamento.

Ele lê o livro de modo intermitente, sobretudo quando está bêbado. Sara é uma boa escritora, precisa admitir. Mas, por motivos óbvios, ele abomina aquilo.

Jeff estende a mão para uma coisa preta e brilhante, derrubando no caminho uma pilha de papéis que descansava no assento de uma cadeira preta Windsor, e descobre que a coisa que agarrou é um porta-óculos, não o celular.

Outro toque estridente agride seus ouvidos, seu cérebro. Ele percebe um vislumbre de luz vermelha piscando lá no chão, debaixo da prova de um livro.

– Alô?

As três letras pareciam um coaxar de sapo, como se sua boca estivesse cheia de algodão, por causa da ressaca.

– Jeffrey?

Ao som da voz dela, ele se sente rápido demais e sua cabeça gira. A contragosto, seu coração dispara sempre que ouve a voz de Isabel.

– Humpf.

– Você está bem?

– Hummm – diz ele, produzindo um ruído evasivo. Olha para a madrugada cinzenta na janela. – Não é um pouco cedo?

– Pare de choramingar – retruca Isabel.

Jeff não sabe se ela está brincando ou irritada.

– Não reclame comigo – diz ele. – Afinal, quem acordou *quem*?

Ela solta um riso abafado, funga; ele sabe que é por causa do *quem*. Pode haver um monte de significados até numa fungadela entre pessoas com uma longa história em comum.

– Estou fazendo um favor para você, “Sr. Quem” – responde ela, com a voz mais suave.

– Hum.

– Venha me encontrar para o café da manhã.
– Claro. Chego aí em três, quatro minutos, no máximo.
– Estou falando sério.
– Isabel. Hummm... que horas são, afinal?
– São 6h20. Tenho algo para você.
– Certo, mas não podia esperar até que, sei lá, eu pisasse no escritório? Ou pelo menos *acordasse*?

- Não.
- Por quê?
- Porque essa coisa é grande.
- Como assim? Muitas páginas? Você sabe que eu não...
- Não, seu idiota. Quero dizer... que é *gigantesca*.

Por muitos anos, Jeff ouvira de Isabel algumas definições em tom cáustico e outras que claramente revelavam pânico. Mas a maior parte ela falava a sério, e nenhuma era mentira.

- O que encontrou?

Ele está completamente acordado agora e sua cabeça já não gira mais. Lateja, sim, mas a tontura passou.

Talvez seja o livro que ele tanto esperava. A única coisa pela qual um editor acorda, sai para trabalhar, perde o sono. O livro que vai mudar sua carreira. Sua vida. Ao contrário de todos os originais medianos que se encontram em sua mesa agora. Em estágios diferentes, dezenas de ofertas de livros vêm sendo consideradas. Outras rejeitadas. Ou perseguidas sem muito entusiasmo. Ou ignoradas. Ou no limbo, ainda neutras, na fila para captar sua atenção.

- Estou esperando você.
- Ok, ok No lugar de sempre?
- Isso. Às 7h15?

Ele dá uma risada.

- Que tal sete e meia?

Ela pondera, mas está ciente do princípio fundamental da negociação. Ele, por sua vez, fica tentado a permanecer em silêncio para deixá-la cavar mais fundo seu próprio buraco, mergulhar nas profundezas de seu desespero, descobrir quantas vezes vai ceder antes de forçá-lo a uma contraproposta. Mas trata-se apenas do café da manhã com Isabel.

- Melhor... Às oito.
- Quinze para as oito – retruca ela.
- Combinado.

Jeff sente-se um pouco melhor a cada segundo. Atravessa as pilhas de papéis e roupas amassadas, entre tênis e sapatos espalhados. Entra no boxe e abre o chuveiro, deixando a água correr; ela demora pelo menos uns dois minutos até esquentar. A pia antiga está lascada e manchada de ferrugem, com um remendo tremendamente antiprofissional no ralo, em que alguém parece ter usado corretivo líquido como vedante. E, por mais que ele substitua a carrapeta, um novo vazamento sempre aparece. Sempre. Tornou-se parte de sua rotina comprar e trocar carrapetas.

Ele é um faz-tudo não remunerado. O oposto disso, já que é ele quem paga 2.600 dólares por mês para consertar a droga da torneira, cuja água leva um bom tempo para esquentar.

Jeff deixa seu barbeador e sua toalha sob a água quente e se olha no espelho, desapontado com o que vê. O dia anterior havia terminado tarde no escritório, debruçado sobre um manuscrito. Então, seu trabalho árduo foi interrompido por um telefonema fora de hora de um de seus autores, exigindo satisfações e alegando estar sendo levado à loucura pelo detalhismo exagerado do copidesque. Mason realmente usou a palavra “satisfações”, como se o cara quisesse desafiar o coitado do copidesque para um duelo.

– O que quer que eu faça? – perguntou Jeff.

– Vamos sair para beber – convidou Mason, bem prosaico.

Mason tem uma raiva generalizada, ao mesmo tempo aliviada e exacerbada por seu frequente excesso de bebida.

– Estou na esquina.

Jeff obedeceu, pois isso de vez em quando faz parte do trabalho: umas cervejas entremeadas por uma dose de tequila de cortesia aqui e ali, pontuadas por um prato de nachos repugnantes e um pedido horrível de costelas de búfalo com o acompanhamento patético de molho de queijo gorgonzola em copinhos de plástico e uns talos de aipo fibrosos e úmidos. Ouvir as reclamações de um autor, empoleirado ao seu lado na banqueta de um bar com a barba propositadamente por fazer – pelo jeito, uma obrigação contratual, hoje em dia, para jovens romancistas –, vestindo camisetas vintage meticulosamente escolhidas, vociferando sobre tudo o que os autores costumam vociferar. Era uma dureza.

Hoje seria um bom dia para não fazer a barba. Mas é terça-feira, dia da reunião editorial da semana, e os executivos vão estar lá. Assim, Jeff faz um grande esforço para se vestir de um jeito profissional. E geralmente se barbeia, com mãos um pouco trêmulas que o deixam nervoso, sobretudo em torno do pomo de adão.

Há alguns anos, o próprio Jeff foi vítima da moda e deixou crescer uma barba cheia, espessa no todo, embora esparsa em alguns pontos. A barba o fazia parecer um rabino. Se havia uma coisa com que Jeff não queria se parecer era com seu primo em segundo grau, o rabino Abe Feinberg.

Em vez da barba fracassada, Jeff começou a usar seu cabelo ondulado um tanto comprido. Seus amigos da faculdade, que ganham milhões em escritórios de advocacia e bancos de investimentos, não podem ter cabelos compridos. Mas Jeff pode, então deixou.

Arrumado, vestido e pronto para sair, Jeff leva uma chave inglesa até a pia do banheiro, remove a carrapeta e a enfia no bolso. No caminho, vai parar numa loja de ferragens e comprar uma nova.

Pega seu paletó esporte do armário da entrada, onde estão a sacola de golfe, os esquis, os bastões de beisebol, uma raquete de tênis com as cordas arrebitadas, uma bolsa de lona cheia de bolas, sapatos, bonés e luvas, o entulho do atleta recreativo.

Na saída, nota que um envelope foi empurrado por baixo da porta. Desvia o olhar rapidamente, pensando que, se não o pegar, não precisa admitir que está ali, então pode não ser algo importante ou que sequer exista. Provavelmente o aviso de um aluguel atrasado ou mais uma linha na contabilidade de seu amplo portfólio de fracassos financeiros.



Chinatown mostra-se desperta, barulhenta e suja desde cedo. Quando Sara o deixou, Jeff não pôde se dar ao luxo de ficar no quarto e sala que tinham em Greenwich Village. Então se mudou para Mulberry Street. As pessoas acham que o endereço fica no meio de lojas e bares frequentados por gente bonita. E Jeff não faz questão de consertar esse equívoco. Na verdade, mora num trecho nada charmoso, repleto de restaurantes italianos medíocres.

Acontece que Chinatown é o único lugar convenientemente ao sul de Manhattan que Jeff pode pagar. Seu apartamento fica em cima de uma mercearia, que parece ser especializada em vários tipos de camarão seco, e perto de uma fábrica de bolinhos, numa rua entupida de turistas perambulando ao acaso, caminhões de entrega vomitando diesel e multidões de chineses circulando com suas sacolas de compras.

Jeff achou que seria legal morar em Chinatown. Talvez fosse, se tivesse 25 anos. Mas ele não tem. E, a esta altura da vida, detesta o bairro e as circunstâncias que o puseram lá.

Em pouco tempo, é provável que nem consiga morar em Chinatown. Entra no novo café da esquina, um daqueles estabelecimentos que especificam os produtores, as regiões e os níveis de acidez de seus grãos. Pede um *macchiato* de 3 dólares a uma mulher assustadoramente musculosa e tatuada, com uma camiseta regata e um solidéu, operando uma máquina que lembra um Lamborghini. O café é um aviso, que sinaliza a iminente jornada em busca de

um lugar para alugar, mesmo um apartamento pequeno num prédio sem elevador cujo banheiro tem problemas de vazamento.

Ele se olha no espelho que ocupa a parede inteira, um editor de 40 e poucos anos vestindo roupa de professor universitário – calças cinza, paletó de lã, camisa azul, gravata de listras diagonais –, praticamente o padrão para as pessoas com seu tipo de trabalho, de seu tipo de faculdade. A única peça de boa qualidade é o paletó, que está ficando gasto, comprado com desconto numa liquidação especial no salão de baile de um hotel em Midtown, quando sua então namorada Sara tentava transformá-lo numa versão mais moderna de si mesmo. Ela sempre tinha acesso a liquidações especiais, convites com direito a acompanhante para inaugurações de restaurantes, entradas gratuitas para exposições de filmes. Privilégios fortuitos que permitem que jovens nova-iorquinos permanentemente falidos pareçam glamourosos.

Sara queria tudo. Ela queria sair toda noite, fazer parte de todas as listas de convidados. Queria estar entre os ricos e famosos; queria se tornar um deles. Iludiu-se com o início do relacionamento, quando Jeff a levava a cerimônias de premiação e lançamentos de livros, no tempo em que as pessoas ainda promoviam lançamentos como se fossem uma coisa natural. Haveria mais e mais, cada vez melhor, e seu marido bonitão, bem-sucedido e bem-relacionado a ajudaria a se tornar importante.

Quando percebeu que ele não podia ou não queria fazê-lo, usou-o pela última vez para promover seu livro, no caminho em direção à saída. Esse livro já tinha sido até adaptado para uma maldita peça de teatro. Off-Broadway. Agora havia a possibilidade de virar filme.

Jeff ficava impressionado com o que certas pessoas se dispunham a fazer para promover suas carreiras. E ficou surpreso ao descobrir que se casara com uma delas. Casara-se com a mulher errada. Ou ela se casara com o homem errado. Ou as duas coisas.

Ele sai do café, para na calçada e contempla a parte alta da cidade, depois a parte baixa, sem muita certeza do que está procurando. Começa a caminhar rumo ao norte.

Jeff vai precisar de um comprimido para dormir esta noite. Vem dormindo mal nos últimos meses, rolando na cama, preocupado. Com tudo. Não só com o escritório, onde, deve admitir, é um peso morto há anos. Preocupado com toda a sua vida. Nunca lutou por aquilo que amava. Sequer admitiu que amava. Foi Sara quem lhe propusera casamento; foi Sara quem decidira que o casamento tinha acabado.

Mas logo tudo vai mudar. Logo ele terá outro grande sucesso profissional, como nos velhos tempos, e também poderá comprar um lugar decente para morar, pagar suas contas em dia, economizar para a aposentadoria.

Jeff se pergunta se todo mundo já percebeu sua estagnação: seus colegas, seu

chefe, seus amigos da faculdade, os do início da carreira, Isabel. Será que as pessoas comentam que têm pena dele quando se sentam para conversar? Ele nunca havia considerado a possibilidade de ser um perdedor. Teria feito tudo errado esse tempo todo? Os perdedores percebem isso?

Essas dúvidas eram o motivo pelo qual ele havia tomado aquela decisão, três meses antes. A de crescer real e verdadeiramente, de fazer o que precisa ser feito para encontrar seu caminho no mundo como um homem adulto bem-sucedido, de estar disposto a fazer um sacrifício verdadeiro.

Ontem à noite, no bar com Mason, Jeff quase esperava encontrar aquele outro homem. O que o tinha abordado e feito aquela proposta bizarra naquele mesmo bar.

Triim.

Alexis está revirando sua bolsa à procura do celular, remexendo em chaves, batom, um pacote de pastilhas de menta e um pó compacto, cartões de lojas de ponta de estoque de sapatos e dois cartões de visita de jovens editores, o de uma mulher inglesa que conheceu numa festa e o de um cara que conheceu num bar e com quem flertava feito louca, à medida que a noite passava. Courtney felizmente a salvou: “Precisamos dar o fora daqui antes que você acabe indo para casa com um estranho e se arrependa amargamente.”

O identificador de chamadas avisa que Isabel, sua chefe, está ligando. São 6h51 da manhã.

– Alô? – sussurra ela. – Isabel?

– Oi, Alexis. Desculpe acordar você.

– Ah, tudo bem – responde ela, deslizando para fora da cama, tentando não perturbar Spencer.

Antes de entrar no táxi às duas da madrugada, ela fez uma ligação, bêbada, parada ali na rua movimentada e cheia de casas no Lower East Side, oscilando em cima dos saltos, vendo um gigantesco utilitário preto quase atropelar um bando de garotas bêbadas demais para prestar atenção, não muito diferentes da própria Alexis – e ela engasgou, deixando cair o celular no meio da frase. Um desfecho degradante.

– Eu estava acordada.

Ela vai até a cozinha nas pontas dos pés e senta-se à mesa dobrável multiuso, uma bagunça interminável composta de bijuterias, maquiagens, guardanapos, canetas, moedor de pimenta, um caderninho de capa de couro, leitores digitais, um iPad e um iPhone, além de um notebook velho e um prato de miojo que ela pretendia comer na noite de domingo, mas que não comeu, ocupada demais tentando terminar o manuscrito.

– Tudo bem?

Das quinhentas consultas, propostas de livros e originais completos que chegam cada ano para que Isabel Reed leia, 490 delas são digitais e pelo menos nove das que restam vão direto para o lixo. Parece haver uma alta correlação entre envio de originais e lixo impublicável.

– Sim – responde Isabel, sem muita convicção. – Escute, sabe aquele manuscrito que você me entregou ontem? Como ele chegou até nós?

Foi por isso que ela ligou? Antes das sete? Não é o estilo dela. Normalmente, Isabel é uma chefe bastante sensata, uma mentora preciosa, talvez até uma amiga verdadeira, não uma dessas caricaturas de psicopatas.

– Bem... – Ela fecha os olhos e os esfrega, tentando ficar mais lúcida. –

Sexta-feira. O pacote foi entregue na hora do almoço... à uma hora, talvez? Você com certeza não estava no prédio.

– Num envelope? Numa caixa de papelão?

– Num envelope acolchoado.

– Quem entregou?

– Não sei.

– Não foi o Lucas? Ou outro garoto da expedição?

– Hum, não. Foi um cara que não conheço.

– Como assim? Você não sabe o nome dele ou nunca o viu antes?

– Nunca o vi antes, acho. A verdade é que não prestei atenção. Eu estava ao telefone com Steph Bernstein, que dava um ataque por causa das críticas dos leitores do Goodreads, que têm sido meio ferozes, depois daquela resenha arrasadora do *Times*. Você ligou de volta para ela, aliás? Ela está louca para ouvir seu feedback sobre a nova proposta.

– Ah, meu Deus, não estou nem um pouco a fim disso...

Seria uma daquelas conversas em que daria más notícias a um cliente decepcionado. Ou seja, o inferno da vida de qualquer agente.

– De qualquer maneira, tenho certeza de que não conhecia o sujeito que entregou o manuscrito. Presumi que fosse de outro departamento, do comercial ou da contabilidade.

– Alguma coisa que dava a ideia de onde o pacote tinha vindo?

– Como o quê, por exemplo?

– Não sei – diz Isabel, a voz revelando crescente exasperação.

Ela parecia frustrada demais com esse interrogatório.

– Um carimbo de correio, por exemplo? Qualquer coisa escrita no envelope?

– Não, não que eu me lembre. Sinto muito.

– E não havia outras informações para entrar em contato com o autor? Um bilhete, uma carta ou algo assim?

– Só aquele endereço de e-mail na folha de rosto. Você já tentou mandar?

– Já. E recebo um aviso de erro.

– Estranho.

– Não é? Então... você o leu no fim de semana? Tudo?

– Li.

De certa forma, aquilo estragou o fim de semana de Alexis. E Courtney implicou tanto com sua piração que ela acabou cedendo, concordando com a festa de segunda à noite, algo que vai totalmente contra sua ética de trabalho. E assim foi parar no lançamento de um livro, com Courtney e os amigos do curso de Produção Editorial da Universidade de Columbia, todos amontoados, eles com seus óculos grossos, devorando cubos de queijo Manchego com vinho Pinot Grigio. Courtney é só dois anos mais velha que Alexis, mas tem seu próprio escritório, uma saleta pequena sem janelas com paredes de vidro que dá para o

estoque de livros do outro lado do corredor. Mesmo assim: é um escritório. E tem seus próprios clientes, ainda que não muitos. E seus próprios cartões de visita.

Enquanto isso, Alexis teve apenas aumentos salariais regulares proporcionais ao aumento do custo de vida e nada de férias adicionais. Dois anos atendendo telefonemas de outra pessoa, usando um fone de ouvido durante nove ou dez horas por dia. Dois anos preenchendo contratos de outra pessoa, despachando pelo correio as provas de outra pessoa, lendo contratos de originais para outra pessoa. Cuidando da vida de outra pessoa, em vez de viver a sua própria. E sendo acordada por outra pessoa, às sete horas de uma infeliz manhã de terça-feira. Mesmo que essa outra pessoa seja a famosa – ou ex-famosa – Isabel Reed.

– Isabel? – pergunta ela. – Por que tudo isso? Você chegou a ler o manuscrito?

– Li, sim. É incrível.

– Não é? Eu não tinha ideia de como a Wolfe Media tinha começado. E aqueles negócios na Europa com a CIA? E aquele acidente? Inacreditável.

– Talvez essa seja a palavra certa. Você acredita?

– Você não?

– Difícil dizer. Há tanta coisa... negativa, não acha? Talvez negativa demais para ser verdade?

Alexis se pergunta se Isabel não teria razão. Ou se a avaliação da chefe está comprometida.

– Você o conhece, não é?

– Quem, Charlie Wolfe?

– É.

– Não – responde Isabel. – Não de verdade. Nós nos encontramos algumas poucas vezes, há muito tempo.

Por alguns segundos, ouve-se apenas respiração.

– Alexis, você comentou com alguém sobre o manuscrito?

A mulher entra em pânico.

– Alguém, como assim?

– Qualquer pessoa.

– Não, não.

Ela mente por instinto. Mas, claro, comentou com Courtney. E com seu amigo James. E depois – ai, meu Deus – com aquela inglesa, gerente de direitos subsidiários da McNally & Sons, Camille Alguma Coisa.

Ora, mas que merda ela fez? Bem, fizera o que se deve fazer com um novo produto importante: falar sobre ele. Fizera com que as pessoas o aguardassem e o desejassem. Tentou criar um clima de inevitabilidade.

Mas via agora que tinha sido muito afobada. Era cedo demais. Ela queria se sentir adulta, como se tivesse grandes responsabilidades. Queria que seu trabalho estivesse à altura de sua ambição.

Merda! Teve aquele tweet dela, @LitGirl, tarde da noite de domingo:

Não consigo parar de ler #Acidente, de autor anônimo! Meu novo favorito. Mas quem é você, anônimo?

– Ótimo – diz Isabel. – E o parecer, você o escreveu no escritório?

– Hummm, foi.

E, claro, publicou no Facebook no fim de semana:

AMANDO este manuscrito anônimo, que está acabando com meu fim de semana.

– Não está no seu notebook? Em casa?

Isso deixa Alexis nervosa de outro jeito. Por que Isabel quer saber onde o parecer foi escrito?

– Nã...

– E você tem uma cópia do manuscrito? Em casa ou no escritório? Tirou uma cópia para você?

Sem titubear, Alexis responde que não, embora a cópia esteja bem na frente dela. Tirou a cópia porque tinha esperanças de que seria encarregada deste projeto. Pura bobagem de sua cabeça, sem qualquer fundamento. Essa esperança obviamente não tinha razão de ser. Outro erro de julgamento. É difícil enxergar com clareza com a ambição nublando seus olhos.

– Está bem – diz Isabel. – Ok, obrigada. Acho que é só isso por enquanto. Vou chegar por volta das nove e meia. Vejo você lá, então.

O coração de Alexis se aperta.

– Hoje não – diz ela, timidamente. – Lembra?

Segue-se uma pausa longa e dolorosa.

– Ah – Isabel não tinha lembrado. – Dia de folga?

– É... tenho uma consulta marcada... Ainda pode ser?

– Claro, tudo bem. – Apesar de não parecer. – Vejo você amanhã.

Alexis respira fundo, oprimida por todas as mentiras que acabou de dizer.

Pega a bolsa ao lado da cama. Spencer ainda ronca, desligado. Ela remexe o interior da bolsa procurando o cartão da inglesa – o nome da mulher é Camilla, pelo jeito – e vira-o para ver o número de celular rabiscado. Às vezes, o trabalho de Alexis parece ser uma sucessão infinita de telefonemas humilhantes. Respira fundo para se recompor e faz mais um deles.

O vídeo na tela é de uma nitidez impressionante, um close-up de uma mulher que parece olhar diretamente para ele. Ele não enxerga as mãos dela, mas sabe que estão em algum lugar ali embaixo, digitando, clicando, rolando o texto na tela com o mouse. Enxerga apenas o rosto, emoldurado pelos cabelos louros, mais curtos do que costumavam ser, porém ainda elegantes, de uma forma aparentemente descuidada, mas que ele sabe que dá um trabalho considerável para ficar assim.

De repente, a imagem fica preta quando a mulher fecha o notebook; ele faz o mesmo. Observou-a por tanto tempo que agora está atrasado. Agarra sua pequena bolsa, sai do apartamento e a joga no banco do carona do pequeno Audi de dois lugares. Quando chegou a Zurique, surpreendeu-se ao descobrir que era quase um desafio alugar um carro sem uma enorme quantidade de relatórios de crédito e provas de identidade; se há uma coisa a dizer sobre os suíços é sua obsessão por formalidades. De modo que era mais simples e seguro comprar um carro. Acreditando que teria aquele carro novo apenas por poucos meses e que nunca carregaria ninguém, escolheu um carro veloz e aerodinâmico sem banco traseiro, como teria feito qualquer outro homem solteiro em boa situação financeira.

Liga o motor e dispara pelas ruas limpas que margeiam o lago Seefeld, amplos casarões do século XIX e pequenos e robustos prédios do século XX, árvores bem podadas, jardins bem tratados e uma variedade previsível de butikues, bancos, restaurantes e bares numa rua principal europeia como a Seefeldstrasse, num bairro chamado de Gold Coast, numa cidade como Zurique.

O carro enfrenta bem as subidas e curvas em declive e ele se permite se divertir com isso, dirigindo muito mais rápido aqui no sopé dos Alpes do que jamais o faria em sua terra. Nunca mais deve dirigir nos Estados Unidos de novo. Nem imagina que vá voltar algum dia. Para todos os efeitos, já está morto.

Eu.

Não consegue parar de pensar naquela palavrinha perdida. Foi tão cuidadoso, tão rigoroso com tudo. Com o acidente do Piper, a lancha e os voos internacionais. Foi meticuloso com passaportes e dinheiro, cabelos, olhos, roupas e sapatos, cirurgias e convalescenças. Fez preparativos logísticos complexos nos Estados Unidos, na Dinamarca, na Alemanha, na Suíça, no México. Traçou planos de contingência precisos, provavelmente inúteis, que envolviam França, Itália, Quênia e Indonésia.

Talvez tenha sido uma falha subliminar. Talvez queira ser capturado.

Depois de vinte minutos fora da cidade, ele passa com o carro entre duas altas colunas de pedra e entra num caminho em linha reta através da densa

floresta. Reduz a velocidade quando se aproxima de um imponente portão de ferro forjado e para o carro na cabine de segurança.

– *Guten Tag, Herr Carner.* – Ele tem usado um pseudônimo. – Bem-vindo outra vez – diz o segurança, abrindo o portão.

Ele pisa no acelerador, seguindo para o imponente chalé que surge no fim do caminho escuro e sombrio.

Hayden atravessa a ponte varrida pelo vento que cruza o lago raso e comprido, Peblinge Sø, de volta ao movimentado bairro do centro, seguindo pelas ruas cheias de lojas e gente para um café elegante na esquina de um cruzamento. Um casal de turistas americanos bloqueia a porta – um homem da sua idade com o tipo de mulher que se esperaria – consultando um guia de viagem. Ambos vestem shorts e camisas polo, tênis brancos com meias esportivas. Roupas que Hayden simplesmente detesta.

– *Undskyld mig* – diz ele, não querendo dar a esses palhaços a satisfação de se dirigir a eles em sua própria língua.

– Ah, desculpe – responde a mulher, sorrindo.

Hayden entra e lá está ela. A recepcionista é o ser humano mais bonito que ele já viu na vida, um espécime perfeito de jovem beleza loura de olhos azuis. Há anos vai até lá todos os dias da semana; é a razão por que Hayden frequenta esse café sempre que está em Copenhagen.

A cidade em geral está repleta de gente com excelente aparência: homens e mulheres, velhos e jovens, bebês e crianças. É como uma metagaleria viva, uma instalação de arte de imensas proporções. E essa recepcionista, Deus do céu, é de tirar o fôlego.

Ela sorri para ele cordialmente e o conduz através do salão. E não é só porque a moça é de uma beleza espetacular. Existe algo além da mera genética nos suíços: eles olham nos olhos e dão um sorriso largo. Não aquele sorriso falso de “estou tentando vender algo” que se costuma ver por todo lado nos Estados Unidos, mas um convite genuíno à afabilidade, à receptividade e à felicidade. Sobretudo nesta época do ano, início do verão, quando é preciso se esforçar para ver um céu escuro: o sol nasce antes que qualquer pessoa em seu juízo perfeito já tenha acordado e se põe bem depois que a maioria já foi dormir.

O garçom – surrealmente bonito, como a recepcionista – leva o café à mesa de canto de Hayden, xícara de porcelana Royal Copenhagen, tulipas brancas num vaso desenhado por Alvar Aalto, a prata polida marca Georg Jensen, o linho frio e seco ao toque, impecavelmente dobrado, tudo arrumado como deve ser. Nada de copos de isopor por aqui.

Seu celular vibra, uma ligação de Nova York.

– Sim?

– Tenho algo que você precisa ouvir. Acho que vai querer usar um fone de ouvido. São gravações de três conversas telefônicas diferentes.

Hayden coloca os pequenos fones. Observa a recepcionista em seu posto perto da porta, brincando com uma caneta, girando-a nos dedos. Seu olhar satisfeito logo desaparece enquanto escuta, os lábios franzidos com o que ele

espera parecer concentração, mas, na verdade, é raiva, que mal consegue conter. Uma sucessão de palavrões – *puta que pariu, merda, porra* – ricocheteia em seu cérebro ao mesmo tempo que sua expressão revela nada mais do que um homem absorto por seus pensamentos. Hayden não diz palavrões em voz alta, nunca. Mas, em sua mente, pragueja como um marinheiro. Um marinheiro bêbado, irritado e falido que descobriu que sua namorada o traía. Com seu melhor amigo.

Merda.

Não era assim que deveria acontecer. Ele deveria ter tido pelo menos um dia para se preparar. Esperava o recebimento via e-mail e é por isso que um especialista monitora o e-mail da agente literária, abrindo todos os anexos, além de toda aquela operação de vigilância em Copenhague. Para garantir que, assim que a agente recebesse o e-mail com o manuscrito anexado, Hayden seria avisado e toda a sua equipe entraria em ação. Porque um e-mail, presumia ele, era o único método de entrega que faria sentido nesta situação. Mas estava enganado.

A gravação termina.

– A primeira conversa é da agente com um tal de Jeffrey Fiel...

– Sei quem é – interrompe Hayden. – E a segunda é da agente com a assistente dela?

– Sim.

– E quem é a pessoa da terceira ligação, falando com a assistente? – Hayden tenta se manter calmo, mas a operação de repente corre o risco de desmoronar, levando junto sua carreira. – A mulher com sotaque britânico?

– O nome dela é Camilla Glyndon-Browning. Trabalha numa editora chamada McNally & Sons. É gerente de direitos subsidiários. Não sei o que isso significa. Você sabe?

– Sei.

Tudo é um desastre completo. Pressentiu que isso aconteceria quinze anos atrás. Sabia que haveria um preço a pagar, mais cedo ou mais tarde. E aí estava a conta, finalmente sendo cobrada. E ele tem quase certeza de que haverá mais parcelas.

– O que quer que seja – continua o homem de Nova York, sem esperar mais esclarecimentos de seu chefe. Hayden não fornece informações operacionais desnecessárias –, parece que a tal Browning não sabe de nada. Mas a moça com certeza sim. E parece estar mentindo quando negou ter uma cópia do manuscrito.

– É isso mesmo – concorda Hayden. Uma cópia pode ser um enorme problema; cada cópia deve ser contabilizada. Ele desvia os olhos para a janela, olha para o movimento de meio-dia de Indre By, no coração da velha Copenhague. – Consiga a cópia do manuscrito da assistente o mais rápido possível.

– Positivo.

– Não faça nenhum esforço para esconder isso. Deve ficar claro para a assistente que alguém assaltou seu apartamento e que só o manuscrito foi levado. E deve ficar claro para a agente que cópias não serão toleradas.

– Entendido. Por falar nisso, depois dos telefonemas, a agente saiu de casa e parou numa loja de fotocópias. Vou mandar o vídeo.

– Certo.

Hayden olha pela janela, refletindo sobre um enigma: se a agente recebeu o manuscrito, significa que ele foi concluído. Entretanto, se está concluído, por que o pesquisador ainda trabalha o dia inteiro, todos os dias? Com certeza, depois de acabar um livro e enviá-lo, ele faria uma pausa...

Além disso, a agente recebeu uma cópia impressa, mas Grundtvig foi seguido o tempo todo. Ele não despachou um pacote grande.

Isso não faz sentido.

Independentemente das incertezas do lado da oferta, Hayden agora precisa mudar seu foco para administrar o lado da demanda.

– Ok. Vou para Nova York. Chego hoje mesmo, no fim da tarde. Confirmo quando estiver aí.

De volta a Nova York. Esteve lá há apenas alguns meses, durante uma semana, para uma longa série de reuniões com editores e editores-chefes. Agora vai descobrir quão persuasivo conseguiu ser.

Hayden encerra a ligação e abre o e-mail com o vídeo anexado, obtido de uma câmera de vigilância de baixa qualidade instalada acima da porta de uma lojinha. Ele observa o contato, a transação, seus olhos se estreitando enquanto tenta captar o que se passa no filme mudo de cinco minutos, não muito claro no final. Mas ele entende.

Isabel sai da estação do metrô, procura se localizar. Do outro lado da rua, uma mulher guarda as compras dentro de um utilitário reluzente com um selo de estacionamento de East Hampton e uma criança pequena numa cadeirinha no banco traseiro. De roupa de ginástica, o corpo trabalhado pelas aulas de Pilates, rabo de cavalo e músculos firmes dos braços. Mais uma representante da aristocracia urbana no apogeu da forma física, dirigindo uma caminhonete desbravadora de matagais.

Eu era assim, pensa Isabel. Uma entre as muitas mulheres que invadem as academias logo depois que as crianças vão para a escola. Nove da manhã: ginástica, muita água mineral e *cappuccinos* descafeinados.

Isabel percorre um longo quarteirão pela Broadway, cheio de rapazes hispânicos lavando calçadas com mangueiras, meninas magras passeando com cachorros minúsculos, rapazes japoneses desgrenhados fumando cigarros enrolados à mão. Táxis voando pela rua, um após outro, transportando moradores do norte da cidade para o distrito financeiro de Nova York.

Suas têmporas latejavam por causa da fadiga e a sensação parecia se espalhar pelo peito... vibrações em seus cotovelos a cada pisada. Não sabe se está andando devagar ou depressa, de modo normal ou anormal.

Para na Broadway, horrorizada, ao notar que quase pisou num rato do tamanho de um gato, de barriga para cima no meio da calçada; devia ter acabado de morrer. Ela sente uma onda de náusea, tendo apenas café dentro do estômago. Estremece, depois continua descendo a rua, um pé depois do outro.



O toldo vermelho chama a atenção, as vidraças têm um brilho convidativo, como uma lareira num apartamento em Manhattan. É uma reprodução fiel de uma *brasserie* de Paris.

Isabel examina seu reflexo no vidro. Puxa o cabelo para trás da orelha, ajeita a gola e alisa os amassados de sua saia justa. Justa demais? Ali, na imagem pouco nítida do vidro temperado, ela parece bem. É só de muito perto, em local bem iluminado, que a verdade se revela.

Atravessa a sala lotada, passa pelos *Times*, *Journals* e *Le Mondes* espalhados pelas mesas, por homens altos de ternos e lindas mulheres de óculos escuros. Chega às banquetas alinhadas ao longo da parede à esquerda, enfia a mão na bolsa e tira de lá um grosso maço de papéis.

Tum.

Jeffrey pula em seu assento, levanta os olhos do jornal dobrado ao acaso, baixa o olhar de novo, em direção ao manuscrito que acabou de bater no tampo da mesa.

– Bom dia – diz ele, sorrindo.

Tenta ficar de pé, mas está preso sob a mesa, de modo que só consegue se inclinar, meio agachado, aparentemente desconfortável, braços e pernas oscilando.

– Ah, sente-se logo.

Isabel larga no chão sua sacola e a bolsa do manuscrito, sentindo-se agora uns quilos mais leve. Corre os olhos pelo restaurante, nota alguns rostos familiares, uns poucos conhecidos ocasionais e uma colega muito jovem, ambiciosa, com decote exagerado – uma rival, para ser mais precisa – chamada Courtney, fiel soldado do temível exército de mulheres elegantes, com cabelos compridos e maquiagem aplicada com precisão, cujos guarda-roupas seguem o preceito de que se deve usar o que houver de mais caro e mais moderno. Mesmo que não se possa pagar.

A mocinha irritante está acompanhada de um brilhante jovem editor que, nos últimos tempos, parece ser onipresente. Pessoas que Isabel vê como assistentes agora detêm o título de “sênior”. Enquanto isso, os profissionais da idade de Isabel se afastam da linha de frente, abandonando tudo para ir fabricar queijo de cabra em Vermont ou desaparecer por algumas semanas durante a pior fase da quimioterapia. Isabel foi surpreendida pelas vicissitudes da meia-idade.

O editor acena para ela, enquanto Courtney levanta uma sobrancelha perfeitamente depilada e joga o cabelo para o lado, mas não altera o formato da boca, o sorriso aberto forçado, uma daquelas carrancas típicas do Meio-Oeste, mas que raramente aparecem assim em público, para que o mundo só veja o sorriso forçado, as covinhas, a mentira que insinua simpatia.

– Quem é aquela? – pergunta Jeffrey.

– Não a conhece?

Ele balança a cabeça.

– Não é ninguém. – Com toda certeza, não vai ser Isabel quem vai lhe contar.

– Uma daquelas assistentes de meu escritório.

– Parece familiar.

– Você quer dizer que ela é gostosa?

– Bom... – Ele tenta conter um sorriso, sem sucesso. – Não foi por isso que perguntei.

– A-hã – responde ela, com certo desdém.

Ele enrubesce, como sempre acontece quando surge algum assunto relacionado a sexo, em geral trazido à baila por Isabel. Apenas sob juramento e pena de morte ela admitiria que faz de propósito, como um teste, para confirmar que Jeffrey ainda lhe arrasta uma asa depois de tanto tempo, uma atração

perpétua que lhe serve de conforto sexual. Houve momentos em sua vida em que poderia ter retribuído o sentimento, não somente aquelas duas noites, separadas por uma década, quando se beijaram. Mas sempre havia um obstáculo no caminho: o casamento dela, o dele ou outros relacionamentos menores.

Hoje, porém, ambos estão solteiros. E, depois de tudo o que aprendera na noite anterior, ela sente uma ternura maior por ele, uma gratidão por sua constância e honestidade. Jeffrey a ama há vinte anos, e todo mundo sabe disso; às vezes esse amor significa tudo para ela. Às vezes ela chega a amá-lo.

Jeffrey é um desses homens que parecem ficar mais bonitos com a idade. O cabelo grisalho, os pés de galinha, as rugas do riso da boca, tudo o torna mais atraente a cada ano. Isso não acontece com as mulheres, pensa Isabel.

– Volto já com seus cafés.

Isabel observa a garçonne que se afasta, a bundinha jovem e magra enfiada numa saia-lápis preta e num avental branco impecável. Isabel se vira para Jeffrey, que notou a mesma coisa, mas provavelmente não com amargura. Ele sempre teve um olhar errante, muitas vezes correspondido, um homem encantador de boa aparência num meio dominado por mulheres.

Ela o vê lançar um olhar para o manuscrito e ler *O acidente*, de Anônimo. Mais abaixo na página, há a sombra de algum conteúdo desaparecido onde Isabel colou o e-mail do autor e escreveu à mão suas informações de contato antes de entregar a resma para o magro e pálido funcionário da fotocopadora 24 horas na esquina de seu prédio. Há muita coisa que se pode fazer em Nova York durante a noite, em locais abafados e iluminados com lâmpadas fluorescentes, onde se é atendido por jovens adultos inamistosos com alto nível de instrução e baixo salário para o cargo que desempenham, ambientes onde quase sempre há câmeras de segurança instaladas que monitoram tanto os funcionários quanto os criminosos em potencial.

– E então? – Jeffrey bate na pilha de papel com a caneta-tinteiro que sempre carrega consigo. – De que se trata?

Ela faz uma pausa antes de responder.

– A maior bomba que você já leu.

Jeffrey balança a cabeça, esperando que ela fale mais, pelo jeito sem entender.

– Você não vai explicar?

– Você quer detalhes?

– Gostaria.

É como normalmente acontece: o agente apresenta um projeto ao editor; o editor lê o material, que pode ser uma proposta, amostras de capítulos ou um manuscrito inteiro. Em seguida, ou o editor faz uma oferta para publicação ou recusa a proposta.

Pelo jeito, porém, não é bem assim que vai ser desta vez. Isabel nega,

balançando a cabeça.

– Nem uma dica?

– Vou deixar que o conteúdo fale por si. O resto todo é besteira.

Ele abre um sorriso forçado.

– O projeto é seu. – Isabel exhibe seu sorrisinho especial, deliberadamente falso. Fingindo ser uma agente que finge ser dura na queda. – Por 48 horas.

– É uma incrível generosidade da sua parte. Posso perguntar por quê?

– Porque amo você. É óbvio.

– E...?

– Está insinuando que não amo você?

– O que você quer? Imagino que tenha certa quantia em mente. Como remuneração pelo luxo de uma oferta exclusiva.

– Você quer saber quanto vale?

– É isso, acho.

– Oito dígitos.

Jeffrey não consegue deixar de rir, depois se dá conta de que ela falou sério.

– O quê, ficou maluca?

Isabel não responde.

– Eu sabia que isso aconteceria, mas devo admitir que, agora que aconteceu, ainda estou meio surpreso. – Ele balança a cabeça. – O que é péssimo. Porque, sabe, sempre achei que um dia nós dois nos entenderíamos. Trocariamos figurinhas. Comprariamos uma casinha de fazenda cheia de correntes de ar e umas cabeças de gado fedorento e desagradável.

Ele está meio brincando. Na realidade, ela tem certeza de que ele finge que está brincando.

– Mas não vamos fazer nada disso se você ficar maluca – conclui ele.

– Eu não disse que é o que estou pedindo. Mas é o que vale.

– Além disso – continua ele –, e estou falando como amigo, você está com uma cara horrível. Se quiser aparecer em restaurantes às oito da manhã cobrando mais de 10 milhões de dólares por um projeto, vai precisar dar um jeito nesse visual. Se não, só nua e praticando, sabe como é... atos sexuais. À escolha do freguês. Mas não pode pedir uma quantia dessas toda vestida e ainda por cima com essa cara horrorosa.

– Você também não está nenhuma maravilha. Bebeu demais ontem à noite? Outra vez?

– Não, obrigado, acho que bebi a conta certa. E você? Conseguiu dormir um pouco?

– Não muito. Escute aqui, Jeffrey... – Ela apoia os cotovelos na mesa e se inclina na direção dele. – Isto é sério.

– O quê?

– Esta coisa toda. Não é brincadeira. Não mostre o manuscrito para o pessoal

do seu escritório. Pode dizer às pessoas do que se trata, claro. Mas não distribua cópias a torto e a direito; ou, melhor, não faça cópias. Não conte a ninguém a não ser exclusivamente a quem precise saber.

– Não estou entendendo.

– Vai entender – diz ela. De repente, sente sua energia se esgotar. – Ouça, tenho que ir. E você precisa começar a ler. – Ela se levanta, inclina-se para beijá-lo no rosto. – Você tem 48 horas.

Ela começa a ir embora, dá um passo.

– Ei – chama ele. Ela se vira. – Por que eu?

– Porque posso confiar em você. Não posso?

– Claro.

– Mas não esqueça: bico fechado.

– Por quê? Não estou entend...

– Porque é perigoso, Jeffrey.

– Mas por quê?

– Porque fala de umas coisas incrivelmente ruins.

– Feitas por...?

Ela o encara, o olhar fixo.

– Uma das pessoas mais poderosas e conhecidas do mundo. Magnata da imprensa, é a expressão que se usa para defini-lo.

Isabel vê a cor fugir do rosto de Jeffrey. Então ele dá um sorriso forçado.

– Quer dizer, então, que a Oprah tem mesmo esqueletos enterrados no porão?

– Não – responde ela. – Quem tem é Charlie Wolfe.

Isabel decide abandoná-lo lá, agitado, curioso, motivado. Volta entre as mesas lotadas de gente, parando para deixar que garçons e garçonetes passem apressados. O cheiro de bacon flutua vindo de uma mesa, e ela o inala profundamente, saboreando algo que se proíbe de comer mais do que uma vez por mês.

No espaço apertado entre as mesas, um homem de terno cinza roça nela, perto demais, e ela se sente desconfortável. Pensa por um segundo que ele pode ter enfiado a mão em seus bolsos. Dá batidinhas rápidas no próprio corpo de cima para baixo e percebe que não há nada ali; na verdade, os bolsos ainda estão costurados, desde que saíram de uma daquelas fábricas do Sudeste Asiático que empregam trabalho escravo. Espia o interior da bolsa de couro preto e vê a carteira, o celular, as chaves. Não falta nada de importante.

Isabel segue com passadas instáveis até a porta da frente, para a calçada. Acende um cigarro, a fumaça inundando os pulmões, a nicotina entrando na corrente sanguínea. Já tinha tentado remédios, adesivos e chicletes. No final, a única coisa que a fez parar de fumar foi a gravidez.

Mas não conseguiu evitar, teve que recomeçar. No início, era apenas um cigarro por dia, ou dois. Depois passaram a ser alguns e, em poucos meses,

estava de volta ao maço inteiro. Tentou parar algumas vezes nos últimos dois anos, mas não a sério. Prevê e aceita um fracasso. Porque não quer parar, não para valer. Prefere tentar e falhar.

É a última de seu grupo de amigas que ainda fuma, o que a faz se sentir uma vítima da poliomielite no início de 1950, tendo acabado de perder a invenção da vacina. Uma relíquia de outra era.

Dá mais uma tragada, olha pela janela do restaurante e vê Jeffrey debruçado sobre o manuscrito.



Um homem de aparência comum vestindo um terno cinza vem andando pelo restaurante, deixa cair sua mala numa cadeira.

– Por favor – diz ele, inclinando-se sobre a mesa de Jeff –, pode me emprestar sua caneta um instante?

O homem aponta para a caneta-tinteiro em cima da mesa. Jeff lança um olhar para ela.

– Claro.

– Volto já.

O homem pega a caneta, dirige-se para outra mesa. Jeff volta a atenção para a pilha de papel na sua frente, para o manuscrito que pensa ser – sabe que é – o que estava esperando. Agora que está diante dele, ele se preocupa, inseguro. Não teve nada de tão importante nas mãos desde aquele vencedor do Pulitzer cinco anos atrás. Está sem prática, com medo de não saber como lidar, como apresentá-lo ao chefe, aos colegas. Como administrar Isabel, suas expectativas e seus prazos. Medo de outros editores a quem ela poderia enviar o manuscrito, medo de uma guerra de lances, um leilão, uma derrota humilhante. Medo de outras questões mais difíceis de identificar. Medo das decisões que vai enfrentar. Das decisões que vai tomar.

Quando o homem volta, deixando a caneta sobre a mesa e agradecendo, Jeff mal levanta o olhar, perdido em seus pensamentos. Nunca imaginou que este manuscrito fosse realmente aparecer.

O homem comum se retira, e uma garçonete sensual de blusa preta e avental branco aparece. Por que mulheres de uniforme são tão atraentes?

– Mais café?

Jeff olha para a garçonete, para além dela, para a mesa onde o homem deveria estar. Mas não há ninguém ali. Pousa os olhos em sua xícara vazia.

– Sim, por favor.

O dia vai ser longo. Ele se volta para o manuscrito e começa a ler.

O acidente Página 202

Em pouco tempo a Wolfe Worldwide Media operava uns vinte sites de notícias em toda a Europa e adquiria participações em jornais e emissoras de televisão. Haviam começado o processo de lançamento da rede americana de notícias a cabo, cuja campanha publicitária de sensibilização implicava incontáveis entrevistas em outros meios de comunicação a respeito de si própria, o assunto favorito da mídia.

Durante uma delas, perguntaram a Charlie se houvera algum acontecimento em especial que tivesse desencadeado sua regeneração, a transformação total do estilo de vida que se iniciara no verão subsequente a seu primeiro ano na faculdade. Ele tinha abandonado totalmente o álcool e as drogas. Dedicou-se aos estudos e, no tempo livre, ao trabalho voluntário. Da noite para o dia, deixou de ser um adolescente irresponsável, egoísta, consumidor de drogas e bebidas, e transformou-se num jovem adulto extraordinariamente sério, sóbrio e cheio de empenho.

“Não”, respondeu ele, com um sorriso fácil e descontraído que se espalhava por todo o rosto, mantendo um imperturbável contato visual com a câmera: “Eu apenas achei que estava na hora de crescer.”

– Vamos lá, vamos lá, vamos lá. – Alexis puxa o braço de Spencer. – Por favor.

Que merda, pensou ela depois que acabou de falar com Isabel e desligou o celular. O estrago já estava feito. Uma rapidinha de bom-dia não ia fazer mal.

– Cara – disse a Spencer, enfiando-se debaixo dos lençóis –, acorde.

Mas isso aconteceu há mais de uma hora – não foi tão rápido assim, afinal de contas – e agora ele não quer levantar. Ela observa aquele homem estendido em sua cama, o roteirista pretensioso, desagradável, mas de boa aparência e inegavelmente talentoso – agora um blogueiro de tecnologia, que escreve contos e trabalha em um roteiro – que ela conheceu alguns meses atrás, em uma festa num loft de Bushwick para a qual foi arrastada por um publicitário socialmente hiperativo e infalivelmente otimista que ela conhecia de uma editora.

Assistentes como ela não constam das listas de convidados; são do tipo que não vão embora, que sempre querem tomar mais uma depois de uma rodada exorbitante de bebidas num daqueles bares de hotel do centro de Manhattan, frequentados principalmente por homens de 40 e poucos anos que rigorosamente usam ternos sob medida com abotoaduras nos punhos.

Era uma seleção bem diferente de homens do Brooklyn, com suas barbas e seus bigodes arquiteturais, tatuagens e piercings, coturnos e chaveiros grandalhões e barulhentos pendurados nas presilhas das calças.

Ela olha de novo para a tela do celular, o impreciso limite digital entre o pessoal e o profissional. O Facebook não vai ser problema; apenas algumas pessoas curtiram a publicação de Alexis, e Isabel, não está muito ligada na rede social, de qualquer forma; ela costuma usar só nos fins de semana. Já com o Twitter é diferente. Quase todo mundo fica tuitando e retuitando o tempo inteiro. Não é o caso de Isabel, graças a Deus, mas ainda assim vai ouvir falar sobre o assunto. Na cozinha, no banheiro feminino ou na sala de reuniões esperando uma delas começar, alguém vai virar para a chefe e, puxando conversa, perguntar: “Então, o que aconteceu com aquele manuscrito anônimo que a Alexis amou tanto? Você aprovou?”

E aí ela vai estar ferrada de vez.

Ela puxa o braço de Spencer, tentando realmente arrastá-lo para fora da cama.

– Por favor.

Ele tinha terminado com Alexis mais de uma vez. Aliás, no momento eles estão brigados.

Ele finalmente se levanta, começa a puxar a calça jeans manchada de tinta e a camiseta do show de new wave que aconteceu no East Village anos antes de o cara nascer.

A primeira tarefa de hoje vai ser uma longa, punitiva e expiatória sessão de exercício. Já está na hora de ela começar a se preparar para a maratona deste ano; um pouco atrasada, na verdade, mais lenta do que de costume para reconhecer que o inverno havia acabado e que já devia ter voltado a correr ao ar livre. Em seguida, uma consulta médica, depilação, manicure e pedicure. Por fim, compras sem glamour: tênis de corrida, roupas íntimas, produtos de higiene pessoal, mantimentos. Não exatamente a fantasia de varejo de *Sex and the City*.

Assim como seu fim de semana, que também não foi grande coisa, imersa nesse manuscrito desgraçado, em vez do estilo de vida “praia e bebedeira” numa casa em Southampton. Enquanto todos se bronzearam e se divertiram, Alexis ficou sentada na cadeira de vime branco descascado à sombra da varanda empenada dos fundos, virando páginas e páginas no colo, espantando mosquitos.

Mais uma vez, serão mais um autor e mais um projeto que ela não vai ter oportunidade de representar, o qual, aliás, foi arrancado dela agora ao amanhecer.

A bolsa de ginástica está pronta, falta apenas algo para ler. Ela olha para sua pequena agenda de couro, relê as poucas anotações que fez sobre *O acidente*; não há nada que ache que deva ser mudado. Então vê a planilha Excel na qual controla compulsivamente sua leitura. Corre os olhos pela linha #709, em cuja coluna A se lê ANÔNIMO, na coluna B, O ACIDENTE. Ela soma os períodos: 2h15, 5h15, 4h30 e 3h30... passou mais de quinze horas lendo a obra que negou ter por causa do motivo inconfessável que a levou a tirar a cópia: a esperança de que o projeto poderia ser dela, só dela.

Liga seu Kindle e abre um arquivo recém-importado, o envio do trabalho de um amigo de um dos clientes declaradamente nada lucrativos de Isabel. Alexis lê a primeira página. Nada mal. Ela aprendeu da maneira mais difícil que deve ler sempre a página de abertura antes de dedicar mais tempo a qualquer coisa; pode-se descobrir muito nela. Mas essa não é ruim, então é isso que ela vai ler enquanto estiver na bicicleta ergométrica. Ou outra coisa qualquer. Ela já tem uns trinta itens baixados no Kindle.

Agiu errado com relação a *O acidente*. Foi muito impaciente e negligente. Precisa trabalhar duro, levar aquilo a sério para continuar a pagar suas dívidas. Tem só 25 anos. Mesmo que outras jovens de 25 anos já estejam acima de sua posição atual, elas são a exceção, não a regra. Seu momento virá, mas não é agora.

Finalmente Spencer se vestiu. Alexis o empurra porta afora antes que se demore mais um pouco, peça um café, o que for.

Eles saem para a calçada do Hell's Kitchen. Um caminhão de entrega passa fazendo barulho, abafando todos os outros sons. Um táxi para com um ruído estridente. Um pequeno exército de operários hispânicos, todos de botas de trabalho e jeans, está parado na frente de uma fábrica recém-reformada,

esperando dar nove horas, quando terão permissão para entrar e começar seu dia de trabalho não legalizado, barulhento e sujo, limpando pisos, montando tetos de gesso e instalando janelas duplas com isolamento acústico para lofts de 3 milhões de dólares.

Na esquina, ela se detém. No escritório, só três dos assistentes são homens, e pelo menos um é gay, provavelmente dois. O terceiro é inaceitável sob todos os aspectos. Portanto, Alexis precisa ampliar mais a área de atuação: procurar encontros no Brooklyn, onde mora a maioria das pessoas de sua idade, gente que desdenha Manhattan. Mas a visão que Alexis tem de si sempre foi em Manhattan, indo a pé para o trabalho numa agência literária ou editora, rodeada pela vida palpitante do centro da cidade.

– É aqui que nos separamos? – pergunta Spencer.

Ela assente.

– Foi legal.

Alexis sabe que ele se refere ao sexo. A conversa entre os dois na noite anterior foi nula, e aquela manhã se resumiu à tentativa de arrancá-lo de dentro do apartamento.

Está começando a desconfiar de que Spencer na verdade não gosta tanto assim dela. E deve admitir que o sentimento é mútuo. Talvez fosse melhor parar de dormir com ele.

– Ligo para você.

– Legal – responde ele, sem sinceridade.

Para Spencer, tudo é “legal” ou, quando ele está se sentindo retrô, “joia” ou “um barato”. O que a deixa fula.

– A gente se vê.

– A-hã – diz ela, dando-lhe as costas e indo embora, passando pela *delicatessen* coreana, cuja calçada o garoto mexicano bonitinho está lavando com um produto clareador que faz arder os olhos.

– Bom dia – cumprimenta ele.

Ao reconhecê-lo, Alexis percebe que, na pressa de se livrar de Spencer e sair de casa, se esqueceu da carteira. Precisa da identidade para entrar na academia, onde, agora de manhã, está aquele sujeito novo na recepção, um idiota metidinho e meticuloso.

Alexis dá um passo na calçada de concreto e desce para o asfalto negro, distraída. Dá mais um passo, depois outro. Ouve o guincho da freada de um carro e dá de cara com um sedã preto...

O rapaz mexicano grita:

– Cuidado! Cuidado!

Mas ela se sente incapaz de se mexer, olhando para o carro que se aproxima.

– Moça? – O rapazinho segura seu braço. – Moça, você está bem?

Ela assente com a cabeça.

– Você é maluca? – É o motorista do sedã, o vidro do carro arriado, gritando com ela. – Sabe o que quer dizer o sinal verde? Que merda...?

Irritado, ele balança a cabeça e arranca.

Ela fica ali, tremendo, paralisada de medo. Percorre metade do quarteirão de volta ao seu prédio com andar inseguro. Abre a porta da frente do prédio banal, de tijolo vermelho, calcário sujo e escadas de incêndio enferrujadas. Segue pelo corredor curto, escuro. Enfia a chave na porta do apartamento, o pior do prédio – 1E, a dois passos das latas de lixo.

Alexis entra em casa e fecha a porta atrás de si. Vira-se para o interior do apartamento...

Um homem está em pé do outro lado da sala, segurando o manuscrito. Pego de surpresa, flagrado no ato. No entanto, ele reage rapidamente, enquanto Alexis permanece paralisada.

Outra vez.

– Seu carro está por aqui?

Hayden abre o armário, tira uma mala pequena, coloca-a em cima da cama.

– Está – responde Kate, virando-se da janela, espantada. Não esperava vê-lo de novo hoje.

– Ótimo.

Ele abre a primeira gaveta da cômoda, cheia de roupas íntimas dela. Deveria ter imaginado. Deveria ter aberto uma das gavetas de baixo.

– Hum. – Faz sinal para que ela se aproxime. – Pode vir me ajudar, hum, a fazer as malas?

– O que está acontecendo?

– Precisamos dar um fim nesta operação.

– Você quer dizer, encerrar? Imediatamente?

– Agora.

Ela recolhe sutiãs, calcinhas e meias, despeja-os dentro da mala. Parece estar de mau humor.

– Não se preocupe, Kate. Você fez tudo certo. – Hayden pega uma pequena pilha de calças jeans e camisetas dela, bem dobradas. – Esta alteração não tem nada a ver com você. Mas algo aconteceu.

Ela não fala nada enquanto reúne outra braçada de suéteres e agasalhos e a transfere para a mala de couro e lona, uma peça de bagagem discretamente elegante que Hayden imagina custar pelo menos mil euros, a prova concreta de que ela tem um monte de dinheiro para gastar em malas, em férias, na verdade, em tudo o que lhe der na telha. Isso o incomoda um pouco; afinal, ela trabalha para ele.

Por outro lado, é verdade que Hayden também tem duas contas bancárias bem gordas. Uma delas tem apenas um pouco de dinheiro de família, proveniente da venda da casa dos pais em Back Bay. Os impostos e a manutenção eram exorbitantes em Marlborough Street e sua irmã, de Boston, não aceitaria morar numa casa tão grandiosa.

Willa chamava a casa de mansão e era um imóvel que não combinava com sua carreira. Ela é especialista em intervenção entre gangues e resolução de conflitos, e circula por South Boston num imundo Hyundai caindo aos pedaços. Para Hayden aquela herança também não tinha qualquer utilidade, uma casa alta e sombria de seis quartos no centro de Boston; nem para sua outra irmã, Ellen, uma dona de casa mimada de Greenwich.

Assim, venderam aquele amontoado de tijolos, pagaram os impostos e dividiram o lucro. Foi então que Hayden se viu com três quartos de um milhão de dólares estacionados em registros eletrônicos administrados por banqueiros

privados. Nunca sentiu vontade – e nunca teve tempo – de gastá-lo. De modo que o dinheiro ainda está parado lá, mais paciente do que ele pensava, à espera de uma doença catastrófica ou uma crise terminal. Fazia tempo que esperava uma crise de meia-idade debilitante, mas a meia-idade parecia ter chegado sem incidentes.

Sua outra conta polpuda fica na Suíça e já contém cerca de 21 milhões de euros. Isso também é dinheiro não ganho com trabalho, embora vindo de fonte completamente diferente.



– Deixa eu ver se entendi direito – disse Hayden, um ano atrás, num país diferente. – Seu marido é a pessoa que roubou 50 milhões de euros do coronel Petrovic?

Kate sorriu, os lábios apertados, sem alegria. Depois, deu de ombros, humadendo para o sorriso evasivo.

– E você quer imunidade por causa disso? Para Dexter?

– E para mim.

– Para você?

Kate assentiu.

– Você desempenhou algum papel no roubo?

Ela negou com a cabeça.

– Mas você tinha conhecimento do fato?

– Não, não... não na ocasião. Foi no inverno passado.

Ele se inclinou para Kate, os cotovelos sobre a mesa do café no alto do Centro Georges Pompidou.

– Então por que precisa de imunidade?

– Não sei, na verdade. Mas nunca se sabe.

Aquilo foi esquisito.

– E onde está o dinheiro?

– Bem, nós temos. Aliás, Dexter tem metade. A outra metade está, hum, indisponível no momento.

Hayden levantou as sobrancelhas.

– Dexter tinha uma cúmplice na conspiração. Ela está com a outra metade. Eu acho.

– Você *acha*?

Kate bufou.

– Acabei de descobrir essa história, Hayden, e isso quase estragou a minha vida. Então me dê um tempo, droga.

Hayden desviou o olhar dela, por cima do café no último andar, para as

imagens de cartão-postal de Paris: os arcobotantes de Notre Dame, a geometria grave do Louvre, a elegância da era das máquinas da Torre Eiffel. A bela cidade, outrora capital do mundo, centro da cultura mais elevada e da intriga internacional. Agora, um remanso político, um motor impulsionado por comida e moda, pelo turismo, pela força centrípeta da cidade grande em um país pequeno, irrelevante.

Paris ainda é importante para os franceses, mas não para os americanos. A Alemanha é, de longe, a maior economia; Espanha e Grécia são inquietantes; Londres, a capital. Há muçulmanos tornando-se militantes na Escandinávia e gângsteres desassossegados na Rússia; existem as hordas perpetuamente oprimidas e eventualmente revolucionárias do Leste Europeu, o conflito religioso e as tensões étnicas do Sul, as reservas estratégicas de petróleo do Norte.

Há sempre acontecimentos importantes na Europa para se monitorar, nos quais exercer certa influência; há um estoque inesgotável de personagens repugnantes com que lidar. Contudo, Langley mostra uma crescente relutância em dar prioridade, autoridade e legitimidade ao escritório europeu. Depois do 11 de Setembro, toda a atenção se deslocou para o Oriente Médio e o terrorismo que tinha os Estados Unidos como alvo. As sutilezas da Europa tornavam-se cada vez mais elusivas e complicadas de administrar para a geração de burocratas educados pela MTV, com seus parcos períodos de atenção. Achavam que haviam compreendido a dinâmica contundente de conflitos do Oriente Médio, de conflitos abreviados; tinham pouca paciência para o arco de tempo das narrativas europeias.

Hayden começara no final dos anos 1990, dirigindo algumas operações extracurriculares, uma relação mutuamente simbiótica com um homem de negócios internacional; eles ajudavam um ao outro a criar as notícias que Hayden, como representante da CIA, desejava. Mas, como esse homem tornou-se mais influente e visível no decorrer da década seguinte, esse negócio diminuiu por ser menos necessário, depois desapareceu por completo.

É por isso que Hayden vinha acalentando a ideia de criar algo novo, algo diferente, um fundo não oficial para dirigir uma equipe de autônomos, que seriam usados para o tipo de operação não aprovada pelos cautelosos chefes em Washington. Desinformação. Contraespionagem. Assassinato de reputação.

Talvez fosse isso que estava caindo em seu despreparado colo naquele entardecer de início de outono, bem acima das ruas movimentadas do 40 *arrondissement*. Não só o capital para funcionamento, mas também o membro mais importante da equipe. Ele poderia fazer algum tipo de acordo com Kate. Poderia ficar com seus milhões roubados em troca de imunidade para seu marido. Ou poderia lhe dar o trabalho que ela desejava. Ou algo parecido.

Ele a observou sob a luz fraca, recostando-se e respirando com calma, ansioso para dar sua resposta, mas tentando disfarçar. Uma mulher vulnerável,

fácil de manipular.

- Tudo bem, Kate – disse ele, estendendo o braço para o outro lado da mesa.
- Estamos combinados.

De vez em quando, Hayden sentia-se ao mesmo tempo o homem mais sortudo e o mais inteligente do mundo. Este era um desses momentos, selado com um aperto de mão.



- Você vai me contar o que aconteceu? – pergunta Kate.

Hayden faz que sim.

- Graças a Deus.

- Oh, por favor, não hesite em me chamar de Sr. Gray.

- Ha-ha-ha.

Ele entrega a pilha final de roupas.

- Parece que nosso homem pode não ser a pessoa certa.

Kate olha para Hayden, sem compreender. Técnicos freelancers na Universidade de Heidelberg passaram meses procurando esse homem, esquadrinhando o éter planetário à procura de alguém que pudesse estar escrevendo a biografia de um dos homens mais poderosos do mundo. Finalmente, os nerds alemães descobriram um endereço IP que clicava com regularidade velhos artigos de jornal, clipes de vídeo e fotos, tudo relacionado com uma pesquisa sobre Charlie Wolfe. Associaram esse ID de acesso à internet a um número de telefone no mesmo local de onde vinham sendo feitas ligações para os Estados Unidos. Ligações para a família e os colegas de turma de Wolfe, colegas de trabalho e políticos, jornalistas.

Foi quando Kate chegou a Copenhague. Durante a maior parte da primavera, e viajando em tempo integral por umas duas semanas, ela seguiu outras pistas pelo continente: um apartamento em Sevilha, uma fazenda na Dordogne, uma casa em Cotswolds e uma casa de campo em Lipari. Alugou às pressas aquele apartamento em frente a Nørrebrogade, mudou-se para lá quase sem mobília e contratou o resto da equipe local, todos autônomos. Depois de alguns dias, certa de que tinha encontrado o autor, convocou Hayden.

- Como isso é possível?

Ela fecha o zíper da bolsa. Hayden pega a mala de Kate pela alça e a coloca no chão.

– Grundtvig é um investigador diligente. Nós, ou, melhor, eu escutei todas as chamadas dele. – Ela está defendendo sua própria diligência, suas táticas. Defendendo-se. – E o que ele pesquisa sobre Wolfe, sem dúvida.

- Sim – concorda Hayden. – E nós já vimos tudo o que ele fez, correto?

Ela faz que sim com a cabeça.

– Mas, de alguma forma, há alguns dias, uma cópia do manuscrito foi entregue à agente literária esperada em Nova York, sem que nós o vissemos enviar uma cópia impressa ou interceptássemos um e-mail. E o mais intrigante de tudo, sem o pesquisador – ele aponta para a janela – ter deixado de trabalhar no manuscrito.

Hayden vê as engrenagens mentais de Kate girando, tentando compreender, como acontecera com ele próprio, uma hora antes.

– O que está acontecendo do outro lado da rua não é o que achamos que está acontecendo.

Ele pega uma chave de fenda na bancada da cozinha.

– Não, parece que não.

Hayden sempre soube que Grundtvig não era o verdadeiro autor. Mas esperava que ele tivesse contato com o autor real, levando-os a ele. É quase inconcebível que isso ainda não tivesse acontecido.

Ele anda até o outro lado da sala. Com um empurrão rápido do pé, afasta o colchão para um canto. Ajoelha-se nas tábuas de madeira e usa a chave de fenda para soltar uma delas. Enfia a mão no buraco e retira de lá dois pares de luvas. Entrega um para Kate, depois calça o outro, puxando e ajustando o couro confortável.

– O que vamos fazer? – pergunta ela.

Do mesmo lugar, ele tira duas armas 9 milímetros, não rastreáveis, limpas, com as marcas de identificação raspadas. A convicção geral de Hayden é que poucos problemas são resolvidos com uma arma. A violência apenas muda a questão de lugar, geralmente a agrava. Mas às vezes não há mesmo nenhuma opção.

– Nosso amigo deve ter ligação com o verdadeiro autor – explica Hayden com a arma na mão. – Não encontramos essa conexão nem por meio de sua atividade na internet nem ao telefone, mas imagino que ela esteja em seu disco rígido.

Hayden verifica seu clipe de munição e acopla um silenciador à arma. Kate faz o mesmo com a sua.

– Vamos roubar o cara? – pergunta ela.

Hayden ri e guarda a arma no bolso de seu paletó de lã.

– Não, minha querida. *Eu* vou roubar esse cara. Você vai esperar na rua, para o caso de algo acontecer. Quando eu sair do prédio, vou entregar meu notebook para você e partir de bicicleta. Você vai embora de carro. – Hayden coloca uma escuta em seu ouvido. – Para sair da Dinamarca, não pegue a barca para a Alemanha. Vá pelo continente.

Ela faz sinal de que compreendeu: evitar obstáculos.

– Leve sua mala para o carro. Depois espere do outro lado da rua e fique atenta.

Ambos correm os olhos pelo apartamento, verificando se esqueceram alguma coisa. Não há nada.



As escadas são gastas e rangem, o corrimão está bambo. Hayden sobe devagar, cauteloso, consciente de seus nervos controlados, cuidando para não escorregar e cair inutilmente.

Em toda a sua vida adulta, Hayden escolheu ser um americano no exterior, intrometendo-se nos assuntos de governos estrangeiros. Tem culpa pela decisão de viver esse tipo de vida. Se morrer por causa disso, não será uma vítima – não se é uma vítima quando há uma responsabilidade envolvida. Hayden acredita nisso.

Não pode culpar seu algoz numa situação como essa. Mas sempre conta que isso não vá acontecer naquele dia. Hayden espera enquanto alguns carros pequenos e um grande número de bicicletas passam, depois atravessa a rua num passo calculado, tentando manter-se calmo, ou pelo menos parecer. Na frente do prédio ao lado, um homem joga a bituca de cigarro na sarjeta, vira-se e passa pela porta de vidro, coberta por cortinas rendadas.

Hayden empurra e abre o grande portão de madeira do edifício, entra no vestibulo e depara com uma porta moderna de vidro e alumínio, junto a um painel de botões ao lado de etiquetas com nomes, metade delas em branco. Pensa se deve apertar uma campainha aleatória até que alguém abra para ele, depois decide que é melhor não. A porta parece frágil e uns golpes com a pistola talvez forcem a fechadura ou quebrem o vidro.

Mas primeiro ele tenta puxar a maçaneta e ela simplesmente se abre. Ah, a Escandinávia. Como é ingênuas.

Ele sobe outro lance de vacilantes degraus de madeira e chega ao patamar, aproximando-se da porta. Respira fundo, retira a arma do bolso e usa a coronha para bater.

Nada.

Aguarda cinco segundos, dez. Bate de novo. Em seguida, chama:

– FedEx!

– *Jeg kommer!* – Eis a resposta.

Ele ouve a cadeira ser arrastada no assoalho de madeira, depois o som de passos. Em seguida, a porta é destrancada. Hayden lança o ombro e todo o seu peso contra a porta e irrompe na sala enquanto agarra Jens Grundtvig pela camisa, levantando a pistola e encostando o cano na testa do homem.

– Shhhh – sibila Hayden, fechando a porta com um chute. – Você está muito perto de morrer neste momento.

Grundtvig arregala os olhos; ele está tropeçando e andando para trás, perdendo o equilíbrio, mas Hayden o segura pela frente da camisa.

– Mas não quero matar você. O que eu quero é saber o que está fazendo.

O homem abre a boca, mas não sai nada.

– Como disse? – pergunta Hayden.

– Por favor, não me mate.

Eles atravessam o aposento até chegar à mesa.

– Sente-se – ordena Hayden.

O homem se deixa cair na cadeira, ofegante.

– Agora me diga: o que está fazendo aqui?

– Pesquisa. Estou fazendo uma pesquisa.

– Para quem?

– Não sei.

– Quem está pagando?

– Não sei o nome dele. Ou o dela. Não sei. Sou pago por semana. Depositam em kroner na minha conta.

– Está pesquisando sobre Charlie Wolfe? Sobre as empresas dele?

– É. Só isso. Pesquisa.

– E o que faz com a informação que coleta? Você a envia para alguém?

– Não, eu não. Meu arquivo é enviado para um servidor toda sexta-feira à meia-noite.

– Como isso é feito?

– Não entendo direito. Mas o computador e o arranjo vieram com o trabalho. O apartamento também. É só o que sei.

Hayden afasta-se uns dois passos do homem, dando-lhe espaço para respirar, e permite-se olhar em volta, para a grande sala atravancada, o escritório, a sala de estar e o quarto conjugados, com uma pequena cozinha desarrumada num canto.

Seu fone de ouvido estala.

– Temos um problema aqui ao lado – diz Kate.

A loja do lado oeste é um clube cujos membros parecem ser, na maioria, imigrantes turcos recentes. Algumas mesinhas cobertas de oleado, uma televisão velha numa prateleira alta num canto, um gato gordo e preguiçoso, bules de chá e copos.

– Dois homens, possivelmente armados, estão entrando no vestibulo – diz ela.

Até esse momento, não havia ficado claro se o clube estava ligado a atividades questionáveis. Ainda não está claro o que está acontecendo exatamente, mas deve ter algo a ver com Grundtvig, e pode não ser bom.

– Vou atrás deles.

Hayden visualiza Kate entrando no prédio, segurando a arma com cuidado à frente, esgueirando-se pela mesma porta por onde ele passou um minuto atrás...

Seus olhos correm ao redor da sala, procurando cobertura. Ouve os homens subindo as escadas. É quando percebe a câmera virada para a entrada.

Grundtvig se remexe na cadeira.

– Levante-se.

Hayden rosna baixinho.

– Eu? – sussurra Kate em seu ouvido.

– Não, eu estava falando com ele.

Hayden agarra Grundtvig pelo ombro, faz o dinamarquês ficar de frente para a porta. Um escudo humano.

O ruído de passos cessa. Os homens estão do outro lado da porta.

– Você consegue aparecer na porta em dez segundos?

– Sim.

– A partir de agora.

Hayden conta o tempo mentalmente – um, dois, três –, a arma apontada para a porta – quatro, cinco, seis...

Ela se escancara. Mas há apenas um homem ali, apontando uma arma para Hayden. Seis, sete...

Os dois homens se entreolharam por um segundo – oito – antes de Hayden enfim compreender.

– Kate... – diz ele. Mas percebe que é tarde demais.

Nove, dez.

O homem junto à porta sorri. E entra no apartamento, abrindo espaço para Kate, sob a mira do segundo homem, que obviamente tinha ficado à espera. E devia saber que outro americano iria subir as escadas.

Eles tinham caído numa armadilha.

O autor sai da sala de exames arrastando os pés enfiados em chinelos de couro macio, embrulhado num robe de caxemira, artigos confortáveis que adquiriu numa pequena loja masculina próxima à Bahnhofstrasse, a principal rua da Suíça, onde os bondes deslizavam e as bandeiras dos cantões farfalhavam acima das calçadas largas e limpas, ladeadas por um conjunto abrangente das mais luxuosas marcas do mundo, uma variedade de bolsas de mão caras balançando nos braços de mulheres ricas.

Os preços vertiginosos de Zurique de vez em quando ainda o pegam de surpresa: táxis, cafês, alimentos e meias, seu senso de propriedade agredido por uma ou outra etiqueta. Mas o que realmente importa? Como se diz, não se leva nada para o túmulo.

Esta foi uma das coisas sobre as quais cada vez mais refletia à medida que foi repetindo a mesma história triste durante o ano anterior, incontáveis vezes, para centenas de pessoas ao longo de uma semana interminável, pessoalmente, por telefone e e-mail. Explicando a todos aqueles indivíduos chocados e solidários que seu diagnóstico surgiu do nada, depois de uma temporada em que não se sentiu bem, cansado, meio gripado, perdendo peso, fungando constantemente, seu organismo sempre comprometido por qualquer coisinha.

Mas, como fazia questão de que todos soubessem, ele era um daqueles superprofissionais ostensivamente ocupados, que nunca tiram férias ou perdem tempo com consultas médicas, não até estourar uma crise, o que aconteceu no outono, pouco antes do Dia de Ação de Graças. Em seguida, passou alguns dias indo a especialistas e fazendo exames, até, bam: Estágio IV.

Supostamente, tinha mais de 95% de chance de morrer, embora nenhum médico ou enfermeira o admitisse com precisão. Aos 44 anos, teria sorte se conseguisse chegar aos 45. Teria muita sorte. Seria uma boa ideia pôr seus assuntos em ordem.

Foi a Nova York para o feriado, segundo planejara, como todos os anos, o único fim de semana do ano em que Washington realmente fica vazia, algumas semanas antes das eleições, quando todas as pessoas da vasta máquina política dizem: “Não, obrigado, vou passar o fim de semana em casa”, aos produtores dos programas *Face the Nation* e *Meet the Press*.

Participou da ceia anual de quinta-feira na casa da mãe, no Brooklyn, com toda a grande miscelânea de família e amigos, agora na maioria pessoas que só poderiam ser definidas como idosas, que um dia o tinham segurado no colo. Gente de extrema esquerda que olhava para aquele bebê crescido com o desencanto inconfundível que acompanha as ilusões destroçadas, não apenas numa pessoa, mas nas decepções incessantes de seu materialismo histórico,

encarnadas por ela.

Na sexta-feira e no sábado, compareceu a consultas médicas agendadas às pressas, sentando-se em salas de espera neutras, decoradas com inofensiva arte não figurativa em molduras de alumínio, revistas de três meses antes, caixas de lenços de papel. No domingo, exausto depois de um longo fim de semana de noites praticamente sem dormir em suítes de hotel, contemplou da enorme janela a escuridão profunda do imenso parque, ao mesmo tempo que fuçava o abarrotado frigobar, fazendo breves incursões insatisfatórias através da claridade fluorescente e palpitante do corredor até o ronronar da desmedida máquina de gelo.

Fez um longo passeio de domingo e uma das raras visitas à sua ex-mulher. Ela foi a primeira pessoa a quem contara. Então, tomou o trem de volta para Washington, parando nas estações e, de vez em quando, estacionando numa delas, sem ação, esperando o horário coincidir com a realidade, as luzes verdes de emergência brilhando no corredor como uma pista, orientando os passageiros para o banheiro, para o carro-restaurante, para a saída, o zumbido dos ventiladores soprando forte e sem regularidade, algo preso em um cano, a porta do banheiro se abrindo e se fechando enquanto um homem despenteado e bêbado esvaziava suas duas extremidades. Uma jovem falava sem parar em voz baixa ao telefone, sentada ao lado de um garoto de faculdade com o queixo enfiado no peito e uma porção de livros espalhados fingindo que estudava, na frente de um casal caribenho, a boca do homem cheia de dentes de ouro.

Estava cercado por todos esses estranhos, sozinho com seus pesares. Apesar de ter sido educado para desprezar o dinheiro, havia tomado um monte de decisões na vida com o objetivo de ir atrás dele. Havia começado já na faculdade e continuou durante os 25 anos seguintes, como se funcionasse no piloto automático capitalista. Por um tempo, convenceu-se de que era meramente um profissional ambicioso, e não um ganancioso com fome de dinheiro – e é difícil separar sucesso de riqueza. Um é a medida do outro, são inseparáveis.

Andando e parando, o trem desceu pela espinha dorsal de Nova Jersey, passageiros embarcando e desembarcando em Newark, Trenton, Filadélfia, na surpreendentemente favelizada Dover, na implacável e sombria Baltimore e, por fim, na muito elitizada Union Station, Washington.

Chegou ao escritório logo depois do jantar. Da rua, viu que as luzes estavam acesas no canto de Charlie. Foi direto para sua grande sala, na quina oposta à de Charlie, puxando a bagagem. Não era comum, mas nada inédito, alguém como ele chegar àquela hora, no final de uma semana de férias, preocupado com tudo que seria preciso fazer no dia seguinte ou começar naquela mesma noite, todos de calças cáqui, camisas polo e tênis, óculos em vez de lentes de contato, a camaradagem trivial de colegas de domingo.

Serviu-se de um copo de uísque e logo começou a trabalhar, reabastecendo seu pesado copo, ficando bêbado sem notar. E cada vez mais piegas, olhando para a tela do computador, vendo seu rosto refletido nela, pensando em todas as coisas que havia perdido e não teria a oportunidade de recuperar.

Lá pelas nove, levantou os olhos e viu seu patrão sob o batente da porta, uma silhueta de largos ombros quadrados.

– O que está acontecendo? – perguntou ele, olhando para a garrafa, o copo, os olhos inchados e vermelhos. – Você está bem?

– Ah, sabe como é. – Tocou o copo, sem tentar escondê-lo ou minimizar o fato. Admitindo e enfatizando. – Dia de Ação de Graças.

Charlie Wolfe deu um passo para dentro da sala, o rosto inescrutável.

– Você está bêbado?

– Minha mãe me detesta. Minha ex-mulher... não me ama. Meu filho?

Ele deu de ombros, tomou um gole da bebida, lutando contra as lágrimas, então pousou o copo pesado em cima da mesa outra vez, fazendo mais barulho do que pretendia.

Seu relacionamento com Charlie se deteriorava, como é a tendência das relações de longo prazo. Durante o período em que construíram a Wolfe Worldwide Media, o autor conhecia uma parte do amigo que não lhe agradava muito, além das coisas de que desgostava havia décadas, para não mencionar algo de repulsivo sobre si mesmo. E então, alguns meses antes, depois do desastre na Finlândia, eles tinham tido aquela conversa atroz. E a deterioração se acelerou, o que não lhe surpreendeu.

– Charlie, o que andamos fazendo...?

Ele balançou a cabeça. Mesmo no início, o autor sempre teve dúvidas sobre seu nicho de mercado – desprofissionalização da mídia de coleta de notícias e desobjetivação das próprias notícias. Agora parece tão óbvio, até mesmo banal. Mas quando eles começaram, nos anos 1990, as notícias eram dominadas pelas transmissões noturnas nas três redes, apresentadas por âncoras que ganhavam 10 milhões de dólares por ano, vestidos de terno e gravata, cabelos curtos e penteados com precisão de escultura, ou pelo *New York Times*, pelo *Wall Street Journal*, pela *Time*, pela *Newsweek*, pela *Associated Press* e pela *UPI*, que informavam com grande solenidade as nuances impenetráveis dos conflitos étnicos nos Bálcãs. O mundo das notícias era composto por uma vasta aparelhagem de carreiristas – produtores e editores, chefes de redação e repórteres – formados em radiodifusão e jornalismo, estágios, empregos para iniciantes e promoções, associações e prêmios, regras e normas. Uma profissão povoada por profissionais. Pitoresca.

A missão implícita da Wolfe Worldwide Media era “desnoticiar”, legitimar o sensacionalismo. A empresa lançou um site na Europa, país por país, onde o uso e o desenvolvimento da internet não eram tão avançados e a competição por

capital, cliques e anúncios tão encarniçada. Instituíram um sistema de coleta de notícias por amadores que não tinham nenhuma relação legal ou responsabilidade com os editores, com um conteúdo tendencioso, que se dedicava a mexericos e insinuações, voyeurismo e escândalos, adotando uma retórica partidária descarada. Não pretendiam transmitir as chamadas notícias objetivas para o grande público, mas sim proporcionar um entretenimento subjetivo baseado em assuntos atuais e voltado para um público muito mais específico. Um público muito mais facilmente identificável e atingível, com um conjunto muito mais claro de anunciantes e patrocinadores.

Não era a notícia tradicional, a notícia obcecada pelos fatos e a reportagem com fonte dupla. Era algo novo, de uma época anterior aos celulares com câmeras, às mídias sociais, aos agregadores de notícias e ao *streaming*, quando tudo ainda podia ser inovador e as pessoas estavam dispostas a esperar uma semana até que a nova edição chegasse às bancas e pudessem ler sobre divórcios de celebridades.

– É esse nosso legado, Charlie?

O autor olhou de novo para o âmbar cálido que reluzia no seu pesado copo de vidro e pensou em dizer uma verdade pela primeira vez na vida.

Quando levantou os olhos, porém, Charlie Wolfe já tinha saído da sala. A decisão de definir sua vida foi tomada sem sua interferência, por Charlie, e não pela primeira vez. E a verdade apenas pairou no ar, tácita e silenciosa, ainda que imensa.



Durante alguns minutos, depois que Charlie saiu, o autor permaneceu imóvel, sentado em seu grande e sombrio escritório, iluminado apenas pelo brilho do monitor e o cone de luz da pequena luminária de mesa. Então levantou-se, meio trêmulo. Foi até o outro lado da sala, a parede com os armários embutidos que continham os arquivos, imersa na escuridão. Estava bêbado. Por isso, deu alguns golpes desajeitados no escuro antes de conseguir inserir a chave na fechadura das gavetas.

Poderia ter acendido as luzes, mas não quis.

Abriu a gaveta inferior esquerda, a menos acessível, menos usada, e retirou as pastas de papel-manilha presas com elásticos.

Eles haviam tido uma conversa séria, racional, sobre escrever um livro inteiro, em vez de dar curtas entrevistas para emissoras de televisão, jornais e portais da internet. O negócio deles era informação e entretenimento. Sabiam o que podia e o que não podia ser feito dessa maneira. É fácil e rápido assassinar um caráter; leva-se muito mais tempo para construir um.

O autor abriu sua mala de fim de semana e empurrou para um lado as meias, cuecas, jeans e notebook para dar espaço para os arquivos.

Em seguida, seguiu cambaleante pelo corredor, dobrou a esquina e apertou o botão de desbloqueio para liberar as portas de vidro duplo, passou pelo saguão e pela segurança e saiu para as ruas escuras e desertas do centro de Washington. Percorreu com dificuldade e frio os mais de 3 quilômetros até sua casa em Georgetown, sozinho com esse novo segredo, outra camada que revestia os velhos, refletindo sobre uma vida que havia sido definida exatamente por eles.

Bradford McNally examina o terno xadrez do chefe do departamento financeiro – gasto, sujo, mal-ajambrado. O colarinho puído da camisa encardida e as meias velhas salpicadas de fiapos pretos, a extensão da panturrilha peluda exposta, pálida, flácida, os sapatos fora de moda, opacos e arranhados. A careca brilhante úmida, o pescoço mal barbeado, o queixo quase inexistente.

Esse sujeito é repugnante, esparramado na cadeira de couro surrado, com um maço de papéis em seu colo gordo, a página de cima desfigurada com fortes rabiscos vermelhos.

– O valor mínimo – diz Seth, chiando ligeiramente, enchendo o ar com sua presença desagradável – é 10 milhões de dólares.

– O quê?

– De e meio, na verdade.

– Além do orçamento? – Brad sabia que seria mais ou menos esse número, mas imaginou uns 6 ou 7 milhões. Com menos um dígito. – Sério? Dez milhões de dólares?

– E meio – corrige Seth. – Muito acima de todas as projeções atuais. E a oferta de aquisição de Wolfe cai 250 mil dólares toda semana. Mas você deve saber disso.

Agora Brad contempla o homem do dinheiro não apenas com repugnância, mas com algo que poderia ser descrito mais apropriadamente como intensa aversão.

Brad não se acha um gênio financeiro, mas entende que há duas maneiras fundamentais para se resolver qualquer tipo de problema relacionado a cifras: fazer entrar mais dinheiro ou deixar sair menos.

Quanto ao que sai, não há nada que possam fazer para fechar uma lacuna tão grande. Já cortaram salários, podaram custos de produção e encurtaram campanhas publicitárias. Quanto ao que entra, eles não têm livros com potencial para gerar uma receita dessa magnitude.

Na verdade, há apenas uma forma: adquirindo um manuscrito extraordinariamente valioso, publicá-lo depressa e rezar para que, qualquer que seja o assunto, agrade aos americanos. Eles têm um semestre para fazer isso. Pouco tempo.

Mas é um cenário improvável e Brad precisa encarar a realidade: vender a empresa para o único candidato que manifestou interesse em comprá-la – o conglomerado predatório da Wolfe Worldwide Media.

Como ele se tornou a pessoa que deve tomar esse tipo de decisão? Vinte e cinco anos se passaram desde que era um simples instrutor de esqui meio hippie? Agora ele tem dois filhos que estão de férias da faculdade particular.

Brad volta a se concentrar no presente. Seu diretor financeiro enveredou por um discurso conhecido: o ataque antiartístico e anti-intelectual a seus negócios. Originalidade, voz própria e blá-blá-blá não significam nada quando se tenta vender livros. Prêmios e resenhas elogiosas não pagam o aluguel. Nunca pagaram nem pagarão. Temas de interesse local, contemporâneo. Personalidade. É isso que vende. Sempre vendeu. Sempre venderá.

Brad olha pela janela, para o parque movimentado do outro lado da rua. Não deveria ter fumado um antes de vir trabalhar hoje. Corre a mão pelo cabelo grisalho espesso, mantido com visitas quinzenais ao barbeiro, o qual pertence a uma série aparentemente infinita de sujeitos em Nova York chamados Sal.

– Sr. McNally?

Sua secretária, Lorraine, está à porta, olhando por cima dos óculos agressivos, de formato retangular em verde-limão e magenta, uma armação de óculos que grita, algo bem desagradável.

– Jeff Fielder está pedindo cinco minutos para falar.

Brad lança um olhar para o diretor financeiro.

– Está bem – diz Seth. Ele se esforça para se levantar da poltrona, quase caindo para trás antes de conseguir se equilibrar.

Jeff e Seth cumprimentam-se com um aceno de cabeça quando se cruzam; um não é muito fã do outro.

– Tenho algo interessante aqui – diz Fielder, com ar esperançoso.

Brad aponta para a cadeira diante da mesa. Todos os editores vêm regularmente a seu escritório trazendo um projeto que querem adquirir, alguma proposta ou manuscrito que acham importante. Fielder não aparece com tanta frequência ultimamente e não é mais tão entusiasmado quando o faz. Ele agora hesita, desiste com facilidade. Brad prefere editores que insistem. A esses ele dá autorização para fazer ofertas, adquirir e publicar.

Seja qual for o destino da McNally & Sons, grande parte dos editores deve ficar bem. Fielder provavelmente não. É um editor sênior de seus 40 e poucos anos que costumava estar na crista da onda. Quando sua mulher o deixou, porém, tudo pareceu ruir. Não demora muito para um editor esfriar. Para os agentes arrancarem dele suas listas de originais. Para os executivos de vendas pararem de acreditar em seu entusiasmo.

O que significa que agora a trilha da carreira de Fielder tem um fim previsível e pode estar bem ali à frente, na próxima rodada de demissões, ou numa aquisição, ou em qualquer acontecimento que faça uma editora examinar com rigor sua lista de editores e constatar: “Precisamos nos livrar de Fielder.”

Uma pessoa como Jeff Fielder provavelmente não se recuperará de algo assim. Talvez ele nunca mais encontre outro emprego como editor, nunca mais. Brad se pergunta se Fielder sabe em que situação precária se encontra. As pessoas muitas vezes não percebem essas coisas. Brad está um bocado

preocupado de que ele próprio fique na mesma situação frágil.

– Diga, Jeff, o que você tem aí?

O editor respira fundo.

– É um livro sobre Charlie Wolfe. Um depoimento.

Ah, meu Deus, pensa Brad, recostando-se na cadeira. Decerto não esperava que fosse Fielder. Está chocado. Mas, agora, pensando bem, é óbvio.

– Ainda não sei exatamente que notícias bombásticas o manuscrito contém, mas a agente acha que as revelações são, hum, interessantes. E pretende conseguir um adiantamento com oito dígitos.

Brad quase cai da cadeira.

– Você está brincando.

Fielder balança a cabeça.

– Quem é o autor?

– É anônimo.

– Quem você acha que é o autor?

– Não tenho ideia – afirma Fielder, mas Brad percebe que isso não é bem verdade. Talvez haja uma boa razão para a mentira.

– Quem é a agente?

– Isabel Reed.

– Claro.

– E eu tenho exclusividade – acrescenta Fielder – por 48 horas.

– O quê? Por quê?

Brad percebe que Jeff está ficando nervoso com essa conversa, com todas aquelas perguntas. Todo mundo já viu esse tipo de coisa várias vezes, em reuniões: você entra na sala querendo alguma coisa, talvez até sem mesmo precisar daquilo, e no começo todo mundo é neutro. Então, alguém se volta contra você e o contesta; a partir daí as pessoas que o cercam caem como dominós: primeiro, um diz que tem dúvidas, depois outro concorda com esse último e então começam a acumular ataques em cima de ofensas, chegando até a zombar de você e ridicularizá-lo por trazer seu desejo medíocre àquela sala, talvez até se tornando hostis, ressentidos por você ter desperdiçado o tempo e a energia deles, menosprezando-o, humilhando-o, até que você recue como um cão espancado que se esconde debaixo do carro.

– Ela sabe que estou interessado. – Fielder encolhe os ombros.

Os dois homens olham um para o outro.

– Aqui está. – Fielder põe uma pequena pilha de papel em cima da mesa já abarrotada de coisas. Brad nunca a mantém arrumada. – Uma amostra do início.

Fielder se levanta.

– Ok, vou dar uma olhada assim que puder. Até o fim do dia, no mais tardar.

– Obrigado.

Fielder começa a ir embora, depois se vira.

– Brad, nunca dei alarme falso.
– Sim, Jeff, eu sei.
– Tenho certeza sobre isso aí. – Ele sorri desconfortavelmente. – Então, leia rápido.



Este é um daqueles momentos que definem você como editor. Pior, como pessoa. Você se arrisca para fazer o que é certo? Ou, melhor, o que você acha que é certo? Ou você segue as regras, age com cautela, protege a si e a sua família? Essa não é outra maneira de fazer o que é certo?

Fielder sai e Seth tagarela um pouco mais antes de ir embora com seu pacote de más notícias e suas roupas de má qualidade.

Brad afunda mais na cadeira, perde-se em pensamentos. Seu breve devaneio é quebrado por uma batida à porta. Ele ergue os olhos e vê Camilla sendo anunciada por Lorraine, sua secretária infalivelmente rabugenta e desdenhosa que olha com desprezo para a gerente de direitos subsidiários, curvilínea, hipersensual.

Lorraine parece odiar quase todos no escritório, exceto aqueles que a bajulam, dispostos a fingir que é a secretária do chefe quem realmente comanda o espetáculo. Camilla não é uma dessas pessoas; não se dá tão bem assim com mulheres.

Eles tiveram um caso, Brad e Camilla, alguns anos atrás. Havia começado numa longa semana de embriaguez na Feira Internacional do Livro de Frankfurt e continuaram se encontrando por uns dois meses num quarto de hotel em Nova York. Depois, terminaram antes que alguém descobrisse, antes que alguém se machucasse.

Brad ficou com a nítida sensação de que não tinha sido o primeiro homem casado com quem Camilla flertara – e não seria o último. Mas ela havia sido seu primeiro e único caso extraconjugal, e isso não lhe fez nada bem. Não pretende fazer isso de novo. Entretanto, também não planejava fazê-lo da primeira vez.

Mas, Deus, olhe para essa mulher! Suas curvas desafiam a Física.

– Olá, McNally – diz ela. – Vim só dar uma rápida conferida antes de ir embora. Alguma novidade?

Brad leva um segundo para entender sobre o que ela está perguntando. Será isso que o Alzheimer faz a pessoa sentir? Mas aí ele lembra: Camilla vai viajar para a Costa Oeste a fim de se reunir com produtores de cinema, agentes e quem quer que seja. Brad nunca soube direito qual a utilidade dessas viagens a Los Angeles. Camilla explicou-lhe uma vez, mas ele estava ocupado demais imaginando-a nua para avaliar seus argumentos.

– Não – responde ele, baixando por instinto o olhar para sua mesa, para a

cópia do manuscrito de Jeff. Tem umas cem páginas.

– O que é isso?

Camilla bate com uma das unhas recém-pintadas, sorri com ar modesto e lábios com batom vermelho.

– *O acidente*, autor anônimo. Intrigante.

– Não é nada – diz ele. – Um material que enviaram a Fielder. Ainda não é nosso. Nem sei o que é.

Encolhe os ombros e dá sua risada afável, a risada que ele começara a usar quando era um adolescente nervoso e nunca a largara. Sabe que todo mundo nota o quanto ri quando as coisas não são engraçadas. Mas ser afável é mais ou menos isso, não?

Camilla se inclina, proporcionando uma visão do sutiã de renda preta capaz de abalar resistências.

– Você está mentindo para mim?

– Ora! – Ele ri de novo. – E eu algum dia menti?

Ela se apruma, lânguida, empinando o queixo, os seios para a frente.

– Ouça, McNally, sei que meu departamento não vem contribuindo muito. E não o culpo por ter me tornado, como se diz, supérflua. – Ela franze os lábios. Deus, aqueles lábios. – Também não estou dizendo que a culpa é minha. O negócio mudou. É uma dança das cadeiras e eu estou sobrando. Ou estarei, em breve. Então, entendo.

Ele solta um resmungo, meio evasivo. É verdade que a maior parte do negócio de direitos subsidiários desapareceu, e muito do que restou é controlado por agências literárias. Camilla está ficando sem relevância.

– Mas até que isso aconteça me dê todas as chances de sobrevivência.

E inclina a cabeça para baixo, apontando para *O acidente*.

– Eu gostaria de poder, Camilla. Mas, sinceramente, ainda não é nosso, não posso dar para quem quiser, por qualquer motivo. Além disso, como já falei, nem sei de que se trata.

– Besteira. – Ela abre um sorriso mais amplo. – Se você não soubesse do que se trata, não estaria aqui, no meio da sua mesa. Estaria lá.

Ela aponta para a mesa de café cheia de pilhas de originais, propostas de livros, livros finalizados e provas de cor. Tudo o que Brad precisa ler ou rever.

– Não se esqueça – diz ela, levantando-se e estendendo a mão para tocar o rosto dele. – Conheça você, Sr. Chefe. Ela retira a mão, vira-se e vai embora, lenta e deliberadamente.

E então ele fica sozinho, pela primeira vez na manhã. Sozinho com o manuscrito e a decisão a tomar. Ele se debruça para a pequena pilha de papel que Jeff deixou ali, folheia até as últimas páginas e começa a ler.

O acidente Página 130

O bar havia parado de servir álcool meia hora antes. O DJ mudou a trilha sonora para um lento “hora de ir para casa”. As luzes se acenderam. As pessoas começaram a se dirigir para a saída arrastando os pés, roucas ou desanimadas, a caminho do estacionamento, para resgatar seus Datsuns de terceira mão e os Acuras preteridos por seus pais até os *campi* de faculdades, a pouca distância dali. A rua é tranquila, rural, ao longo do trecho esparsamente povoado da margem do lago.

Charlie estava encostado na parede, bolinando uma morena que ele havia conquistado em algum momento dos últimos quinze minutos. Ele sempre deixava todos os membros da fraternidade espantados com a rapidez com que encontrava uma garota no final da noite. “Arrebatando”, como as pessoas diziam. Ele fizera novamente.

Não havia acontecido nada de diferente das noites de festa de fim de semestre, com provas terminadas e as férias prestes a começar. Eric estava indo fazer um estágio num jornal de Cleveland, alimentando o currículo para uma graduação em Inglês de escritor de jornal da escola. Dave ia ficar na casa da mãe no Brooklyn, trabalhando numa agência de publicidade no centro de Manhattan. Charlie encontraria a família para passar umas semanas no sul da França, seguidas por um mês em East Hampton, estudando para as provas de admissão da Escola de Direito – isso quando não estivesse velejando ou indo a festas. Aquela era a última noite dos três amigos juntos no fim do penúltimo ano, uma noite a ser comemorada. Mas era também uma noite agri-doce. Passariam seu último verão como universitários ainda não formados. Todos entendiam, de

certa forma, que aquilo significava o fim de alguma coisa. O fim da infância sem preocupações.

O acidente Página 131

À meia-noite, Eric ficou taciturno, como costumava acontecer, e logo desapareceu sem aviso prévio, voltando ao campus por um caminho diferente, o que não lhe era incomum.

Dave bebeu o resto de sua Coca-Cola, esforçando-se para estar sóbrio e alerta, determinado a não permitir que Charlie dirigisse; Charlie quase nunca estava em condições para isso nos fins de festa. E, de fato, entregou-lhe as chaves do carro, sem discutir, com o braço em torno da cintura de Lauren, a garota que estava com ele. “Um minuto”, pediu ela. “Preciso me despedir da minha amiga.”

A tal amiga, esguia e loura, parecendo bastante bêbada, estava encostada no balcão do bar a uns 10 metros de distância, do outro lado do salão, esquivando-se de um atleta babão, um grandalhão que lembrava um golden retriever com patas carnudas. Quando Lauren se inclinou para ela, rindo, a loura se virou para olhá-la através da espessa nuvem de fumaça de cigarro, matizada de azul pelo néon da marca de cerveja, tentando avaliar a confiabilidade dos dois rapazes de aparência arrogante. Mas ela estava muito longe para achar alguma coisa.

Lauren voltou para Charlie, tonta, pronta para retornar a Ithaca com o rapaz alto, bonito e rico. E ser levada para outra instituição mais seletiva naquela outra colina mais agradável. Para uma imponente sede gótica de fraternidade, para outro bar secreto num porão com mais cerveja, para um quarto com varanda abastecido com cocaína e preservativos... Ou foi isso que Charlie pensou que a menina queria. Porque, naquela época, era nisso que Charlie sempre pensava que todas as meninas queriam.

As portas do elevador se abrem e Isabel entra no porão. Olha à direita, à esquerda. Segue na direção da placa onde se lê SEGURANÇA, uma porta de aço simples no final de um corredor de tijolos de concreto pintados de bege, os canos pendurados no teto. As entranhas do edifício comercial. O lugar não poderia ser mais diferente do 58º andar, suntuosamente atapetado, com janelas do chão ao teto, escritórios decorados com vidro, aço e couro, o burburinho agitado de uma grande agência internacional que engloba vários setores: Literário, Cinema e Televisão, Comercial, Técnicas de Apresentação e Gestão de Marcas. Centenas de pessoas na sede de Nova York, isoladas do público por um imponente saguão com piso duplo, escadas suspensas e uma parede de vidro atrás do balcão, uma vista de milhões de dólares da região central de Manhattan.

O chefe de segurança abre a porta da central de vigilância.

– Hector Sanchez – diz ele. – Prazer em conhecê-la.

Isabel olha ao redor do aposento escuro, apertado. Há dezenas de pequenas telas de vídeo com transmissão em tempo real de espaços públicos, monitoradas por um guarda obeso, uniformizado.

– Este é Reggie – apresenta Hector. – Por favor, sente-se.

Hector coloca um banquinho ao lado de Isabel e eles começam a percorrer imagens de sexta-feira, retardando e acelerando para examinar vários homens – uns de aparência suspeita, outros simplesmente desconhecidos.

– Pode fazer uma pausa ali? – pede Isabel. – Esse?

Eles assistem a uma parte da fita, depois Sanchez balança a cabeça.

– Não, esse é um advogado da empresa do 14º andar.

Ele parece conhecer todo mundo que entra no prédio.

– Como reconhece todas essas pessoas?

– É o meu trabalho.

O vídeo continua. Cinco, dez, quinze minutos. Isabel observa o entorno, avaliando a deprimente sala sem janelas, o monitor decrepito para o qual ela está olhando, tentando identificar um homem totalmente irreconhecível. Quanto mais homens ela vê, mais convencida fica de que não vai adiantar.

Pede para aproximar no que acaba por ser outro advogado. Nem sabia que havia um escritório de advocacia no edifício. Aparentemente existem nove.

– Tem alguma ideia de quem está procurando? – pergunta Sanchez. Ele não parece frustrado, apenas curioso. – Alguma característica que o identifique?

– Não que eu saiba.

– Então, existe alguma chance de termos algum sucesso aqui?

– Duvido muito.

Porém, um minuto depois, Sanchez percebe algo. Aperta a tecla para voltar.

Eles assistem a cenas filmadas no saguão. Um homem entra pelas portas giratórias, usa um boné de beisebol que lhe esconde os olhos. Estatura mediana, branco. Mas sem características visíveis que definam o rosto.

Não há áudio para acompanhar o vídeo. O quarto de segurança é lugubrememente silencioso, ouve-se apenas o zumbido baixo dos equipamentos eletrônicos, a respiração pesada de Reggie do outro lado do aposento. Hector clica com o mouse de novo e o vídeo muda para o espaço de acesso aos elevadores. O homem passa um cartão magnético nas catracas e entra na área de espera.

Passa para a câmera do elevador. O rosto do homem ainda está escondido. E mais uma vez no andar principal da editora. O homem se move com agilidade e calma, de uma área para outra, sem parar para falar com ninguém ou fazer contato visual. Um anônimo que parece saber para onde está indo.

A câmera no corredor de Isabel está montada no alto e numa quina. Ela vê o homem caminhando em direção ao cubículo de sua assistente vindo da extremidade mais distante. O rosto de Alexis está enterrado num manuscrito. O homem diminui minimamente a marcha ao enfiar um envelope acolchoado na caixa de entrada e continua andando pelo corredor, aproximando-se da câmera, cada vez mais perto.

– Aí – diz Isabel. – Volte um segundo.

Hector congela a imagem. Agora o homem está bem abaixo da câmera. A aba do boné ainda esconde a testa e as sobrancelhas. No entanto, nesse ângulo, por uma fração de segundo, eles podem ver um pouco do rosto. É um completo estranho.

O estranho não é um mensageiro comum e fica claro que aquela não fora sua primeira visita ao escritório de Isabel; ele sabia onde as câmeras se localizavam. O que significa que ela tem sido vigiada, monitorada. Lá em cima, esse homem esteve no seu andar. E provavelmente não se limitou a mapear as câmeras de segurança.

Esse homem sentou-se na cadeira de Isabel, à sua mesa. Colocou as mãos, e sabe-se lá o que mais, em seu computador.

– É ele? – pergunta Sanchez. – Deve ser ele. A senhora o reconhece?

Isabel olha para Sanchez, espantada. Ela já não explicou? Não poderia reconhecer o homem porque nunca o viu antes.

Sanchez volta o vídeo até o início, para o momento em que o homem entra no saguão dos elevadores.

– Reggie? – chama Hector, por cima do ombro. – Está vendo o horário?

São 13h22, bem no meio da hora do almoço.

– Estou vendo.

– É possível verificar a varredura do ID no setor norte dos elevadores?

Reggie começa a digitar, faz uma pausa e digita um pouco mais.

– Desculpe. Deve haver um engano – diz Reggie, balançando a cabeça. – Não entendo. Sabe qual é a identificação que ele usou? A de Isabel Reed. – Ele se vira para Isabel. – É a senhora, não é?

Kate não esperava nada daquela operação em particular, nem daquele emprego de modo geral, nem da sua vida como um todo. Ela tem filhos lindos, Jake e Ben, um marido maravilhoso e, sem dúvida, leva uma vida invejável como expatriada em Paris. Não precisava estar ali em Copenhague, na iminência de levar um tiro na cabeça por causa de algo que não tem nada a ver com ela.

Durante um longo período, Kate teve certeza de que havia tomado as decisões corretas sobre o que fazer com sua carreira, sobre como viver sua vida. Essa certeza era um grande conforto, embalando-a para pegar no sono rapidamente todas as noites e a tirava da cama cheia de energia todas as manhãs.

Então, o marido e os filhos introduziram a dúvida, níveis de escrúpulos que aumentavam e diminuíam nos últimos anos. Às vezes, ela se vê profundamente imersa na dúvida, afogando-se nela, incapaz de ver a luz do dia lá em cima; às vezes flutua por cima dela, um nado de costas suave para se manter à tona. Mas a dúvida tem estado sempre lá, sempre ameaçando.

Não seria melhor ter um emprego seguro e confortável num escritório, em vez desse trabalho de campo operacional perigoso? E passar mais tempo em casa? Ficar em casa o tempo todo, talvez?

Não que tenha ficado loucamente satisfeita com aquela vida, durante os dois anos que experimentou a vida de “dona de casa e mãe” em Luxemburgo e em Paris. Sentia-se entediada, ressentida, frustrada. Sem falar na preocupação constante com o futuro, quando as crianças finalmente deixassem o ninho. Para todos os efeitos, após doze anos sem trabalhar, ninguém a contrataria. Pelo menos, não numa atividade que a atraísse. Seria uma pessoa sem carreira, uma daquelas mulheres de meia-idade perdidas que se agarram ao plano B, como professoras numa instituição cultural de terceira categoria ou no ensino de Inglês para estrangeiros.

Por outro lado, ninguém costuma lamentar por ter passado tempo demais com os filhos e não ter se acabado trabalhando. Ninguém em sã consciência, entenda-se. Ela gosta de ver a si mesma como uma pessoa sã.

Além disso, claro, “trabalho” não significa ser assassinado por traficantes turcos em um apartamento dinamarquês. Se é isso mesmo o que esses sujeitos são.

Ela observa enquanto um dos homens avança para dentro da sala. Ele aponta a arma firmemente para a cabeça de Hayden, por cima do ombro do refém que Hayden usa como escudo. Ela desconfia de que esses turcos não têm qualquer interesse em manter Grundtvig vivo, então “refém” talvez não seja bem a definição do garoto holandês que Hayden segura. Ele é apenas um monte de carne para absorver uma bala.

A situação é muito, muito ruim. Exatamente o tipo de cenário que Kate visualiza quando está acordada no meio da noite, longe de sua família, ponderando a questão: o que poderia acontecer de pior?

Isto. Isto é pior.

E essa situação provavelmente não vai melhorar. Cada segundo trabalha contra ela. Kate precisa fazer alguma coisa para mudar o curso dessa ação.

Sem emitir som, ela pronuncia o número cinco para Hayden e ele balança a cabeça minimamente, confirmando que compreendeu a tática. Ele começa outra contagem regressiva em sua cabeça.

Quatro, ele faz com a boca, marcando o ritmo.

O primeiro turco está agora apenas a uns 3 metros de Hayden, e continua avançando.

Três.

Kate inspira profundamente, seus ombros levantando-se com o esforço, afastando um pouco o cano da arma de sua pele, meio centímetro.

Dois.

Hayden pisca no ritmo do segundo final.

Um.

Kate agarra com a mão direita o cano da arma que a ameaça, mudando seu ângulo exatamente quando a explosão ressoa em seu ouvido. Ela lança o cotovelo esquerdo para trás, afundando-o no estômago do turco atrás de si.

Pedaços do teto desabam em cima de sua cabeça, de seus ombros, por causa do estrago causado pela bala. Ela gira nos calcanhares, ainda segurando o cano da arma apontado para o teto com a mão direita. Com a lateral da mão esquerda, golpeia a cara do homem num impulso para cima, mas erra um pouco e o atinge nos lábios. Os dentes dele a cortam, mas ela não se detém, não lhe dá tempo para se recuperar e o golpeia novamente, desta vez na traqueia.

Ele cai.

Ela agarra a arma no mesmo momento em que ouve o outro turco atirar duas vezes. Todos os músculos de seu corpo ficam tensos, preparando-se para ser baleada, para morrer ali, no que, agora ficou claro, foi a decisão errada, a maneira totalmente errada de viver sua vida.

Camilla está parada sob o batente da porta do escritório de Jeff Fielder. A reunião ainda está em andamento, por isso o departamento editorial está completamente deserto. Ela passa os olhos pela mesa do assistente de Fielder, onde há uma pilha atraente de originais, mas não percebe nada de especial a não ser a bolsa de couro do rapaz, que mais parece uma bolsa de mulher. Uma lamentável tendência da moda.

Ela quer dar o fora de Nova York. Chega desses apartamentos minúsculos e mercearias superfaturadas, basta desses afeminados narcisistas, com suas bagagens de mão, e os financistas arrogantes que tratam as mulheres como troféus, basta desse clima de merda.

Então, ela tem que pegar esse avião para Los Angeles para continuar sua missão: tentar vender os direitos de livros ingleses, revistas nacionais, calendários canadenses, qualquer que seja o lixo de que puder lançar mão para arrecadar dinheiro com urgência. Ela não precisa de Brad para lhe dizer que a situação é calamitosa. Dá para sentir o cheiro do desespero, um miasma de apocalipse financeiro iminente.

É certo que ela ruiu rapidamente, mais como Pompeia do que como Roma. Apenas alguns anos antes, ela era a Sra. Midas, tirando do ar ofertas de livros de seis dígitos, sendo consultada sobre tudo, cortejada, seduzida. Por um tempo, pareceu totalmente vingada por não querer fazer parte dos negócios da família, a rede de lojas de calçados do pai, um homem de Manchester que se saiu bem o bastante para comprar uma casa na parte de Pimlico, mandar as filhas para uma escola na Suíça e dirigir uma série interminável e patética de Jaguares.

As vantagens do internato saíram pela culatra quando ela conheceu o primo americano de sua melhor amiga, de férias em Lech para esquiar. Foi amor à primeira vista, bem ao estilo dos 19 anos de idade. Em maio, ignorando as súplicas da mãe, trancou a universidade e arranjou um emprego como *au pair* para uma dessas famílias de banqueiros cujas mulheres e filhos passam o verão em Bridgehampton enquanto os homens saem no fim de semana para ficar de pique e bolinar a empregada.

Em setembro, ficou claro que o romance com o rapaz não tinha futuro. Mas o medonho trabalho de verão levou a um trabalho de recepcionista numa agência literária. Camilla ligou para casa e comunicou que não voltaria para a Inglaterra nem para a Suíça, recusando um único centavo que fosse daquele velho inseguro e beligerante. “Obrigada, vou me virar do meu jeito.” E foi o que fez, por um bom tempo.

Mas, então, aquele grande monstro se levantou e engoliu sua profissão. Primeiro a internet devorou os clubes do livro; em seguida, as revistas; e agora

sua boca se escancara, voraz, pronta para devorar todo o maldito negócio das editoras. Ela não tinha feito nada de errado, a não ser ter insistido. Agora é quase tarde demais.

Camilla dá um passo para dentro do escritório de Fielder, depois outro, puxando sua mala de rodinhas, ajeitando a bolsa em cima.

É engraçado que nos Estados Unidos ninguém nunca lhe perguntou sobre seu diploma universitário. Assim como ninguém a olha com superioridade por causa de sua posição social, porque, pelo que sabem, ela pertence à classe alta.

Camilla encontra o que está procurando: uma grande pilha de papel no meio da mesa, a caneta antiga de Fielder em cima da primeira folha. Ela dá mais um passo. Estica o pescoço, avança até a borda da mesa, e os polegares tocam a pilha para encontrar a folha de rosto de *O acidente*, autor anônimo. O mesmo título que viu antes na mesa de Brad.

Coincidência ou não, é o mesmo manuscrito de que Camilla ouviu falar a respeito ontem à noite, na festa, daquela assistente empolgada da Atlantic Talent Management. A menina estava visivelmente bêbada, tagarelando sobre algo que não deveria ter mencionado. Ela ligou para Camilla hoje de manhã, desmentindo a conversa que tiveram. Língua solta, desculpas. Deveria ter pensado melhor antes de falar.

– Claro, meu bem – disse Camilla à moça. – Não vou comentar nada.

Ela olha por cima do ombro, para o corredor silencioso além da porta, ouve um telefone tocando.

– Ah, foda-se – murmura.

Se há uma coisa que aprendeu em uma década no ramo editorial, é que este é o tipo de livro que sempre parece dar certo: aquela coisa sobre a qual um dia, de repente, todo mundo está falando. *O acidente* vai ser aquela coisa. Já é.

Camilla pega depressa o manuscrito e leva-o ao fundo do corredor, até a quina onde fica a copiadora. Uma moça está em pé junto à máquina, conferindo páginas enquanto fala ao celular.

– Olá – diz Camilla. Ela não sabe o nome da moça. – Preciso disso aqui.

A menina faz cara feia, mas acha melhor não brigar com uma gerente, então pega seus papéis e se afasta mal-humorada. Camilla alimenta a máquina com sua pilha, lendo alguns parágrafos enquanto a copiadora engole e cospe cinquenta páginas de cada vez.

Ainda não há ninguém no escritório de Jeff quando ela retorna, cinco minutos depois. Camilla deixa o manuscrito onde encontrou e sai para o corredor, depois para. Volta para perto da mesa, tentando se lembrar. A cadeira... a caneca...? Não, é a velha caneta, que ela esqueceu perto do mousepad, e não em cima do manuscrito. Estende a mão para a caneta, mas é interrompida pelo toque do seu celular.

– Alô, Camilla Glyndon-Browning.

– Olá, aqui é Jessica, do escritório de Stan Balzer, confirmando seu compromisso com ele às quatro e meia esta tarde.

– Está confirmado, estarei aí.

– Estou vendo que não há itens na agenda. Gostaria de acrescentar algum?

Camilla olha para o manuscrito. Na verdade, esta viagem a Los Angeles vai servir a um propósito muito mais importante do que a venda de direitos: um novo emprego. Sempre terá um fraco por Bradford. Durante um mês, chegou a ficar apaixonada por ele. Mais ou menos. Mas não vai afundar junto com o navio dele. Sabe que a lealdade é uma virtude, mas o que pode fazer?

Vai voar para a Califórnia a fim de encontrar uma nova carreira. Sempre quis experimentar o cinema, e agora é a hora. Mas não pode simplesmente pousar em Los Angeles. Precisa de um paraquedas.

– Sim – responde Camilla –, um produto brilhante chamado *O acidente*.

Por uma fração de segundo, que parece durar uma eternidade, tudo fica imóvel. O som desaparece.

Então, Hayden sente o corpo de Grundtvig relaxando, começando a se precipitar para a frente, alvejado em algum lugar no tórax. Hayden empurra o sujeito pelas costas, fazendo seu corpo desabar para a frente na direção do braço estendido do turco, e derruba a arma dele. O intruso armado agora está pagando o preço por ser um amador que avançou demais. Foi muito descuidado.

Hayden dá uma rápida passada com a perna direita a fim de alcançar a distância correta para projetar sua perna esquerda, um chute forte que acerta a mão com a arma, que sai voando, bate contra a parede e cai fazendo barulho no piso de cerâmica, enquanto Hayden esmurra o homem atordoado, uma, duas, três vezes no queixo e no nariz; Ele cambaleia para trás, cai estatelado, e Hayden o chuta novamente no rosto, deixando-o inconsciente.

E então tudo fica em silêncio, exceto pelo som de sua própria respiração ofegante.

– Você está bem? – pergunta Hayden para Kate. Sua pulsação lateja em sua cabeça.

– Estou – responde ela, um som abafado, como se estivesse debaixo d’água. – E você?

Hayden assente. Agacha-se para verificar se Grundtvig tem pulso. Não tem.

– Devemos matá-los? – pergunta Kate, ofegante também por causa do rápido gasto de energia, do aumento da frequência cardíaca, dos níveis de adrenalina.

Hayden olha os homens caídos. Não quer que eles morram. Esse tipo de morte é notificado, investigado, e ele precisaria mentir a respeito. “Não, não foi gente minha, não sei nada disso.” Está em Copenhague sob um pretexto bem frágil, de modo que, na melhor das hipóteses, a coisa toda seria questionável.

A partir de agora, o cenário não é complicado: um garoto da cidade, usuário de drogas, foi baleado. Não é um caso internacional, não é uma questão diplomática, não tem nada a ver com a CIA. Mas se acrescentarmos uma dupla de imigrantes turcos com ligações criminosas e três corpos num tiroteio com nenhum motivo aparente, as pessoas vão começar a fazer perguntas. Perguntas a que Hayden não seria capaz de responder.

Ele balança a cabeça, depois olha ao redor da sala. Dá dois passos largos até a mesa e puxa um fio elétrico de um monitor e uma tomada, joga os 2 metros de fio revestido para Kate, que rapidamente amarra as mãos de um homem inconsciente enquanto Hayden faz o mesmo com o outro. Não há nada a ser feito com relação ao morto.

– Agora precisamos de um saco – diz ele, tateando para desconectar uma

unidade externa, depois desliga o cabo de alimentação de um notebook e desengata uma *hardline* conectada a uma tomada de telecomunicações.

Ouve Kate remexer lá dentro. Ela chega com uma grande ecobag – de cores brilhantes, um slogan para salvação do planeta – exatamente quando ele havia acabado de recolher uma pilha de CDs. Coloca-os no fundo da sacola resistente. Ele examina a mesa, as prateleiras, em busca de outras mídias de armazenamento de dados. Pega um pen-drive e joga dentro da sacola.

– Ok – diz, seguindo rapidamente para a porta da frente, com Kate vindo atrás. Passaram-se poucos minutos desde que os tiros foram disparados. – Vamos embora.

Desce as escadas de dois em dois degraus, a adrenalina percorrendo seu corpo, tenso e rápido, rumo ao vestibulo.

– Há uma porta dos fundos. – Ele repara, olhando para uma porta corta-fogo num canto do vestibulo malcuidado. Entrega o saco a Kate. – Você vai por ali e começa a examinar o material digital o mais rápido possível. Existe algum lugar onde possa parar?

– Eu encontro. Mas por que não posso ir para o apartamento? – O apartamento da Agência, do outro lado da cidade, é o que quer dizer.

– Você precisa sair de Copenhague – diz ele. Ela parece confusa, com razão. De que adianta ter uma casa segura, se não é usada? – Encontre um lugar no campo, um motel – continua ele, não lhe dando tempo para interrogá-lo. – Examine o hardware. Me ligue assim que descobrir alguma coisa.

– E para onde você vai?

– Nova York. Agora vá, Kate.

Hayden aperta seu ombro. Ela se vira e sai pelos fundos. Ele sai pela porta da frente para a calçada, de volta a outro mundo.

Olha ao redor. Ninguém aqui grita, corre ou aponta para ele, é apenas mais um homem de paletó e gravata, andando numa rua movimentada da cidade, subindo numa bicicleta, pedalando, dobrando uma esquina e atravessando uma ponte, jogando algo por sobre a borda, algo que rompe a superfície do Peblinge Sø, provoca um pequeno ruído na água e forma círculos concêntricos de ondas enquanto a arma afunda e se acomoda na lama no fundo do lago. Não é algo que queira levar com ele.

E, em seguida, ouve pela escuta: “Estou no carro.”

Imagina Kate viajando pela autoestrada urbana ao lado dos trilhos do trem, as construções baixas das fábricas de tijolos vermelhos, os fios de energia elétrica, o matagal coberto de lixo que margeia as linhas ferroviárias em todos os lugares. Imagina-a seguindo para oeste, passando pela Zelândia em direção à ponte Great Belt, e mais adiante para a Funen Island varrida pelos ventos, depois a região continental escassamente povoada da Dinamarca, onde vai encontrar um quarto, tirar o computador da mala do carro e começar a peneirar os rastros digitais de

Grundtvig.

Amanhã de manhã, vai sair do hotel e pagar em dinheiro. Vai se dirigir para o norte da Alemanha, passar por Hamburgo e Bremen, uma rota paralela à costa do Mar do Norte, então atravessará a Bélgica para, finalmente, chegar à França.

Não há guardas em nenhuma das fronteiras dentro da União Europeia; não há, de fato, nenhuma fronteira.

Amanhã à noite ela estará em casa com a família, depois de um longo mês na estrada e no apartamento de Copenhague, que agora não tem utilidade nem nunca terá novamente. O aluguel foi 9 mil euros, pagos por uma conta corrente ligada a uma conta numerada na Suíça. A mesma que paga a Kate seus 2 mil por semana durante o ano todo, além de salários e despesas para o resto do pessoal e, claro, suprimentos como armas, computadores e software, e modestas taxas horárias para os engenheiros de computação em Heidelberg, bem como eletricitistas e consultores de telecomunicações. Sem falar de bicicletas, sanduíches e ingressos para museus...

A operação incorre numa série de despesas. Por outro lado, como Hayden esperava quando abriu a conta, mais de 20 milhões de euros de capital também geram um saudável fluxo de receita, mesmo quando investidos de forma conservadora.

– Estou na estrada – informa Kate em seu ouvido.

Hayden é a única pessoa no mundo que sabe como ter acesso a esse dinheiro. Na verdade, ele é a única pessoa que sabe que esse dinheiro existe. Kate acha que sabe, mas o que ela pensa é que o dinheiro está numa conta secundária ao fundo operacional europeu geral da Agência. E isso não é exatamente a verdade.

– Bom – diz Hayden. – Cuide-se, Kate.



De volta a Amalienborg, Hayden não pega quase nada, coloca apenas algumas coisas numa pequena mochila de lona. Deixa a maioria das roupas na cômoda e dos produtos de higiene pessoal no banheiro; todos os seus livros na mesa baixa, e sua mala grande no armário. Tira a gravata, pendura-a numa maçaneta; não precisará dela. Pega seu passaporte, um maço de dinheiro e um telefone via satélite, guarda tudo na mochila.

Hayden senta-se na cadeira de madeira, inesperadamente confortável, perto da porta da frente. Tira o sapato do pé direito, vira-o de cabeça para baixo. Segura com firmeza o calcanhar resistente de couro e borracha, puxa-o da sola e o torce. O calcanhar gira e se abre, revelando um compartimento, no qual ele coloca uma pequena chave de prata e um minúsculo pen-drive.

Esquadrinha rapidamente a sala. Recolherá o restante dos pertences quando retornar, espera que seja em poucos dias. E, se nunca mais voltar, certamente

não vai parecer intencional.

No caminho para a porta, Hayden passa a mão em sua cartilha de islandês, que enfia no fundo da lata de lixo do vizinho, debaixo de um grande saco úmido que cheira um pouco a peixe podre.

Isabel massageia o osso do nariz com os cotovelos apoiados na mesa e os olhos fechados. Respira fundo e solta o ar. Respire fundo, expire. Tentando rebater o cansaço, a tensão, o medo.

Se Isabel fizer isso por muito tempo, vai cair no sono. O que pode não ser tão ruim assim; ela está exausta.

Mas não, não pode tirar um cochilo ali. Então abre os olhos para a mesa quase vazia, os poucos objetos dispostos em ordem rigorosa. Isabel não tolera nada fora do lugar. É uma das coisas que dificultavam a vida com seu ex-marido: ele era um desmazelado impenitente. Depois de tantos anos vivendo sozinha, mantém um controle total e compulsivo de seu ambiente.

A visão de Isabel está embaçada por causa da pressão da massagem, e o mundo aos poucos volta ao foco, como quando se retira o papel de seda dobrado sob o papel de embrulho de um presente. Com um sobressalto, percebe que a assistente da chefe está em pé à porta. A pobre moça já está ali há algum tempo, esperando pacientemente, dócil demais para o trabalho que faz. Angela vai ser despedida em breve. Meg costuma despedir suas assistentes, é um procedimento operacional padrão.

– Isabel, oi – diz Angela baixinho. – Meg perguntou se você pode ir à sala dela um minuto...

Isso não pode ser bom; nunca é. Isabel se levanta, alisa a saia. Olha para a cadeira vazia de Alexis no cubículo, mesa e armários cobertos de originais, contratos, relatórios e coisas a serem arquivadas, as pilhas que assombram quem trabalha em editora. Às vezes, a única maneira de escapar daquela loucura é saindo, pedindo demissão, escondendo sua pilha em algum lugar – no almoxarifado, no estoque – até estar em segurança fora do prédio, ter recolhido seu último salário e poder deixar uma mensagem para sua substituta.

Isabel para no cubículo ao lado, o de Ryan, que cobre Alexis hoje. Todos os assistentes têm amigos para cobri-los, como companheiros de jardim de infância, de mãos dadas para se certificarem de que ninguém vai se perder. Assim, não há desperdício de dinheiro, nenhuma ligação não atendida, porque um jovem de 24 anos sucumbiu a um resfriado. Os assistentes respondem todas as chamadas, das oito às seis, nunca tirando os fones de ouvido. Ryan está atendendo a linha de Isabel hoje.

– Indo ver Meg – diz para ele.

Ele pisca mostrando que ouviu; está atendendo uma ligação.

É muito ruim não poder contar com Alexis hoje. A moça acabou se tornando uma das assistentes mais espertas e capazes dela. Isabel teve uma dúzia de assistentes, a maioria mulheres, mas também alguns homens, quase todos de

famílias de classe média alta, residentes em bairros ricos, em seu segundo ou terceiro emprego depois de se formarem em faculdades de alto nível com graduação em estudos humanísticos, como Literatura e História. Muito trabalhadores e sem dinheiro, mas não exatamente pobres, jantando arroz com feijão por 4 dólares, mas também acompanhando os pais em férias de mil dólares a diária, e nunca se preocupando com problemas de saúde.

Isabel vê um pouco de si mesma em cada jovem que contrata, os olhos arregalados e ansiosos, seduzidos pelo aspecto glamouroso e ainda não desencantados pelo cotidiano, pelo crasso, pelo feio.

Apesar de sua homogeneidade superficial, cada um desses assistentes tem sido notavelmente diferente, com resultados diferentes. Alguns duraram apenas alguns meses, e um casal fugiu depois de um ano para a segurança da faculdade de Direito e a faculdade de Economia. Alguns deles permaneceram na mídia, em editoras e agências literárias, mas um foi para um site de notícias, o outro para uma empresa de *branding* e um terceiro para um estúdio de Hollywood. Um deles é editor sênior de uma grande editora, assíduo na lista de originais de Isabel, capaz de fazer ofertas de meio milhão de dólares, firmemente instalado numa indústria insular onde você nunca deixa de cruzar com seus antigos patrões nem com seus antigos assistentes.

Alexis será provavelmente uma dessas pessoas. Ela tem a paixão e a ética do trabalho, tem um bom olhar crítico, reconhece a diferença entre boa escrita e livro viável e, talvez o mais importante, compreende a natureza comercial do empreendimento.

O segmento das editoras é um negócio e os livros são publicados para o público comprá-los em livrarias, que comprem unidades dos distribuidores, que encomendam caixas de livros de editoras, que adquirem títulos de agências literárias, que assinam contratos com autores, o dinheiro mudando de mãos a cada transação.

Isabel segue Angela pelo corredor acarpetado, contornam um ângulo e estão na grande antessala da chefe, onde ela abandona sua jovem acompanhante em meio a sofás, mesas de café e suportes que exibem os recentes livros mais vendidos da editora dispostos estrategicamente. Meg contratou um daqueles especialistas em arrumar ambientes que decoram elegantes – mas não elegantes o suficiente – apartamentos à venda, reorganizando móveis e obras de arte.

Courtney, com seu ar presunçoso, emerge das portas duplas pintadas de dourado de Meg, seu cabelo louro cortado em camadas balançando. O cabelo de Isabel costumava fazer isso; ela costumava penteá-lo de tal modo que balançasse; também costumava andar de um jeito que o fazia balançar. Mas acha que não pode mais fazer isso. Ou, melhor, acha que não deve. Há algo suspeito em mulheres de 40 e poucos anos com cabelo que balança, algo que talvez inspire pena. Isabel não precisa se esforçar para encontrar novas maneiras

de inspirar pena.

Mas nada disso é considerado por Courtney e seu penteado que parece uma homenagem ao seriado *As Panteras*. Suas curvas, todo o seu comportamento voltado para o flerte, um coquetel para escritores socialmente desajeitados, rapazes com peles ruins e roupas mal-ajustadas. Isabel já viu Courtney em ação, excitando esses homens com o toque brincalhão e o riso exagerado, o jogar do cabelo cronometrado e o modesto tapinha no peito. Eles veem de que se trata, sabem que ela está brincando com eles, seduzindo-os, mas ainda assim são incapazes de resistir; todos vão voltar para casa e se masturbar fantasiando com ela. E, quando terminarem seus originais, Courtney, com seus seios pendentes e cabelo esfiapado, vai estar no alto de suas listas.

As duas mulheres trocam sorrisos que não exibem os dentes. Isabel imagina que Courtney tenha um medo constante de que alguém desarrume seu cabelo, o que Isabel se controla para não fazer. Como se lesse o pensamento da outra, Courtney dá um piparote no cabelo e depois se afasta, balançando, balançando.

Agora é Isabel quem está de pé à porta de alguém, à espera que um superior perceba sua presença e largue o aparelho que tem no colo. Isabel espera alguns segundos, que depois se transformam em meio minuto. Ela pigarreja.

A presidente da divisão literária da Atlantic Talent Management levanta um dedo, pedindo “Só um segundo”, mas não ergue os olhos de imediato a fim de perceber quem está esperando. Então o faz.

– Obrigada por vir. Sente-se.

Isabel murmura um agradecimento. Ela senta na borda de uma cadeira, mas não se acomoda, dando a entender que está ocupada, sem tempo para um bate-papo descontraído. Olha o interior espaçoso do santuário, as paredes decoradas com arte contemporânea ultrachocante, nus em preto e branco, pinturas abstratas de cores berrantes e uma lona preta gigantesca coberta de obscenidades rabiscadas.

Meg tem uma expressão zangada, é assustadoramente magra, com uma reputação conquistada com persistência de jogar bombas em reuniões, de não ter nenhum pudor quanto à vulgaridade de sua linguagem ou quanto à falta de limites em expor sua privacidade. Uma vez, Isabel ouviu Meg se vangloriar numa sala de reuniões cheia de gente sobre a capacidade de reação de seus órgãos sexuais – e de ter um guarda-roupa transbordando de marcas: os óculos de 600 dólares, a bolsa de 2 mil, o previsível relógio modelo Tank e as inconfundíveis solas vermelhas de seus indóceis sapatos de salto alto.

– Desculpe, deixe-me terminar este e-mail que já falo com você, obrigada pela sua paciência.

Metade da cidade parece fazer as pessoas esperarem enquanto se comunicam no smartphone, no tablet ou no telefone fixo, em qualquer coisa, enviando mensagens diferentes em direções diferentes, incluindo a simples

comunicação milenar de fazer alguém esperar apenas por uma questão de fazer alguém esperar.

– Isabel, oi – diz Meg finalmente, afixando um largo sorriso no rosto, colocando o aparelho na mesa à sua frente. Dando atenção, embora não exclusiva.

– Bom dia.

Isabel tenta dar seu próprio sorriso, mas sabe que o dela também é e parece falso. Não está tentando esconder a falsidade.

– Então, Isabel. Com quem você tem almoçado ultimamente? – Talvez a pergunta mais ofensiva no mundo dos livros, quando vem de seu chefe. – Ou tomado o café da manhã?

– Ninguém em particular.

Meg olha para Isabel, sobrancelhas levantadas, tentando intimidá-la e forçá-la a dizer mais. Dizer algo. Mas Isabel não diz.

– Ceeerto – diz Meg, arrastando a voz, uma adolescente de 45 anos de idade, detestável. – Mas então... como você está, Isabel?

Isabel já ouviu Meg perguntar isso antes. Não é uma pergunta tradicional, que requer uma resposta. Serve para limpar a garganta. É um prelúdio para uma crítica ou um ataque. Não que Meg não se importe com nada. É que se importar não é parte importante dela.

– Eu estou bem. E você, Meg?

Meg sorri, sabendo que sua falsidade acaba de ser retribuída.

– Nada mal. Obrigada por perguntar.

– Hummm.

As duas mulheres se entreolham por alguns segundos.

– Há quanto tempo nós nos conhecemos, uma à outra, Isabel?

– “Uma à outra” – sussurra Isabel para si mesma. Principalmente para si mesma.

– Como disse?

– Vinte anos. Mais ou menos.

Quase todas as noites dessas duas décadas, Isabel passou lendo. Leu ficção experimental, não ficção narrativa, memórias, biografias, romances de gênero. Leu até cair de sono e teve que acordar e ler um pouco mais. Conseguiu manter-se idealista por muito mais tempo do que a maioria dos concorrentes.

– Qual foi mesmo aquele seu primeiro grande contrato? – pergunta Meg. – Belinda Coleman?

– Brenda.

Aquele havia sido o primeiro milhão de dólares de Isabel, num leilão.

– E eu convidei você para um drinque – continua Meg, ignorando a correção. Meg costuma passar por cima de seus próprios erros sem se deter. São os erros das outras pessoas que a fazem parar no mesmo instante. – No Four Seasons, não

foi? E eu disse que poderíamos lhe oferecer um emprego no dia seguinte. – Meg balança a cabeça, ainda impressionada com sua própria capacidade de se impressionar depois de todos esses anos. – Você se arrependeu? De ter vindo para cá?

– Não – diz Isabel –, não me arrependo.

Estava cansada de ser pobre, cansada de ser obscura, cansada de ser idealista. Então saiu do escritório de fundo de quintal no estúdio desmazelado do sul de Manhattan para a empresa multinacional no fantástico arranha-céu do centro. Aceitou o fantástico salário e levou Brenda Coleman com ela.

Um ano depois, Isabel mal tinha tempo para ler, vendia a maioria dos projetos com base em pareceres de uma página escorados em orçamentos de marketing carregados de jargões, contratando novos clientes depois de reuniões de concursos de beleza discretamente planejadas, pondo em contato celebridades já ricas com corporações internacionais que poderiam torná-las mais ricas ainda. Ela própria recebia um alto salário e polpudos bônus de fim de ano.

– E então o que aconteceu, Isabel? – Meg parece séria e seu tom é sério.

Não é uma resposta muito complicada. Primeiro, ela se casou, depois ficou grávida. O marido começou a ganhar um monte de dinheiro e eles se tornaram mais um casal de Manhattan arrebatado pela onda crescente e irracional de fusões e aquisições e a insustentável valorização imobiliária. E depois ela se tornou mãe, a caminho de ser uma dessas mulheres com uma carreira contingente, mas lucrativa, chegando ao trabalho em horários irregulares e tirando muito tempo de férias, com empenho questionável e ambição declinante, um impulso que cada vez mais a afastava das coisas – das pessoas – que queria ter.

Estava se transformando numa mulher que deixava quase todas as outras ressentidas porque a vida dela era perfeita. Até que deixou de ser. A perfeição sempre foi efêmera.

Quando conseguiu voltar a trabalhar, tomou a firme decisão de ajustar suas prioridades. Dar mais atenção a uma lista de clientes muito menor, segurando as mãos deles, sendo tudo para eles. Tentar ser uma boa mãe para todos os seus escritores a fim de compensar o momento em que tinha sido uma péssima mãe para seu filho de carne e osso.

Entretanto, a nova estratégia não se encaixava com o perfil da editora: assinar contratos com o máximo de clientes e fazer o máximo de ofertas possíveis antes de as chamadas marcas se tornarem maduras. O que é velho pode cair, e ser substituído pelo mais jovem, o talento mais quente com seus melhores anos pela frente, não para trás.

Houve um longo período em que todos respeitavam Isabel. A princípio, por seu trabalho árduo e bom gosto, depois por sua rentabilidade. Em seguida, houve o período em que todo mundo sentiu pena dela; quando ela própria tinha pena de

si mesma. Um período que dura até hoje.

Isabel sabe que ainda carrega o cheiro embaraçoso do sofrimento, a pontada de tragédia. Pouquíssimas pessoas sabem exatamente o que aconteceu – Isabel não fala sobre os detalhes horripilantes, nunca o fez –, mas a ideia geral dos fatos bastou para comover as pessoas.

Já chega. Ela quer, ela precisa, reconquistar o respeito alheio. Espera conseguir tendo seu próprio escritório. Mas não deve simplesmente sair porta afora. Isso seria visto como fracasso, ou algo parecido com fracasso. Ela precisa deixar a agência triunfante, com um grande cliente novo.

– Você sabe o que aconteceu comigo, Meg.

– Não me refiro ao que aconteceu com você. Estou falando da sua carreira.

– São coisas diferentes?

– Ouça. – Meg muda o ângulo da cabeça, projetando o queixo para a frente, dando um novo nível de confronto à conversa. – Você sabe, os resultados financeiros do ano sempre chegam aqui em cima... E, com as férias de verão, a gente pisca e, quando se dá conta, chegou setembro e estamos calculando.

Quando Meg foi elevada à posição de presidente uns dois anos antes, as duas acharam graça, concordando que um dia poderia ser desconfortável uma velha amiga ser chefe da outra. Contudo, naquele mundo tão restrito, é comum as pessoas se verem trabalhando para os amigos.

– Então, eu só queria que você ficasse, hum, consciente de que... que seus números até agora não têm sido... – Elas nunca imaginaram que seria tão horrível, tão pouco tempo depois. – A menos que as coisas mudem significativamente dentro de um mês ou dois...

Isabel cruza os braços sobre o peito. Nos últimos tempos, percebeu que jamais gostara de Meg.

– Sabe, Isabel, você sempre terá seu trabalho, certo? Quero dizer, desde que eu esteja no comando?

Isso não é verdade, Isabel percebe de repente. Ela nunca teve esse tipo de conversa antes, mas reconhece: aviso prévio de que vai ser demitida. Uma suave pré-demissão.

– Mas acho que você não deve contar com um bônus este ano. Na verdade, Isabel, tenho medo de precisarmos considerar um redimensionamento, uma redução.

– Uma redução?

Meg responde com um sorrisinho, então se recosta e se afasta da funcionária, da conversa, do confronto.

Isabel se levanta.

– É só, Meg?

– Não assumiu nenhum compromisso novo?

– Não.

– Não? Tem certeza?

Isabel dá de ombros. Ela não quer mentir, mas sem dúvida não vai dizer a verdade. O que quer é dar o fora daquela sala. Daquela edificação. De certa forma, já esperava por isso, há algum tempo. Há empresas no ramo dos livros onde os profissionais de meia-idade bem respeitados podem continuar trabalhando por anos a fio, até mesmo décadas, com produção inferior à média. Não muitas, porém mais do que zero. A Atlantic Talent Management nunca foi uma delas. Aqui, você só é tão bom quanto seu último ano. O ano anterior de Isabel não foi bom e o atual não vai ser melhor.

– Nada com Jeff Fielder hoje de manhã?

Claro, foi Courtney, que estava na *brasserie* esta manhã, quem contou a Meg, pouco antes de Isabel entrar na sala. Aquela peruazinha dissimulada, delatora.

– Não.

Meg sabe que Isabel está mentindo e sabe o porquê.

– Mais alguma coisa, Meg?

O acidente é seu bilhete de saída. E hoje é, aparentemente, o dia em que ela vai embora.

– Não brinque comigo, Isabel. – Meg olha para ela com ar ameaçador. – Você vai se arrepender.



O coração de Isabel está em disparada quando ela insere o pen-drive no computador. Começa a copiar arquivos importantes: contatos, alguns contratos recentes, alguns originais, todos guardados numa pasta intitulada “Docs Mais Importantes”, que ela criou exatamente para essa eventualidade.

Sua cópia de *O acidente* já está na bolsa. Ela pega a pequena moldura de prata com a foto do menino e a põe também dentro da bolsa, juntamente com o pequenino dispositivo de armazenamento digital. Lança um olhar rápido em torno, depois dá de ombros mentalmente e sai de seu escritório, para sempre.

Anda depressa até o corredor. Na curva, escuta Meg, provavelmente ao celular, rindo alto – um ruído nasal feio – e depois dizer: “Claro, Saint. Barths simplesmente não vale a pena se você vai num voo comercial.”

Isabel olha para a esquerda e depois para a direita, paralisada, sem saber para que lado fugir, mas seu tempo se esgota...

– Isabel – diz Meg, tapando com o dedo o bocal do telefone. – Aonde você vai?

– Almoçar.

– Às onze e meia?

– Vou almoçar mais cedo. Com licença.

Isabel esbarra em sua chefe ao passar. Ex-chefe. Dez passos adiante, ouve Meg dizer: “Chame a segurança.”

E Isabel já está correndo, descendo as escadas, atravessando a recepção às pressas.

Apertando, apertando, apertando o botão do elevador. Quando as portas estão se fechando, outro elevador chega e dois seguranças correm para as portas da Atlantic Talent Management.

No meio do caminho para o térreo, Isabel reconsidera seu rumo e pressiona B. Entra no misterioso porão de alvenaria. Passa pelo escritório da segurança, envereda pelo corredor. Passa por um funcionário da manutenção, puxando um carrinho por uma porta. Ele olha para ela com ar desconfiado.

– Posso ajudá-la, senhora?

– Não, obrigada! – responde ela, tentando parecer alegre. Provavelmente parecendo em pânico. Dobra outra esquina. Agora, ouve homens conversando atrás de si.

– Para onde ela foi?

– Por ali!

As vozes deles ecoam nas superfícies duras, frias. Passos apressados já estão atrás dela, aproximando-se.

Ela se põe a correr.

Um sinal de saída vermelho acena no final do corredor. Ela empurra uma porta corta-fogo e sai para uma seção de carga e descarga, uma baía vazia, uma rajada de ar quente e cheiro de diesel. Desce uns degraus de concreto com um corrimão quebrado onde prende a manga de seu paletó, o que a puxa para um lado, rasgando o tecido com um barulho alto.

– Merda!

Libera a manga do corrimão, seguindo apressada pela passagem estreita. Agora está na calçada, numa rua movimentada do centro de Manhattan quase ao meio-dia, apenas mais um rosto na multidão. Sai andando atrás de um trio de homens de terno azul, juntando-se ao fluxo de pedestres que seguem na direção oeste pelo lado de fora da calçada, de frente para os que vão para leste no lado interno. Aqueles são o inimigo, andando na direção oposta à dela; estes são seus aliados, andando para oeste com ela. É algo anônimo, arbitrário. Assim como qualquer grupo, qualquer conflito. Você nasceu lá, eu nasci aqui; você acredita neste Deus, eu acredito naquele. Você quer me matar e eu não quero morrer.



Isabel não sabe para onde ir. Perambula em meio à massa humana da hora do almoço iminente num dia de semana ensolarado de verão, caminhando entre centenas, milhares, dezenas de milhares de pessoas.

Não sabe o que fazer.

Está desempregada pela primeira vez desde o curso secundário. Sim. Ela não ficava sem emprego havia mais de 25 anos.

E provavelmente corre perigo físico. Verifica duas vezes a bolsa onde está o manuscrito. Será que alguém mais em Nova York – no mundo inteiro? – traz uma coisa tão perigosa pendurada no ombro? Apenas, talvez, alguém que carregue uma arma nuclear tática, um pequeno dispositivo de um megaton em uma maleta rígida, parado na movimentada estação de King's Cross, ou sentado no saguão do Pera Palace Hotel em Istambul, ou encarapitado no banco duro de um metrô parado entre estações debaixo de Tóquio.

Ou talvez vagueando aqui na confusão da Times Square, no centro de Nova York, pessoas e carros circulando acima do ronco do metrô, sob as luzes de néon, estúdios de televisão e arranha-céus.

Ela não sabe a quem recorrer, se é que existe alguém. Poderia confiar em Jeffrey?

Isabel pega o celular e encara sua tela absurdamente pequena, tão diferente das atuais, do tamanho de cartazes de rua, dos ônibus, transmitindo aproximações diluídas de notícias genuínas.

Começa a digitar um e-mail com os polegares, uma mensagem curta, apenas duas palavras. Outra pergunta para o autor anônimo. Não pode garantir, mas tem certeza de que sabe quem é o destinatário. Mesmo que antes tenha tido a impressão de que essa pessoa estava morta.

Depois de uma série de reuniões feitas às pressas para decidir sua sucessão no decorrer de alguns dias agitados, cansativos, o autor deixou o escritório, em meio a lágrimas, abraços, apertos de mão firmes, mas aceitáveis, de pessoas que apertam um monte de mãos profissionalmente.

Retirou-se para sua casa em Georgetown, para o quarto no andar de cima que usava como escritório. Enviou e-mails, telefonou para médicos, obteve informações, tomou as providências que tinha sido aconselhado a tomar.

Ele e sua ex-mulher nunca tinham se dado ao trabalho de redigir testamentos até ela ficar grávida. Mesmo assim, continuaram a adiar a decisão até o último minuto. Portanto, foi só quando ela já estava com 36 semanas que eles se sentaram para fazê-lo naquela genérica sala de reuniões no centro, lado leste da cidade, de mesa de cerejeira e sem janelas, para discutir com a advogada todas as combinações concebíveis de mortes e incapacitações, com suas implicações para o fiduciário e a custódia física de seu filho, ainda não nascido e sem nome. Preparando-se para todas as versões do horror, exceto a que de fato ocorreu.

Agora, ligou para a mesma advogada em Nova York e a fez mudar alguns detalhes. Levou a papelada revisada para um escritório local com um tabelião e seu pequeno carimbo importante.

Havia um monte de preparativos a fazer, opções cirúrgicas a considerar, médicos a consultar. Havia os segredos densamente tramados que Charlie Wolfe e ele tinham compartilhado por duas décadas, e a parte que ele vinha guardando para si mesmo. Havia também a nova possibilidade de Charlie realmente querer vê-lo morto. Talvez até tomar medidas para causar sua morte. Então, havia sua segurança a considerar.

Quando terminou, esforçou-se para esconder o que fizera. Destruiu documentos. Destruiu arquivos. Limpou o histórico do navegador. Entretanto, apesar de ter sido por muito tempo o chefe do dia a dia daquilo que era de certa forma uma empresa de tecnologia, todos sabiam que ele não era nenhum grande entendido no assunto. Não era o tipo de sujeito que cuidaria de sua privacidade digital como se fosse um perito.

Enquanto ele segue por uma estrada secundária acima de Zurique, seu celular toca, um e-mail está entrando, outra mensagem recebida, e não há maneira prática de rastreá-la. Ele não vai responder. A remetente receberá mais uma daquelas mensagens de resposta automática. Mantendo-a desprevenida, fazendo com que pense que não pode encontrá-lo. Um pouco de indisponibilidade é sempre bom para ajudar a controlar a conversa. Vai deixá-la maluca.

Olha para a telinha: “É você?”

Quando todos os seus arranjos – financeiros, logísticos e psicológicos – tinham terminado, ele foi de carro para o campo de aviação nos subúrbios de Maryland. Subiu no pequeno Piper que comprara de segunda mão assim que recebera seu brevê, quando começou a ter uma renda descartável, já prevendo uma época em que essas quantias de dinheiro seriam indefensáveis, impossíveis de gastar. Esse período chegou rapidamente, a arrogância que acompanha a riqueza.

Com o primeiro grande cheque, veio-lhe uma súbita vontade de aprender a voar. Sua mulher se recusava categoricamente a entrar em qualquer avião pilotado por ele, mas muitas outras pessoas em Nova York estavam dispostas a lhe fazer companhia em passeios pelo Vale do Hudson, sobre as montanhas de Catskill ou até o Vineyard.

O voo dos arredores de Washington até a área rural da Eastern Shore foi curto e tranquilo, o pouso sem novidades, o táxi para a casa de praia em Delaware, exorbitante. Ele passou alguns dias em reclusão. Ficava horas na praia sob a friagem de dezembro olhando o Atlântico. No máximo era visto pelos vizinhos: um casal de idosos que saía com seu poodle ao entardecer, a corretora de imóveis loura platinada de peitos siliconados que se exercitava segurando pequenos e delicados halteres cor-de-rosa.

No armazém local, diante da seção de laticínios, num corredor dos fundos, ele desatou a chorar. O que foi presenciado por uma porção de gente, inclusive a mexeriqueira, que ele tinha certeza de que estaria mais do que disposta a compartilhar suas teorias com a polícia nos próximos dias.

Escreveu uma carta emocionada e um tanto desconexa dirigida a “Todos” e um bilhete muito curto para sua ex-mulher, pedindo desculpas “por tudo”. Deixou ambos em cima da mesa de jantar, debaixo de uma concha.

Registrou um voo de passeio de manhã cedo e partiu, passando pelo sul de Delaware, seguindo o litoral de Maryland, para as ilhas-barreira e pântanos desabitados que separam a Eastern Shore da Virgínia do Oceano Atlântico, vastas extensões ermas do litoral, despovoadas e não monitoradas.

Era uma bela manhã para voar.

Em algum ponto daquela região intensamente alagada, o Piper caiu. Nada na caixa-preta revelara qualquer problema com o tempo, turbulência, transtorno com piloto ou falha da aeronave; nada no exame pericial indicara qualquer avaria mecânica. Tanto quanto se poderia presumir, o acidente deveria ter sido intencional.

O avião se partiu com o impacto, ficou totalmente destruído. O corpo, é claro, nunca foi encontrado.

O acidente Página 134

Dave virou a cabeça para tentar enxergar a placa da rua que tinha acabado de passar. Não sabia para onde estava indo. O velho conversível prateado era o carro de Charlie, um brinquedo dado a uma criança mimada por uma mãe indulgente. Dave não tinha carro próprio, e não havia dirigido muito em Ithaca, muito menos naquela área que margeava o lago.

No banco traseiro, tanto a cabeça da menina quanto a de Charlie pendiam para trás, talvez ambos estivessem desmaiados. Ou talvez dormindo. Ou apenas olhando para o céu, deixando o vento passar em seus rostos quentes na noite abafada de maio.

Então Charlie se mexeu, sacudido por uma volta rápida numa longa curva. Dave olhou no retrovisor, viu que Charlie estava inclinado para a menina, com a mão em um dos seus seios. Ela não parecia ter acordado.

– Isso não é legal – disse Dave, baixinho.

Charlie ergueu os olhos, encontrou o olhar de Dave no espelho. Colocou um dedo nos lábios e fez shhh. Voltou a atenção para a garota, começando a abrir os botões, a mão entrando pelo sutiã dela. O pescoço da garota estava apoiado no encosto de couro, a cabeça inclinada num ângulo de quem está apagada, a boca aberta, o peito subindo e descendo com a respiração rápida e curta dos bêbados.

– Charlie – disse Dave, tentando dar um tom de advertência.

Mas Charlie não lhe deu ouvidos. Começou a abrir o sutiã da moça, de fecho frontal.

– Charlie – insistiu Dave.

O acidente Página 135

Foi quando ela voltou a si, assustada. Levou um segundo para digerir a situação e percebeu que não era boa. Não tinha ideia de onde estava, no banco de trás de um carro com os seios de fora e um bêbado lascivo inclinado sobre ela. Olhou para o lado e viu uma paisagem desconhecida, sem postes ou edifícios. Pelo jeito, encontrava-se no meio do nada, com dois homens que não conhecia.

– Pare – disse ela. – Pare o carro.

Ela entrou em pânico.

– Está tudo bem – disse Dave, tentando tranquilizá-la.

– Pare essa merda de carro agora! – disse ela, empurrando os seios para dentro do sutiã, atrapalhada com o fecho. Estava nervosa e tentava sem sucesso fechar a coisa.

– Tudo bem – disse Dave.

Como estavam fazendo outra curva, entretanto, ali não era um bom lugar para parar, muito perigoso no meio da noite. Então ele continuou dirigindo, diminuindo a marcha, até que finalmente a curva terminou. Ele levou o carro para um acostamento cheio de mato na beira da estrada.

– Quero descer – disse ela.

– Ok, vá com calma.

Dave parou, mas deixou o motor ligado. Saiu do carro e puxou o banco para a

frente a fim de que ela pudesse sair. Charlie estava calado lá atrás.

A garota cambaleou em torno do carro e parou no capim. De costas para os rapazes, fechou os botões da blusa. E começou a se afastar.

– Onde estamos?

– Nos arredores da cidade – respondeu Dave. – Não tenho certeza. Francamente, estou um pouco perdido.

O acidente Página 136

Ela ainda estava meio cambaleante, e chorava. Dave começou a segui-la a pé, a uma distância que não a intimidasse. O capim do acostamento deu lugar à terra.

– Olhe – disse ele –, sinto muito por Charlie. Mas vamos voltar para o carro e aí levamos você em casa. Estamos... não sei onde, mas não devemos estar longe.

Ela estava chorando.

Então Dave e a garota ouviram a marcha do carro mudar. Viraram-se e viram Charlie ao volante, avançando com o carro.

– Charlie! – gritou ele.

Dave virou-se para o carro, deu alguns passos em sua direção, depois começou a correr, em disparada. Ao se aproximar, viu uma expressão assustadora no rosto de Charlie.

Dave correu direto para a grade do capô do velho Jaguar em movimento. Se Charlie insistisse em continuar avançando, teria de passar por cima do amigo. Dave pôs as mãos no capô e recuava conforme o carro andava para a frente na primeira marcha.

– Charlie, vamos lá.

Dave olhou por cima do ombro e viu que a menina agora estava correndo,

prestes a desaparecer na próxima curva da estrada. Ele não podia deixá-la assim, no meio do nada, no meio da noite.

– Charlie, vamos lá. – disse eu. – Pare o carro.

Trim.

Isabel força a passagem pela multidão da Times Square, os turistas estrangeiros e os nativos, os chinelos e as pochetes, as adolescentes em suas saias escandalosamente curtas e os meninos magros com espinhas, entediados e deslumbrados ao mesmo tempo, segurando distraídos sacolas de compras de marcas caras, posando para as lentes de smartphones com gestos obscenos, caretas grotescas, poses inadequadas para a idade. Imortalizando suas infâncias, infelizmente.

Trim.

Abre caminho em meio à confusão humana das avenidas convergentes e entra numa rua lateral razoavelmente calma no Theater District, a zona dos teatros, as marquises que anunciavam a presença de visitantes da realeza de Hollywood ou de condenados a residir a vida inteira na Broadway, além de “participações especiais”, “oito indicações para o Tony!” e elogios entusiasmados do *Village Voice*.

Trim.

A chamada é desviada para a caixa postal de Alexis, de novo.

Estranho. Talvez a menina esteja aborrecida com aquela chamada tão cedo em seu dia de folga para discutir métodos de entrega de manuscritos. Isabel não a culpa. Ou talvez ela tenha configurado o celular para o modo silencioso a fim de ficar na cama em paz, dormindo para recuperar tudo o que fez na noite anterior, talvez com quem o fez e não tão pacificamente, prolongando a noite de ontem até hoje. Ou talvez esteja no médico, pernas no alto, olhando para um rasgo no papel de parede para se distrair dos instrumentos frios e dedos com luvas de borracha. Seja o que for, Alexis não responde.

Isabel não deixa mensagem. Volta a andar e cruza a Oitava Avenida, agora definitivamente fora da área de negócios do centro, a oeste do Theater District e a rigor na residencial Hell’s Kitchen, que, segundo os corretores imobiliários, agora deve ser chamada de Clinton. Estão tentando renomear um bairro inteiro. No entanto, há uma reação, uma volta ao velho nome corajoso e suas conotações de bairro pobre, uma nostalgia por algo que está apenas alguns anos desatualizado, nem mesmo tendo acabado. Pessoas que moram aqui há quatro anos se consideram pioneiras, veteranas, a vanguarda. E tagarelam com ar de proprietários sobre “aquele tempo”.

Isabel consulta seu celular para verificar o endereço. Nunca foi ao apartamento de Alexis, não sabe em que tipo de edifício fica, mas desconfia de que seja num desses arranha-céus contemporâneos sem alma, com porteiro, clube de ginástica e um saguão cheio de imitações em couro preto de cadeiras de

Mies van der Rohe. Edifícios com logomarcas. Construções com marcas em bairros revitalizados, resultado do trabalho de consultores conceituados. Ela passa por uma dessas novas construções agora, levanta os olhos para um cartaz que anuncia “residências em edição limitada”. Como se existisse outro tipo. Detesta esses malditos edifícios e as pessoas mimadas que têm o direito de morar neles.

Isabel nunca foi muito engajada, mas sentiu-se envergonhada quando o homem aparentemente apolítico com quem se casou começou a tender para a direita. Felizmente, não era o único na cidade. À medida que as contas bancárias inchavam nos anos 1990 e pela década seguinte afora, os nova-iorquinos se afastaram de seus ideais de juventude, de suas intenções filosóficas. As opiniões políticas correram para acompanhar a vida prática, as racionalizações para acompanhar a ganância.

Para em frente ao número do prédio de Alexis, mas isso não pode estar certo. Isabel olha novamente para o edifício, depois para o celular e para ele mais uma vez. Para a porta de aço mal-pintada com adesivos rasgados com nomes de serralheiros, as janelas fechadas com grades de proteção, as pichações, a fuligem, as placas aparafusadas proibindo vadiagem, uso de drogas e aliciamento. Para essa minifavela.

Isabel espia no painel de alumínio do interfone: MAURIER, 1F. É isso mesmo. Ela conhece o 1F: o pior apartamento de todos, de frente, térreo, abaixo do nível da rua, janelas com vista para as latas de lixo, as grandes ratoeiras industriais, os sacos cheios de fezes de cachorro recolhidas que as pessoas atiram na direção das lixeiras, muitas vezes sem acertar o alvo.

Coitada da moça, em seu apartamento vagabundo. É exatamente o oposto do que Isabel esperava e ela se sente constrangida com suas próprias suposições mesquinhas.

Aperta o largo botão horizontal. Ninguém atende.

Aguarda meio minuto e aperta o botão novamente.

Isabel queria recrutar Alexis de imediato. Levar a garota junto com ela ao sair da Atlantic Talent Management, para ajudar a abrir a nova agência em troca de promessas sinceras de equidade, independência, avanço acelerado. Isabel não quer fazer isso sozinha; e não pode. Haverá muito trabalho, muita confusão, um monte de ligações. Tudo começa hoje.

Toca pela terceira vez, espera alguns segundos, desiste e começa a ir embora.

Então algo lhe ocorre. Isabel volta para o edifício, abre o portão para o fosso, passa pelas latas de lixo, aproxima-se das grossas barras de ferro do que supõe ser a janela do 1F. Abre o celular, aperta a rediscagem. Segura o telefone virado para baixo encostado em seu estômago, pressionando o fone do ouvido contra o corpo para não ouvir o toque digital pelo aparelho, esforçando-se para ouvi-lo tocar no mundo físico.

Triiiim.

De dentro do apartamento, pela janela semiaberta, além das cortinas esvoaçantes.

Triim.

Isabel se inclina para a frente, segurando as barras de ferro preto, e olha para dentro. Um brilho atrai seu olhar. O celular da moça está caído no chão.

Triiiim.

Então, outro detalhe chama sua atenção.



Isabel respira com dificuldade. Agarra as barras de ferro com força. O ferro enferrujado, descascado, arranha seus dedos e as palmas das mãos, enquanto ela luta para se manter de pé sobre os joelhos trêmulos.

Afasta-se do horror do outro lado das cortinas que se abriram, olha para as paredes do edifício, para o grafite vulgar, para a pedra mosqueada toda desbotada. Sua mente dispara com as implicações que ela está criando. Tenta apreender a realidade do que está acontecendo, mas seus pensamentos continuam fugindo, escapulindo para a irracionalidade.

Precisa se acalmar, pensar.

Em um instante, fica claro para ela que o manuscrito, sem dúvida, corresponde à verdade. É um relato preciso da vida e da carreira de Charlie Wolfe e das escandalosas atividades da Wolfe Worldwide Media, escrito por alguém que desfrutou de uma posição privilegiada para ter conhecimento dos fatos. Se eles forem publicados, se forem trazidos à luz de alguma forma, não só derrubarão Charlie Wolfe, como darão início a um tremendo escândalo, que implicará vários presidentes americanos e diretores da CIA, criando uma crise numa das empresas de mídia mais poderosas do mundo. Merda no ventilador. Sem dúvida.

Portanto, muitas pessoas gostariam de fazê-lo desaparecer caso soubessem de tudo aquilo. O autor, é claro, previu isso. Por isso, se manteria no anonimato. Escondeu-se em algum lugar para escrever o livro e continuaria escondido até que fosse publicado, esperando que a publicidade o mantivesse vivo. Talvez nunca mais desse as caras.

E, claro, seria inevitável que ele confiasse seu manuscrito a Isabel.

Entretanto, e se ele não foi capaz de manter seu projeto em total segredo? E se alguém – Charlie Wolfe, o diretor da CIA ou talvez até mesmo o presidente dos Estados Unidos – o tivesse encontrado? E descobrisse o que ele andava fazendo?

Soubesse que ele tinha enviado o manuscrito a Isabel?

O que eles fariam?

Isabel vira a cabeça para a janela outra vez, olha de novo para dentro, para a moça deitada numa poça do próprio sangue, com um buraco no meio da testa.

Eles fariam isso.

PARTE II

tarde

Ela devia chamar a polícia. Acha que é o certo a se fazer. Ao mesmo tempo, acha que não, aterrorizada...

Isabel precisa pensar com calma. Ponderar para si mesma: por que chamar a polícia? Não vai ajudar Alexis. Não há como ela estar viva, com aquele buraco no meio da cabeça, deitada naquela poça de sangue. Nenhum telefonema vai salvá-la.

Isabel fica parada na calçada em frente ao prédio encardido, segura um cigarro com mãos trêmulas, consegue acender o isqueiro depois de cinco tentativas, dá uma longa tragada desesperada. Fica enjoada. Uma convulsão que começa na boca do estômago, sobe depressa pela sua garganta. Ela joga a ponta na calçada e fecha os olhos, tentando controlar o mal-estar.

Seu celular começa a vibrar um instante antes de o toque soar. É o número principal do escritório, provavelmente Meg. Isabel tem quase certeza de que está ligando para demiti-la, de forma explícita e veemente. Ela ignora.

Se ligar agora para o 911, a polícia vai querer saber quem é ela. Será interrogada, talvez até detida. A própria Isabel poderia ser considerada suspeita do assassinato? Claro que sim. Então, teria que explicar tudo: o manuscrito, o assunto, o provável autor. E, por mais implausível que a história dela parecesse, a polícia teria de considerar seu depoimento. Então eles ligariam para alguém em Washington. E depois...?

Depois ela seria enfiada na parte de trás de um utilitário de vidros escuros e ninguém nunca mais ouviria falar de Isabel Reed. Porque, se eles estavam dispostos a matar Alexis Maurier, não teriam escrúpulos, não parariam por aí.

Não, não há segurança para ela em nenhuma delegacia de polícia nem sob custódia. Tem de ficar longe das autoridades. Mas alguém precisa encontrar o corpo de Alexis. Alguém precisa avisar os pais, informar os amigos. Ela não pode simplesmente apodrecer lá, em seu pequeno apartamento triste, no térreo, com todos os ratos e camundongos se alimentando de sua carne...

Há um telefone público na esquina. É preciso uma moeda para discar 911? Faz... quanto tempo? Nunca. Isabel nunca ligou para o 911. Ela segura o telefone cinzento, então se lembra das câmeras de segurança e vigilância, pequenos globos acoplados aos caixas eletrônicos ou presos nos postes, da boa e velha tática de intimidação praticada pelo governo federal... Há mais de trinta milhões nos Estados Unidos, dirigidas para todos os lados, gravando todo mundo, o tempo todo, produzindo centenas de milhões de horas de filmagens a cada dia.

Isabel põe os óculos escuros, tentando se esconder de quem possa associar o telefonema a alguma imagem gravada. Vai que acontece.

Ocorre-lhe que podem não ser apenas câmeras que a estejam vigiando. Sob

a privacidade das lentes escuras, ela esquadrinha a vida nas ruas, tira fotos mentais. Um homem está parado na outra calçada, encostado a um poste, falando ao celular. Do outro lado da avenida, dois jovens estão no banco da frente de um sedã Toyota branco de aparência ruim, ambos de óculos escuros. Uma mulher está parada junto ao meio-fio, como se quisesse chamar um táxi, embora muitos carros livres passam por ela, e sua mão não acena.

Isabel vira-se para o teclado, aperta três botões.

– Uma pessoa foi baleada.

Ela dá o endereço de Alexis, então desliga o telefone sem se identificar. Olha em volta mais uma vez, na reclusão parcial da cabine telefônica que só a esconde até os joelhos, através do acrílico arranhado e embaçado, esperando o sinal mudar, o fluxo intenso do trânsito diminuir. A luz fica verde, e os carros arrancam, um após outro, metade deles ocupados, até que ela vê LIVRE aceso em cima de um deles, então sai da cabine e dá dois passos largos, estende o braço e chama o táxi. Fecha a porta.

– Penn Station, por favor.

– A senhora que manda.

Ela percorre a lista de contatos do celular e faz uma ligação.

– Isabel! Que surpresa!

– Oi, Dean. Está na cidade? No lugar de sempre?

– Estou.

– Posso falar com você por alguns minutos?

– Ah, pelo amor de Deus, Isabel. Eles estão pedindo o dinheiro de volta?

Porque pensei...

– Você pode me ver?

Uma pausa.

– Claro. Sempre.

Ela desliga quando o carro encosta no meio-fio. Joga uma nota de dez no banco da frente e mistura-se à multidão, que enxameia para dentro e para fora da medonha estação de trem escavada sob a monstruosidade infeliz do Madison Square Garden. Saca seu cartão do metrô, sobe correndo as escadas até a plataforma bem na hora que um expresso para a parte alta da cidade chega. Entra depressa num vagão quase vazio, na única situação em que teria preferido que estivesse cheio como uma lata de sardinhas, com odor corporal e mau hálito, cheiro de McDonald's, tinido metálico escapando de fones de ouvido, bicicletas, carrinhos de bebê, mochilas e skates, muitas pessoas com muitas coisas em um espaço muito pequeno.

Mas hoje há apenas ela e mais umas dez pessoas. Um rapaz gordo de aparência italiana vestindo moletom, tênis e uma camiseta dos Mets, colares e pulseiras de ouro, lendo a seção de esportes do *Daily News*, olha Isabel de cima a baixo e faz um gesto de apreço com a cabeça, como se um *sommelier* acabasse

de lhe oferecer uma prova de um bom vinho. Todos os outros a ignoram.

Isabel não anda muito de metrô, mas o suficiente para ter um cartão do transporte. Durante alguns anos, parou de usar metrô e ônibus, e fez questão disso, mesmo guardando isso para si mesma. Foi quando começara na Atlantic Talent Management, quando finalmente conseguira desfrutar do prazer de ter como contratar uma faxineira para a limpeza semanal, para tirar férias decentes em hotéis de verdade sem se atormentar com o valor das bebidas à beira da piscina e apagar sua sensibilidade a preço em produtos de higiene e alimentos. Ganhava suficiente para tomar táxis em vez de metrô lotado, escuro e malcheiroso. Ela havia subido de posição, e para uma acima do metrô.

Demorou um tempo para mudar de opinião sobre o transporte público, entre outras opções semelhantes. Parecia ter mais dinheiro do que tinha e começou a buscar o contrário.

O metrô para na Times Square, as portas se abrem. Isabel desce para a plataforma, então salta de volta para dentro do vagão. Em seguida, quando as portas estão prestes a se fechar, sai novamente.

Sobe correndo as escadas, atravessa o mezanino e desce as escadas para o centro da cidade. Embarca no trem, cujos assentos são duros de plástico cinzento. Sente a vibração do trem em suas coxas, o ritmo regular, tum-tum, tum-tum, tum-tum.

Apesar da adrenalina, sente-se exausta, esgotada. Seria capaz de dormir ali mesmo, como dezenas de milhares de pessoas fazem todos os dias. Bastaria fechar os olhos por um segundo, deixar o pescoço relaxar, a cabeça pendendo para um lado ou para outro ou para baixo, com o queixo no peito, a baba pingando da boca ali na linha Broadway-Sétima Avenida...

Mas ela se levanta e sai para outra plataforma debaixo de outro bairro, depois para a calçada de Greenwich Village, caminhando junto ao meio-fio, o braço no ar novamente, chamando outro táxi que freia fazendo barulho, outro destino.

Ela olha em volta, de dentro do táxi. Esquerda e direita, frente e trás. Não, não há como alguém tê-la seguido.

Isabel salta numa rua de paralelepípedos do Meatpacking District, outro bairro movimentado que foi revitalizado. A área não mudou de nome, mas abandonou quase totalmente sua *raison d'être*, bem como o rude comércio de prostituição de travestis que acompanhava o negócio homônimo, malcheiroso e sangrento.

Um homem abre e segura uma porta com uma placa discreta indicando um clube privado e ela entra no local. Na recepção, uma moça estonteante direciona Isabel para a cobertura e, ao sair do elevador, ela se vê outra vez à luz do sol brilhante, diante de um bar, sofás e mesas de café, um restaurante decorativo sob gigantescos guarda-sóis de lona, uma pequena piscina azul ocupada por meia dúzia de mulheres com ar de modelos. Isabel corre os olhos quase 360 graus antes de avistar a pessoa que está procurando, deitado em uma espreguiçadeira

no canto mais distante da piscina.

Ela contorna o perímetro de cadeiras, óculos de sol, toalhas, biquínis e bíceps, revistas e jornais, livros e tablets, cigarros e taças de vinho e altas garrafas suadas de água mineral gasosa. O que essa gente toda está fazendo aqui, no meio de um dia de trabalho? Aqui não é Los Angeles nem Miami; supõe-se que as pessoas trabalhem na cidade de Nova York.

Na mesinha ao lado de Dean há um balde com gelo, com o papel prateado revelador de uma garrafa de champanhe espreitando para fora da água gelada, um cinzeiro cheio, um maço de cigarros e um isqueiro de prata, um celular e duas taças pelo meio, uma com uma mancha de batom. Há uma mulher esguia com metade da idade dele na cadeira ao lado, nua a não ser por alguns poucos centímetros quadrados de lycra.

– Olá, Isabel.

Dean se levanta, inclina-se para um beijo no rosto, perto o bastante para roçar nela os tufo de pelo de seu peito. Dean faz um grande esforço para aparentar ser o tipo de personagem do herói de ação, tatuado, exibindo cicatrizes e músculos, cigarros sem filtro e quantidades excessivas de álcool e drogas, um descarado mulherengo.

– Que bom ver você. Esta é Betsy.

– Meu nome é Brecka – diz a moça, fazendo cara feia.

Ela não estende a mão nem sai de sua posição de bruços.

– Sério? – pergunta Dean. – Brecka? Isso é um nome?

A moça solta uma baforada de fumaça na direção dele.

– Tem certeza?

Ela o olha com dureza.

– Ops. Desculpe. – Dean faz uma careta para Isabel, dá de ombros. – Mesmo assim, Brecka, você nos dá licença, sim? Não é aquela sua amiga Laura que está ali no bar?

– O nome dela é Laurel.

– Ah, sim, está bem.

Dean dá um tapinha no traseiro da moça, enxotando-a para longe enquanto aproveita para apalpá-la. Homem multitarefa.

Isabel toma o lugar de Brecka na espreguiçadeira, mas com os pés no chão. Sente-se ridícula ali em suas roupas de trabalho, em meio a todos esses maiôs. É tão desagradável quanto entrar num hotel cinco estrelas vestindo moletom.

Dean tira os óculos, revelando um olho roxo.

– Credo – diz Isabel, o coração na boca do estômago. Dean estaria envolvido também? – O que aconteceu com você?

– Ah, isso? – Ele aponta para a carne inchada e preto-azulada. – Não é nada.

– Ah, pelo amor de Deus, o que houve?

– Você sabe sobre minha cruzada anti-Hummer?

Dean tem mania, quando chapado, de andar pela cidade deixando bilhetes em para-brisas: “Hummers são para babacas.”

– Bem, um dos babacas me pegou em flagrante. Ele estava com seu grupo e não tive a menor chance de escapar. Mas não me arrependo nem um pouco. – Ele pega a garrafa. – Então... É um prazer raro minha estimada agente literária vir me caçar no meio de um dia de trabalho. – Segura-a pelo gargalo, inclina-a na direção de Isabel. – Ou, melhor, dia da semana.

– Não, obrigada.

Ela também tira seus óculos escuros, à sombra do guarda-sol, e os coloca em cima da mesa.

– Principalmente – continua ele – se considerarmos que agora estou... quanto, mesmo? Dez meses atrasado com a entrega do meu manuscrito.

– Dois anos.

– Hummm. – Ele dá uma tragada no cigarro. – Como acho que nós dois sabemos, vou terminar esse livro... vamos ver... no dia de São Nunga. E cá estou eu, desperdiçando mais um dia com espumante, cigarros sem filtro e meninas menores de idade.

Ele tira um cigarro do maço, dá uma batidinha e o acende.

– Como você ganha a vida, Dean?

– Ganhar a vida? Você sabe muito bem que não faço tal coisa.

Dean é um desses jornalistas destemidos que se especializam em lugares perigosos, que perambulam pela Bósnia e pelo Sudão, Afeganistão e Síria. Por meio da alquimia imprevisível do processo de publicação de livros, uma mistura inexistente de entusiasmo do setor de vendas com o boca a boca do mundo dos livros, uma prolongada cobertura em revistas, extensas resenhas de jornais e notas em revistas semanais, o livro mais recente de Dean, sobre um local obscuro da guerra afgã, alcançou a posição muito almejada de ser o livro de não ficção do ano: edições internacionais em trinta línguas, audiolivros, e-books e livros de bolso, um filme feito às pressas por um grande estúdio com protagonistas famosos e edições especiais associadas ao filme... Os direitos rendem dezenas de contas em seis continentes. Nesse meio-tempo, uma revista importante contratou Dean como colaborador, fornecendo-lhe um cartão de visita e uma remuneração mensal em troca do compromisso de escrever cinco mil palavras por ano, o que, quase sempre, ele faz de uma só vez quando volta de algum buraco devastado pela guerra, descarregando prosa experimental num fluxo de consciência movido a cocaína, com pontuação nada convencional e cheia de erros de ortografia e gramática. No entanto, os editores existem para corrigir essas coisas. Dean está acima das regras de coerência estilística. São o pavor das mentes pequenas.

Ele dá uma longa tragada em seu Player's Plain. Era o cigarro mais disponível no Paquistão quando Dean morou lá na década de 1990, e ele nunca

mais mudou de marca, apesar das crescentes dificuldades para consegui-lo.

– Então, a que devo este prazer tão especial?

– Dean, você estava bisbilhotando em Washington quando David Miller se matou, não estava?

Uma das vantagens de trabalhar em editora é que Isabel tem acesso a um especialista em praticamente qualquer assunto. Geopolítica, medicina pediátrica, cozinha espanhola, o que for. Os luminares de todos os setores escrevem livros sobre suas áreas; até os especialistas em escrever livros escrevem livros sobre escrever livros. E todos eles têm agentes literários.

Dean, um especialista nas duplicidades da política, solta uma nuvem de fumaça, mas não diz nada.

– Algum boato? – pergunta ela. – Eu não teria como saber, você entende.

Dean olha para ela, ponderando se deve se envolver nesse assunto, e em que medida.

– Sim – admite, resignado. – É claro que houve boatos.

– De que ele teria sido assassinado?

– Ah, sim. Boatos são inevitáveis. Um homem importante que, de repente, não está mais vivo.

– E...?

Ele balança a cabeça descartando a possibilidade.

– Não tinham fundamento.

– Mas havia suspeitas? Algum motivo?

– Não, não oficialmente. E, para ser sincero, a possibilidade de homicídio não foi... hã... a explicação mais instigante para o desaparecimento dele.

– Qual foi, então?

Dean vira a cabeça para Isabel, estica o pescoço em sua direção.

– A de que a morte de Miller foi uma farsa.

Era o que Isabel esperava ouvir. Essa ideia não lhe saiu da cabeça desde que tinha começado a ler o manuscrito ontem. Ela pega um dos cigarros de Dean. Tosse, um cigarro sem filtro selvagem demais para seus pulmões.

– Havia alguma pista?

– Poucos dias depois do desaparecimento de Miller no Atlântico, alguém muito parecido com ele chegou a Bruxelas num voo que tinha saído das Bahamas. Outro nome no passaporte, é claro. Um passaporte roubado de alguém que mora em Washington e trabalha na Administração.

– E depois?

– Infelizmente a trilha terminou ali, no Aeroporto de Bruxelas. O problema é que Bruxelas é porta de entrada para qualquer lugar. Por conexão, trem, carro. É um lugar muito conveniente para se chegar, caso a pessoa queira ir para outro lugar.

Isabel dá outra tragada, muito menos difícil do que a primeira. Parece ser

sempre o que acontece com as coisas que fazem mal.

– Tem certeza de que não quer um pouco de champanhe? Tenho a impressão de que está precisando tomar alguma coisa.

– Ninguém verificou isso, Dean? Você não verificou?

Ele balança a cabeça, negando.

– Nada foi encontrado, em lugar nenhum.

– E quanto aos centros alternativos de tratamento de câncer?

– Isabel, a coisa é mesmo tão séria assim? – Dean olha para o cigarro. – É verdade que não consigo me livrar dessa tosse...

– Não estou falando de você.

– Sei do que você está falando. Claro que investiguei isso. Miller consultou vários médicos, bem como conversou com muitos de seus colegas a respeito. Entrou em contato com centros de tratamento de câncer do mundo todo. Não consegui obter nenhuma informação concreta sobre recomendações, possíveis tratamentos ou alguma coisa específica; os médicos levam a sério o sigilo profissional. Mas, sim, investiguei. E não encontrei nada. Como sabe, Miller era, ou é, rico. E inteligente. Um homem rico e inteligente pode comprar uma nova identidade e procurar um esconderijo bem protegido. E pode ficar escondido em segurança por muito, muito tempo. – Ele se inclina para Isabel. – Principalmente se estiver com medo.

O autor entra num dos amplos quartos de frente do velho e robusto Schloss. Deve ter sido um quarto de dormir quando o prédio ainda era uma residência. Todos mantêm as mesmas características do século XVIII: lareiras altas, tapetes persas, pesados móveis de madeira e pinturas a óleo em molduras rebuscadas nas paredes. Os fundos do prédio é que são do século XXI: aço escovado e vernizes brilhantes, sistemas de iluminação plana, sem sombras e uma variedade fascinante de tecnologia médica de ponta.

Ele se instala numa poltrona de couro que range, de frente para a grande mesa de mogno, e vislumbra a si mesmo no espelho de bordas douradas, quase irreconhecível, uma pessoa totalmente diferente aqui em Zurique da que tinha sido em Washington.

Quando chegou à Europa no início do inverno, não tinha pertences, nenhuma bagagem. Perdida pela companhia aérea, foi o que alegou ao funcionário completamente desinteressado no hotel sujo perto da estação Bruxelas-Midi.

Durante alguns dias, andou pelas ruas úmidas da grande cidade belga comprando roupas, algumas peças de cada vez, pagando em espécie por ternos menos largos e camisas ajustadas ao corpo para substituir a formalidade de Washington, informes como sacos, roupa projetada para esconder a forma de pera do homem americano típico. Comprou sapatos sociais, o tipo de calçado que realmente não se encontra nos pés dos homens nos Estados Unidos. Queria parecer alguém que pertencia à Europa, que ali vivera, talvez até fosse um nativo. Não um americano fugitivo.

Sua primeira providência, porém, havia sido percorrer as estreitas ruas medievais que circundam a espetacular Grand-Place – lojas de presentes e de chocolates, cheias de turmas de estudantes em visitas indisciplinadas, e as inevitáveis excursões de japoneses – em busca de uma barbearia movimentada onde entram e saem homens em ritmo de linha de produção: cortes de cabelo rápidos e barbas feitas. Encontrou o tipo certo de loja cheia e anônima numa arcada coberta perto da Bolsa, e mandou que seus cabelos encaracolados foram tosquiados num corte à escovinha bem baixo. Além disso, como tinha parado de se barbear alguns dias antes de seu fatídico voo no Piper, depois de uma semana essa negligência proposital floresceu numa barba curta.

Foi a um cibercafé que também enviava e recebia material de correio comum e pegou um pacote que mandara para si mesmo de um estabelecimento similar em Washington.

Comprou óculos angulares finos e adquiriu lentes de contato coloridas para esconder o azul vivo de seus olhos, a primeira coisa que alguém reparava nele, o detalhe mais importante a disfarçar. Entretanto, só começou a usar as lentes

depois que alugou um carro e saiu dirigindo da Bélgica, atravessou o norte da Alemanha e chegou a Berlim, onde uma nova identidade – Stuart Carner – esperava por ele graças a um falsificador russo e 20 mil euros em dinheiro.

O nome Stuart não lhe agradava, mas era melhor do que Stu; havia um Stu idiota na faculdade que contaminara aquele nome. *Herr* Stuart Carner foi sua segunda nova identidade. A primeira tinha sido o passaporte de um sabichão do Tesouro que era sócia virtual do autor; nos últimos anos, as pessoas sempre comentavam que a semelhança entre os dois homens era impressionante. E todo mundo que conhecia esse contador glorificado também sabia que o sujeito nunca, nunca saía de Washington, muito menos dos Estados Unidos, com exceção de uma viagem desastrosa para Cancún alguns anos antes. Era pouco provável que sentisse falta de seu passaporte.

Não deu muito trabalho encontrar alguém disposto a arrombar o apartamento do homem; o difícil foi convencer o ladrão a não roubar mais nada além do passaporte.

Portanto, em Berlim, aqueles notáveis olhos azuis tornaram-se negros, trajados de luto. Ele também havia perdido quase 7 quilos nos meses anteriores. Agora, de cabelo curto, olhos escuros e óculos, ternos justos e sapatos pontudos, estava quase irreconhecível. Contudo, poderia ser ainda identificado com um software de reconhecimento facial, sem falar em suas impressões digitais.

Com essa nova aparência e identidade, mais duas malas contendo seu novo guarda-roupa, ele embarcou num voo da Air Berlin, no qual comissárias usavam esquisitas luvas de couro vermelho com palmas pretas, rumo ao grande Aeroporto de Zurique e uma reserva num hotel para homens de negócios perto da Paradeplatz, uma base conveniente para fazer explorações, encontrar um lugar para morar, ir de carro àquela antiga propriedade nas colinas convertida em centro médico discreto – a principal razão da sua ida àquela cidade pacata e organizada.

Escuta alguém entrar no quarto atrás dele, e uma mão aperta seu ombro quando o médico entra em sua visão periférica. O alemão alto se instala atrás da escrivaninha, abre o arquivo, vira uma página, volta-se para a frente novamente.

– Então, *Herr* Carner, como está se sentindo?

– De modo geral, eu me sinto bem.

– Exercícios, tem feito?

– Sim.

Ele havia começado a correr pela primeira vez em sua vida. Seu apartamento fica a uma quadra do parque à beira do lago e de seu caminho agradável ao longo do cais, cheio de gente em um dia quente e ensolarado como o de hoje, mas deserto sob a garoa habitual da Europa no inverno e na primavera.

– Corro quase todos os dias.

E esforçava-se para, pouco a pouco, atingir distâncias respeitáveis. Sentia-se razoavelmente confortável usando fones de ouvido durante a corrida na rua, superando uma paranoia que remonta a seus tempos de adolescência, quando o walkman era novidade e seus avós lhe deram um quando completara 13 anos. Duas semanas depois, porém, ele fora assaltado enquanto o usava, sem ouvir os ladrões que vinham por trás dele e lhe tomaram o aparelho Sony, bem como a nota de dólar dobrada no bolso, que usaria para comprar um lanche especial de pizza e soda por 50 centavos, além de um pacote de figurinhas da loja de doces cujo principal negócio eram trouxinhas de maconha de baixa qualidade de 5 centavos a 3 dólares. Este era o Brooklyn no início dos anos 1980.

– E seu, hã, apetite?

– Estou comendo bem.

– Estou me referindo ao outro apetite.

O bom médico sempre parece inadequadamente interessado na vida sexual do paciente, apesar de sua aparente irrelevância nas questões em pauta.

– Ah. Isso vem e vai. Mas existe.

O médico acena com ar de aprovação. Numa de suas primeiras saídas para correr, ele conheceu Vanessa, ambos fazendo alongamento das pernas em uma manhã quente de março. Àquela altura, ele já estava na Suíça havia três meses, rigorosamente recluso em sua pequena bolha de vida, sem amigos, um eremita paranoico. Vinha tendo perturbações, sentindo o peso da solidão e talvez ficando desleixado por causa disso. Eles tiveram uma conversa breve, depois cada um correu para um lado. Na época, ele ainda usava algumas ataduras.

Quando a última foi retirada, ele começou a sair sozinho. Comprou algumas entradas para a ópera nas noites de sábado, apesar de nunca ter apreciado aquela gritaria italiana. Mas o teatro ficava no fim de sua rua e ele acreditava que era algo bom para assistir sozinho. Vestir terno e gravata, parar no balcão durante o intervalo, lutar para se manter acordado para o Ato III.

O cinema, também, do outro lado da praça da ópera, com lugar marcado e um intervalo inexplicável no meio do filme, quando todo mundo dava uma volta para uma Coca-Cola e um xixi. Ele comprava biscoitos de uns sicilianos, uma pródiga seleção numa mesa gigante bem no meio de todas as paradas de bonde, e ia tirando do bolso para comer. No final de abril, quando o tempo mudou, começou a frequentar cafés. Ia, principalmente, à varanda do Terrasse, a poucos minutos de casa, sempre lotado com banqueiros e consultores em ternos e saltos, gravatas e cachecóis. Mas ainda estava inibido, cheio de cicatrizes e com medo de falar com as mulheres.

Em seguida, no térreo no Widder certa noite, ele deparou mais uma vez com a corredora do cais. Comprou uma garrafa de champanhe para a mesa dela, mulheres que falavam inglês. Ele próprio tomou uns dois goles, mas as três beberam com imprudente descuido. Percebeu que teria prazer em dormir com

qualquer uma delas; pediu outra garrafa. À meia-noite, uma das mulheres foi embora e então ele não sabia como dar andamento – já era tarde e ele estava cansado – com qualquer uma das duas restantes, além de propor aquilo em que de repente não conseguia parar de pensar nem por dez segundos, uma nova obsessão.

Incapaz de resistir, de alguma forma reuniu coragem para perguntar:

– Será que interessaria às senhoritas se juntarem a mim na cama?

Os queixos de ambas caíram ao mesmo tempo. Então a irlandesa de cabelos vermelhos, cujo marido estava fora do país, perguntou:

– Nós duas?

Depois de darem gritinhos, enrubescerem e segurarem os braços uma da outra, as mulheres se retiraram para o banheiro para discutir o assunto em particular. Voltaram em silêncio, com ar tímido, fazendo-o esperar muito tempo por uma resposta. Enfim, Vanessa, a corredora sul-africana, esvaziou o copo, inclinou-se para ele e disse:

– Tudo bem, então. Vamos experimentar.

Quinze minutos depois, os três estavam nus na cama. Seu primeiro e provavelmente último *ménage à trois*.

Depois disso, ele retomou aos poucos e com cautela uma espécie de vida social, cumprimentando estranhos, puxando conversa em cafés. Poderia agora dizer que tinha alguns amigos, ainda que da forma limitada, como podem existir amizades quando uma pessoa mente sobre absolutamente tudo, até seu nome.

É fácil usar outro nome se é um expatriado e ninguém o reconhece. É fácil ser anônimo. Mas não é divertido.

Agora, apesar das barreiras de suas insinceridades por atacado, ele tem algo a ver com alguém de vez em quando. Não é uma vida plena essa que está levando, sob qualquer aspecto que se possa imaginar. Mas também não é vazia de todo.

E até alguns dias atrás ele trabalhava freneticamente, como os autores costumam ficar, para terminar o manuscrito, para progredir até o estágio seguinte. Sempre foi um desses homens que não esquece muita coisa, mesmo que não preste atenção enquanto a informação está se apresentando. Assim, por muito tempo, conseguiu absorver uma sólida compreensão do negócio dos livros. Sabe o suficiente para imaginar todo o processo editorial numa situação normal. Sentado em casa, todos os seus sonhos e esperanças concentrados no manuscrito, enquanto são feitos os contatos com editores de aquisição em uma dezena de editoras, à espera de reações – entusiasmo, ceticismo, propostas, rejeições, talvez um leilão, os lances nervosos, os comentários em colunas de fofocas e revistas especializadas.

Em seguida, a edição, o projeto da capa, a campanha de marketing, a festa de lançamento. As críticas dos jornais e a presença em programas matinais, os

eventos de livrarias e as entrevistas no rádio, a rápida escalada da lista de mais vendidos...

É isso que poderia acontecer para alguém com uma história como a sua para contar, mas sem seu motivo para contá-la.

– O senhor está se recuperando muito bem, *Herr* Carner. – O médico sorri. – Muito bem mesmo. As incisões desapareceram quase por completo e tudo está normal. Quero vê-lo de novo em duas semanas. Mas não há nada por que se preocupar.

– Acho que ele pode ter me enviado um manuscrito – confessa Isabel. – Um depoimento sobre a carreira de Charlie Wolfe.

Dean ergue as sobrancelhas.

– Prejudicial?

– Mais do que você imagina. Algo horrível lhe aconteceu na juventude. E mais algumas revelações surpreendentes sobre seu negócio. Surpreendentes e ilegais.

– O manuscrito está na sua bolsa agora?

– Está.

– Você vai me dar uma cópia?

– Não posso – responde ela. – Sinto muito.

Ele dá de ombros. Compreende, mas tinha que perguntar.

– É legítimo?

– Não sei exatamente, mas acho bem possível que seja.

– Por quê?

Isabel corre o olhar pelo deque na cobertura, procurando bisbilhoteiros potenciais. Ela se inclina para Dean, sente o cheiro de fumaça e vinho em seu hálito.

– Porque alguém – sussurra ela – acabou de matar minha assistente.

– Merda. – Dean tensiona a mandíbula e estreita os olhos, que se transformam em pequeninas fendas, a expressão severa. – Tem certeza?

– Tenho.

– Eles estão aqui, agora? Você foi seguida?

– Utilizei, hum, algumas manobras evasivas. Ouça, Dean, não sei o que fazer.

Aceito sugestões.

Ele acende outro cigarro, franzindo a testa.

– Você não está segura com a polícia nem com nenhum órgão do governo.

– Concordo.

– O governo norte-americano, quero dizer. – Ele sopra a fumaça. – O que acha de procurar uma embaixada estrangeira? Tenho alguns contatos. Eu poderia acompanhá-la.

– O que eles poderiam fazer?

– Mantê-la segura.

– Poderiam mesmo? Por quanto tempo? Uma semana? Um ano?

Ela olha para seu cliente, seu velho amigo. Perguntando a si mesma quanto pode confiar de fato nele.

– Preciso sair da cidade.

– É, talvez seja uma boa ideia. Para onde?

– Não sei. Talvez para a casa de praia de algum cliente, ou para o leste.

Dean assente, apaga o cigarro com vagar, olhando para o cinzeiro.

– Southampton?

Isabel engole em seco, decepcionada com a pergunta. Por que Dean quer tanto saber? Mera curiosidade?

– Não – diz ela, sem fornecer uma alternativa. – Mas não se surpreenda se eu acabar aceitando aquela oferta da embaixada.



Desce da calçada para a rua, tendo o cuidado de não pisar nas fendas entre os paralelepípedos. Atravessa devagar e fica aliviada ao chegar ao outro lado. Uma pequena proeza, atravessar a rua.

Seu celular toca novamente. O escritório, de novo. Aliás, o ex-escritório.

Mais uma vez ignora a ligação.

Continua andando em direção ao centro de Manhattan, longe do rio. Perdida em pensamentos, pesando suas opções, traçando seu plano de ação. Entra num pequeno parque triangular com uma fonte no meio, funcionários de escritórios com almoço no colo, sanduíches e wraps, sucos e sopas, sentados nos bancos verdes sob a luz solar peneirada, todos usando óculos escuros...

Droga. Deixou seus óculos ao lado do balde de gelo de Dean. Ela para. Volta para buscá-los? Perda de tempo? Mas o que tem para fazer agora? Algo em especial?

Faz a volta, passa pelos portões de ferro forjado, a calçada da Oitava Avenida. Bem a tempo de ver um Toyota branco do outro lado da rua se afastando do meio-fio. O mesmo sedã velho de Hell's Kitchen, com os mesmos dois homens na frente que pareciam fazer força para não olhar em sua direção.



Percorre um quarteirão, talvez dois, e entra com andar inseguro num café, um ambiente com aparência deliberadamente pobre, móveis com o estofo aparente e homens desmazelados usando jeans, trabalhando em seus Macbooks. Pega o dinheiro para pagar o café e percebe que sua mão treme. Põe as notas em cima do balcão, cobertas com o punho fechado.

Como isso podia ter acontecido? Como alguém podia tê-la seguido? Em um carro? Quando ela tinha viajado em duas linhas de metrô diferentes, para duas direções diferentes?

Isabel leva seu café para um canto nos fundos, um bom ponto de observação da sala, da porta da frente. Deixa-se cair numa poltrona, larga a bolsa no chão a

seu lado. Parece que se passou uma eternidade desde que se sentou com Jeffrey para o café da manhã, e deixou cair a pesada sacola com o manuscrito no chão. O restaurante onde aquele homem esbarrou nela, deixando-a nervosa, enquanto ela saía.

Olha para o chão, para o couro preto amassado da bolsa contendo seu celular e acha que entende agora.

O acidente Página 142

Dave contornou o carro devagar, relutante, sem querer ver o que iria descobrir lá atrás. As pernas da garota saíam por baixo da mala, projetando-se em ângulos nada naturais.

Charlie o seguiu um momento depois, desviando o olhar. Então se encheu de coragem, respirou fundo e inclinou-se para ver. O crânio dela se abriu, derramando o conteúdo pelo asfalto escuro molhado. Foi então que Charlie vomitou, rápida e violentamente, descontrolado, no asfalto, uma, várias vezes, com um ruído alto e penoso, dobrado sobre si mesmo, segurando o estômago que se contorcia.

Estava chovendo e ia acabar chovendo durante toda a noite. O vômito de Charlie seria levado pela água, arrastado para a vala ao lado da estrada, junto com o sangue e o cérebro da garota. Todos os traços visíveis do acontecimento seriam lavados.

Ainda havia muitas evidências recuperáveis. Não apenas em um nível microscópico, mas pegadas, galhos quebrados, fibras de tecido e marcas de pneus para quem soubesse onde olhar. Mas ninguém sabia.

Jeff está devorando as páginas, correndo os olhos pelas linhas, uma folha a cada trinta segundos, os dedos sempre no canto do papel, pronto para virá-lo. Vinte anos depois da formatura, sua aptidão mais útil continua a mesma: a capacidade de digerir material de leitura muito rápido. Para um editor, cuja principal função é captar a ideia geral de milhares de páginas a cada semana, isso significa a diferença entre uma noite inteira de sono de vez em quando e nunca dormir a noite inteira.

Enquanto lê, Jeff brinca com sua Sheaffer, gira o cilindro prateado nos dedos, no sentido horário, anti-horário, de cabeça para baixo. O celular começa a tocar, um alarme programado. É hora de ir.

Não pode deixar o manuscrito em cima da mesa quando se afastar; não deveria tê-lo deixado ali para ir à reunião editorial de uma hora atrás. Nem para ir ao banheiro. Então agora enfia os papéis em sua mochila de couro e sai para almoçar com um agente.

Jeff almoça com centenas de agentes literários diferentes, três ou quatro vezes por semana, 45 semanas por ano, ano após ano. As quatro palavras mais belas de sua vida são: “O almoço foi cancelado.” Mas existe um cálculo complicado para cancelamentos, uma combinação de fatores que inclui o poder relativo da pessoa com quem ele vai se encontrar mais negócios possíveis pendentes, mais projetos passados e cancelamentos de almoços anteriores, menos rancores e ressentimentos, às vezes o tempo e, evidentemente, o velho e simples desgosto.

A pessoa do encontro de hoje, Dan, é insuportável, mas Jeff não pode cancelar. Ele sai apressado pelos corredores, pisando no tapete gasto e rasgado, passa pelo mobiliário descombinado, as copiadoras e as impressoras que foram entaladas em espaços apertados, passa pela cozinha com cheiro de que nunca está muito limpa – o que predomina hoje é o perpétuo aroma de pipoca de micro-ondas, misturado com restos do prato com curry de um imprudente qualquer – e pela recepção, precipitando-se para o elevador que vai se fechar, e que ele percebe com o coração apertado não estar tão vazio quanto pensava.

– Oi – diz Rana em voz baixa, embaraçada.

– Ah, oi.

Rana é uma designer júnior incrivelmente talentosa. Não é uma criança nem uma adulta de verdade, mas algo entre as duas coisas. Ela parece acertar tudo na primeira tentativa. Não apenas com o design das capas, como também marcadores promocionais, matérias de página única e anúncios em banners na internet e todo tipo de trabalho que costuma ser despejado sobre os designers pelos setores de marketing, publicidade e vendas, uma infindável variedade de

táticas tentando diferenciar um novo livro das dezenas de milhares de outros publicados a cada ano.

Jeff transou com Rana uma vez, alguns meses atrás. Foi numa daquelas noites de despedida piegas, uma festa para um antigo representante de vendas que já estava na estrada durante o governo Nixon. Depois de três, quatro ou cinco rodadas, meia dúzia de solteiros – e alguns casados disfarçados de solteiros – começou a sair do tranquilo bar de alto nível rumo a um barulhento bar de baixo nível, com o intuito de *realmente* ficarem bêbados. Até o fim da noite haveria hambúrgueres gordurosos, convites para dividir táxi, sarros no banco traseiro e supérfluas vodcas geladas em apartamentos minúsculos...

As portas do elevador se abrem, liberando os dois do extraordinário inferno que é compartilhar segundos de silêncio com um ex-parceiro sexual imprevisto, e saem no saguão apertado, sem porteiro, para a viva luz do sol.

– Bem – diz Rana –, até que foi divertido. Tchau.

Jeff não consegue pensar em nada de inteligente para dizer antes que a moça vá embora. Olha fixo para ela por alguns segundos, sentindo pena, apesar de não saber bem por quê.

Então ele também sai andando em meio ao rebuliço da juventude exuberante de Union Square: estudantes de cursos de verão da NYU, da New School e Parsons, a criançada do ensino médio matando aulas, jovens adultos desempregados e candidatos desgrehados a cursos de pós-graduação, artistas de rua, músicos, dançarinos e jogadores de xadrez, cachorros e seus donos na área reservada para os animais, todos de olho nas moças que passam.

No parquinho, rodeado por um estacionamento de carrinhos de bebê importados, os bancos são ocupados por grupos de pais brancos de aparência abastada que se alternam com grupos de babás organizados por suas regiões de origem – América do Sul, Tibete, Caribe – tomando conta de seus pupilos com ampla variedade de graus de vigilância. Para o leste, predomina um elemento mais evasivo: traficantes e usuários de drogas, loucos gritando palavrões, homens sem camisa com os olhos arregalados jogando lixo na grama. Skatistas executam piruetas imprudentes nos degraus do lado sul, de onde grupos de policiais mantêm uma distância indulgente, instruídos a não intervir em meras contravenções. Estão aqui para os crimes graves.

Jeff afasta-se do parque e entra na arborizada Greenwich Village, caminhando num ritmo constante pelas ruas tranquilas, perdendo-se em *O acidente*. Planeja formas de melhorar o manuscrito: trechos que devem ser encurtados ou excluídos, redundâncias a serem contidas, vocábulos usados de modo repetido e impensado, algumas frases que devem ser mais desenvolvidas e outras que devem ser subdivididas. Há elementos do final da história, assim espera, que podem ser insinuados antes, talvez estabelecendo uma linha de tempo diferente para a cronologia direta. Em muitos livros, há coisas sobre o fim que

devem ser ditas no início. E vice-versa.

Será que o conteúdo é verdadeiro? E será que a veracidade – ou falta dela – influencia o comportamento dele? Se só uma parte é verdade, quanto dela? E se qualquer um dos acontecimentos de fato aconteceu, é relevante que alguns talvez não sejam verdadeiros ou sejam exagerados? Qual é o ponto central da história...?

E Isabel estaria falando sério sobre os mais de 10 milhões de dólares? Nesse caso, Bradford ficaria interessado em adquiri-lo? A cada mês os boatos ficam mais insistentes, o fatorial aumenta, sobre uma venda a uma das multinacionais. Uma especulação já chegou à *Publishers Weekly*. Brad arriscaria essa grande soma de dinheiro enquanto sua empresa está sendo arrancada dele? Valeria o risco exatamente por esse motivo? Ser comprada pela Wolfe Worldwide Media, entre todas as malditas companhias deste mundo?

E será que este manuscrito vai pôr fim ao recente interlúdio de fracassos da carreira de Jeff? Ao período em que ele vem participando de reuniões de conselho editorial sem prestar atenção em nada, e nas quais ninguém presta atenção nele?

Sua ex-mulher mora do outro lado do continente. Ele tem artrite nos dois joelhos, cabelos brancos encaracolados que lhe saem das orelhas e uma próstata que começa a preocupar. Mas ainda consegue pensar em sua vida como algo em andamento. Ainda acredita que se encontra na curva ascendente.

E, é claro, a dúvida: poderá realmente levar esse manuscrito adiante? Ou vai ter que destruí-lo?



– É o que sempre digo: se outra pessoa pode escrever o livro, você não deve escrevê-lo. O primeiro passo é perguntar: qual é o único livro que só pode ser escrito por você?

Faz trinta minutos que Dan pontifica sem parar, e a perna balança debaixo da mesa. Ele é um daqueles inveterados balançadores de perna. Jeff tem vontade de prender a desgraçada no lugar com uma pistola de pregos.

– Qual é a única história que pode ser contada apenas por você?

Com isso, Jeff tira os olhos de sua comida, olha para longe. Quem seria o autor mais provável de *O acidente*? Todos os veículos sérios de notícias dos Estados Unidos, assim como alguns nem um pouco sérios, fuçaram e vasculharam o passado de Charlie Wolfe, entrevistando ex-namoradas, colegas de escola e da faculdade, colegas e rivais de trabalho, amigos e inimigos.

O autor de *O acidente* deve ter recorrido às mesmas fontes já utilizadas antes por gente do *The New York Times*, do *The Wall Street Journal*, do *The Washington*

Post, da CNN, ABC e FOX, do *Salon* e do *The Huffington Post*... Mais cedo ou mais tarde, todas essas fontes teriam deixado de verificar credenciais. Então, se alguém entrasse em contato não sendo quem fingia ser, elas não perceberiam, muito menos fariam algo a respeito.

E quem escreveu *O acidente* teve acesso a informações que nenhum jornalista jamais conseguira antes. Descobriu alguns segredos revolucionários, e por algum motivo guardou esses segredos até agora... Por quê? Quem o faria?

Jeff sente seu celular vibrar no bolso. Ele odeia atender no meio de refeições ou reuniões, mas, por causa do manuscrito, tem medo de perder eventuais ligações de Isabel, Brad ou de quem quer que seja. Além disso, seria bom dar um tempo da conversa desse fanfarrão.

– Pode atender – diz Dan, tirando com um gesto ansioso seu próprio aparelho do bolso. – Preciso ver meus e-mails.

Jeff pede licença, levanta-se e olha para o celular enquanto caminha para longe da mesa.

– Oi – diz, ao ver o nome de Isabel na telinha. – Estou num al...

– Preciso encontrar você.

– Está tudo bem?

– A que horas você termina?

– Hum, não sei. Vinte minutos?

– E depois vai voltar para o escritório?

– Vou. Isabel, está tudo bem?

– Não... Encontro você no escritório dentro de meia hora. Certo?

Jeff tem uma premonição. Sente que uma onda sobe sorrateiramente por trás dele, uma parede de água de 30 metros de altura que se desloca a 80 quilômetros por hora.



Na Bleecker Street, Jeff encontra Naomi Berger encostada num poste, aparentemente com o olhar perdido num imponente plátano de Londres. Trocam beijos rápidos no rosto, mas não se abraçam. São conhecidos de trabalho, não amigos.

– Temos uma noite de autógrafos hoje – diz ela. – Estou esperando o cara do vinho voltar. Ele foi perseguido por uma guarda de trânsito ao dobrar a esquina. Estou nervosa, estressada e desagradável esta noite.

Ela acena com o braço na direção de uma policial que está passeando pela rua escura, vendo vitrines sob toldos listrados em meio a mulheres jovens que entram e saem de lojas, carregando sacolas de compras resistentes com alças de corda trançada.

Jeff simpatiza com Naomi e sua livraria, uma das independentes mais respeitadas da cidade, pertencente a uma categoria que definha aos poucos. Deve ser difícil concorrer com Amazons da vida e o seu negócio é crucial para a comunidade editorial, para o sustento de Jeff. Livrarias de bairro não são apenas lugares onde se compra um produto de um varejista. São onde os leitores descobrem autores, onde as crianças descobrem a leitura. Essas descobertas são o que mantém vivo o negócio do livro.

– Nada poderia fazê-la parecer desagradável, Naomi Berger. Todo mundo gosta de você.

Ele acha que a viu corar sob todas aquelas sardas. Ela baixa os olhos para a calçada, mas nada diz. Há algum tempo, mais ou menos uns dez anos atrás, Naomi surgiu na frente de Jeff em uma festa, tarde da noite, toda sorridente e piscando os olhos. Depois de uma conversa sedutora de cinco minutos, Jeff percebeu que essa mulher tinha segundas intenções. Ele mais do que depressa a beijou no rosto e fugiu. Jeff não tinha o hábito de desperdiçar indiretas, mas sabia que Naomi era amiga íntima de Isabel.

– Bom, prazer em vê-la – diz ele. – Tenha uma boa festa.

Jeff continua pela rua, dobra uma esquina e dá cinco passos além de uma loja de ferragens quando se lembra que, no seu bolso, está a carrapeta da torneira da pia que precisa ser substituída. Quem sabe, se ele se comportar como se sua vida estivesse caminhando normalmente, então talvez isso vá acontecer. Para um segundo na calçada, mas decide que é mais importante tratar do manuscrito. Precisa voltar para o escritório. Então continua andando, dá mais alguns passos, mas, por fim, admite que precisa comprar logo aquela coisinha desgraçada.

Vira-se e volta dedilhando o anel de metal corroído dentro do bolso. Um homem vagamente familiar se aproxima, mas não faz contato visual e passa por ele na calçada, olhando para a frente.

Jeff sente um frio no estômago, seu corpo sendo tomado pelo pânico.

Entra na lojinha, a cabeça perturbada com o incidente, e paga sem prestar atenção 40 centavos de dólar por duas arruelas.

Pega o celular e faz uma ligação. Quando o homem atende, Jeff pergunta, sem rodeios:

– Você mandou alguém me seguir?

Ouve apenas estática, mas nenhuma voz. Jeff acha que o outro pode ter desligado, por isso tira o telefone do ouvido e olha para a tela. Em seguida, no entanto, ouve um “não”.

– Por que pergunta?

– Tenho certeza de que acabei de passar por um homem que encontrei num restaurante esta manhã.

– Sei exatamente onde você está sem precisar segui-lo.

Jeff olha para a paisagem urbana: as casas italianizadas, as casas menores de tijolos vermelhos em estilo industrial, os prédios de apartamentos com toldos e porteiros.

– Esse cara não é um dos seus?

Mesmo com a estática, Jeff ouve o homem suspirar.

– Receio que não.

– O que devo fazer?

– Tome cuidado.



Ele para numa cafeteria, pede um café, lutando para distribuir o peso da mochila que lhe incomoda o ombro, pesada com o manuscrito e as provas de impressão que Dan lhe impingiu, exemplares antecipados de livros que Jeff absolutamente não pretende ler. Foda-se, ele pensa. Tira as provas da sacola e as deixa em cima do balcão, agora material de leitura comunitária, com várias seções soltas de mais de um jornal, algumas revistas e os folhetos onipresentes de um professor de guitarra.

Tenta sair da cafeteria ao mesmo tempo que uma mulher tenta entrar empurrando um carrinho de bebê com uma criança choramingando. Despenteada, a mulher está visivelmente no limite de suas forças. Uma lágrima lhe desce pelo rosto. Veste uma calça de moletom e uma camiseta manchada, o odor de talco de bebê tentando mascarar algo mais malcheiroso. Jeff segura a porta para ela, que consegue expressar um agradecimento com um levantar de sobrancelhas. Mas nenhum pequeno ato de bondade vai fazer a mínima diferença no desespero dessa mulher, não hoje.

Jeff toma um gole e queima a língua.

Olha para cima e para baixo, procurando de novo pelo homem conhecido ou qualquer outra pessoa que talvez o esteja seguindo. Anda até o meio-fio e desce para atravessar a rua.

No meio da rua, a alça da sacola lhe escorrega do ombro e puxa seu braço para baixo, derramando café quente no dorso da sua mão. Ele murmura um “Droga” e olha para a mão, depois levanta a cabeça ao ouvir um ronco do lado esquerdo, um carro vindo pela rua, acelerando à medida que se aproxima.

Camilla começa a ler enquanto o carro arranca. Ela lê durante o tráfego, depois dentro do engarrafamento no túnel Holland, o que geralmente parece demorar muito – o Rio Hudson é mesmo tão largo? –, mas hoje ela nem se dá conta. Lê enquanto o sedã de luxo ronrona em meio à estrutura de ferro negro do Pulaski Skyway, deslizando sobre os pântanos de Nova Jersey, contornando a ideia sinistra do centro de Newark.

Ainda está absorta na leitura quando o carro estaciona. O motorista se inclina para trás para lhe entregar a papelada.

– Senhora?

Camilla ergue os olhos.

– Oh! Desculpe.

Paga a corrida, enfia o manuscrito na bolsa e sai para a calçada policiada em frente ao terminal. Olha em volta para os costumeiros viajantes de negócios, os universitários, os turistas – a variedade de sempre –, complementados por passageiros com destino a Tel Aviv e Mumbai, por grupos de Hassidim e hindus competindo por toda a ampla sala. É como se figurantes de dois filmes de época diferentes fossem chamados para o mesmo palco e ficassem circulando, tentando descobrir quem foi o responsável por aquela mistura.

Ela chega ao portão de embarque uma hora antes da partida. Procura na bolsa pelo fichário com o material de apoio para a lista de McNally da próxima primavera. Camilla está sempre vivendo de seis a doze meses no futuro, no espaço ocupado pelo próximo Natal, pela próxima promoção de Ano-Novo, pelo próximo Dia das Mães, pelas recomendações de leitura na praia do próximo verão. Depois de uma década vivendo no ano seguinte, e no ano depois daquele, Camilla perdeu a capacidade de manter o controle quanto ao agora.

Nenhum dos livros da lista que está naquela pasta vai interessar em Hollywood. Portanto, não valem nada para ela. Então, pega o manuscrito anônimo novamente.

Esta é a parte do trabalho que ela ama e vai sentir falta: sentada num aeroporto, num bar ou à sua mesa, uma das primeiras pessoas a ler uma história ainda não publicada, apenas um punhado de páginas soltas tamanho A4 em suas mãos, que, menos de um ano mais tarde, estarão impressas, encadernadas, despachadas em pequenas caixas de papelão pelo mundo, expostas nas estantes de milhares de livrarias, hipermercados e lojas de presentes, em mesas de lançamentos e em vitrines, nas listas de mais vendidos de vários países.

E tudo começa aqui: uma pessoa num determinado momento lendo algo que não consegue deixar de lado. No ano anterior, Camilla leu centenas de originais, olhou para milhares de primeiras páginas. Em pelo menos metade, porém, nunca

chegou à página 2.

Quando seu grupo de embarque é chamado, Camilla está na página 109. Quando o avião se afasta do portão, os olhos correm para a página 138. Na decolagem, já está na 145 e prende a respiração, sente um arrepio percorrer sua espinha e sabe: é este.

É assim que acontece: a pessoa passa a vida lendo, lendo e lendo, esperando, esperando e esperando por algo que seja incrível. Cada manuscrito poderia ser o tal, mas milhares não o são. Então, um dia, o sempre sonhado, mas com o qual nunca se conta, está ali em suas mãos.

O acidente Página 143

Quando finalmente parou de vomitar, Charlie se deixou cair sentado no asfalto. Ficou ali, debaixo da chuvinha fina, balançando a cabeça, incrédulo.

– Merda.

Limpou o vômito do queixo com o dorso da mão.

– O que aconteceu?

Dave se afastou do carro e olhou para o amigo.

– Não lembra?

– Não muito bem.

– O quê? O que você lembra?

Charlie balançou a cabeça.

– Você se lembra de estar no bar?

– Lembro.

– O que você lembra exatamente?

– Eu me lembro de muita coisa até a hora em que fui ao banheiro... Depois, não conseguia encontrar vocês. Subi e lá estava você, e tinha uma garota falando comigo, mas eu estava muito bêbado... Então eu a deixei, fui me sentar...

Charlie colocou a cabeça entre as mãos.

– E eu me lembro de estar dirigindo... – Ele começou a soluçar. – E tudo ficou escuro... e depois eu a matei.

Nenhum dos dois disse nada por um minuto. Então, Dave disse:

– É. Parece que foi mesmo o que você fez.

Charlie limpou as lágrimas do rosto, fungando. Levantou-se. Olhou em volta e para Dave.

– Temos que dar o fora daqui.

Charlie foi até a frente do carro, examinou a grade, agachou-se e olhou para o chassi. Virou-se para o lado da estrada, olhou para a vegetação cerrada, para as árvores.

O acidente Página 144

– A gente pode... Vamos levá-la... Vamos escondê-la.

– O quê?

– Temos que sair daqui, Dave. Mas primeiro temos que tirar essa garota da estrada. Levá-la para lá. – Charlie pôs a mão no ombro de Dave. – Temos que levar o corpo dela para o mato.

– Por quê?

– Droga, Dave, não temos tempo para discutir isso. Apenas me ajude.

– Do que você está falando?

Charlie olhou Dave nos olhos, indagador.

– Você sabe muito bem o que devemos fazer.

– Vamos esconder o corpo e fugir?

– Não temos escolha. Não quero ir para a cadeia por causa disso.

Dave abriu a boca, mas depois cerrou os lábios, retesou a mandíbula. Ele acenou com a cabeça, concordando. Charlie se ajoelhou e agarrou os tornozelos da menina. Dave segurou os pulsos. Juntos, arrastaram o corpo, com a bunda dela raspando no asfalto e, em seguida, no capim da beira da estrada.

Mais de perto, o primeiro trecho de mato não era tão denso, certamente não o

suficiente para esconder um corpo. Precisaram penetrar na vegetação, onde o terreno parecia que se inclinava para baixo. Talvez houvesse um barranco ou algo assim alguns metros mais adiante, pois a estrada fazia uma curva, seguindo o caminho da água. Talvez houvesse até um desfiladeiro fundo por onde ninguém conseguisse passar.

– Temos que andar mais – disse Charlie.

O acidente Página 145

Ele abriu caminho pelo matagal que acabou dando numa clareira com o chão forrado de musgo. Depois de mais alguns passos, chegaram de fato a um barranco íngreme. Estava muito escuro para ver o fundo.

– Pronto – disse Charlie. Ambos deram um último passo de lado na direção da borda. – Em três.

Os dois garotos se entreolharam, um rápido olhar doloroso.

Charlie contou um, e eles a balançaram para fora. Dois, e balançaram-na de volta. Três, balançaram-na para fora sobre o espaço vazio, soltando-a, e o corpo sem vida voou pelo ar.

Eles ouviram o ruído de galhos se quebrando, pancadas secas, esmagamento e deslizamento, terra e pedras rolando.

E tudo ficou em silêncio na noite parada, nada mais além daqueles sons repulsivos reverberando nas lembranças deles.

– Dois problemas – diz o homem, sem quaisquer amenidades. – Primeiro, a assistente teve que ser... hã...

Hayden cobre os olhos com a mão que não está segurando o telefone. Ele se encontra no nordeste da Alemanha, preso por cintos de segurança num transporte militar que decolava em direção ao aeroporto próximo da fronteira com a Polônia. Depois, um voo demorado para Nova York e, sem dúvida, uma noite longa do outro lado do oceano.

– O que aconteceu?

– Ela voltou para casa enquanto o item estava sendo recuperado.

Hayden nunca se iludiu achando que não haveria danos colaterais, mas não esperava que isso acontecesse tão cedo, tão distante dos personagens principais. Não era um bom sinal.

– O que isso quer dizer?

Silêncio.

– Quer dizer que não havia vigilância? – Ele aperta os dedos na testa, tentando massagear a dor que a má notícia lhe provoca. – Não havia cobertura?

– Sim, senhor. É isso.

– Entendo. E o item?

– Retirado. Estará esperando pelo senhor quando chegar.

Ufa. Pelo menos isso.

– Ok. Você disse que havia dois problemas.

– Lembra-se daquela gerente de direitos subsidiários? Camilla Glyndon-Browning? Ela está agora voando para Los Angeles. Até onde sabemos, seu primeiro compromisso do dia é se encontrar com um produtor de cinema chamado Stan Balzer. Adivinha a agenda dessa reunião?

– Não.

– Sinto muito, mas sim. Por pura sorte, conseguimos interceptar o telefonema. Ela estava ao alcance do transmissor do editor.

– Então, o editor *deu* uma cópia do manuscrito a ela?

Isso não faria sentido.

– Na verdade, parece que ela o roubou.

– Ah, pelo amor de Deus...

Será que as pessoas nas editoras realmente roubam coisas umas das outras?

– O que quer fazer a respeito dessa situação, senhor?

Hayden deixa a cabeça cair para trás, alongando os músculos do pescoço.

– Sabemos o que Glyndon-Browning vai fazer quando desembarcar? Quero dizer, em termos de transporte? De hospedagem?

– Sim, senhor. Localizamos sua reserva de aluguel de carro, e ela vai ficar num hotel pequeno em Beverly Hills.

– E sabemos como ela é? Como está vestida etc.?

– Afirmativo.

– Temos alguém em terra em Los Angeles para cuidar disso?

– Temos Cooper.

Cooper, péssima escolha. O cara é burro como uma porta. A cabeça de Hayden trabalha rapidamente examinando alternativas. Ou, melhor, as possíveis desculpas para rejeitar a única alternativa viável. Mas nada lhe ocorre.

– Essa reunião não pode acontecer – conclui. – E essa cópia do item precisa ser recuperada e destruída. A mulher também.

– Sim, senhor.

Nada está correndo como deveria e a situação pode sair rapidamente do controle. Não há como saber quais outros produtores a mulher pode ter contactado. Um ou dois dias, e não haveria mais nada que Hayden pudesse fazer para segurar o manuscrito. Ele teria se espalhado por todos os cantos, haveria uma negociação para um livro, um filme ou ambos. A notícia sairia em algum site de fofocas, seria lida à noite e apareceria na manchete de um tabloide de Nova York na manhã seguinte; ao meio-dia estaria no *Times* on-line, à tarde na CNN e na CNBC e nas transmissões do início da noite das grandes redes, tudo entre 24 e 36 horas a partir deste momento, desta decisão, agora, se ele não der a uns capangas estúpidos a ordem para matar uma pobre civil.

– A mulher também... – sussurra Hayden.

Ele não tem escolha.



– Nada.

– Nada?

Hayden larga o livro, uma nova brochura em alemão sobre um famoso negociante de arte do século XIX. Ele muda o fone de ouvido, o que escuta melhor. A idade não o afetou tanto. Está em excelente forma, mais saudável do que esperava, mas sua audição no ouvido direito não é tão boa como era antes.

– Bem – diz Kate –, não que haja zero de informação. Há bastante material no disco rígido do Grundtvig sobre Charlie Wolfe e sua empresa, seus associados, entre outras coisas. Mas não há nada aqui que dê qualquer pista sobre o que estamos procurando. Não há registro da conta bancária dele nem conexões com alguém que possa ser nosso sujeito. Pelo menos ninguém que eu tenha encontrado até agora. E tenho certeza de que desencavei tudo o que é recente.

Hayden suspira.

– Mas meu trabalho ainda não acabou – diz ela, levantando um lampejo de esperança.

Kate não é uma pessoa exageradamente otimista, mas tenta ser solidária. Não admite que algo seja um fracasso até que se mostre um fracasso indiscutível.

– Você está num lugar seguro? – pergunta ele.

– Seguro. Silencioso. Completamente desprovido de qualquer coisa que tenha algum charme.

Ele visualiza o cenário, as paredes de gesso cartonado e o piso de compensado que range, a cortina mofada cor de laranja que cobre a parede inteira, um colchão cheio de calombos, um chuveiro minúsculo com uma porta sanfonada de plástico. Há muitas coisas belas na Europa, mas a feiura também não é pouca.

Hayden tem certeza de que Kate se pergunta por que não pode estar confortavelmente instalada no elegante apartamento no centro de Copenhague, em vez daquele motel pulguento de beira de estrada. Mas ela compreende que não está autorizada a ter essa informação.

O que é bom. Hayden não quer mentir mais do que o absolutamente necessário.

– O povo mais alto do mundo, Kate, são os holandeses. A altura de um adulto lá é 1,86 metro, e esta é a média combinada de homens e mulheres. Em segundo estão os dinamarqueses, com 1,82 metro.

– Ah, faça-me o favor – diz ela. – As pessoas do norte da Europa são altas? Você já foi melhor, Hayden. Dou nota 3.

– Ninguém a culparia, Kate, por se sentir muito baixa na Dinamarca. Talvez desajustada?

Ela ri.

– Ligo para você se encontrar alguma coisa – diz, e encerra a ligação.

Quando ele contratou Kate no ano anterior, nunca lhe forneceu qualquer indicação específica sobre o escritório para o qual ela trabalhava, nem sobre sua posição na estrutura organizacional das operações europeias da Agência Central de Inteligência. Ela parece ter aceitado por não precisar preencher nenhum papel nem passar por quaisquer exames psicológicos, médicos ou físicos. Afinal, fora funcionária da CIA por quase vinte anos antes de pedir demissão, e passou uns dois anos como mãe e dona de casa expatriada. Fazia sentido poder ser simplesmente recontratada, sem confusão ou incômodo, por um homem na posição de Hayden.

Kate não tem razão para pensar que não é para a CIA que está trabalhando. Mas não é. Langley nada sabe sobre Kate, sobre a equipe dela nem sobre esta missão. Nunca soube, e Hayden espera que nunca saiba.

Ele estaciona debaixo de uma árvore colossal numa ladeira íngreme e vai a pé para a rua de pedestres chamada Oberstrasse, uma simples calçada, na verdade, entremeada de degraus e zigue-zagues. Abre o portão para o jardim suspenso e ensaia um meio sorriso para a *hausfrau* de ar beligerante que parece estar sempre à espreita no jardim ou no vestibulo, encarando-o com desaprovação, assentindo com relutância. Toma o pequeno elevador para o terceiro andar da casa alta, com terraços, torrinhas e janelas de águas-furtadas sob os beirais das empenas.

Existe apenas uma porta lá em cima, já escancarada, esperando pelo novo cliente da hora. Os dois homens se cumprimentaram na sala de espera, depois entram no consultório.

– Muito bem.

O terapeuta puxa os lábios para cima, pressionando as maçãs do rosto sob seus olhos. Mas o resultado parece mais um estrabismo do que um sorriso; o Dr. Studer não é muito bom nisso. Os suíços não parecem ter esse talento aqui em Zurique.

– Diga-me, *Herr* Carner: o que há de novo?

O autor muda de posição na cadeira. Mesmo depois de meses, ele ainda se sente pouco à vontade com a psicoterapia. Nunca acreditou naquilo. Além do mais, não pode deixar de pensar que é inútil, considerando-se todas as verdades que ele não pode revelar. Porém, ele cresceu na Nova York dos anos 1970, quando para certos tipos de pessoas a psiquiatria parecia ser tão necessária quanto vacinas e tratamentos dentários preventivos. Portanto, quando se viu com tempo à disposição e questões emocionais com que lidar, além de nenhuma preocupação com preços, encontrou o Dr. Studer ali. E obteve escassos benefícios.

– Semana passada terminei aquele grande projeto – responde o autor. – Depois de muito tempo trabalhando sem parar. Tirei-o da cabeça e da minha escrivaninha. Passei a outras mãos.

– E como se sente com isso?

– A princípio, me senti ótimo. Exultante. Me senti... realizado. Depois, essa felicidade se dissipou depressa durante o fim de semana. O projeto que havia sido minha missão de repente não era mais o que definia minha rotina diária, minha razão de existir no mundo. Não tenho mais nenhuma agora.

– Então, está tendo dificuldades em encontrar um objetivo? Para sua vida?

– Estou tendo dificuldades em justificar minha vida. Não sinto... orgulho, acho que seria uma forma atenuada de dizer, de certas coisas que fiz.

Studer balança a cabeça.

– Já estive envolvido em grandes, hã, deturpações sobre alguns acontecimentos importantes.

O autor luta contra a própria imprecisão. Sabe que não tem sido um paciente particularmente acessível, é provável que represente duas horas por semana insatisfatórias na vida deste terapeuta inescrutável. Mesmo tendo se sentido compelido a tentar este processo, acalentava certa esperança de poder aparecer no consultório e alguém fazer o verdadeiro trabalho, alguém com formação avançada e especialidade comprovada, alguém que pudesse diagnosticar o que estava errado e prescrever como corrigi-lo. Talvez com um comprimido e alguns exercícios de alongamento ou qualquer outra coisa.

– Havia aquilo que aconteceu durante a faculdade. Esse foi o primeiro exemplo importante.

– De quê?

– Hum... – Há uma ideia à beira dos limites de sua consciência. – De redefinir a realidade, eu acho. De tomar um acontecimento e transformá-lo em outra coisa. Algo vantajoso, em vez de uma des...

Ele desconfia de que o terapeuta não tem noção do significado disso, mas nenhum deles se importa muito. Não estão ali para que o doutor tenha conhecimento das coisas; a finalidade é o esclarecimento do paciente.

– Cheguei à conclusão de que todos os acontecimentos, todos os fatos, eram até certo ponto negociáveis. E, durante minha vida, este conceito, esta oportunidade sempre presente, cada vez mais assumiu o controle de minha consciência e carreira. Passei as últimas duas décadas negociando a realidade. Manipulando a percepção que outras pessoas tinham da realidade.

Studer parece um aluno que perdera a linha de raciocínio do professor, mas espera que o tema mude antes que alguém lhe faça perguntas.

– Eu levava uma vida desonesta. Uma vida amoral. E, infelizmente, poucas pessoas se importam com isso, no nível pessoal. Não tenho filhos e sou divorciado, não tenho praticamente nenhuma forma de relacionamento com minha ex-mulher. Meu pai morreu há muito tempo. E mamãe, ela de certo modo lavou as mãos a meu respeito. Ainda a vejo uma vez por ano, mas não conversamos realmente. Não acho que haja alguma coisa que eu possa fazer para melhorar algum relacionamento, e aceito isso. No entanto, no nível impessoal, estou achando meu legado... hum... intragável.

Studer assente vigorosamente com a cabeça.

– E gostaria de esclarecer as coisas, como se costuma dizer.

Ele parece aliviado por ter retornado ao aspecto mais prático da conversa.

– Sim, gostaria.

– E, posso perguntar, *Herr* Carner? Por quê? Por que quer esclarecer as coisas?

- Porque quero agir da maneira certa. Pelo menos uma vez.
- É mesmo a maneira certa? Será que isso vai ajudar alguém?
- O autor não responde.
- Ou será que isso só serve para acalmar? É a palavra correta?
- É.
- Para acalmar sua consciência?

Ele se perguntou exatamente a mesma coisa muitas vezes. Todos os dias. Mas já tomou a decisão, irrevogável.

O acidente Página 147

Fizeram em silêncio o percurso de carro pelas ruas tranquilas perto do lago, depois para o centro. Charlie ia ficando mais sóbrio a cada segundo. O vermelho vivo foi sumindo de suas faces, e, ao contrário, ele parecia ficar cada vez mais pálido.

Pararam no sinal. O carro estava virado na direção da universidade, o alto da colina. Mas Charlie olhava para o lado.

– Meu pai está ali – disse ele. – Naquele hotel.

Os dois garotos olharam para a construção banal a uns quarteirões de distância.

– Ele vai saber o que fazer – disse Charlie.

– Hum... Tem certeza?

– Tenho. Acho que sim.

Então Dave fez o Jaguar dobrar uma esquina e entrou num estacionamento quase vazio. Os dois atravessaram o saguão a caminho do elevador da maneira mais calma que puderam. Charlie apertou o botão do andar mais alto. Olhou para seus pés e notou uma mancha de sangue na parte superior de um de seus sapatos de velejar.

Ajoelhou-se para limpá-la, mas lembrou que não havia nada com que pudesse esfregar na mancha. Fez uma pausa, pensando, depois esfregou-a com o

polegar até que parecesse ser apenas mais uma mancha comum em um sapato normal.

– Jesus!

Isabel abre a porta com um empurrão.

– Entre – diz ela.

– O que...?

– Entre! *Agora*.

Jeffrey fica ali, calado, sem se mexer, o copo de café caído a seus pés, a alça da sacola enganchada na dobra do braço.

– Que merda, Jeffrey! Entre logo nesta droga de carro! AGORA!

Ele finalmente obedece, curvando-se para entrar no táxi, o pânico estampado no rosto.

Isabel volta a atenção para o motorista, que olha para ela pelo retrovisor.

– Está tudo bem. Nós somos só... você sabe. – O motorista não responde. – Herald Square, por favor.

– O que está acontecendo? – indaga Jeffrey. – Para onde vamos? Você disse Herald Square?

Isabel puxa um bloco de anotações da bolsa.

– O que achou do manuscrito? – pergunta ela, mas não presta atenção à resposta de Jeffrey enquanto rabisca, e empurra o bloco para ele:

Hoje de manhã no café algum estranho falou c/ vc? Tocou em vc?

Ele lê, concorda e escreve:

Pedi minha caneta emprestada.

Isabel retruca, escrevendo:

A caneta está c/ vc?

Ele enfia a mão no bolso da camisa, mostra-lhe a Sheaffer.

– E então, você vai querer publicar aquela coisa? – pergunta ela em voz alta, ainda rabiscando. – Ou não?

Eles estão ouvindo. Jeffrey parece abalado.

– Decididamente estou intrigado, mas...

Isabel escreve novamente:

Minha assistente Alexis foi assassinada.

– Pois é – diz ela, olhando para Jeffrey enquanto ele lê o bilhete, boquiaberto, em choque, a testa profundamente franzida. – Há um monte de “mas” nisso tudo.



O tráfego na direção de Herald Square é uma mistura compacta de táxis,

caminhões, motoristas furiosos e impacientes dirigindo utilitários jumbo com placas de Nova Jersey, apertando inutilmente suas buzinas.

Isabel tira seu estojo de maquiagem da bolsa. Ela levanta o espelho, observa o reflexo pelo vidro traseiro. O Toyota branco, que estava alguns carros atrás quando saíram do Village, enredou-se no trânsito no norte de Chelsea e agora está quase um quarteirão para trás e distante algumas pistas.

– Motorista, aqui está bom – diz Isabel, colocando outra nota de 10 dólares na divisória.

Abre a porta e se vira para ver Jeffrey e o Toyota. Ela acha que o homem sentado no banco do carona a observa, o cabelo cortado rente e os óculos escuros, nas fileiras paralisadas de todo aquele aço reluzente, o ar cintilando com os gases dos canos de descarga.

Eles saem da avenida barulhenta e ensolarada para uma rua lateral à sombra, a calçada cheia de grupos alegres almoçando tarde nos restaurantes de mais um dos microbairros da cidade, Koreatown.

Isabel olha para trás por cima do ombro e vê o homem do Toyota abrindo caminho em meio ao engarrafamento da Sexta Avenida, vindo atrás deles.

– Vamos! – Ela apressa Jeffrey. – Vamos embora.

Ela acelera o passo, contorna um grupo de turistas boquiabertos olhando para cima. Os dois correm pela rua, meio quarteirão à frente de seu perseguidor solitário. O carro ainda deve estar preso no trânsito.

Na Quinta Avenida, ela agarra o pulso de Jeffrey, puxa-o para dobrar uma esquina e chegam a outra grande avenida ensolarada, com calçadas largas, ônibus e táxis, caminhões e motocicletas, baforadas de diesel misturando-se aos aromas do amendoim assado no mel e dos cachorros-quentes mergulhados em seus banhos salgados de aço sob guarda-sóis listrados. A Quinta Avenida está apinhada com visitantes de todo o mundo, equipados com câmeras e guias de viagem, folhetos e mapas, circulando, olhando para cima e tirando fotos do edifício mais famoso dos Estados Unidos.

– Por aqui – diz ela, empurrando Jeffrey pelo saguão de entrada até o balcão. Entrega seu cartão de crédito e recolhe os tickets.

Isabel já esteve ali, não faz muito tempo, com Tommy. O menino sempre perguntava: “Mamãe, quando podemos ir para o topo do mundo?” Ela não sabia exatamente o que ele queria dizer, o que estava pedindo. Mas imaginava que essa experiência talvez fosse a mais próxima daquela ideia.

Na visita anterior, ela aprendera que, se houvesse uma despesa extra que valesse a pena naquela cidade já extravagante, era pagar um adicional para o bilhete expresso que concede o privilégio de furar filas; há muitas ali, e todas muito compridas. De modo que agora ela e Jeffrey entram na fila especial para os fura-filas.

Isabel faz um gesto com a cabeça na direção da máquina de raios X e o

detector de metal, olha em volta constatando a grande presença da polícia no átrio em estilo Art Déco.

– Aqui podemos ter um pouco de privacidade e certa segurança. Tenho certeza de que o homem que está nos seguindo está armado.

– Tem um cara nos seguindo?

– A menos que ele esteja disposto a largar a arma, não vai poder nos acompanhar. Além disso, tenho certeza de que ele não comprou bilhete antecipado.

Jeffrey vira a cabeça, procurando o perseguidor.

– E estamos prestes a descobrir se ele é mesmo um agente da lei, caso mostre o distintivo.

O homem está parado na porta de entrada, pensando como proceder. Põe o celular ao ouvido, começa a falar. Isabel sente vontade de piscar para ele, ou acenar. Mas isso não é brincadeira, de jeito nenhum. Portanto ela lhe dá as costas, antes que fique tentada a fazer contato visual.

Então ela se vira para trás, num lampejo instantâneo de reconhecimento, algo sobre a maneira como o indivíduo parou, e percebe: este é o mensageiro da entrega, a pessoa que deixou o manuscrito no escritório. E ele agora a persegue?

Arrastando os pés, Isabel se junta a Jeffrey no percurso até o elevador, tentando respirar normalmente durante a longa subida. Sai num piso nada panorâmico, em seguida sobe de novo para dar de cara com a luz do sol brilhante, mais uma vez, agora no 102º andar do Empire State Building.



Eles ficam ali, empoleirados no topo do mundo, 400 metros céu adentro, a cidade espalhada lá embaixo, os rios, o porto e o mar, os edifícios, as estradas e pontes, as extensões intermináveis de Queens e Jersey.

Isabel explica superficialmente seu plano, naquele estado de pânico e correria, rabiscando no bloco de anotações entre todas aquelas pessoas, à luz do sol e sob o vento. Nota que Jeffrey não a compreende muito bem e não sabe se deve se comprometer com essa linha de ação.

Tem alguma ideia melhor?, escreve. Empurra o bloco para ele.

Ele desvia os olhos da vista e olha para baixo. Balança a cabeça. O vento açoitava o bloco, virando as páginas.

Isabel ergue a mão, dobra os dedos, pedindo algo. Jeffrey concorda. Ele enfia a mão no bolso, tira a caneta, coloca-a na borda.

– Pronto?

Ele não parece estar bem nem pronto, mas responde:

– Claro. Vamos.

E afastam-se de sua velha Sheaffer, que, em alguns segundos, deve ser encontrada por algum estranho, embolsada, carregada para outro lugar. Os dois mergulham rapidamente na densa multidão em movimento, descem no elevador e saem para a rua. Isabel não vê o Toyota branco, mas não perde tempo procurando. Não importa muito.

Dobram uma esquina, depois outra, abrindo caminho por entre as pessoas desta versão de baixa renda de Midtown, o ar viciado sendo empurrado entre as portas giratórias dos claustrofóbicos espaços de pé-direito baixo de edifícios indescritíveis, ocupados por contadores obscuros e advogados de causas matrimoniais, com barbeiros oferecendo cortes de cabelo a 10 dólares e *delicatessens* vendendo refeições a 5 dólares.

Descem para a friagem úmida dos túneis do metrô, para a lufada de vento que antecede a chegada estridente do trem rumo à parte alta da cidade, e depois de algumas paradas, saem diretamente no subsolo da Bloomingdale's. Enfrentam o agressivo e nauseante corredor polonês do setor de perfumaria e passam pelos olhares de cobiça descarada na seção de joias. Isabel olha em volta para as mulheres encostadas no balcão, absortas em suas avaliações de ouro e prata, relógios e colares.

Uma mulher obesa examina um conjunto de pulseiras que descansa sobre uma almofada de veludo preto. Uma grande sacola verde-floresta pende de seu ombro robusto, aberta. Isabel se detém no balcão. Abre sua bolsa e retira o celular, uma presença plástica familiar na palma de sua mão.

– São lindas. – Isabel diz à mulher, que sorri, surpresa, e se vira. Isabel faz seu telefone deslizar suavemente para dentro da sacola verde da mulher e vai embora.

Eles chegam à relativa irrelevância da seção de acessórios masculinos e saem pela porta giratória de volta à luz do dia. Atravessam uma rua, dobram uma esquina, cruzam o saguão de uma torre recentemente construída, toda de vidro, aço, mármore e vertiginoso espaço negativo, uma arquitetura que exala o implacável otimismo de 2005, a petulância de que jamais haveria outra coisa a não ser a subida confiável e rápida dos valores imobiliários, nunca mais.

Na extremidade oposta, uma esquina adiante e, de repente, fora de Midtown, chegam a um quarteirão residencial, com casas do século XIX feitas de tijolinho, telhas e cãezinhos peludos e macios amarrados em coleiras de couro.

Isabel sobe uma escadaria larga até uma porta de vidro decorada, ladeada por vasos com trabalhos rebuscados de topiaria. Ela toca a campainha e, menos de um segundo depois, a porta é aberta por um jovem de sorriso explosivo, cheio de dentes brancos e com um tom agressivo de louro no cabelo, segurando um iPad.

– Isabel Reed?! – exclama, inclinando-se para beijá-la na face, ou algo parecido, a pele de ambos mal se roçando, os lábios mal se franzindo e nenhuma

parte do corpo dele realmente tocando qualquer parte do dela. – Ela está esperando você?!

Lança um olhar para seu tablet com cara de susto.

– Não. Sinto muito. Mas é, hum, urgente.

– Com certeza! Me dá dois segundinhos!

O sujeito se vira, afasta-se uns dois passos e cobre a boca para falar, indecifrável, em seu fone de ouvido. Isabel percebe que as pernas da calça do terno estão dobradas bem acima do tornozelo e ele não usa meias sob seus sapatos sociais de amarrar.

– Isabel?

Ele se vira para trás.

– Sem problemas! Ela está no escritório?!

Eles caminham pelo saguão com piso de mármore, entre aparadores idênticos com arranjos compactos de tulipas roxas.

O assistente gira uma maçaneta de bronze trabalhado e abre uma porta com painéis pintados, e os três descem ao nível do jardim, o piso de cerâmica branca lustrosa coberto por tapetes brancos foscos, móveis brancos com vidro e aço, flores brancas em vasos brancos, uns seis cubículos de ambos os lados de um comprido corredor de paredes brancas.

Tomando toda a largura dos fundos da casa, a suíte principal se abre para o jardim com uma parede enorme de janelas de batente, móveis de madeira, estátuas de pedra, fileiras e camadas de vegetação.

É um jardim sereno ali atrás, nesta casa perfeita, presidida por esta mulher escandalosamente atraente que agora abraça Isabel, mais beijos no ar e sorrisos.

– É tão bom ver você.

– Judy Thompson, este é Jeffrey Fielder.

A decana estende o braço cheio de pulseiras para um aperto de mão, um sorriso, um aceno de cabeça. Judy se vira para Isabel.

– Ele é bonitinho. É seu?

Isabel fita Jeffrey, que de repente olha para os pés, corando.

– Acho que sim. – Isabel não pode deixar de sorrir. – Mais ou menos. De vez em quando.

– Por favor – diz Judy –, sentem-se.

O assistente pessoal e mais um par de outros lacaios esgueiram-se em silêncio para o corredor.

Isabel senta-se numa cadeira de couro branco de braços macios e encosto de formas perfeitas.

– Patrick me disse que é urgente, Isabel. Como posso ajudar?

Isabel respira fundo.

– Isso pode soar estranho, Judy, mas poderia me emprestar a casa de praia por uma ou duas noites?

Judy já lhe havia oferecido a casa antes. Isabel tem quase certeza de que é bem-vinda ali, se as circunstâncias permitirem.

– Claro, Isabel. É claro.

Isabel por vezes acha difícil demarcar com seus clientes os limites entre a vida profissional e a pessoal. Entretanto, isso só parece ser um problema com os bem-sucedidos, os clientes podres de ricos, cuja fama e fortuna não são provenientes da venda de seus livros; de modo geral, as publicações são consequência de seus outros sucessos. Isabel tem um bom número desses clientes e Judy está em primeiríssimo lugar entre eles.

Alguns agentes, e alguns editores também, confundem o relacionamento com essas celebridades e imaginam que pertencem a essa comunidade, de restaurantes de gastronomia sofisticada e cabines de avião de sua clientela multimilionária. Isabel tem o cuidado de não alimentar essa pretensão. Mas realmente precisa dos recursos de Judy neste momento. E não é para desfrutar de toda aquela riqueza.

– E sei que isso é incomum, mas poderia me emprestar também um carro?

Judy disfarça uma risada, um som surpreendentemente indelicado vindo de uma mulher famosa por suas boas maneiras.

– Por favor, não seja tímida. Existe mais alguma coisa que eu possa lhe oferecer?

– Já que você mencionou – responde Isabel –, eu aceitaria qualquer dinheiro que por acaso você tenha em mãos.

Judy ri novamente, mas Isabel não.

– Está falando sério?

Isabel assente com um gesto de cabeça.

– O que está acontecendo?

– Ouça, Judy, estou com medo – diz Isabel. – Estou em posse de um manuscrito perigoso e desconfio de que alguém esteja me seguindo. Alguém que quer me matar.

As sobranceiras de Judy se levantam.

– Qual é o livro?

– Prefiro não dizer. Para sua própria segurança.

Judy conhece Charlie, é claro. Ela é uma versão feminina de Charlie Wolfe, um tipo diferente de magnata da mídia, com uma revista, um programa de televisão, linhas de produtos duráveis e alimentos prontos, o equivalente a mais de uma década de negócios de livros em cinco continentes. Talvez não tenha escrito uma única palavra de nenhum de seus doze livros, nem mesmo os agradecimentos. Mas depositou muitos cheques polpudos por eles.

– Tem razão – diz Judy. – Você está com medo de ir à polícia?

– Pelo que sei, é a polícia que pode estar me seguindo. Alguma forma de polícia, de qualquer maneira.

– Que tal ir à televisão? Eu poderia ajudar, você sabe.
– Obrigada, mas não tenho nenhuma prova real de coisa alguma. Tudo o que tenho é um manuscrito de autor anônimo e...

- Anônimo? Que pena.
- E uma assistente assassinada.
- O quê?

Isabel se esforça para respirar fundo, sem chorar. Não quer fraquejar agora, tenta evitar, mas não consegue, e as lágrimas brotam dos cantos dos olhos, começam a lhe escorrer pelo rosto.

- Alguém atirou em Alexis, no apartamento dela. Esta manhã.
- Oh, meu Deus. Quem?

Isabel balança a cabeça, engolindo as lágrimas.

- E, Judy, tudo bem se você não quiser se envolver... Sei que é pedir muito.

Judy dirige-lhe um olhar de “Está brincando?”.

– E quem é ele? – pergunta ela, apontando para Jeffrey, que está em pé junto à janela, olhando para o jardim, silencioso e imóvel.

– Jeffrey é um editor e bom amigo. Entreguei-lhe o manuscrito hoje de manhã. Antes de saber que as pessoas iriam começar a morrer. Então, presumo que ele também esteja em perigo.

- Você deu uma cópia para mais alguém?
- Não. Jeffrey, você deu?
- Não necessariamente – diz ele, ainda de frente para a janela.
- O que isso quer dizer?

– Dei uma parte a Brad. – Jeffrey se afasta da janela, a preocupação marcada em sua testa. – Devemos avisá-lo?

- Deus do céu, não sei – diz Isabel. – O que você diria?
- A verdade, acho.

Faz sentido, mas Isabel não fala mais nada. Em vez disso, ela se inclina sobre a mesa de Judy e rabisca num bloco de rascunho, depois arranca a folha. Entrega o papel para ela, que o lê rapidamente, são só duas linhas, e balança a cabeça.

- E então? – pergunta Judy. – Você tem um plano?
- Não sei. Não sei. Só quero... só quero me esconder.
- Esconder? E esperar o quê?

Isabel dá de ombros, depois mente:

- Não tenho certeza.

– Alô?

– Oi, Bradford. Não sei como dizer isso de uma forma que não faça você entrar em pânico...

– Jeffrey, o que...?

– Na verdade, você deve mesmo entrar em pânico.

Brad olha para a tela de LED exibindo os dez dígitos de um número de celular.

– Jeffrey, o que está acontecendo?

– Sabe aquele manuscrito anônimo? Quem me enviou foi Isabel Reed. Conhece?

– Claro, conheço Isabel.

– E a assistente dela, Alexis?

– O que tem ela?

– Você conhece Alexis?

– Não.

– Bem, ela foi assassinada esta manhã, em casa.

O coração de Brad dá um salto. Ele se força a perguntar:

– Você acha que tem algo a ver com o manuscrito?

– Acho. Isabel também.

– O quê? Por quê?

– Porque não pode ser coincidência alguém atirar na cabeça da menina na manhã em que ela termina de ler essa bomba. Em seu próprio apartamento.

Brad se recosta na cadeira, fecha os olhos. Isto está realmente acontecendo?

– Jeffrey, onde você está?

– Hum... Prefiro não dizer.

– Por quê?

– Porque o telefone pode estar grampeado. Ou o seu pode estar.

– Grampeado? Por quem?

– Quem sabe? Ouça, Brad, estou ligando para dizer que você pode estar em perigo. Eu sem dúvida estou. Tenha muito cuidado.



Brad olha para fora, para a perfeição do trabalho de revitalização urbana da Union Square. Quando ele era criança, na década de 1970, essa praça era apenas mais um espaço abandonado numa cidade cheia de lugares desagradáveis. O metrô grafitado era indefensável depois do anoitecer. Times Square era uma

cloaca pornográfica cheia de prostitutas. A maioria das principais praças eram povoada por viciados desdentados e traficantes com dentes de ouro, seringas descartadas e pacotes amassados de Cheetos, adolescentes ameaçadores assaltando com facas, levando sua carteira, seu casaco, seus tênis.

Depois disso, Brad foi para a faculdade e passou alguns anos sem rumo. Quando voltou a Nova York, as coisas haviam mudado. Os anos 1980 de Reagan tinham desregulamentado e alargado os caminhos para a extrema riqueza e ao mesmo tempo ampliado as muitas rotas para a pobreza abjeta. Havia mais pessoas ricas em Manhattan, e elas estavam mais ricas do que nunca, misturadas com novos batalhões de gente paupérrima – desabrigados, pedintes, lavadores de vidros de carro. Os ricos precisavam de novos lugares para morar, uma geografia de luxo que se expandia. Assim, novas áreas residenciais foram talhadas em antigas áreas industriais e a gentrificação se espalhou como um rastilho de pólvora. Até um bairro inteiramente novo foi construído no que costumava ser o Rio Hudson, erguido em cima de aterro proveniente das escavações para a construção do World Trade Center.

E a Union Square, ali do outro lado da rua, ficou limpa. Aparentemente, todos os espaços comerciais do parque foram substituídos. O parque em si foi replantado e reinventado, passando por uma reforma paisagística. Os viciados foram expulsos, em sua maioria, e a praça repovoada.

McNally & Sons estava novamente no centro da cidade, como quando fora fundada na década de 1920. Uma longa viagem para fechar o círculo.

E então, alguns meses atrás, o homem da Agência de Segurança Nacional ligou para o neto do fundador, pediu a Sheila que marcasse uma hora, mas se recusou a dizer do que se tratava. Brad estava curioso e um pouco preocupado, além de não saber bem se tinha o direito de recusar. Seria possível que estivesse empregando um terrorista? Sua mente vasculhou os corredores, entrou e saiu dos escritórios, espiou por cima da parede divisória de cada cubículo, tentando lembrar cada rosto dos cem funcionários que trabalhavam para ele.

Pensou em um deles: aquele contador júnior, um tipo do Oriente Médio. Brad não conseguia lembrar o nome do cara nem de onde ele era; provavelmente nunca soube essa última informação. Tinha uma vaga ideia de que fosse Líbano ou Síria, mas poderia ser Israel, Turquia, Iraque; o que ele sabia desses árabes? Ou o cara poderia ter nascido no Queens, ou em Atlanta. Brad sentiu-se envergonhado.

O agente entrou educadamente, acenando para Brad de um jeito meio hipócrita.

– Meu nome é Joseph Lyons – disse ele, com um aperto de mão.

O homem era mais velho – uns 60 e poucos anos, provavelmente – do que Brad esperava, o que, por algum motivo, seria alguém parecendo um jovem matador. E esse Lyons usava um lenço no bolso com estampa *paisley*, ainda por

cima, um horror.

– Obrigado pelo seu tempo, Sr. McNally.

Brad não equiparava lenços de bolso a distintivos e armas.

– Sr. McNally, vou direto ao assunto.

– Sim, por favor.

– Chegou ao nosso conhecimento que uma espécie de biografia do CEO da Wolfe Worldwide Media está sendo escrita.

Os dois homens estavam sentados em poltronas nas duas extremidades da mesa de centro. Nenhum deles tinha escolhido o sofá, cujo abraço acolhedor transmitia certa fraqueza.

– Esta biografia, Sr. McNally, está sendo escrita por um jornalista freelancer escondido na Europa. O projeto é coordenado por um império de mídia rival, que paga ao jornalista o que acreditamos ser um milhão de dólares.

Brad se remexeu na cadeira.

– Desconfiamos de que, sob quase todos os aspectos, o tal manuscrito será fiel à verdade. Meticulosamente pesquisado e inatacável, um livro completamente verdadeiro.

Brad agora entendia que, qualquer que fosse o assunto daquela conversa, não seria sobre seus funcionários, nem sobre qualquer problema existente na sua vida particular ou profissional. Ninguém naquele escritório precisava ser vigiado ou demitido. Nada que tivesse passado pela mesa de Brad precisaria ser entregue aos federais. A conversa era sobre algo que ainda não tinha entrado em seu mundo; na verdade, a conversa era a entrada.

Brad relaxou os ombros e largou a caneta que apertava. Olhou para baixo e viu que os nós de seus dedos estavam brancos.

– Mas haverá também invenções. Não temos certeza de como serão essas ficções, mas suspeitamos que serão criadas para exercer o máximo impacto. – O agente se inclinou para frente. – O livro, Sr. McNally, será um embuste.

– Por quê?

Brad se sentia menos desconfortável, o suficiente para começar a participar da conversa, embora um tanto monossilábico.

– O objetivo é difamar Charlie Wolfe e toda a empresa internacional Wolfe Media para encenar uma aquisição hostil.

– O quê? Como?

– Provocando uma crise no mercado de ações. As ações Wolfe estão sendo vendidas a descoberto agora, enquanto falamos, construindo um portfólio que pode ser sacado depois que a crise estourar, com imenso lucro. Lucro esse que, por sua vez, pode ser usado para adquirir uma empresa em situação calamitosa.

– A-hã. – Brad recostou-se na cadeira, cruzou as pernas e tentou manter contato visual com Lyons. – O que isso tem a ver com a Agência Nacional de Segurança?

– Isso é confidencial. Mas, como tenho certeza de que está ciente, Sr. McNally, nossa segurança coletiva requer que pessoas comuns, civis, de vez em quando representem um papel na aplicação da lei. Até as pessoas do ramo editorial.

Brad percebeu finalmente o que estava acontecendo.

– Esta é uma daquelas situações em que se você vir algo precisa contar.

– O senhor está me pedindo isso? Ou me dizendo o que fazer? – perguntou Brad.

E rapidamente desviou os olhos, evitando o olhar do homem. Vez por outra Brad ainda tinha vontade de resistir às autoridades. E se havia algo mais parecido com autoridade era aquele agente ali sentado, pedindo-lhe que fizesse algo que lhe cheirava muito a dedurar, na melhor das hipóteses, sufocar a liberdade de expressão, de qualquer maneira, e, na pior, suprimir informações de interesse público.

Lyons sorria, o sorrisinho condescendente de alguém que sabe que vai ganhar, e que vai ganhar de longe.

– Eu acho, Sr. McNally, que isto é mais uma exigência do que um pedido.

– Compreendo.

Brad pedira ao advogado da casa que esperasse na sala de reuniões ao lado, caso houvesse circunstâncias imprevistas. Circunstâncias previstas, na verdade. Previstas e indesejáveis.

Brad encarou Lyons, tentando olhar duro para um rosto endurecido.

– E como vocês souberam de tudo isso?

– Os detalhes das operações de coleta de dados de inteligência são, naturalmente, confidenciais. Mas posso revelar que interceptamos telefonemas entre o jornalista e, hã, a empresa contratante.

– Interceptaram ligações telefônicas? Está se referindo ao programa de escuta telefônica interna?

– Isso mesmo. – Aquele sorrisinho presunçoso de novo. – Apesar de nos referirmos a ele como programa de vigilância interna.

– A-hã. – Brad aos poucos ficava indignado. E arrogante. – E por que esse jornalista está no exterior?

– Para eludir nossa vigilância. E nossa aplicação da lei.

– Entendo. Então o que o senhor quer, exatamente?

– Eu não quero nada. Mas o que a Agência de Segurança Nacional exige é que o senhor nos avise se tal manuscrito chegar às suas mãos.

– Isso é certo?

– É o certo a se fazer.

– E como vou saber? Como vou saber se o manuscrito atende a esses critérios?

– Seria muito fácil, acho.

– Dez editores trabalham aqui. Cada um recebe vinte originais completos e propostas de livros por semana.

– Este não vai chegar como uma proposta.

– Como sabe?

– Porque não vai.

Os dois homens se perscrutaram, então Brad acabou com o impasse.

– Como eu estava dizendo, duzentos livros potenciais chegam aqui a cada semana. São, hum... dez mil por ano.

Lyons assentiu.

– E está pedindo que eu encontre um? Um em dez mil?

– Tenho certeza, Sr. McNally, de que não vai ser tão difícil quanto está alegando.



Depois de passar algumas horas se preocupando com o assunto, meses antes, Brad decidira não tomar nenhuma decisão. Aquela situação absurda era apenas hipotética. Ele não se preocupou em consultar o advogado da empresa, especialista em contratos e propriedade intelectual, mas não exatamente um especialista nessa situação. Nem chamou o advogado de fora da empresa. Brad não precisava desperdiçar dinheiro com honorários por causa de uma conversa abstrata, longa e infrutífera sobre a Primeira Emenda.

Tinha questões mais concretas e factíveis sobre a mesa todos os dias. Até hoje, quando o manuscrito deixou de ser abstrato. De modo que Brad dá o tal telefonema, o que ele esperava não ter que fazer, mas que de alguma forma sabia que iria precisar.

– Bradford McNally? – A voz do outro lado da linha tem um forte sotaque sulista lento, e você pode praticamente ouvir a barriga pelo telefone. – Que bom que você ligou.

– Trey Freeley. Que bom que você atendeu.

O advogado ri. Ambos sabem que Freeley fica mais do que feliz por receber uma breve ligação e cobrar uma centena de dólares por ela.

– Escute, Trey, um dos meus editores recebeu um manuscrito que pode ser complicado legalmente.

– Hummm... – O sotaque de Freeley parece mais pronunciado quando o que sai de sua boca não são palavras de verdade; ele geme e resmunga com um forte sotaque. – Qual é o problema? – Como se ele fosse um médico.

– Bem, o projeto é uma biografia não autorizada de Charlie Wolfe. Inclui algumas revelações bastante explosivas. Ou, melhor, alegações. Acho que é o termo mais preciso.

– Entendo. – Longa pausa. – E quem escreveu?

– É anônimo.

Freeley fica em silêncio por um segundo.

– Quem é o agente literário?

– É uma mulher chamada Isabel Reed.

Freeley não responde.

– Você a conhece? – pergunta Brad.

– Sim. – O advogado parece desconfiado, ou zangado, ou algo não muito bom. Freeley não é do tipo monossilábico. – Se não se importa que eu pergunte, McNally, qual de seus editores recebeu isso?

Brad está muito mergulhado em suas próprias preocupações para se perguntar por que o maldito advogado quer saber isso.

– Jeff Fielder.

– Hummm. – Brad escuta a respiração ofegante do homem pesado do outro lado da linha. – Escute, McNally, temos que falar sobre isso pessoalmente. Posso ir até Nova York mais tarde.

O primeiro e breve instinto de Brad é se preocupar com o custo de uma viagem dessas, mas depois percebe que, se o advogado está disposto a tomar um trem tão de repente, as horas trabalhadas são o menor dos seus problemas.

– Podemos sair para beber?



Brad está diante da máquina estranha, uma despesa relativamente nova que ele não se lembra de ter aprovado. Olha para a pequena tela cinzenta considerando suas opções, em dúvida se precisa mesmo escolher alguma coisa ali ou se pode seguir em frente sem pensar. Tenta, e coloca a pilha de papel na bandeja do alimentador, aperta o botão verde gigantesco, aquele que exclama “Me aperte!” A coisa começa a funcionar como deveria, copiando páginas. Graças a Deus. Ele pode evitar a humilhação de pedir que alguém lhe mostre como usar a máquina.

Afasta-se do conjunto de grandes salas que formava os escritórios originais da Editora McNally na época de sua fundação, antes de os herdeiros se envolverem. Quase um século depois, Brad sabe que vai ter que vender a empresa para quem for louco o suficiente para comprá-la. Seu pai também sabe, sentado em sua varanda no Vineyard, tentando aproveitar o crepúsculo da vida. Embora nenhum dos dois tenha explicitamente admitido esse fato um para o outro, cada um sabe que o outro sabe.

No entanto, já que vai ter que vender a venerável firma, primeiro quer tentar fazer algo de bom neste mundo, usando a posição que ocupa, ainda que temporariamente.

Segue pelo corredor e dobra uma esquina, então desce para o que considera a

nova ala, mesmo que já tenha vinte anos. Os confins da nova ala são conhecidos como o Corredor Perdido, um labirinto de cubículos, espaços de trabalho improvisados, armários de material, banheiros e salas abobadadas à prova de fogo abarrotadas de armários especiais que guardam ilustrações, contratos e outros papéis ou películas insubstituíveis.

O Corredor Perdido é onde Chester Dumont e seu pessoal ficam: editores de texto, revisores e produtores editoriais que leem e revisam as dezenas de milhões de palavras por ano que se transformam nos 150 livros publicados pela McNally & Sons. No final do corredor, depois de um grande conjunto de mesas de colaboradores externos, fica o escritório de Chester.

Cada metro quadrado de espaço da parede está coberto por prateleiras de aço de 30 centímetros de profundidade arriadas sob o peso de pilhas de livros em andamento, assim como uma coleção abrangente de obras de referência. Ao lado da mesa dele há um suporte alto para dicionários Merriam-Webster; embaixo estão a terceira edição, de 1961, e a segunda, de 1934. Chester está inclinado sobre esse volume enorme, examinando o papel fino como seda através de seus óculos de lentes meia-lua assentados na parte mais baixa do nariz adunco, quando ouve uma batidinha discreta em sua porta aberta.

– Um momento, por favor – diz ele, entretido na leitura, sem erguer os olhos, terminando sua pequena tarefa de pesquisa.

Então, após descobrir com exatidão o que é um rombicododecaedro, ele se vira para a porta e vê Bradford. Chester tem certeza de que o editor nunca visitou seu escritório antes. E Chester trabalhava na McNally & Sons havia trinta anos.

– Sr. McNally, que surpresa. – Chester tem o hábito, que ele percebe que todo mundo acha pretensioso, de abusar da formalidade. – A que devo o prazer?

O editor está parado junto à porta, aparentemente sem saber se deve entrar. Como sempre, Bradford veste um terno, um risca de giz cinza-carvão que parece flanela, uma camisa azul com gola estilo clube inglês, e uma gravata bordada em azul-marinho e roxo atada em um nó semi-Windsor caprichado.

– Olá, Chester – diz o chefe do seu chefe. – Posso entrar?

– É claro. – Chester contorna sua mesa cinza-chumbo. – Quer se sentar?

O editor entra tentando não esbarrar nas pilhas de obras de referência e originais espalhados pelo chão. Senta-se na cadeira de couro macio, desenhada por Ludwig Mies van der Rohe em 1929-1930, uma das poucas relíquias que sobreviveram à reforma do escritório em 1952. O volumoso livro ilustrado *1.000 cadeiras* está bem acima do ombro direito de Chester.

– Olhe, Chester, preciso de um trabalho de verificação de fatos. – Brad toca a pequena pilha de papel.

– Muito bem, Sr. McNally. Vou pedir que um dos colaboradores cuide disso o mais cedo possível.

Ele sabe que Doris está prestes a terminar a revisão de um romance

incrivelmente adiantado no cronograma. Esse trabalho pode ser deixado de lado por um dia. Ora, pode ser deixado de lado por quatro meses. Chester começa a folhear as páginas.

– Sinto muito, Chester, mas preciso que seja você a fazer isso sozinho. E preciso que seja feito hoje.

Chester olha para o homem que assina o cheque do seu salário: 82 mil dólares por ano. Graças a Deus ele nunca saiu de seu casebre alugado em Turtle Bay.

– O que é isso?

– Parte de um original.

– E o que gostaria que fosse verificado?

– Tudo o que puder. – O editor se levanta. – Até o final do dia, por favor.

Chester respira fundo, devagar, e começa a planejar uma reorganização do resto do seu dia, agora que esta bomba gigante explodiu no seu colo.

– Ah, Chester, isso é estritamente confidencial. Nem uma única palavra a respeito, para ninguém.

O asfalto muda na Saída 66, a superfície negra relativamente nova dando lugar à cinzenta, mais velha, mais áspera, mais barulhenta, uma vibração mais forte no volante da Mercedes nova em folha que jazia na garagem da esquina da casa de Judy. Enquanto esperavam na base da entrada de carros, Jeff reparou na lista de preços afixada: 675 dólares por mês para um carro, mais imposto de estacionamento de 18,75%. Leia-se: 800 dólares por mês. Por uma vaga de estacionamento.

– Você sabe dirigir, não sabe? – perguntou Isabel.

– Sei.

O reluzente carro prateado surgiu da curva com um guincho estridente. Um rapaz magro abriu a porta do motorista enquanto o veículo ainda estava em movimento, saiu dele com agilidade, pegou a nota de 5 dólares de gorjeta de Isabel com um rápido “obrigado, senhora” e correu de volta para as entranhas do estacionamento para buscar outro carro de 100 mil dólares de outra pessoa, por um salário mínimo.

– Você dirige – disse ela. – Preciso dormir um pouco.

Jeff afundou no couro macio, ajustou os espelhos e seu assento, deu uma espiada no painel. Depois arrancou, hesitante, para o denso emaranhado do trânsito de um dia de semana. Cem metros adiante, um homem com os cabelos desgrehados tentava orientar o tráfego no meio de um cruzamento, sem qualquer outra autoridade a não ser sua vontade de se encarregar de algum pedacinho do mundo, de governar alguma coisa, por mais irrelevante que fosse.

Jeff olhou de soslaio para Isabel, relaxada no assento, olhando pela janela, parecendo perdida em seus pensamentos. Ele gostaria de saber qual era realmente o plano dela. Sabia que não lhe contava toda a verdade.

Em um impulso repentino de um movimento geral dos veículos, o carro se livrou do congestionamento e Jeff acelerou, atravessando o cruzamento. Em seguida percorreu toda uma rua comparativamente vazia – “Tome a próxima à direita, Jeffrey” e “Dobre ali” – e logo subiam a rampa de acesso para a ponte da Rua 59, numa pista estreita que parecia suspensa por cima do rio. Era a pista mais assustadora em que já tinha dirigido, no que já era o dia mais assustador de sua vida.

– Acho que devemos ir à polícia – disse ele.

– Não.

– Por quê? – Sabia qual seria a resposta dela. E nem queria mesmo ir à polícia. Mas precisava fazer alguma coisa, simular uma atividade. – Estou apavorado, Isabel.

– Hummm.

Um murmúrio de concordância, mas não de empenho.

– Jeffrey? – chamou ela, baixando o vidro da janela. Um vento quente inundou o carro. – Pode me emprestar seu celular?

Jeff não dirige com frequência e nunca na vida possuiu um carro. De modo que estava tenso ao volante do carro de luxo, emprestado por uma mulher famosa, numa pista incrivelmente estreita e desprotegida, acima do East River. Assim, enfiou a mão no bolso e entregou-lhe o aparelho sem olhar para Isabel, mantendo os olhos fixos à frente. Foi por isso que não viu muito bem quando o telefone voou janela afora; teve apenas um vislumbre do movimento do braço dela.

– Você acabou de jogar meu celular pela janela?

– Sim.

– Por quê?!

– Porque celulares são aparelhos rastreáveis. Mesmo quando não estão grampeados.

O estômago dele estava em queda livre, afundando com seu cartão de memória para o fundo do East River, junto com seus dados irrecuperáveis, insubstituíveis.

– Você poderia ter retirado só a bateria – disse ele, aborrecido.

– Desculpe. – Ela se afastou da janela, novamente fechada, e virou-se para Jeff. – Era só um celular, certo?



Noventa minutos depois, Jeff olha para o banco do carona, para sua companheira que dorme. O cabelo caiu todo sobre o lado direito do rosto e a boca está aberta, o queixo pendurado um pouco torto. Sua respiração é profunda, o peito sobe e desce num ritmo lento, constante.

Ele toca de leve o braço dela.

– Isabel – chama em voz baixa –, chegamos.

Ela não se mexe, o ritmo da respiração não se altera.

Jeff olha para trás na estrada, vê a saída iminente. O tráfego havia diminuído pela via expressa de Long Island, da mancha urbana em Queens – com os conjuntos habitacionais e hotéis baratos, os centros comunitários em ruínas e os shoppings centers decadentes – à densa concentração de residências luxuosas de Nassau County, que levam do estreitamento de Suffolk até o trecho despovoado de Pine Barrens, os desvios para os Hamptons e, finalmente, a placa que Isabel havia mencionado antes de adormecer: FINAL DA VIA EXPRESSA 6 KM.

– Ei, Isabel – diz ele, um pouco mais alto agora. – Acabamos de passar pela placa.

– Hummm.

Ela murmura algo e muda de posição, mas não abre os olhos. Ele apoia a mão em seu braço, suave e quente sob a blusa lisa.

– Isabel, acorde.

Ela abre os olhos, pisca.

– O quê?

– Acabamos de passar pela placa de final da via expressa. Um minuto atrás.

Isabel esfrega os olhos, passa a língua pelos lábios. Esta é uma visão que ele quer gravar na memória: a mulher que ama acordando.

– No começo da rampa, vire à esquerda – avisa ela. – Há um posto de gasolina. Pare lá.

Jeff entra com o carro no posto, mas fica longe das bombas.

– Qual é o problema? – pergunta ela.

Ele olha para ela.

– O que você quer que eu faça?

– Agora? Encha o tanque.

Jeff olha para o painel.

– Mas não precisamos de gasolina.

Isabel destrava o cinto de segurança.

– Claro que precisamos. Só não precisamos de muita gasolina – retruca ela, entregando um cartão de crédito a ele, um dos que Judy se dispôs a emprestar à sua excêntrica agente literária. – Vou ao banheiro.

Jeff está usando a bomba, mal se lembrando de como funciona. Ele insere o bico da mangueira na entrada do tanque no carro, aperta o gatilho, olha para o reflexo de si mesmo na janela traseira. Sua mochila está ali atrás do vidro, no banco traseiro. Mas Isabel levou a bolsa junto com ela.

Hayden desembarca com sua mochila pequena no ombro e põe os óculos escuros para se proteger contra a forte luz do sol do solstício de verão, que se reflete na vasta extensão de asfalto cinza-claro, na comprida fileira de hangares.

Um veículo preto passa correndo por um portão na cerca de arame que separa a pista de pouso do resto da base militar e para na frente dele. A janela do motorista é abaixada e um jovem se vira para ele, a princípio estranho por causa dos grandes óculos escuros, mas Hayden o reconhece.

– Olá, Tyler – diz ele.

Hayden conhece esse sujeito há apenas alguns meses; ele é da turma dos fortões. Não tanto um agente, mais um executor, o que provavelmente é de fato necessário aqui.

– Olá, Sr. Gray.

Hayden vê outro detetive, um rapaz jovem, no banco do passageiro.

– Quem é você?

– Meu nome é Colby, senhor.

– É seu primeiro ou último nome?

– Colby Manfield, senhor.

Formar uma equipe na terra natal foi um desafio delicado. Hayden precisou providenciar os serviços de diversos grupos distintos para toda essa vigilância, eletrônica e física, com técnicos e uma unidade de comando móvel em Nova York, as equipes de agentes de prontidão para manter o controle de outras pessoas que poderiam representar problemas, como o editor, o advogado em Washington e aquela pobre moça, esta manhã.

Sem falar de possíveis personagens em outros locais, como Los Angeles, onde aquela inconveniente gerente de direitos subsidiários está criando sabe Deus quantos problemas. Um bocado de gente de que Hayden necessitava para esta operação num território que não é seu, numa missão não exatamente legal. Nem de longe legal.

No final, a alternativa mais eficaz foi subcontratar fornecedores particulares. Depois do Onze de Setembro, o quadro de funcionários mudou de modo significativo, com a proliferação de organizações paramilitares, fundindo-se umas com as outras, encerrando atividades, mudando de nome, redefinindo âmbitos de atuação, encobrindo seus proprietários, mandatos e registros. Há uma abundância de homens com cabelos de corte militar em busca de trabalho nos Estados Unidos, homens que se orgulham de seu arbítrio, da honra sacrossanta do juramento de sigilo, da convicção inabalável de que o direito à segurança supera o direito à privacidade, pelo menos no que diz respeito às outras pessoas. Ou, se não por qualquer um desses princípios, por uma questão muito mais simples:

dinheiro.

Uma era de prosperidade para os mercenários.

E aí está o resultado, sentado na frente da grande caminhonete preta, em cujo banco traseiro Hayden se instala. Ele se pergunta que tipo de explicação satisfatória vai inventar para dar a esses valentões. Mas sabe que não precisa dizer muita coisa a eles. Esses sujeitos vão fazer simplesmente o que ele mandar. É assim que eles são, é para isso que servem. E depois Hayden deve matá-los.

– Diga-me o que está acontecendo – pede ele.

O motorista acelera, enquanto o homem no banco do carona se vira para olhar seu chefe.

– A agente e o editor tomaram emprestado um carro de Judy Thompson.

– Quem é ela?

– Uma celebridade de televisão, autora de livros e sabe-se lá mais o quê. Os dois foram encontrar Thompson na casa dela no East Side. Reed admitiu que estava apavorada e queria um lugar para se esconder; disse que alguém havia assassinado sua assistente. Então pediu para ficar na casa de praia de Thompson, pediu um carro, além de dinheiro e um cartão de crédito. Eles só usaram o cartão para comprar gasolina no caminho de Nova York para essa casa, em Amagansett. Hamptons.

Hayden olha para o relógio, tentando se adaptar à mudança de horário, à mudança de continente. Encontra-se numa base militar em Nova Jersey, um lugar muito diferente de onde acordou essa manhã.

– Quanto tempo levaríamos de carro até lá?

– Muito tempo. Três horas e meia. Talvez quatro. Portanto, não vamos de carro. – O rapaz aponta para a frente, para um helicóptero ao longe. – Há uma base em Westhampton. Muito perto.

– Ótimo. O que mais?

– Tem aquela mulher de Los Angeles, a gerente de direitos subsidiários.

– Uma equipe está posicionada?

– Esperando perto da agência de aluguel de carros.

– E me atrevo a perguntar?

– O plano é um roubo de carro que vai dar errado, no trecho entre a agência e a rodovia. Dois carros, cada um vindo de uma direção.

Hayden visualiza os pneus cantando, as máscaras de esqui, o tá-tá-tá-tá das armas, o sangue espalhado por todo o banco da frente, o painel e os vidros. Ele odeia isso. Uma coisa é matar uma garota solitária em Nova York por engano. Outra é começar um tiroteio em Los Angeles de propósito. Abrir fogo contra civis nos Estados Unidos da América. Caçar americanos inocentes para punir sua interferência indesejada nesta inesperada deturpação dos fatos. Que má sorte desgraçada.

– Você está com o objeto? – pergunta ele ao homem do banco da frente.

– Sim, senhor.

O capanga do banco do carona estende o braço para baixo, pega uma sacola de lona, passa-a para trás.

Hayden tira a pilha de papel da sacola. *O acidente*. Sabe imediatamente a que o título se refere e seu estômago dá uma cambalhota. Lá se vai a esperança de que o manuscrito pudesse ser inofensivo.

Seu telefone toca. Um número de Washington.

– Alô?

– Boa tarde. Aqui é Trey Freeley.

– Ah, olá. Em que posso ajudá-lo?

– Lembra-se do assunto que discutimos? Sobre aquele manuscrito?

– Claro.

– Ele aterrissou, exatamente com a pessoa que eu esperava.

Incrível.

– Sim. Você tem alguma informação?

– Uma parcela, uma pequena parte do manuscrito está com o dono da editora. Sabe quem é?

– Sei.

– Ele está preocupado.

– Imagino que sim.

– Tenho um encontro com ele para um drinque hoje à noite, no Maritime, em Nova York. Conhece esse clube?

O pai de Hayden tinha sido sócio do Maritime; foi o lugar onde ficaram, os dois, quando visitaram Nova York para o aniversário de 16 anos de Hayden. Outra época, outro século.

– Não, diria que não.

– Vamos estar lá às sete horas.

Eles desligam. Os três passam do utilitário para o helicóptero. Assim que afivela o cinto de segurança, Hayden começa a ler.



Hayden teve um encontro com Buford Freeley III quando a operação começou, em dezembro.

– Pode me chamar de Trey – disse o advogado com um sotaque sulista carregado, estendendo-lhe a mão grande e apertando com firmeza a de Hayden. Firme, com algo a provar. – Todo mundo me chama assim. Tentamos nos livrar do nome Buford por três gerações, mas parece que não conseguimos.

Hayden se sentou, olhou pelas janelas para o horizonte de Washington, tal como era, com o monumento ao fundador da cidade a poucos quarteirões de

distância perfurando o céu, dividindo-a. Hayden dera uma boa caminhada pelo Penn Quarter.

Fazia muito tempo que ele não passeava a esmo pela capital. Washington lembrava-lhe mais uma cidade europeia do que americana: as ruas que se irradiam e as rotundas, os parques e praças, os edifícios baixos em relação à altura dos monumentos. É a cidade grande com menos arranha-céus no país; ela se encaixaria bem no continente europeu.

Deixou que seu olhar vagasse sobre a parede de Freeley, que exibia fotos emolduradas de apertos de mão com dezenas de dignitários, incluindo mais de um presidente dos Estados Unidos. Estudou na Duke University e graduou-se em Direito em Princeton.

– A faculdade mais distante ao norte que qualquer cavalheiro sulista de respeito consentiria em frequentar, não é mesmo?

– Não sei, Sr. Freeley. Não sou do Sul.

– Não, acho que não.

– E apenas marginalmente um cavalheiro.

Freeley estreitou os olhos para ele do outro lado de sua mesa abarrotada.

– Então, o que posso fazer pelo senhor?

– Disseram-me que é um homem em quem se pode confiar.

Freeley tinha uma risada fácil, franca, uma risada sulista.

– Tanto quanto qualquer advogado de Washington. Não é mesmo, senhor... Como é mesmo? Sr. Lyons?

– Correto.

– Hummm. – Ele olhou por cima do aro dos óculos com ar dúbio. – E sua mensagem dizia que o assunto é sobre o projeto de um livro? Sr. Lyons?

– Sim?

– Vai manter esse nome, agora que está aqui no meu escritório? Ou vai me contar quem realmente é?

Hayden estava pronto para isso, mas não sente a necessidade de demonstrá-lo. É o que separa os profissionais dos amadores: profissionais não precisam provar quão espertos são.

– O que estava pensando? – Freeley balançou a cabeça. – Cobro 800 dólares por hora. Quando negocio um livro, levo 15% do total. E o total para meus clientes fica na faixa de sete dígitos. Levo um ou dois dias para fazer um desses negócios. E é quando estou tendo um dia de folga.

Hayden assentiu.

– O que quero dizer, Sr. Lyons, é que ganho um montão de dinheiro. E sabe por quê? – Manteve os olhos fixos em Hayden, mas não esperou por uma resposta. – Porque não desperdício meu tempo em reuniões que não me trazem nenhum dinheiro. Tenho uma equipe cujo trabalho é pesquisar as pessoas que querem entrar neste escritório. Para descobrir quem elas são.

Hayden se divertiu com toda aquela arrogância.

– E quem sou eu?

– O senhor não é ninguém. Não existe. Não há ninguém chamado Joseph Lyons em Washington. Nem nos Estados Unidos da América.

– Ninguém lhe disse que eu viria aqui?

Freeley bufou.

– Claro. Alguém sempre me diz que alguém virá aqui. Um senador, um congressista, um lobista.

Hayden permitiu-se um sorriso largo cheio de genuíno prazer.

– Mas dessa vez foi o diretor da Central de Inteligência.

– Oh, e ele é a única pessoa em Washington que não mente?

Hayden não pôde deixar de rir. Esse era exatamente o tipo de sujeito com quem ele gostaria de trabalhar. Mas sujeitos como aquele não trabalham por 100 mil por ano, de vez em quando levando um tiro, às vezes tendo que frequentar lugares infernais.

Trey Freeley havia se lançado na capital como um assessor das maiores empresas do país e logo se tornou um agente literário notoriamente aguerrido, que, em seguida, traduziu seu sucesso numa sociedade com uma firma de advocacia, onde cavou um nicho exclusivo para si, representando quase todo mundo do governo federal dentro do círculo de Washington que tivesse algum grande negócio relacionado a livros.

Hayden se inclinou para a frente.

– Eu poderia contar para você outras mentiras, mais complicadas de verificar. Mas seria apenas mais um disfarce. Assim, para os fins destes honorários, vamos supor que sou um cliente em potencial que vai acabar não valendo a pena para o senhor. – Hayden pegou um envelope do bolso, entregou-o a Freeley. – E espero que não nos encontremos novamente.

O advogado abriu o envelope e retirou dele um pedaço de papel, um cheque administrativo.

– Também faço a lição de casa, Sr. Freeley. E sua hora custa 700, não 800 dólares.

– *Touché*. – Freeley colocou o cheque em cima da mesa. – Não se trata de uma negociação de livro?

Hayden deu de ombros.

– Isso não importa, não é? Estou aqui porque as pessoas dizem que o senhor sabe mais sobre o negócio de publicação de livros do que qualquer outro, e que recolhe os mexericos de Nova York sem ser parte deles.

Freeley não poderia discordar dessa avaliação. Deu de ombros.

– Estou aqui – prosseguiu Hayden – para que possa explicar isso para mim.

– Explicar o quê?

– Publicação de livros.

- O quê, especificamente?
 - Tudo – disse Hayden, com mais um largo sorriso. – Ou seja, tudo o que pudermos cobrir nos próximos 54 minutos.
- Freeley recostou-se na cadeira, numa posição confortável.
- Deve dar. Não é um negócio muito complicado.

Um voo transcontinental proporciona um bom tempo de leitura, sobretudo quando se vai para o oeste, na direção do vento. Ainda assim, *O acidente* é grosso, como costumam ser os manuscritos. Portanto, apesar de o voo estar inexplicavelmente atrasado e os ventos alísios estarem fortes, quando as luzes dos cintos de segurança se apagam e os passageiros se levantam, Camilla guarda o manuscrito outra vez em sua sacola da McNally & Sons, e ainda lhe restam umas cem páginas para terminar a leitura.

Segue devagar pelo corredor escolhendo os protagonistas em sua imaginação. Não quer atores jovens para *O acidente*, então eles serão apropriados para as cenas da época da universidade, que vai ocupar um tempo desproporcional na adaptação; há um bocado de drama visual no início da história. E presume que é mais fácil envelhecer atores mais jovens do que rejuvenescer os mais velhos.

Vai ser um filme sensacional.

Deveria alugar um conversível, um dos bons, e passar a semana circulando por Los Angeles com seus óculos escuros, o cabelo comprido e vermelho esvoaçando, tentando, como todos aqui, atrair a atenção. Finalmente ela tem algo que vale a pena.

E para o inferno com os limites de sua conta. Esta deve ser a última viagem que faz para McNally, e nunca vai ter mesmo que justificar os gastos. Já estará longe quando a fatura do cartão de crédito chegar.

Esperando na calçada pela van de aluguel, Camilla telefona e pede um carro mais caro. Mas eles não possuem conversíveis. O funcionário quase insuportavelmente imbecil tem uma variedade de utilitários para oferecer, mas não é isso que ela quer, não mesmo.

– Certo. Vou levar o médio, então.

– Sem problemas.

Enquanto escuta o idiota falar, Camilla se preocupa com o fato de que talvez a Califórnia não seja exatamente Shangri-La.

– Pensando bem, não, obrigada.

Ela desliga, liga para outra agência, que com certeza terá muitas opções de conversíveis. Se há um lugar onde nunca faltam carros de aluguel, é o Aeroporto Internacional de Los Angeles.

Outro ônibus a deixa no estacionamento, ao lado de uma estrada de acesso e a cerca de 400 metros do local onde é esperada.

Ela não tem tempo para ir ao hotel antes de seu compromisso, conforme o planejado. Vai se arrumar ali mesmo, no toailete feminino da agência, trocar de roupa e aplicar maquiagem. Olhando-se no espelho, pintando os lábios sob a dura

luz fluorescente do banheiro, desidratada pelo voo, ela enxerga um prenúncio de seu rosto daqui a vinte anos, dez talvez. Olhos com os cantos virados para baixo parecendo um cocker-spaniel, a flacidez das faces, um pouco de papada. Vai ficar exatamente igual a sua mãe. Não ser sua mãe tem sido um dos principais objetivos de Camilla na vida. O principal objetivo, na verdade. Mas não há como evitar a genética.

Joga sua bagagem no porta-malas, acomoda-se no assento do motorista, regula todas as coisas que precisam de ajuste. Vira a chave na ignição e dá uma olhada no relógio. Está em cima da hora.

Camilla engata a marcha e sai do espaço numerado, passa por uma cabine de segurança, acelerando pela estrada secundária, dirigindo como uma louca sob o brilho intenso do sol de fim de tarde. Seu dia hoje terá 27 horas. Com o vento no cabelo e uma propriedade valiosa em mãos, a caminho de conquistar um produtor amigável.

Ela adora este lugar. As palmeiras e as montanhas, os cânions e as praias, o estacionamento com manobrista e o ar-condicionado central. Camilla costumava ser elegante, de alguma forma, antes de decidir que não queria mais ser. Vinte anos depois, está reconsiderando a decisão. Ser elegante tinha suas vantagens. Poderia ser elegante aqui, onde a elegância pode ser conquistada de forma democrática. Na Inglaterra, precisa ser concedida geneticamente para ser usada com tranquilidade.

Camilla acelera, sente a transmissão automática virar para a próxima marcha, chegando a 90 quilômetros por hora na subida da rampa de acesso.

Não percebe que está muito à frente de um sedã vinho que corria para tentar alcançá-la antes que ela chegasse à rodovia.



Camilla entra no grande escritório externo, dando longas e seguras passadas. Sente que está exatamente onde deve. Mas também suaviza o rosto para o que espera ser um doce sorriso sincero.

– Olá, Jessica – diz à assistente. – Sou Camilla Glyndon-Browning.

Se há uma coisa que Camilla aprendeu sobre Los Angeles foi como bajular os assistentes. Só o que precisa fazer é lembrar seus nomes.

– Olá, Srta. Glyndon-Browning. Ele já vai atendê-la. Por favor, sente-se.

– Obrigada, Jessica.

Outro grande sorriso. Lembrar seus nomes e dar sorrisos bem largos. Não é tão difícil. Abre a bolsa e retira de lá o manuscrito.

– Jessica, enquanto estou lá dentro, poderia pedir que você mandasse fazer uma cópia disto aqui? – E coloca o manuscrito em cima da mesa. – É para o Stan, claro.

Jessica baixa os olhos para a pilha de papel e depois fita Camilla outra vez.

– Com certeza.

A moça aperta um botão em seu vasto equipamento telefônico.

– Preciso de uma cópia agora, George – diz ela no fone de ouvido. – Srta. Glyndon-Browning, a cópia estará pronta em dez minutos.

– Muito obrigada.

Camilla atravessa a sala e senta-se num sofá profundo e acolhedor. Olha em volta para os cartazes promocionais de blockbusters, o nome de Stan em todos eles.

A porta do santuário está aberta, e Camilla ouve a reunião em andamento lá dentro.

– Não podemos ter um ator sindicalizado dirigindo se há outros atores no ônibus, e o ônibus está realmente em movimento – diz uma mulher. – Vamos precisar de um motorista de caminhão. Não é um grande problema, mas é a preocupação com a segurança, quando temos equipamentos e iluminação no veículo e o veículo está em movimento.

Camilla endireita as costas, cruza as pernas, pouisa as mãos no colo, tentando aparentar o melhor possível. Em seguida, inclina-se um pouco para trás, tentando parecer que não está tentando. Percebe que a assistente a olha com frieza, com desconfiança. A moça deve ver uma porção de mulheres vestidas assim, pavoneando-se neste escritório. Camilla de repente se sente inibida, consciente do que aparenta. Consciente de quem é. Fugir da Inglaterra não eliminou a insegurança de ser quem é e ter um pai como o seu. A ida para os Estados Unidos só as redirecionou, disfarçou. Ela reconhece suas origens cada vez que veste uma saia que sabe que é muito curta, a de uma moça da classe trabalhadora do Norte. Mas não consegue deixar de usá-la.

Volta a prestar atenção na conversa e ouve outra voz.

– Isso com todos os dividendos deles atingindo o limite máximo em um milhão de dólares: do autor do livro, do primeiro roteirista, da segunda roteirista. Vou voltar ao representante da segunda roteirista para renegociar. Já se passaram dois anos e ela não contribuiu com nada. Não há uma única palavra dela em todo o roteiro.

Camilla perde-se no devaneio de renegociar um contrato que inclui dividendos de milhões de dólares. Não repara que a reunião de Stan terminou.

– Camilla, boneca.

Os braços grossos se abrem expansivamente, imensas abotoaduras de ouro cintilando nas extremidades de uma camisa listrada de cores vivas. Um monte de pessoas enche a antessala, segurando papéis, pastas e telefones.

– Stan – diz ela, em pé, sorrindo.

Ele perdeu peso desde que o vira pela última vez há seis meses, mas ainda é um urso: talvez 1,90 metro de altura, mais de 120 quilos e tudo enorme – as

mãos, os dedos, os braços, tudo nele é maior do que o normal. Como se pertencesse a uma espécie diferente, *Homo producerus giganticus*. A cabeça gigantesca, especificamente, é alarmante, e não apenas a circunferência do crânio, mas um gigantismo em todos os aspectos – orelhas elefantinas, nariz bulboso, lábios carnudos, testa abaulada como um domo. É uma cabeça assustadora.

Stan Balzer ocupa mais do que o espaço que lhe cabe no mundo. É uma pessoa grande com carros grandes, casas grandes, uma grande presença, grandes contas bancárias com centenas – milhares – de vezes a quantidade de dinheiro que uma pessoa mediana possui neste planeta. Ele consome mais de tudo – comida, bebida, dinheiro, mulheres – do que tem direito, e se vangloria disso. Para Camilla, ele é a improvável intersecção entre repugnante e atraente. É a melhor representação dos Estados Unidos.

– Sempre bom ver você assim, tão... hum... maravilhosa – diz Stan, avaliando-a completa, lentamente. Não é um homem nada sutil.

Camilla tem a impressão de ver Jessica revirar os olhos, e não pode culpar a moça. Seu chefe é um devasso e todo mundo sabe disso. E Camilla tem que admitir que ela própria é – para não usar um eufemismo – uma vagabunda, com aquela saia escandalosa, a blusa decotada diáfana, grandes brincos de argola, uma gargantilha. Ela completa o conjunto, como sempre, com seus óculos de armação de plástico, um toque de professorinha de escola do interior. Com seu sotaque britânico, ela é, no mínimo, um enigma irresistível. Rodeada por todos esses seios siliconados e rostos tratados com Botox, isto é só o que ela pode esperar ser. Um enigma irresistível, além da promessa de um encontro amoroso relativamente barato, numa cidade cheia de equivalentes muitíssimo caros.

– Não atendo ninguém, Jessica – diz Stan. – Ninguém. Já saí. Ligue para Tim e diga a ele que saímos em uma hora e meia.

Camilla fica no centro da sala, de costas para a porta, para Stan, de frente para a mesa dele desocupada. Ela sabe para onde Stan está indo, mas ela não. Ainda não.

– Boneca – diz ele, atrás dela. – Por que não se senta aqui perto de mim?

Ela o escuta bater com a mão no couro preto de seu sofá Art Déco, onde faz os testes do sofá. Pergunta a si mesma se ele teria escolhido couro, ao contrário de estofados, por ser mais fácil de limpar fluidos corporais.

Espia por cima do ombro. Stan ostenta o mais presunçoso de seus vários tipos de sorrisos presunçosos, ombros jogados para trás, confiante. Ela se vira.

– Daqui a pouco, Stan – responde ela. – Mas, primeiro, talvez você possa vir aqui para perto de mim?

– Temos negócios?

– Temos.

Ele resmunga, contornando sua mesa. Instala-se em sua vasta cadeira, cruza

as pernas.

- Noventa segundos.
- Só preciso de trinta.

Camilla tinha ensaiado um pouco no carro. Stan dá uma gargalhada, olha para a janela, cujas venezianas já estão fechadas.

- Vá em frente.

– Quando um dos homens mais poderosos do mundo estava na universidade, ele matou uma garota. – Camilla pronuncia essa frase devagar, com um ritmo calculado, rosto impassível. – Seu pai e seu melhor amigo ajudaram a encobrir o fato. E depois fundaram uma cadeia internacional de sites de notícias, que se expandiu para a televisão a cabo e jornais, tornou-se a maior empresa de mídia do mundo. Tudo construído com a ajuda ilegal, sigilosa, da Agência Central de Inteligência.

Stan se afasta da janela, vira-se para Camilla com as sobrancelhas arqueadas.

- Você tem uma biografia não autorizada? De Charlie Wolfe?

– Algo assim.

– E é verdade?

– É.

– E é novinha em folha? Você ainda a tem?

– Mais ou menos.

– O que quer dizer que...?

– Que vamos atravessar essa ponte quando chegarmos a ela. Se chegarmos a ela.

Stan assente, com ar de entendido.

– E como está meu amigo Bradford? Ele entra nisso?

Ela faz uma pausa.

– Ele não está envolvido.

A expressão de Stan pode ser resumida em três palavras: você está brincando.

– Como é possível...?

– Vai dar tudo certo.

– Está bem. – Ele encolhe os ombros. – Vou ler, sem dúvida. Você deixou o manuscrito com Jessica para tirar cópias?

– Deixe. – Camilla está em pé, sorrindo modestamente. – Mas você precisa me prometer uma coisa, Stan.

– Hummm.

– Crédito de produtora executiva. – Ele ergue as grandes sobrancelhas cerradas. – Você sabe que pode me comer, Stan. Mas não vou deixar que você me foda.

O acidente Página 150

– Havia outra moça.

Preston Wolfe estreitou os olhos para seu interlocutor, o amigo de seu filho.

– Como assim?

Havia uma hora os três estavam na suíte do hotel, discutindo o acidente e suas consequências nos mínimos detalhes, bebendo o café feito no quarto e Coca-Colas da máquina no andar de baixo. Dave e Charlie tinham tomado banho, eliminado todos os vestígios da noite e da garota morta.

Ninguém fez qualquer menção de acionar a polícia.

– A menina, Lauren. Ela estava no clube com uma amiga.

– E essa amiga viu você?

Dave assentiu.

– Você falou com ela?

– Não.

– Acha que ela poderia reconhecê-los? Identificá-los? – Preston Wolfe olhou para os dois rapazes. – Algum de vocês dois?

Dave deu de ombros. O Sr. Wolfe virou-se para o filho.

– Charlie?

– Não sei, pai. Eu mal conseguia enxergar.

O Sr. Wolfe se afastou dos garotos, daquela desgraça, sentados lado a lado no sofá da suíte. Por alguns minutos, ninguém disse nada, enquanto Preston Wolfe olhava para as poucas luzes das poucas coisas que havia para ver do centro de Ithaca, tarde da noite.

– Ok Charlie, você e eu vamos sair da cidade. – Olhou para o relógio. – Às sete horas. Antes que alguém no alojamento perceba que a moça não está lá. Antes que qualquer tipo de investigação possa começar. Mas tarde o suficiente para não despertar suspeitas nos funcionários do hotel.

O acidente Página 151

Charlie estava inclinado para a frente, com os cotovelos sobre os joelhos. Ele assentiu com a cabeça.

– Vou cuidar da limpeza do Jaguar em Nova York. Você vai pegar um avião para encontrar sua mãe em Cap Ferrat, como havia planejado. Naturalmente, não vai contar nada a ela. A ninguém.

– E sua reunião?

Era por isso que Preston Wolfe estava na cidade, para se encontrar com o reitor da universidade.

– Estou doente. Terei que cancelá-la. – E deu de ombros. – Faço um cheque maior.

O Sr. Wolfe voltou a atenção para o amigo do filho.

– Dave, você vai voltar para a casa da fraternidade e arrumar as malas. Pode pegar outra carona para casa?

Dave assentiu. No final do ano letivo, era constante o fluxo de estudantes de partida para a área metropolitana de Nova York, uma espécie de oposto da Grande Migração.

– Enquanto ninguém souber, vai ficar tudo bem.

O Sr. Wolfe balançava a cabeça.

– Pai?

Preston Wolfe voltou a fitar o filho.

– Temos que dar alguma coisa para o Dave.

Mais uma vez os olhos de Preston Wolfe se estreitaram.

– Talvez anualmente – acrescentou Charlie. – Uma... hã...

– Remuneração. – O Sr. Wolfe forneceu a palavra.

Dave estava atordoado, horrorizado.

– Eu não quero dinheiro.

O acidente Página 152

– Vinte mil por ano – propôs Wolfe. – Acha que está bom para você?

Dave balançou a cabeça.

– Não.

Preston Wolfe ainda estava de roupão de seda, com uma das mãos no bolso da frente. Parecia que a outra mão deveria estar segurando um cachimbo.

– Quarenta é melhor. Por, digamos, vinte anos. Não, 25 anos. Dá um milhão de dólares.

– O quê? Não entendi.

– Porque você está envolvido nisso – explicou Charlie, percebendo a coisa intuitivamente. Dave era, na época, o mais ingênuo dos dois. – Porque o dinheiro é uma prova de irregularidade. De sua parte. – Charlie apontou para o amigo, como para esclarecer alguma coisa. – No caso de você um dia pensar em modificar suas lembranças. Sobre o que aconteceu esta noite.

Ele escova os dentes, lava o rosto e volta ao escritório. Liga o computador e abre o sinal de vídeo para o apartamento de Isabel Reed. O quarto dela está escuro e vazio. A sala de estar e a cozinha também.

Abre a pasta de mídia de imagens de movimento ativado. Desde a última verificação, houve cerca de dez minutos de movimento, iniciando às 3h08, horário de Nova York.

A primeira câmera ativada é a da entrada. É um homem diferente desta vez. Alto, louro e musculoso, usando luvas de látex. Move-se rapidamente, sem hesitar ou espreitar. Ele sabe que não há ninguém em casa. Seus comparsas mantêm Isabel sob vigilância, sabem onde ela está. No entanto, o sujeito louro desconhece que câmeras de segurança o observam enquanto ele está espionando.

Essas câmeras são do autor. Ele as mandou instalar para monitorar a agente, mas também para acompanhar o que eles fazem, para ver se vão embora levando o manuscrito ou, pior, a própria mulher. Durante meses, esses caras têm entrado às escondidas no apartamento dela. Todos os dias. Verificando os originais que traz, analisando o que ela faz.

O capanga de hoje desaparece da câmera do corredor e reaparece na do quarto, olhando a cômoda, as mesinhas de cabeceira, as estantes. Ele fica de frente para as prateleiras, esquadrinhando metodicamente de cima a baixo, de um lado para outro, as fileiras de originais, cada um com o nome do autor escrito na lateral. Depois de alguns minutos, pega uma pilha de papel, examina a folha de rosto e a primeira página, mas devolve o manuscrito ao seu lugar e continua procurando até chegar ao final da parede.

Ele anda pelo apartamento, olhando as superfícies dos móveis, as gavetas. Examina cada local em que um manuscrito poderia estar escondido, mas não encontra o que procura. O apartamento de Isabel é arrumado, sem coisas amontoadas e desorganizadas, sem bagunça. Sua meticulosidade facilita o trabalho dos capangas.

O homem sai. Poucos segundos depois, o arquivo de vídeo termina.

Foi rápido instalar a vigilância na casa de Isabel Reed. Três homens invadiram o apartamento enquanto ela viajava à Costa Oeste por quatro dias para uma conferência de escritores. A operação toda foi muito menos cara do que o autor previa.

Durante sua carreira, ele acumulou milhões de dólares, mas nunca chegou a gastá-los. Recém-formado, a única maneira de pagar o aluguel era com a ajuda de custo que recebia dos Wolfe. Parecia uma fortuna naquela época, quando não tinha nada. E os cheques continuaram chegando mesmo depois da relevância

financeira deles, por uma questão de princípio moral ou algo parecido.

O final da década de 1990 foi um tipo diferente de vacas magras, com a promessa de uma grande recompensa no horizonte e a satisfação de construir algo. Quando tudo começou a funcionar, aconteceu rápido: meio milhão em um ano, um milhão no ano seguinte. Os sites internacionais explodiram e o dinheiro do capital de risco entrou aos borbotões. Seu quinhão da Oferta Pública Inicial foi de mais de 10 milhões e ele começou a ganhar um saudável salário de sete dígitos.

Mais os dividendos, é claro.

Como acontece com muita gente, quanto mais dinheiro ganhava, menos tempo, ou até mesmo vontade, tinha para gastar. Claro, comprou um aviãozinho de segunda mão, um bom carro e duas casas. Entretanto, na ocasião em que assinou os papéis no ano anterior desligando-se da Wolfe Worldwide Media, tinha acumulado uma fortuna de oito dígitos, boa parte bem escondida.

Agora ele precisava gastá-la. Nas câmeras de vigilância no apartamento da agente literária. Espionar uma agência literária internacional teria sido mais difícil, mais arriscado, com muito menos benefícios. Ele conhecia os hábitos da agente. Bastaria instalar as câmeras na casa dela.

Gastou 100 mil em seu próprio desaparecimento: o equipamento e a lancha de que precisou depois do acidente com o Piper, as passagens aéreas, as de trem, o aluguel de carros, os hotéis, as roupas e a bagagem, as novas identidades. Outra fatia de seis dígitos para se instalar em Zurique – o apartamento, o computador, a arma. Meio milhão para todos os assuntos médicos e o sigilo que ele exigia que acompanhasse os procedimentos e seus registros.

Depois houve os 250 mil para a instalação em Copenhague, tudo aquilo apenas com a finalidade de despistar. Mas o estratagema de Copenhague era absolutamente essencial. Porque o autor não tinha dúvida de que, depois de sua morte, Charlie Wolfe iria procurar o material do livro. Quando não conseguisse, desconfiaria da verdade: seu antigo braço direito não cometera suicídio, e sim desaparecera com todo aquele material. E só poderia haver um motivo para isso. A biografia fora ideia do autor, para começar. Charlie não duvidaria do empenho do autor em transformá-la numa biografia não autorizada. Uma revelação.

Então Charlie despacharia alguém para encontrar o mentiroso, o ladrão, o traidor. Provavelmente um dos homens de Langley. Alguém de posição elevada, que tivesse meios de executar uma operação completamente na sombra, sem controle de qualquer agência do governo. Alguém tão empenhado quanto Charlie em garantir que o manuscrito fosse sepultado com seu autor. Havia apenas uma pessoa assim no mundo e o autor tinha muito medo dela.

“Não me importo como você vai lidar com isso”, diria Charlie a esse homem, “apenas certifique-se de que o livro não veja a luz do dia.”

O sujeito sabe que não bastaria simplesmente encontrar o autor e intimidá-lo

ou até mesmo matá-lo. Porque isso não impediria que a história desastrosa caísse no mundo. Eles teriam que encontrar e eliminar todos os vestígios do manuscrito.

O homem iria à caça. E não pararia até encontrar uma pista. Nada iria dissuadi-lo. Ele precisava encontrar a coisa errada.

Assim, o autor teve que criar algo para ser encontrado. Algo crível, inacabado, em andamento. Algo à espera de resolução, que ficasse cada vez mais específico com o passar do tempo. Um projeto que se parecesse cada vez mais com algo a ser investigado.

O autor viajou para Hamburgo, alugou um carro e foi para Copenhague, onde se encontrou com um *skinhead* austríaco, que, por sua vez, contratou um estudante dinamarquês viciado em drogas chamado Jens Grundtvig para conferir os dados de um manuscrito sobre Charlie Wolfe.

Nenhum dos episódios condenatórios, apenas uma biografia comum, milhares de pequenos fatos. Sem pressa, faça em seu próprio ritmo. Novo material chegando regularmente durante os próximos seis meses, talvez nove. E aqui está o apartamento onde você deve trabalhar, já equipado, com tudo instalado. Sim, são uns caras soturnos do Oriente Médio que ficam no clube do andar de baixo, mas você não vai pagar aluguel. Quer mais o quê?

Na verdade, aqueles personagens soturnos eram guarda-costas, se é que podem ser chamados assim.

Foi dessa maneira que aquele pobre ignorante do Jens Grundtvig vasculhou a internet procurando velhos artigos de jornais e revistas, telefonou para os Estados Unidos fora da hora do expediente, verificando dados com fontes primárias, confirmando fatos com fontes secundárias, anotando datas, locais e nomes.

O sujeito da Agência e sua equipe freelancer iriam evidentemente encontrar Grundtvig. Seus telefonemas e o histórico da internet seriam sinalizados e rastreados, então ele seria vigiado. A equipe iria esperar, esperar e esperar, até Grundtvig ter acabado ou o autor fazer contato.

Mas Grundtvig não teria terminado sua tarefa falsa antes que o autor terminasse a real. E o autor decerto nunca mais apareceria novamente em Copenhague. De modo que eles ainda estariam esperando e vigiando até que fosse tarde demais.

Tarde demais. Ou seja, ontem, quando o manuscrito começou a aparecer em Nova York e os agentes clandestinos perceberam que tinham sido enganados. Invadiram o apartamento de Grundtvig e deram o alarme para que os turcos militantes que se reuniam no andar de baixo entrassem em ação, tudo de acordo com o plano do autor. O que não saiu de acordo, no entanto, foi ambos terem conseguido sobreviver. Os planos mais engenhosos. Ah, bem.

Agora, a quimera de Copenhague está terminada e o segredo iniciou sua marcha inexorável em direção ao público, começando, como fazem todos os livros, com cem mil palavras enviadas de uma pessoa para outra.

E a pessoa para quem o autor enviou seu manuscrito está na tela do computador, na transmissão de vídeo dessa manhã. Lendo na cama, levantando-se, tomando banho e se vestindo, saindo para a varanda para fumar um cigarro e dar dois telefonemas, depois dando aquele beijo na foto emoldurada do menino, como faz todas as manhãs.

Brad sente-se em parte orgulhoso, em parte envergonhado pelo fato de muitos de seus funcionários ainda estarem no escritório às 18h30. Ele atravessa o editorial, segue pelo grande espaço aberto dos designers, cheio de Macs, passa pelos publicitários ao celular e o departamento de marketing numa reunião, entra no Corredor Perdido, onde fica a equipe dos revisores, com suas canetas vermelhas e grandes e volumosas obras de referência.

O chefe do copidesque está com o olhar fixo no monitor, imerso em concentração.

Brad bate de leve no batente da porta.

– Olá.

– Sr. McNally – diz Chester, erguendo os olhos.

Brad inclina a cabeça para as folhas de papel em cima da velha escrivaninha surrada.

– Como vai a verificação?

– Muito bem – responde Chester. – Não consegui verificar tudo; grande parte parece ser material pessoal. Mas o que consegui verificar está correto. E é fascinante.

– Obrigado, Chester. – Ele estende a mão. – Agora vou levar esse manuscrito de volta.

– Ah, mas ainda não terminei.

Chester parece estar em pânico.

– Está tudo bem. Não preciso... – Brad não sabe muito bem do que precisa. – Não tem problema. Preciso desse manuscrito de volta.

Chester balança a cabeça. Ele é uma pessoa obediente. Pega as folhas, acerta-as numa pilha arrumada e as estende para o outro lado da mesa, com certa relutância.

– Obrigado mais uma vez, Chester. Lembre-se, nem uma palavra a ninguém.



Brad vai a pé pela Park Avenue South, passando por bares e restaurantes com vitrines gigantes viradas para a avenida, derramando sons e corpos de jovens adultos, todos sem exceção segurando um celular, falando e mandando e-mails, enviando mensagens de texto e sexo.

Esse trecho da Park está sempre engarrafado, uma das últimas avenidas de mão dupla remanescentes da ilha, seus sinais sem sincronia em nenhuma das duas direções. Ele não gosta da Park Avenue South, que é muito diferente da Park

Avenue propriamente dita. Mas não lhe ocorre tomar um caminho diferente, menos direto. É parte da mentalidade nova-iorquina aceitar o desconforto de sempre, como se fosse inevitável.

Leva trinta minutos para chegar ao centro de Manhattan, meia hora consumida com discussão íntima, preocupação e pensamentos obsessivos. Em dúvida sobre o que fazer com o manuscrito. O que fazer com sua empresa.

Chega à rua suja e estreita junto à Grand Central Station e ao Clube Marítimo, uma mansão de pedra imponente, belo modelo do estilo Beaux-Arts, com um porteiro manejando as portas giratórias guarnecidas de bronze, o saguão com piso de mármore, o farto arranjo floral na mesa circular polida, as flâmulas, as bandeiras, as fotos em preto e branco, a escadaria até o bar com painéis de carvalho, as poltronas de couro e os tapetes persas, os obsequiosos garçons de gravata-borboleta carregando bandejas de prata com copos baixos de líquido âmbar. É um dos últimos lugares na cidade onde a maioria das bebidas é marrom.

É também um dos últimos lugares onde leitores seguram papel impresso em vez de um aparelho eletrônico. O próprio Trey Freeley está enfiado num canto, parecendo escondido, envolto em um *The Wall Street Journal* desdobrado, erguido como uma parede protetora.

– Trey, é um prazer.

Freeley puxa seu jornal para um lado, larga-o e aperta a mão de Brad. Um garçom anota o pedido da bebida de Brad antes mesmo de ele se sentar. Os dois estão separados por uma mesinha, uma tigela de nozes mistas, um misturador de bebida num guardanapo, um celular com a tela virada para baixo.

Brad nunca foi muito de beber. Não lhe agrada a debilitação que a bebida proporciona. Odeia mais ainda a ressaca. Algumas vezes por ano, em alguma cerimônia, festa de lançamento ou evento beneficente, aceita por equívoco uma terceira bebida, até mesmo uma quarta, e invariavelmente se arrepende. Por outro lado, nunca se arrependeu do que fez quando estava chapado. E há quarenta anos fica regularmente chapado.

Trey pega o celular e tira a bateria.

– Você se importa? – pergunta ele.

Brad, desconcertado, pega o celular, remove a capa e vira o aparelho para cima e para baixo, mais de uma vez.

– Não consigo... – Encolhe os ombros. – Não sei como...

– Garçom? – Freeley acena para o negro idoso, curvado, de gravata-borboleta. – Posso lhe pedir que guarde isso na mesinha do *maitre*?

O velho assente e segura o telefone de McNally como se fosse a almofada para as joias da coroa.

– Nunca se sabe. – É só o que Freeley oferece à guisa de explicação. – Há alguns meses, McNally, recebi um telefonema interessante, dizendo que um cara

ligaria para mim e que eu deveria aceitar marcar um encontro. Eu, claro, aceitei. Esse homem apareceu sob um nome falso, mas com um cheque genuíno para pagar por uma hora do meu tempo, querendo “aprender sobre o negócio dos livros”. Que eu então lhe expliquei. Em seguida, ele admitiu estar pensando numa situação muito específica. Estava interessado em saber como iria se processar.

O garçom traz a cerveja de Brad e uma nova tigela de nozes.

– Uma biografia hipotética – continua Freeley – de um magnata da mídia.

Brad empalidece.

– Quem era esse cara?

– Não sei. Não encontrei nada sobre ele.

– E o que isso significa?

– Meu palpite é que ele esteja trabalhando para a CIA, em alguma atividade secreta. Talvez ele seja ex-agente, ou outra coisa mais no setor de segurança nacional. Desconfio de que o trabalho desse cara é impedir que o livro seja publicado.

Brad luta contra o impulso de entrar em pânico.

– Por quê? – pergunta com a maior calma do mundo, o que acaba não saindo tão calmo assim.

– Porque eu sei quem o escreveu, McNally.

O advogado joga uma castanha-de-caju dentro da boca.

– E então?

O grandalhão muda de posição no assento, inclinando-se para Brad.

– Um ano atrás Charlie Wolfe começou discretamente a sondar o terreno para concorrer ao Senado. Você não ficou sabendo?

Brad balança a cabeça. Não é o tipo de fofoca que chega a ele e, se chegasse, não lhe chamaria atenção.

– Como parte da estratégia, Wolfe tinha começado a escrever um livro, um livro de memórias, com preceitos, você sabe, as mesmas besteiras que todo mundo escreve quando concorre a um cargo. Uma desculpa para aparecer no *Today* e no *Face the Nation*, ter o perfil publicado na *Newsweek* e no *Journal*. – Ele aponta para o jornal deixado de lado.

– Não são esses os livros com que você ganha a vida, Trey?

– Bem, não quer dizer que eu goste deles, não é?

– Acho que não.

– Logo no início, o próprio Wolfe veio me ver para falar sobre o livro, procurando conselhos. Eu conhecia o pai dele, que o mandou me procurar. Charlie estava escrevendo junto com seu braço direito, que fazia a maior parte do trabalho pesado e toda a digitação. Preparei um rápido acordo de colaboração para eles. Eles trabalharam nesse projeto durante dois ou três meses, uma coisa assim. Então, o que fez o coautor? Ele se matou.

– Você está me dizendo que é o manuscrito que recebemos? – Brad não consegue assimilar bem aquilo tudo. – Está dizendo que o próprio Charlie Wolfe é o autor?

– Bem, autor é uma palavra meio equivocada nessa situação. Estou dizendo que a maioria das informações contidas nesse livro veio de Charlie Wolfe. Mas uma parte da história, e imagino que haja aspectos nocivos, foi inserida por outra pessoa. Talvez até inventada.

– Quem?

– A mesma pessoa que estava trabalhando no livro, para começo de conversa. O amigo da faculdade, o estrategista-chefe e coautor, tudo no mesmo pacote.

– Dave Miller.

– Correto.

– Mas Dave Miller morreu. – Brad percebe que está sentado na beirada da cadeira, prestes a se projetar sobre o tapete, que é do tamanho de uma quadra de basquete. Talvez maior. Ele se obriga a se recostar. – Miller forjou o suicídio?

– É possível.

Brad trabalha a ideia, o olhar parado no lado oposto da sala, nas janelas imensas, enormes vidraças impecavelmente limpas e encaixadas em lustroso bronze polido.

– Então, quando Miller descobriu que tinha câncer terminal, teve algum tipo de crise de consciência, ou seja lá o que for, e decidiu que queria terminar o projeto do livro. Para expor a história completa de Charlie Wolfe para o mundo.

Freeley toma o restante da bebida, mas não diz nada.

– Mas ele não podia ficar sentado em sua sala em Washington, digitando sem parar num computador. Porque, se Wolfe tem podres escondidos, ele nunca deixaria Miller fazer isso. Wolfe faria o quê...? Grampear os telefones de Miller, hackear seu computador, monitorar sua casa...

O garçom chega e substitui o copo vazio de Freeley por um cheio.

– E se há alguém no mundo que saberia de que maneira Wolfe iria reagir, e o que faria para anular o livro, seria Miller. Mas ainda assim ele queria... precisava... publicá-lo. Então forjou seu suicídio. Desapareceu e foi para algum lugar com o antigo material de pesquisa e passou seis meses terminando de escrever o livro.

Freeley toma um gole do líquido âmbar, apoia o pesado copo no porta-copos em cima do tampo fino da mesa.

– É uma trabalhadeira enorme para um homem que vai morrer. Por que ele faria isso?

Freeley continua sem dizer nada. Quer que Brad descubra a mesma coisa que ele descobriu, da mesma forma, sem pistas. Freeley quer a confirmação de que é uma interpretação inevitável.

– Porque Wolfe fez algo realmente horrível – conclui Brad. – Só assim tudo isso faz sentido. Há algo no passado dele que vai arruiná-lo. E arruinar outras pessoas também. E é o que está no livro.

Brad acha que Freeley assentiu, ou talvez seja apenas o ato de mastigar.

– Claro, Wolfe tem conhecimento de seu próprio passado e do perigo. Portanto, faria qualquer coisa para evitar que fosse divulgado. – Agora tudo faz sentido. – Escute, Trey, um sujeito estranho também foi me ver. Talvez o mesmo que procurou você.

O advogado ergue o olhar.

– Foi há alguns meses. E o cara alegou ser da Agência de Segurança Nacional, mas eu não tinha como saber se era verdade. De qualquer forma, ele me disse que se recebêssemos um original como esse, seria uma farsa, perpetrada com a finalidade de orquestrar uma aquisição empresarial hostil.

– E esse homem, o que ele queria de você?

– Ele me pediu... Bem, foi mais uma ordem... para entrar em contato com ele se recebêssemos algo assim.

– E você entrou?

– Ainda não. Chamei você. Quais são as minhas alternativas, Trey?

– Alternativas? – Freeley remexe na tigela de nozes, cavando em busca de algo, encontra. – Você não tem alternativa, McNally.

Freeley come outra castanha-de-caju.

– Mas e a liberdade de imprensa? E os cidadãos informados como único verdadeiro repositório da vontade pública?

Freeley bufa.

– Isso não é uma aula de civismo, McNally. E você não é um revolucionário. Você é um editor de livros, um homem de negócios.

Brad muda de posição na cadeira.

– E talvez o manuscrito seja uma farsa – continua o advogado. Ele se inclina para a frente, apoia os cotovelos nas pernas. – Quero dizer, uma biografia falsa seria coisa de gênio, não acha?

– De que lado você está, Trey?

– Lado?! Não estou do lado de ninguém. Não tenho cartas neste jogo, McNally. E devo lembrar que você também não.

Freeley se recosta na cadeira, satisfeito com a própria certeza.

– Trey?

– Sim?

– Você tem noção do que está no livro?

– Não, McNally, e não faço questão. Você também não deveria.

Isabel contorna a lanchonete, o fedor de nitratos se apoderando de suas narinas, frangos girando em suas camas de varas de aço, e entra no banheiro.

O lugar é incompreensivelmente grande, tem espaço para três ou até quatro vezes aquela quantidade de construções, e cheira a desinfetante industrial. Ela faz xixi, lava as mãos e joga uma água no rosto. Alisa o cabelo, olha para o espelho. E se pergunta, mais uma vez, se tudo vai dar certo. E o que vai acontecer se não der.

Isabel arranca algumas toalhas de papel. Pega sua bolsa do chão e vai para um canto vazio do banheiro. Limpa o chão com o papel e vira com cuidado o conteúdo de sua bolsa na superfície. Separa tudo, todos os objetos familiares, pó compacto, carteira, batons, caixa de cartões de visita, óculos escuros etc. E o manuscrito, preso com elástico. Tudo isso é dela, com certeza. Não há nada estranho.

Pega a bolsa vazia, de couro preto amarrutado, tachinhas, zíperes e fivelas de aço, com a plaquinha de um designer presa num dos lados. Uma bolsa visivelmente cara, grilhões de uma forma peculiar de escravidão. Ela detesta o impulso que a fez comprá-la, mais um casaco numa butique, pousando com displicência seu cartão de crédito no balcão reluzente, como se uma bolsa de 1.600 dólares fosse apenas uma compra diária, uma dúzia de ovos, um frasco de xampu.

Corre a mão pela superfície da bolsa, as pontas dos dedos esfregando uma parte do couro. O detalhe das costuras. Não sente nada de estranho, não vê nada de anormal.

E então finalmente encontra, um pino de tamanho diferente, no lugar errado. Dobra o couro sobre si mesmo, aproxima-o do rosto e olha de perto. Não é bem um pino, mas um tipo diferente de pequeno disco de metal. Ela o aperta entre dois dedos e puxa, e a pequena peça em forma de rebite desliza suavemente para fora. Ela o vira e examina.

É isto, o dispositivo de rastreamento. Foi o que prenderam em sua bolsa no restaurante, no distante café da manhã, quando o homem passou por ela. Foi como a seguiram.

Põe o dispositivo de volta no chão. Empurra-o com o dedo do pé até o rejunte cinzento no canto, onde o azulejo da parede branca se encontra com o piso de vinil castanho-acinzentado, exatamente onde algo tão pequeno poderia cair se de alguma forma se soltasse da bolsa e fosse chutado para um canto, inadvertidamente, por alguém que nem sentiu o pequeno pedaço de metal tocar o dedo do pé.

O celular de Jeffrey está no East River, a caneta grampeada dele no bolso de

algum turista no Empire State Building, o celular de Isabel na sacola verde daquela mulher e o pequeno dispositivo deitado numa camada de desinfetante no piso de um banheiro de posto de gasolina. Agora devem estar completamente livres de vigilância. Eletrônica, pelo menos.

E, ao comprar a gasolina usando o cartão de crédito de outra pessoa, vai parecer que Isabel está fugindo da cidade na tentativa de se esconder, sem sucesso. Quem a está seguindo ainda concluirá que ela está indo para a casa de praia de sua cliente, Judy, em Amagansett.

Isabel sabe que está sendo seguida há horas. Ela simulou estar sendo astuciosa para que o estratagema seguinte fosse bem-sucedido. Ou, pelo menos, *parecesse* ser bem-sucedido. Não é uma simples perseguição de gato e rato.

Ela volta pela loja de conveniência, pega umas duas coisas sem pensar, paga em dinheiro, finge notar a câmera de segurança e rapidamente se vira, escondendo o rosto da lente.

Volta para o Mercedes abastecido, segurando uma Coca-Cola diet e um saco de pretzels, enfiando o novo maço de cigarros na bolsa “limpa”.

Jeffrey sai do posto de gasolina e entra numa estrada tranquila que, de repente, se transforma num trecho comercial movimentado. Isabel avista uma placa que indica um shopping center e algo acontece com ela.

– Pare aqui – diz ela.

– Vamos fazer compras?

Entram numa loja de departamentos, roupas masculinas de um lado, femininas do outro.

– Compre calça e camisa novas. Encontre-me no caixa.

Quando a compra é concluída – em dinheiro, mais uma vez –, Isabel leva Jeffrey de volta para o trecho interminável de vitrines de lojas, encontra banheiros num saguão bem-iluminado, com máquinas de venda automática e bebedouros.

– Vá se trocar. E jogue suas roupas velhas no lixo.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Pode haver dispositivos de rastreamento nelas. Ou de transmissão. Ou seja lá o que for. Não discuta.



Na estrada novamente, correndo ao lado de extensões de relva, as superfícies planas cor de esmeralda com seus enormes aspersores de irrigação, parecendo aparelhagens de pouso de OVNI. Eles passam por campos de milho e de batatas, estufas de plantas e cercas de madeira, bandeiras de náilon em campos de golfe, tremulando à brisa. Igrejas de tábuas brancas, altas e estreitas,

elevando-se contra o céu azul. Fazendas exibindo produtos locais, torta caseira, em placas pintadas à mão.

A estrada tem curvas, desce e sobe protegida por um dossel de folhas, depois surge em espaço aberto, com campos e céu de ambos os lados. Há agora mais videiras, com placas a cada poucos quilômetros de ENTRE AQUI para uma adega, um bar de degustação, um vinhedo. Eles avistam a água, diante de uma faixa de praia com rochas e areia. Então a estrada se afasta do litoral novamente, em meio a bosques e casas de vários estilos: pequenos e modestos chalés, casas contemporâneas, um grupo de vitorianas e, então, de uma só vez, as árvores e casas somem e a água está por toda parte, à esquerda e à direita, veleiros e trechos de praia de seixos.

Isabel olha para o lado e pega Jeffrey no flagra admirando-a com um sorrisinho tímido. Ele parece acanhado e volta a atenção para a estrada, acelerando ao passar num viaduto, em direção ao fim do continente. Isabel tenta perder-se no cenário, a ideia de estar ali, fora da cidade, cercada de azuis e verdes, água e areia, grama e árvores, ao lado desse homem que a ama, esse homem que ela pode vir a amar.

Uma fuga da vida, uma fuga da realidade. Nem mesmo isso: é apenas a fantasia de uma fuga, um delírio passageiro. Ela consegue relaxar um segundo, talvez dois, com a ideia, antes que a realidade da fuga torne a invadir sua mente, como um viciado em desespero invadindo uma loja de conveniência às duas da manhã com uma arma na mão trêmula.



– Dobre à esquerda ali.

Jeffrey se inclina para frente, por sobre o volante.

– Onde?

– Ali, naquela pequena clareira.

Ele vira o carro para o caminho de cascalho, encostando o para-choque da frente numa corrente gasta pelo tempo pendurada em robustos postes de madeira. Isabel sai do automóvel, solta a corrente, deixa-a cair. Ela acena para Jeff passar, depois repõe a corrente no lugar e volta para o banco do carona. É a segunda parada deles em cinco minutos; a primeira foi para comprar legumes numa banca na entrada de uma fazenda. Jantar.

Jeffrey dirige devagar, o carro sacolejando no caminho de terra estreito e encalombado, em meio a vinhedos compactos. Sobe uma ladeira suave, de vez em quando percebe um vislumbre das terras cultivadas por entre as árvores. Chegam a um acesso circular em torno de um grupo de árvores, uma casa de telhas de madeira rodeada de alta vegetação.

Saltam do carro, seguem para um lado, onde fica evidente que estão no topo

de um penhasco, com um declive íngreme de mais de 15 metros de altura, até uma praia rochosa, a água cor de ardósia azul, uma faixa de terra no horizonte.

– Bonito lugar – diz Jeffrey. – O que é aquela terra lá adiante?

– Connecticut.

– Os Hamptons não são no Atlântico?

Ela não sabe se está sendo sincero ou brincando.

– Você reparou se passamos por cidades chamadas “Hampton”? Westhampton, Southampton, Bridgehampton?

Esta é uma daquelas coisas que certo tipo de nova-iorquinos presume: que todo mundo conhece a geografia de South Fork de Long Island.

– O que eu sei dos Hamptons? Pensei que tínhamos pegado um atalho.

Ela balança a cabeça.

– Mas a casa de Judy não é nos Hamptons?

– É, mas não vamos para lá. É para onde quero que as pessoas pensem que vamos. Quero que vão à casa de Judy atrás de nós. Mas não estamos nem perto de lá.

– Por quê?

– Por que o quê?

– Por que você quer que eles, quem quer que sejam, vão para a casa de Judy?

– Porque a casa dela fica ao lado da casa de uma estrela de cinema com segurança do nível de chefe de Estado. Se aparecer alguém desagradável por lá, haverá uma guerra.

Isabel remexe num grande vaso de terracota cheio de lavanda e desencava um molho de chaves. Destranca a porta da frente, grande e pesada, decorada com painéis de vitrais, que solta um rangido alto e se abre. Entra na sala de estar com vista para o mar, brilhando à luz do fim de tarde. As paredes de ripas de madeira oferecem uma visão muito diferente, há nelas centenas de fotos em preto e branco de todo tamanho, forma e tipo, desde pequeninas Polaroids até em cartazes. Todas de pessoas.

– Então, de quem é a casa?

– De Naomi.

– Ah. – Jeffrey balança a cabeça. – Eu a encontrei hoje mesmo à tarde.

Todo mundo do ramo editorial em Nova York conhece a dona da livraria independente em Greenwich Village, em cuja sala da frente muito romancista estreante fez suas primeiras leituras.

Jeffrey examina a parede.

– O que são todas essas fotos? Isso parece o trabalho de um maníaco. Eu não sabia que Naomi era maluca.

– São os amigos de Naomi. A vida dela. São todas as pessoas que visitaram esta casa nos últimos dez anos. A casa era dos pais dela; a livraria também.

Isabel corre os olhos pela parede.

– Naomi adora cinema, de todo tipo. Ela já foi cineasta. – Isabel localiza a foto que está procurando, de papel couché, na altura do olhar. – Venha ver. Passamos um longo fim de semana aqui.

Vê Jeffrey se curvar para enxergar melhor, Isabel com seu filho e o ex-marido. Ela parecia muito mais jovem, muito mais feliz. Nem foi há tanto tempo assim.

– Nossa última temporada de férias.

Naomi precisa das duas mãos para carregar a garrafa gigantesca de vinho que, aos poucos, desajeitada, derrama em copinhos frágeis.

O autor terminou meia hora mais cedo sua leitura e as respostas às perguntas, mas ainda está sentado à mesinha da sala dos fundos, autografando livros e conversando com seus amigos, que, assim como ele, estão na faixa dos 20 e muitos anos, quase todos os homens usam camisa xadrez ou chapéu de aba estreita com calça jeans justas de bainha enrolada. Todas as mulheres parecem ter pequenos piercings brilhantes nas narinas, óculos extravagantes ou cortes de cabelo improváveis.

Naomi aperta amigavelmente o ombro do autor ao passar, um gesto mais íntimo do que o relacionamento deles justifica. Mas é seu trabalho cultivar intimidade com os escritores, bem como com editores e editoras, publicitários e patrocinadores – o vinho foi doado, assim como o queijo barato –, blogueiros e jornais, o conselho da comunidade e os diretores das escolas fundamentais locais, além de qualquer pessoa que possa ajudar uma livraria a manter sua presença como uma instituição de bairro, um centro cultural, um recurso da comunidade.

Ela sai pelas portas francesas e desce os poucos degraus para o pátio dos fundos, que sempre foi um espaço negligenciado, cheio de mato, abrigo de ratos e pombos, nas décadas em que seus pais eram donos da loja. Eles inauguraram a livraria de tendência de esquerda radical no início dos anos 1970, quando tal empreendimento era um segmento viável de varejo, por mais estranho que pareça.

A Berger's Books transformou-se numa livraria de assuntos gerais, refletindo a evolução do próprio Village, que no início era um refúgio de baixo custo para artistas, escritores, músicos e intelectuais, e passou a ser o epicentro da vida gay da Costa Oeste, depois um enclave para yuppies que preferiam sua gentrificação com um toque de boemia e, mais recentemente, o realinhamento que acompanhou o afluxo de ricos e famosos, refugiados de Beverly Hills e do Upper East Side, que pagam 5 milhões de dólares por apartamentos de cobertura de um quarto. Bleecker Street antes era cheia de pequenas lojas que vendiam antiguidades surradas, vinis usados, livros de segunda mão e novidades em preservativos. Agora o que predomina quase exclusivamente é o comércio de moda sofisticada.

Naomi cresceu nesta loja, fazendo a lição de casa sentada no chão na seção de história, abastecendo as prateleiras quando adolescente, começando a newsletter e construindo o site da loja. Mas sempre teve outros empregos na indústria cinematográfica, enquanto tentava levantar dinheiro para produzir seus curta-metragens experimentais – e, é certo, não sendo amplamente

compreendida. Talvez não parecesse uma vida satisfatória para uma mulher adulta, já crescida. Mas, como ela costumava dizer aos pais, era.

Então eles morreram. Um motorista bêbado em plena luz do dia na via expressa de Long Island. De repente, Naomi se viu como única proprietária da loja. Não suportava a ideia de fechar o negócio nem procurar compradores. Assim, assumiu temporariamente o comando durante uma daquelas janelas ocasionais em que as finanças do negócio dos livros pareciam estar em relativa boa forma. Pessoas em Greenwich Village compravam um monte de livros e não apreciavam cadeias de lojas. A Berger estava indo bem e Naomi rapidamente se afeiçãoou à coisa toda, aos funcionários, clientes e autores, às crianças e suas mães que vinham para as leituras do sábado de manhã.

Levou alguns anos para admitir que sua administração temporária se tornara permanente. E contratou um sujeito para construir um balcão simples nos fundos, comprou algumas mesinhas usadas, uma máquina de café e algumas cestas para pães, torradas, biscoitos. Um lugar onde relaxar num dia chuvoso. E, para quando não estivesse chovendo, deu novo destino ao pátio dos fundos: colocou uns móveis de teca de segunda mão, além de algumas caixas de brinquedos de plástico e tomadas externas para escritores, programadores e empresários sonhadores, presentes em todos os cafés, todos os dias, vivendo em público suas vidas profissionais sem escritório, aproveitando o wi-fi gratuito.

Poucos desses frequentadores compram livros, pelo menos não com regularidade. Mas pagam por café e bolinhos. Em alguns dias ela vende mais bolinhos do que livros.

Agora, porém, as mesas do pátio são ocupadas pelos fumantes da festa, que jogam suas guimbas em copos de plástico quase vazios, ficando jovialmente bêbados numa noite de terça-feira.

Seu celular toca. Ela olha para a tela e percebe algo estranho: parece ser ela mesma quem está ligando.

– Alô?

– Oi, Naomi, é Isabel.

Sua velha amiga, ligando do telefone fixo da casa de fim de semana de Naomi. Outra das loucuras dos pais nos anos 1970: uma casa de madeira caindo aos pedaços no alto de um penhasco perto do fim de Long Island. Era no meio do nada, na época; comprada por uma bagatela e reformada devagar com material barato. Seus pais eram investidores muito astutos para um casal de comunistas.

– Você está na minha casa, Isabel?

– Você se importa?

– Claro que não. Só tenho uma melhor amiga que também é minha agente literária.

Quando Naomi estava escrevendo seu livro de memórias, na metade do trabalho ela o enviou para Isabel, que a incentivou muito e se mostrou

extremamente sagaz, ajudando-a a recriar toda a estrutura da narrativa, transformando-o em um livro muito melhor do que Naomi teria (e poderia) ter escrito por conta própria. Em seguida, Isabel se encarregara pessoalmente do projeto, apresentando-o a vários editores. Em poucas semanas havia recolhido meia dúzia de ofertas, chegando a 110 mil dólares. Seis dígitos!

É claro que a comissão da agente era de 15%. E quem iria saber que o adiantamento seria pago em quatro parcelas? E como não foi a única receita de Naomi em nenhum dos quatro anos de pagamentos, ela teve que incluir o dinheiro no total de seus rendimentos e pagar impostos municipais, estaduais e federais sobre essa quantia. Então, no final, os seis dígitos transformaram-se em quatro depósitos anuais de cerca de 15 mil dólares cada.

Um dos convidados começa a contar uma história em voz alta e Naomi olha em volta procurando um lugar desocupado, mais silencioso.

– Você sabe que é sempre bem-vinda.

– Obrigada – agradece Isabel. – Desculpe não ter ligado antes para pedir. Tem sido... Meu dia foi muito estranho.

Naomi abre a porta do escritório sem janelas, escuro, silencioso e minúsculo.

– Está tudo bem?

– Oh... Deus, é difícil explicar. Naomi, as câmeras na casa... elas continuam funcionando?

Para seu projeto de filme mais recente, Naomi tinha secretamente instalado pequenas câmeras e microfones escondidos em todo o andar térreo da casa de campo.

– Continuam.

– Ótimo. Pode me ensinar a ligá-las?

Isso foi inesperado.

– Claro.

– Bom, obrigada. E Naomi...?

– Sim?

– Aquele seu revólver... ainda está aqui?

O acidente Página 258

– Então, estamos combinados? – perguntou Charlie.

Dave assentiu.

– Isso é empolgante – disse Charlie, com um sorriso largo. – Você está animado?

– Estou.

Tudo estava indo melhor do que o esperado. Assim, tinham começado a falar sobre o que viria a seguir, com aquela arrogância otimista típica dos jovens. E o que viria era a rede de notícias a cabo norte-americana, cujos investidores já faziam fila. Charlie teria seu próprio programa, a atração principal, durante todas as noites da semana no horário nobre.

– Vamos fazer grandes coisas – disse Charlie, olhando pela janela da principal sala de reuniões da Wolfe Worldwide Media, empoleirada no alto de um prédio antigo em Silicon Alley, com vista panorâmica para o Empire State Building, a apenas 800 metros de distância.

– Grandes coisas.

– Vamos.

– Você não me parece muito convencido.

Dave bateu com a caneta no bloco algumas vezes.

– Nós ainda não discutimos isso, Charlie.

Charlie se remexeu na cadeira. Tomou um gole de café, repôs a xícara na mesa.

– Estou falando sobre a outra garota. A do clube de dança.

– Sei do que você está falando.

– Ela pode ter nos visto. Talvez consiga nos identificar. Com você na televisão o tempo todo...

Dave estendeu as mãos, explicando sem terminar de falar.

O acidente Página 259

– Ela poderia me reconhecer – completou Charlie, confirmando que tinha entendido. – Ela poderia se apresentar e apontar o dedo: “É ele! A última pessoa que estive com minha amiga antes de ela desaparecer! *J’accuse!!*” É disso que você tem medo?

– É. Você não tem?

Charlie concordou com uma piscadela.

– Então, está apenas apontando um problema óbvio? Ou tem uma solução?

– Você não tem?

Charlie pegou o café de novo, mas não levou a xícara à boca.

– Temos que determinar se isso é possível, não é?

– Dã. Como?

– Primeiro vamos encontrá-la. Não deve ser tão difícil. O nome dela estava nos jornais, sabemos para qual faculdade ela foi e quando. Acho que podemos...

– Sim – Dave o interrompeu –, entendi, podemos encontrá-la. E depois?

– Vamos descobrir se ela me reconhece. O que tenho certeza de que não vai acontecer. E aí estaremos com a barra limpa.

Dave sorriu, condescendente.

– Está bem, Charlie – disse ele, inclinando-se para a frente, antebraços em cima das coxas, as mãos entrelaçadas na frente, como se estivesse rezando. – Mas e se ela o reconhecer?

PARTE III

noite

Isabel pisa no chão caiado de branco com os pés descalços. Sente a madeira macia e fria sob as solas, a maresia e as ondas de meio metro de altura quebram na praia rochosa, um ritmo circular que soa como estática de rádio, alguém brincando com o botão de ajuste, tentando obter um sinal melhor. Imagina o murmúrio indistinto de um jogo de futebol vindo de um rádio transistor em outra sala, pássaros cantando, um carro com defeito na transmissão acelerando na estrada distante, o baque na água como se alguém pulasse numa piscina, o ecoar da gargalhada de uma criança.

Ela imagina o passado recente de três anos atrás, quando ainda estava casada e seu bebê ainda estava vivo.

Seu olhar é atraído para as estantes embutidas que ladeiam a lareira, cheias de livros sobre natureza e de fotografia, entremeados de conchas muito brancas e velhas garrafas verdes de refrigerante, as coisas efêmeras que se encontra numa casa de praia, além de equipamentos eletrônicos escondidos nos cantos, as lentes circulares discretas, as razões por que ela está aqui.

O peso de sua situação lhe desce sobre os ombros, sobre a alma, sobre todo seu ser. Não consegue se lembrar de como era se sentir segura. Parece que semanas se passaram desde que terminou o manuscrito, desde que isso tudo começou, mas será... será possível? É verdade que ela só tinha terminado de ler o manuscrito hoje de manhã?

Isabel põe a mão na geladeira, mas não a abre. Em vez disso, inclina-se contra a porta. Começa a chorar, num primeiro momento apenas alguns arquejos e duas lágrimas rolam, mas rapidamente o volume aumenta, e logo seus ombros se levantam, todo seu corpo é sacudido por convulsões, deitado na fria superfície metálica.

O choro cessa por si só, sua urgência se dissipou. Ela respira fundo, trêmula, depois inspira mais uma vez de modo mais controlado. Limpa o rosto com a mão direita, a mão esquerda ainda segurando a alça da porta.

Abre o compartimento do freezer, e não pode evitar olhar a caixa na prateleira de baixo, o grande Ziploc que ela enfiou sob os picolés, com apenas a ponta fechada visível. Então puxa a bandeja de cubos de gelo e despeja-os numa jarra de vidro decorada com listras multicoloridas. Enquanto enche a jarra com água da torneira, vê seu reflexo na janela acima da pia. Está com uma aparência horrível. Enxuga os olhos novamente com os nós dos dedos.

Isabel volta para a varanda, onde Jeffrey está colocando seu prato, agora vazio, em cima do divã de vime. Ele olha por cima da grade e contempla o sol, que começa a se esconder no horizonte de água, incendiando o céu, projetando raios de cor nas ondas.

– Obrigado – diz ele, pegando a jarra da mão dela. Enche um copo com água, passa-o para ela. Depois enche outro para si. – Estava uma delícia.

Uma refeição simples, macarrão com legumes e uma salada, uns poucos dólares de ingredientes frescos e dez minutos para preparar.

Isabel coloca seu prato vazio em cima do de Jeffrey, mas o dela está inclinado por causa do garfo, mal equilibrado, enquanto o dele está firme. Ela observa a pequena pilha, a pequena estrutura instável, talvez análoga às suas vidas.

Jeffrey volta-se para o pôr do sol e ela acompanha seu olhar. Por um momento, os dois contemplam silenciosamente os restos coloridos do dia que se passou. Então ele se vira para ela e sorri. Ela sempre se sentiu segura no abraço caloroso do sorriso dele.

– Sei que deve ser difícil para você estar aqui.

Ela sente as lágrimas brotarem de novo e se esforça para reprimi-las, para não desmoronar. Vem tentando contê-las há muito, muito tempo.



O serviço religioso em memória de Tommy foi horrível. Nada poderia ser mais doloroso e angustiante. Indescreivelmente triste. O salão não tinha cadeiras, então havia pelo menos trezentas pessoas em pé, vestidas de preto, segurando lenços, fungando, apoiadas umas nas outras, abraçando-se, enxugando o nariz, esfregando os olhos, correndo os dedos pelo cabelo, olhando para o teto ricamente dourado, às dez e meia de uma manhã de segunda-feira. Que maneira de começar a semana.

A sogra foi a primeira a falar. A hippie idosa nunca pareceu mais formal, em seu vestido preto e meia-calça. Avós sabem mais, disse ela. Sabem que tudo vai passar. Todas as birras, todos os contratempos no treino, todas as estratégias de manipulação para evitar a hora de dormir, todas as gripes e todos os resfriados, todos os arranhões no joelho e lábios arrebentados, todas as crises penosas com acessos de vômito e acusações amargas. Isso passa, as avós sabem, e as lembranças dos detalhes irritantes se transformam em algumas das coisas maravilhosas, das coisas lindas, aquelas que deveríamos ter apreciado enquanto podíamos. E a injustiça é impensável... E neste ponto Karla desmontou.

Quem falou em seguida foi um amigo da família. Depois, os pais de Isabel. O último foi o marido de Isabel, que falou por pouco mais de um minuto, ela sendo amparada por ele. Mas foi demais, não só para ele e Isabel, como também para todos naquele salão enorme, para todas as pessoas arrasadas com a perda de um menino que estava prestes a iniciar seu segundo ano pré-escolar, que tinha um melhor amigo chamado Danny e um urso de pelúcia chamado Baba-Beebee, cuja cor favorita era laranja e a segunda era verde, que tinha um programa de

televisão favorito, assim como um filme e uma música, que naquela terça-feira de manhã tivera um acesso de raiva no banheiro – “Xixi, volte! Por favor, volte, xixi!” – porque Isabel sem querer apertava a descarga do vaso em vez de deixar que Tommy o fizesse.

Não havia ninguém que não chorasse naquela sala.

Depois, trezentas pessoas enlutadas saíram do prédio para a rua cinzenta, molhada, enxugando os olhos e dando as mãos. Alguns acenderam cigarros, outros estenderam os braços para chamar táxis e dezenas deles procuraram os celulares para tirar o modo silencioso. Examinaram as telas e encostaram os telefones nas orelhas, olhando para o céu escuro e baixo, cabeças inclinadas, ouvindo mensagens, concentrando-se nos detalhes dos quais se tinham ausentado por 75 minutos, nos compromissos remarcados, atualizações e perguntas. Seus olhos ainda estavam vermelhos quando voltaram às suas vidas, vidas sem tragédia das quais seu filho pequeno perfeito não havia sido tirado, vidas não despedaçadas, que ainda faziam sentido, com razões para seguir em frente, para ir trabalhar e depois voltar para casa, para acordar no dia seguinte e fazer tudo isso de novo.

Não a de Isabel, porém. Todos perceberam que a vida dela não tinha mais sentido. Todos esses novos amigos que ela fizera no parquinho e na pré-escola, todas aquelas mulheres que passavam suas vidas administrando a aparência externa de sua riqueza, cuidando de suas coberturas em Tribeca, de suas casas de praia em Water Mill e de seus apartamentos de luxo na encosta em Vail, programando babás e professores particulares de piano e de francês, seus alfaiates, faxineiros, manicures, coloristas e estilistas, seus *personal trainers*, suas aulas de Pilates e ioga, seus porteiros, o verão e os feriados de Natal, as férias de inverno e as férias de primavera, seus carros e barcos, seus estofados de seda, bancadas de granito e pisos de madeira de demolição, seu isso e aquilo.

Isabel simplesmente não se importava mais.

De repente, não havia razão para ir trabalhar ou voltar para casa. Não havia razão para acordar no dia seguinte. Não conseguia parar de pensar na injustiça que é perder um bebê. Não deveria fazer parte da vida de uma mãe.

E, enquanto ela se recolhia em sua dor, o marido se entregava às suas tendências niilistas, à amoralidade que sempre estivera à espreita. Ele sentia mais raiva do que nunca e vingava-se não se preocupando com o fato.

Isabel não podia deixar de pensar que ele estava zangado com ela. Que a culpa. Porque era o que ela própria fazia.

Os dois nunca tinham sido um daqueles casais que andam de mãos dadas, nunca chamavam um ao outro de nomes carinhosos, nunca corriam para a pista de dança. Mas nenhum dos dois jamais fizera nada de ruim, nunca tinham se dito nada de horrível. Era apenas porque o casamento deles, que não tinha sido construído sobre fundamentos mais sólidos, não podia suportar o peso daquela

tragédia, daquela dor. E da culpa de Isabel.

Assim, o divórcio não foi amargo. Dividiram seus pertences, sem discutir. Ele comprou a parte dela na cobertura do Centro e ela usou o dinheiro para comprar o apartamento na parte alta de Manhattan, enchê-lo com móveis macios e confortáveis em suaves tons neutros, com utensílios da melhor qualidade e luminárias cromadas. Ele visitou a nova moradia uma vez para tomar uma taça de vinho no terraço, logo depois de ela ter se mudado. Levou-lhe um presente para festejar a casa nova, uma pequena litografia de Helen Frankenthaler, sobre quem Isabel tinha escrito um ensaio acadêmico, vinte anos antes.

Ainda se falavam, embora pouco. Havia coisas nele de que Isabel gostava, lembranças desencadeadas por aquele pedaço de papel de 10 mil dólares pendurado na parede da sala, provavelmente a razão pela qual ele se dera ao trabalho de comprar aquilo, um presente amável para uma ex-mulher.



Ela está diante da bancada da cozinha de Naomi folheando páginas, apressada. Não quer que Jeffrey descubra o que está fazendo.

Isabel sabe que está na parte do acidente de carro, por isso leva apenas alguns segundos para encontrar, na parte inferior da página 136, a frase que mudou tudo:

“– Charlie, vamos lá – disse eu. – Pare o carro.”

Ela não consegue acreditar como pode ter sido tão ingênua, tão confiante. Sempre se considerou experiente, cautelosa; com a segurança de uma novaiorquina nativa em sua imunidade a fraudes de todo tipo. Mas, ali estava, aquela era prova em preto no branco de que tinha sido profundamente enganada – e por um bom e imperdoável tempo.

– Olá, Hayden – disse Charlie Wolfe.

Os dois homens se cumprimentaram como se fossem velhos amigos, as mãos livres nos ombros, sorrisos largos. Mas amigos é o que nunca haviam sido.

– É bom ver você de novo.

Por alguns anos, na década de 1980, quando Charlie ainda estava na escola, seu pai, Preston Wolfe, fora vice-diretor da Central de Inteligência. A Guerra Fria dava seus últimos suspiros e a Europa ainda era um teatro de operações crucial para o serviço secreto americano. Hayden se tornava um homem importante lá, numa parte importante do mundo, de modo que ele e Wolfe pai chegaram a se conhecer. Mantiveram um relacionamento em fogo brando durante as duas décadas seguintes, e, no decorrer desses anos, Hayden cruzou algumas vezes com o jovem Charlie: um menino arrogante que cursava o ensino médio numa escola particular elitista de Nova York, na época um garoto irresponsável que pertencia a uma fraternidade, depois a notável transformação num aplicado estudante de Direito e, finalmente, num jovem adulto ambicioso e trabalhador.

Hayden não ficou de todo boquiaberto quando Wolfe filho se apresentou primeiro em Londres no final dos anos 1990 procurando um contato útil. Ficou apenas um pouco surpreso. Mas, então, o que foi absolutamente chocante para Hayden foi o fato de começarem a fazer negócios juntos. Os quinze anos seguintes tinham sido bons para ambos em suas próprias esferas de atividade, graças em grande parte um ao outro.

Mas depois isso acabou.

– Obrigado por me encontrar aqui – disse Charlie.

Hayden tinha acabado de chegar do Aeroporto de Berlim, uma viagem feita especialmente para falar com esse homem, neste parque frio.

Escolheram cadeiras de metal de encosto mais apumado entre as centenas espalhadas pelos caminhos de seixos ao redor da fonte. As mais reclinadas eram mais apropriadas para a leitura ou para banhos de sol. Mas era dezembro e ninguém estava tomando sol. Na verdade, havia poucas pessoas nos Jardins das Tulherias. Dois sujeitos vestindo sobretudo largos postavam-se a 50 metros de distância; guarda-costas de Charlie. Ao redor da fonte, uma mulher bem agasalhada, de óculos escuros imensos, sentou-se em uma das cadeiras reclinadas, de frente para o fraco sol do Sul, um livro no colo, parecendo meio adormecida. Quatro aposentados – italianos, talvez espanhóis – comiam sanduíches e riam, divertindo-se à beça. A uns 100 metros, um rapaz alto encostado numa árvore seca era, obviamente, o observador da Embaixada Americana. Charlie Wolfe havia se tornado um homem que precisava ser monitorado, como era de esperar. E isso significava que, infelizmente, Hayden

também seria.

– Então – disse Hayden –, pensei que tivéssemos terminado tudo.

No início do outono eles tinham jantado juntos em Berlim e Charlie dera por encerrado seu relacionamento mutuamente benéfico.

– Faz apenas alguns meses, Charlie. Você mudou de opinião? Sente tanta falta de mim assim?

Charlie sorriu, aceitando a brincadeira, mas não gostando muito.

– Você sabia que eu estava pensando em concorrer a um cargo no Senado?

É claro que Hayden tinha ouvido falar sobre isso, e achou a ideia péssima. Ele não respondeu.

– Também comecei a escrever um livro, meio autobiografia e, em grande parte, minha visão para o futuro do país. Eu comecei a escrevê-lo com Dave Miller. Nós nos sentávamos juntos por meia hora, ou uma hora, quanto pudéssemos, sempre que podíamos. Eu falava e ele digitava e me fazia perguntas. Trabalhávamos em equipe na formulação de passagens importantes. Ele fez algumas entrevistas com minha família, meus antigos colegas, reunindo um pano de fundo... – Charlie parou de falar, obviamente chegando à parte da história que não queria contar. – Dave guardava o manuscrito em seu escritório, com algumas notas minhas, informações sobre contatos para as fontes, documentos da faculdade de Direito, DVDs de minhas aparições na TV etc.

Charlie pronunciou a expressão latina de modo lento e acentuado: *et ce-te-ra*.

– Então, Dave recebeu o diagnóstico de câncer. – Charlie balançou a cabeça.

– E, na semana passada, recebi uma notícia ainda mais terrível, quando descobri sobre a queda do avião.

Hayden sentiu que estavam chegando ao cerne das coisas e perscrutou o rosto de Charlie. Aquela frase – “Descobri sobre a queda do avião” – era uma forma peculiar de se referir ao suicídio de seu melhor amigo.

– Levei uns dois dias até lembrar que eu deveria recolher o material do livro; tinha outras coisas em minha cabeça. Então, ontem à noite, fui ao escritório de Dave, destranquei o armário do arquivo e olhei lá dentro, mas não encontrei qualquer vestígio do material.

– Estava tudo impresso? E os arquivos digitais?

– Não tínhamos arquivos digitais.

Hayden olhou sem compreender o magnata da mídia digital.

– É muito fácil duplicar um arquivo digital. É muito fácil roubar. Qualquer dispositivo de armazenamento, não importa quão seguro, acaba sendo inseguro. O que não é inseguro é uma pilha de papel que ninguém sabe que existe. Que ninguém vai procurar. Então, nós digitamos, imprimimos e destruimos os arquivos de processamento de texto. O manuscrito existe apenas na forma física. Em algum lugar.

– Imagine que você tenha procurado na casa dele?

– Nada lá. Nem em Georgetown nem na casa de praia.

– É possível que Miller tenha destruído o manuscrito?

– Claro.

– Mas por que ele faria isso?

Hayden deu de ombros.

– Nada de manuscrito em lugar nenhum – disse Charlie, inclinando-se para a frente. – E nada de corpo também.

Hayden desviou o olhar para a distante elegância renascentista francesa do Louvre aparecendo acima das linhas rígidas do parque. Atrás deles estava o obelisco no centro da Place de la Concorde, os Champs-Élysées e o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel, envolvida por nuvens densas com dobras cinzentas.

Eles estavam sentados no meio de tudo, de um espaço aberto, impossível que alguém pudesse escutar clandestinamente a conversa.

– Qual é sua teoria? – perguntou.

Charlie olhou para Hayden por alguns segundos, uma pausa proposadamente carregada de significado.

– Eu acho que o suicídio foi uma farsa e que Dave está escondido em algum lugar terminando o livro.

– Merda. Por quê?

– Não tenho certeza.

– Não me venha com essa. O que aconteceu?

– Ouça, Hayden, é complicado.

O primeiro instinto do agente, quando recebeu o chamado de Charlie, dois dias antes, foi que isso acabaria em desastre total. Aprendera aos poucos que seu primeiro instinto era infalivelmente correto.

– Então explique, Charlie. Você não é idiota. Nem eu.

Charlie se mexeu na cadeira, desconfortável.

– Dave sempre teve um pouco de inveja de mim. Era invejoso. Do dinheiro e, sabe, de tudo. E aconteceu uma coisa na faculdade... que foi...

– O quê?

Charlie se recostou, cruzou as pernas.

– Houve um acidente. Um acidente de carro. Eu estava, hum, bêbado.

– E?

– E uma garota morreu.

Hayden mastigou esse bocado de mau gosto.

– Miller sabe sobre isso?

– Ele estava no carro.

Ah, merda.

– Mas ele ficou calado? Por quanto tempo, 25 anos?

– Nós lhe pagamos para isso.

– Nós quem?

– Meu pai e eu. Mas acho que só meu pai fazia os, hum, pagamentos.
– Quer dizer que Preston Wolfe estava envolvido nisso?
– Meu pai estava em Ithaca na noite do acidente. Depois que Dave e eu, bem, descartamos o corpo, fomos procurar papai. Aconteceu no meio da noite. Fomos até ele para pedir ajuda.

– Ajuda para fazer o quê?
– Decidir o que fazer. Como nos esconder e o que fazer com as provas. Decidir pagar Dave. Quarenta mil por ano. Não apenas para mantê-lo em silêncio, mas para provar que ele estava aceitando dinheiro em troca de ficar de bico fechado. Para torná-lo cúmplice de uma conspiração. De um crime. Para garantir que ele sofreria consequências desagradáveis se me traísse.

– Isso foi ideia do seu pai?
Charlie balançou a cabeça.
– Você era um patifezinho desonesto, hein?
– Ele precisava do dinheiro. Sabia que Dave foi pobre? Os pais... A mãe dele era comunista? Marxista de verdade?

Hayden não respondeu.
– E, depois, você sabe, Dave me ajudou a começar o negócio e tudo o mais... Nós ficamos meio ligados. E seu relacionamento comigo fez dele um homem rico. Mais rico do que jamais sonhou que poderia ser. Ele sempre se sentiu meio desconfortável com o dinheiro. Sua mãe comunista tinha vergonha dele. Acho que ele sentia vergonha de si mesmo. Dave se tornou tudo o que tinha sido criado para não se tornar; para desprezar, na verdade.

– Ele se referia claramente ao assunto?
– Não, mas a aversão a si mesmo era bastante evidente. E a vida pessoal dele certamente não ajudou. Conhece algo a respeito?

Hayden assentiu.
– Então lançamos a divisão a cabo em Washington, mudamos a sede para lá, e foi um enorme sucesso...
– E depois?
– Depois houve a Finlândia.

A primeira operação em parceria deles, quinze anos antes, tinha sido um candidato italiano à presidência cuja campanha fora implodida com a revelação de que ele estava indo para a cama com uma menina de 19 anos. Em seguida, houve o recém-eleito membro do Parlamento de Liverpool que renunciou depois de se viciar em cocaína, preso no banheiro masculino de um clube na Greek Street. E o financista holandês contrabandista de armas que foi preso em Atenas e poucas horas mais tarde foi assassinado na cadeia.

Arruinando vidas arruináveis, por lucro e política.

– Achei que você tinha certeza de que isso estava sob controle.
– Bem, pensei que sim. A maior parte.

Porque a Finlândia fora diferente. Desde o início, não era uma grande ideia: um alvo instável, um empresário de internet cujo site difamatório sujava a imagem dos Estados Unidos, desafiando a fatia de mercado de Wolfe, infringindo uma série de leis, tudo ao mesmo tempo. Cheirava muito a rancor pessoal e Hayden deveria ter sido contra à ideia. No ano anterior, ele teria se oposto. Mas sua bússola moral fora lentamente corrompida, afinal reajustada, e o Norte agora apontava para uma direção que não era verdade. O acordo havia sido bom demais para Hayden.

– E então, meses depois, ele anuncia que está doente, que está morrendo, veja só.

– Você acha que ele não tinha câncer? Quero dizer, não tem?

– Acho. Ele consultou especialistas, fez exames. Ficou um bagaço, perdeu peso. Estava doente mesmo. Mas os médicos e hospitais, sabe, não têm boa vontade em revelar os registros dos pacientes. Além disso, não é impossível forjá-los.

– Então, se Miller tem mesmo câncer, Charlie, é isso que ele está fazendo em seu leito de morte? Revelando o acidente e o papel que ele desempenhou na história?

– É isso.

– E se ele não estiver com câncer?

– Talvez esteja fazendo a mesma coisa. Só que não no leito de morte.

Era uma situação muito desagradável.

– Você tem alguma ideia de onde ele está, Charlie?

– Acho que está no México. Mandeí um pessoal examinar as coisas dele. Ele apagou um monte de arquivos do computador pessoal, apagou seu histórico de navegação. Mas esqueceu de apagar os cookies.

– Os cookies.

– Sim. Um registro dos sites que ele visitou, o que torna...

– Eu sei o que são cookies. Isso é esquisito, não é?

– O quê?

– Miller ter apagado arquivos e limpado o histórico, mas não ter deletado os cookies.

– Dave não tinha grandes conhecimentos de informática. Nunca entendeu muito do assunto. – Charlie deu de ombros. – De qualquer forma, havia muita coisa envolvendo o México no histórico de navegação. Pesquisa de lugares como San Miguel de Allende, Cuernavaca, Oaxaca, onde há infraestrutura para expatriados.

– Por que o México?

– Como eu lhe disse, a família dele é comunista.

– E daí? – Hayden estreitou os olhos. – O México não é comunista. Nunca foi.

– Não sei. Mas é, hum, proletário. Sei lá. – Charlie encolheu os ombros outra

vez – De qualquer forma, ele andou vendo voos para o México. Além disso, meus rapazes têm certeza de que ele comprou uma passagem de primeira classe partindo de Miami para a capital mexicana.

Parecia tudo muito bom para ser verdade. Mas, às vezes, ainda assim podia ser verdade. Mas não havia como acreditar que esses supostos cookies esquecidos fossem a solução rápida e fácil. E Hayden tinha a ligeira sensação de que havia outro aspecto naquela história: o lado ruim.

– Charlie, quanto Miller sabe sobre nossa parceria?

Charlie olhou fixamente para o chão, antes de responder:

– Muito.

Hayden sentiu seu peito afundar. Desviou os olhos de Charlie, cujo rosto nada transparecia. Deixou seu olhar vaguear além da fonte até a mulher de óculos escuros, ainda sentada lá, o rosto virado para a fraca luz solar do inverno parisiense.

– Tudo?

Charlie ergueu as sobrancelhas, mas não encarou Hayden. Havia um número verdadeiramente grande de agentes que faria qualquer coisa para avançar. Hayden nunca tinha sido uma delas, e fazia um enorme esforço para deixar isso bem claro; orgulhava-se de sua falta de ambição. Ele queria muitas coisas na vida; não era um homem totalmente sem ambição. Mas essas coisas não incluíam ficar sentado no escritório em Langley, por maior que fosse. Nunca quis morar em nenhum lugar perto de Washington, nunca quis estar cercado pelo tipo de gente que vai para a capital com a intenção de deixar sua marca no mundo. Nunca aspirou à riqueza ou à fama.

Queria viver na Europa, entre os europeus, com suas línguas, museus e cafés. Ele queria aprender coisas interessantes, cercar-se de pessoas interessantes, dormir com mulheres interessantes. Queria que sua vida fosse rica em experiências, com pessoas e lugares. Queria trabalhar no mundo da espionagem, não da política. Queria a carreira que já tinha.

Para realizar suas modestas ambições particulares, outras ambições mais corriqueiras lhe foram impostas. Hayden nunca tinha pensado em si mesmo como corruptível. No entanto, permitiu que fosse corrompido. E agora lá estava ele, sentado nas Tulherias, olhando para o homem responsável por isso.

Quando Hayden fez seu arranjo com Charlie Wolfe, ficou estabelecido que toda a operação estaria no lado correto da linha do certo ou errado. Ninguém que fosse completamente inocente se machucaria e todos os resultados seriam estrategicamente benéficos para os Estados Unidos. Esse era o trabalho de Hayden e era um trabalho de valor, ele o fazia bem e era recompensado por seu sucesso com promoções e autonomia. Não havia nada de errado naquilo.

Alguns desdobramentos indesejados seriam inevitáveis, Hayden previra. Mas agora era forçado a admitir que não estivera vigilante o suficiente, nem um

pouco. Por outro lado, Charlie mostrara hábil talento em obscurecer a linha de demarcação entre o que era bom para os Estados Unidos e o que era bom para a Wolfe Worldwide Media. Pensando em retrospecto, ficou óbvio que a operação na Finlândia fora muito mais benéfica para Wolfe. Além disso, uma criança tinha morrido.

– Ele pode provar alguma coisa, Charlie?

– Depende. Com certeza pode levantar um debate convincente.

Hayden contemplou seus sapatos, refletindo sobre o novo cenário.

– Você sabe o que precisa ser feito, não sabe? – perguntou Charlie.

Hayden se virou para ele com uma cara feia. Se havia uma coisa de que ele não precisava naquele momento, era da condescendência daquele idiota.

– Você devia falar com um advogado chamado Trey Freeley – disse Charlie, levantando-se da cadeira verde de metal. Fechou seu sobretudo em torno do torso, abraçando-se em sua lã bem-cortada. Eram quase quatro de uma tarde de dezembro em Paris; o sol iria se pôr a qualquer momento e o tempo já tinha começado a esfriar. – Trey conhece bem o negócio dos livros e as pessoas que trabalham nele.

Estendeu a mão para Hayden e este levantou-se, apertando-a.

– Obrigado.

Charlie balançou a cabeça enquanto piscava devagar, como se aceitasse a gratidão merecida por um favor profundamente significativo que fizera, quando na realidade o oposto é que era verdadeiro. Ele era magistral. Charlie Wolfe provavelmente daria um grande político se conseguisse superar a potencial crise que assomava. E talvez outras crises, as que Hayden desconhecia.

Pensando bem, talvez Charlie Wolfe fosse um desastre como político.

– Sinto muito sobre isso, Hayden. De verdade.

Charlie se virou e foi embora, seguido a uma distância confortável por seus grandalhões desengonçados, subiu os degraus para a gigantesca rotatória da Place de la Concorde e desapareceu.

Hayden saiu em outra direção, contornando a fonte, para o Louvre, por meio do parque silencioso e frio, com cães pequenos em seus passeios de fim de tarde, jovens mães empurrando carrinhos de bebê, idosos com as mãos entrelaçadas atrás das costas, usando chapéus com abas, os jornais debaixo do braço, nuvens de fumaça de cigarro.

Afastando-se do museu, Hayden parou, esperando que o sinal de trânsito fechasse na Rue de Rivoli. Virou-se para o tráfego. Com o canto do olho, viu a mulher de óculos escuros da fonte seguindo-o a uns 30 metros de distância, tentando misturar-se à densa multidão.

Hayden abriu caminho na calçada apinhada de gente e, um quarteirão adiante, seguiu pela Rue Saint-Honoré e atravessou a pequena praça movimentada. Sentou-se no grande e agitado café virado para a praça, debaixo

de uma lâmpada vermelha que projetava calor sobre sua cabeça gelada. Esfregou as mãos e pediu um *chocolat chaud*. Estava um frio desgraçado, mais do que ele esperava, em sua boa e velha capa impermeável, em vez do casaco de lã. Havia previsão de chuva para hoje e amanhã. Todos os dias, por meses a fio, havia possibilidade de chuva. Hayden tinha a capa desde que começara a trabalhar com Charlie Wolfe, cerca de um quarto de sua vida.

Examinou a multidão, como sempre procurando rostos, sobretudo, chapéus conhecidos. Centenas de pessoas passavam, desapareciam no metrô, iam de um lado para outro, olhando de relance umas para as outras e, de vez em quando, para ele.

E lá estava ela, aquela mulher de novo, atravessando a praça, na direção do café, andando sem pressa. A claridade do dia ia sumindo, mas ela ainda usava os óculos escuros, cuja função prática parecia ser a de fixar o lenço estampado que lhe cobria a cabeça e se enrolava em seu pescoço, em cima do casaco de delicado motivo xadrez e grandes botões de latão.

Ela foi direto até a mesa de Hayden e sentou-se na cadeira ao lado, também de frente para a praça.

– *Oui, madame?* – perguntou o garçom.

– *Un café crème, s'il vous plaît.*

Parecia fluente em francês e certamente desempenhava bem o papel, com seu batom vermelho e luvas de couro confortáveis forradas de pele. Retirou o espesso cobertor de lã feltrada da parte de trás da cadeira de palhinha e o estendeu em seu colo.

Permaneceram em silêncio por um minuto, observando as pessoas. Então ela tirou os óculos, dobrou-os, colocou-os em cima da mesa à sua frente. Desenrolou o cachecol. Puxou o pequeno fone de sua orelha esquerda, dobrou o fio fino e guardou-o no bolso.

– Então, o que acha?

O garçom entregou as bebidas e retirou-se apressadamente para o salão quentinho.

– *Je crois que ça pourrait devenir difficile. Très difficile.*

– Belo uso do tempo verbal, Kate.

Uns dois anos atrás, ela mal falava uma palavra em francês. Tentou esconder o sorriso atrás da xícara de café.

– E pronúncia impecável. – Hayden também tomou um gole da bebida quente. – Eu concordo. Isso pode se tornar muito difícil.

Fazia apenas alguns meses desde que Kate voltara à folha de pagamentos de Hayden. Nada mais além de pequenos trabalhos, para o que tinham passado a chamar de Subestação Paris. Mas aquele trabalho, era evidente, seria grande.

– Está preparada?

– Estou.

Ficaram em silêncio de novo, enquanto a mente de Hayden enveredava pelos diferentes rumos que o caso poderia tomar a caminho de uma rica variedade de catástrofes.

– Você sabe o que está nesse livro? – perguntou ela.

Hayden tomou outro gole de seu chocolate, limpou a boca com um guardanapo.

– Ninguém é vilão em sua própria autobiografia, Kate. Todos nós passamos a vida inteira pensando que somos os heróis. Mas há, obviamente, vilões no mundo.

– Ele se virou para ela. – Concorde comigo?

Kate assentiu com a cabeça.

– Bem, Charlie Wolfe é um deles.

Como estava previsto, foi mesmo fácil encontrar a possível testemunha. Bastaram alguns minutos na internet e um único telefonema rápido para a confirmação definitiva.

E assim o autor se viu matando o tempo no Flatiron District, junto a uma porta de serviço do outro lado da calçada do escritório da mulher, uma rua apertada e escura a poucos quarteirões dos escritórios Wolfe. Quase todos os edifícios ali haviam sido construídos bem antes das leis de recuo, os prédios de quinze andares subiam direto de calçadas estreitas, bloqueando céu, luz e espaço para respirar, blocos claustrofóbicos de pedra cinzenta cheios de pequenas lojas, tecnologia e internet, varejo e mídia.

Ela só apareceu depois das sete, quando ele já estava ali havia duas horas, enquanto o dia ia embora e a temperatura caía 15°C, embrulhado num casaco não muito grosso sobre seu melhor terno e sapatos lustrosos, embora não tão confortáveis, principalmente para ficar em pé por horas a fio, o nariz escorrendo, as orelhas dormentes, as mãos sem luvas enfiadas no fundo dos bolsos, não tão preparado quanto deveria.

Ela seguiu na direção oeste e o autor a seguiu, a uma distância segura e do outro lado da rua, de cabeça baixa. Dois quarteirões depois ela se dirigiu para o centro. Ele estava preparado para ir atrás dela no metrô, ou entrar num táxi que estivesse passando, mas calculava que ela deveria estar indo para um bar. Era quinta-feira à noite e ela não era casada.

Acabou entrando num salão subterrâneo debaixo de um restaurante medíocre cuja clientela era composta quase exclusivamente por jovens gays, de olhos brilhantes e em boa forma física, exibindo-se, ajeitando-se e rindo muito alto, para atrair a atenção que circula livre num ambiente assim.

No andar de baixo era diferente, mais escuro e sossegado. Ele a viu se instalar numa banqueta de canto, sozinha, e ele sentou-se no bar, de frente para ela, pousando seu casaco no banco ao lado. Olhou para o relógio, 19h22, e ocorreu-lhe que ela devia estar esperando alguém – aquele não parecia ser um lugar para se tomar uma bebida sozinha, certamente não sentada numa banqueta como essa –, e esse encontro provavelmente seria às 19h30, portanto ele ainda tinha alguns minutos. Seria perfeito se fossem interrompidos por alguém – isto o incentivaria a introduzir o assunto –, mas não se fosse um namorado. Fez uma pesquisa on-line e sabia que ela não era casada, mas não se estava sozinha.

Pedi um uísque puro e tomou um gole para fortalecer os nervos. Era possível, naturalmente, que ela não apenas reconhecesse Charlie, mas ele próprio. Ou nem mesmo Charlie, apenas ele. Hoje à noite. Agora.

Atravessou a sala de pé-direito baixo, a ansiedade zumbindo em seus ouvidos.

Parou a poucos passos da mesa, que tinha a altura do seu joelho e um tampo espelhado, três velas piscando, refletindo, espalhando luz.

Ela ergueu os olhos, uma mulher bonita de 30 e poucos anos, mais atraente do que sugeriam suas fotos na internet. Com uma expressão ao mesmo tempo de expectativa e dúvida, comum às mulheres que costumam ser abordadas por homens em bares.

– Oi – disse ele. Sua voz soava como a de outra pessoa. – Posso lhe oferecer uma bebida?

Era seu trabalho abordar essa mulher para fazer este contato. E a parte de Charlie no acordo tinha sido adquirir a arma que estava escondida, pesada como uma bigorna, no bolso forrado de seda do sobretudo de caxemira do autor.

Jeff observa Isabel pegar sua taça de vinho. Ela toma um gole e lambe o lábio superior, a língua deslizando lentamente, deixando um rastro brilhante, depois desaparece em sua boca. Ela lança um olhar para o copo, levanta os olhos para ele e os desvia, seus olhos dançando, esvoaçando e cintilando, flertando.

Isabel traga o cigarro, as brasas oxigenadas fulguram, sua vela particular, a luz cálida e lisonjeira se espalha pelo seu rosto, um clarear e um escurecer. Isabel não é um desses fumantes nervosos, que abrem com violência as embalagens novas, batem as cinzas obsessivamente, passam o cigarro de um dedo para outro, brincam com ele, fazendo poses. Ela simplesmente deixa o cigarro apoiado na curva dos dedos, imóvel exceto quando ela o leva à boca, envolve-o com seus lábios e traga.

Jeff sempre adorou o jeito como Isabel fuma.

Os últimos raios de sol banham tudo com um tom dourado, dando à pele dela um brilho mais do que iluminado, salientando os reflexos de âmbar em seus olhos verdes. Ele nunca viu seu olhar mais bonito, e ela sempre foi linda demais.

– Estou exausta – diz ela, remexendo-se na cadeira, apagando o cigarro e se preparando para levantar.

– Eu também. – Ele a observa ficar de pé, então faz o mesmo e coloca as mãos nos bolsos. – Você está...? – Ele se perde no meio da frase. – Nem escureceu ainda.

Jeff olha para a água, os últimos riscos de cor viva no horizonte com a vasta extensão azul-escura de cada lado.

A mente dele volta para aquela noite, seis meses depois que o filho dela morreu. Assim que entrou no salão escuro de teto rebaixado e a viu no bar, o corpo curvado, largado, Jeff sabia que não só o casamento, mas também sua cabeça iria desmoronar, em breve e totalmente. Depois, claro, os dois ficaram bêbados. Então já era tarde, ou talvez não fosse tão tarde, mas parecia ser, da maneira como uma noite pode provocar a sensação de estar tarde quando há apenas você e alguém especial. Um maço vazio de cigarros foi amassado e jogado fora, e há notas espalhadas em cima de um bar de poliuretano, trocados que restaram de rodadas pagas com notas de 20 dólares sem se preocupar em verificar se você tem o valor exato.

E então eles estavam se abraçando. Existem diferentes tipos de abraços e esse evoluiu. Agora se beijavam, de forma intensa, confusa.

E ela começou a chorar.

Aquilo passou. Fora efervescente, como o borbulhar do champanhe, bebida choca antes de saírem do corredor daquele pub irlandês. Choca, mas ainda bebível, bebível até acabar, o que aconteceu quando saíram do bar, deixando

aqueles trocados espalhados por todo lado. Deus sabe como deve ter sido ridícula a gorjeta que deram.

Então, na rua, ela chamou um táxi e entrou nele sem dar boa-noite, sem dizer nada, sem que Jeff tivesse a chance de fazer outra coisa além de vê-la ir embora, ali em pé na calçada em frente a um bar, cambaleando.

E ele nunca soube, até hoje, se aquilo tinha sido de alguma forma verdadeiro ou se poderia ter sido culpa da bebida, da desintegração do casamento dela ou daquele colapso emocional generalizado sob o fardo insuportável da dor de perder o filho. Se teve alguma coisa a ver com ele próprio ou se não passara de um espectador.

Jeff também era casado na época.

Eles nunca mais comentaram nada, nunca mencionaram o fato. Portanto, Jeff nunca soube como Isabel se sentia sobre o assunto; ou mesmo se ela lembrava o que acontecera.

A única coisa que Jeff sabe é que não fez o que deveria: corrido atrás dela. Ele deveria ter entrado no táxi com ela, ou telefonado logo na manhã seguinte, ou convidado para irem a um restaurante no dia seguinte ou na noite seguinte, ou em qualquer droga de momento ele deveria ter ligado para ela e perguntado: “Podemos nos encontrar?” Deveria tê-la ajudado a juntar os cacos quando o marido, um merda completo e rematado, não o fez.

No entanto, em vez de agir, Jeff não parava de pensar que a oportunidade se apresentaria algum dia, com certeza. Essas oportunidades imaginárias ficavam flutuando, como blocos de gelo nos quais ele nunca pulou à espera de um maior, um mais seguro, que chegaria para resgatá-lo de seu isolamento, da desintegração lenta de seu próprio casamento.

E Isabel nunca ligou. Não da maneira como ele queria, como esperava. Nunca ligou e disse que ele fosse encontrá-la em algum bar sujo numa hora inapropriada. Nunca ligou à meia-noite e disse: “Venha para cá.”

Mas agora ela está aqui em pé na frente dele, à luz do crepúsculo, com um sorriso de Mona Lisa que ele espera ser encorajador. E, mesmo se estiver enganado, ainda assim tem que tentar, esta noite.

– Isabel?

– Hummm?

Jeff dá um dos dois passos que os separam. Sempre odiou esse momento, as borboletas no estômago, a garganta apertada e seca.

Ele dá o segundo passo e ela não recua. Seus rostos estão a centímetros um do outro. Ele se inclina mais, nem um pouco confiante. Quando os lábios estão apenas a um sopro dos dela, Jeff faz uma pausa de novo, dando-lhe uma última chance de recuar. Mas ela não recua, graças a Deus, e por isso ele a beija. Quase morto de alegria, mal pode desfrutar da experiência real do beijo, de tão atordoado que fica.

Faz trinta anos que Jeff vem beijando mulheres e ele nunca teve certeza de quando ia funcionar, com quem e por quê. A coisa toda sempre foi um pesadelo de indecisão e insegurança. Exceto quando é mágico, como agora, e ele sente os dedos dela na sua nuca, puxando-o com mais força, comprimindo seu corpo contra o dele...

Mas então o que acontece? Ela afasta o rosto e dá um passo para trás, fazendo beicinho. Mas é apenas uma provocação. Isabel sorri e se afasta deliberadamente.

Jeff está paralisado, observando-a caminhar a passos comedidos, como se acompanhasse o ritmo silencioso de uma música lenta.

– Venha comigo – diz ela, sem se virar.

Ele não pode acreditar que esteja acontecendo. Não pode deixar de verbalizar isso em sua mente, sua incredulidade, ela vai mesmo levá-lo para a cama agora, logo agora, no meio desta situação, desta enrascada, sobre a qual ele tem mais perguntas do que respostas a cada minuto que passa.

Porque, enquanto Isabel tirava seu cochilo de fim de tarde e depois preparava o jantar, Jeff sentou-se na varanda e leu o restante do manuscrito, saltando páginas aqui e ali, impelido pela magnitude das acusações e impressionado por sua esmagadora credibilidade. Esperava algo fantasioso, facilmente refutável. Estava preparado para recusá-lo; faz parte da atitude mental de um editor ser cético. E, quanto a esse projeto, ele estava mais do que cético.

Todavia, apesar de querer não acreditar naquele manuscrito, ele acredita. E isso é um problema difícil de resolver.

Por outro lado, vê Isabel atravessar a sala de estar, seu corpo em movimento na sua frente. Está fortemente consciente de sua nudez sob a roupa, da pele nua roçando o tecido delicado que separa o recato do obsceno, da curva do quadril, da linha da panturrilha enquanto sobe as escadas em direção à cama, da curva do joelho, do espaço entre as pernas...

Jeff sabia que precisava dar uma cantada nela esta noite. Mas só esperava por um beijinho.

Camilla se afasta da festa, espalhada pelo terreno levemente ondulado da propriedade em Beverly Hills, vendo as luzes que já começam a piscar ao crepúsculo na bacia de Los Angeles. Toma um gole de champanhe, sua terceira taça, que deve ser a última. Não só porque está na hora de fazer seu check-in no hotel, mas por causa de uma coisa que ela acha extremamente irritante sobre Los Angeles: a implacável sobriedade geral. Todo mundo está sempre dirigindo para todos os lugares, sentados no meio do tráfego infame, onde parece que sempre se leva uma hora para chegar a algum lugar.

Em Nova York, só se leva uma hora para ir ao aeroporto. Quer dizer, ao grande Aeroporto Internacional JFK. Ir para LaGuardia ou Newark em geral leva meia hora. Aqui, só atravessar a droga da 405 pode demorar meia hora.

E tendo que dirigir tanto assim, e a consequente vigilância policial, a pessoa simplesmente não pode ficar bêbada.

Camilla não conhece ninguém aqui, exceto o agente de talentos de nível médio que a convidou. Ele lhe deu um olá num dos bares antes de prontamente desaparecer. O que foi bom. Preferível, mesmo: ela está agitada demais para conversa fiada, obcecada demais em não falar sobre *O acidente*. Acha melhor ficar sozinha.

Ano que vem estará nesta festa novamente. É um evento anual, ao que tudo indica, então já vai conhecer todo mundo.

– Oi. – Um homem surge de repente ao seu lado, puxando conversa. – Meu nome é Cooper.

Ele estende a mão. Ela olha para o rosto dele, em seguida para a mão. Isso, ela pensa, é que é um homem de aparência fantástica.

– O meu é Camilla. Cam.

– Nome interessante, Camilla Cam. Prazer em conhecê-la.

Ela se vira para o sul, para as luzes.

– Está uma noite linda.

– Está mesmo.

Ela o espia novamente de relance. Ele deve ser ator, ou aspirante.

– Você é cliente de Janice?

Dizem que a anfitriã Janice ganhou 20 milhões de dólares de dividendos gerados pelas comissões de um único cliente, um comediante para o público adolescente e pré-adolescente especializado em piadas sexuais tolas pontuadas por gracejos escatológicos.

Cooper dá um grande e largo sorriso confiante.

– Não, não sou ator. Sou produtor. – Ele se move para a linha de visão dela, com seu sorriso aberto e suas covinhas devastadoras. – Não acho que já a tenha

visto por aí. O que você faz?

– Uma coisa e outra.

Ele arqueia uma sobancelha, pedindo mais informações, mas ela não fornece nenhuma. Eles se entreolham.

– Bem, então, prefere falar de outra coisa?

Camilla dá de ombros, toma mais um gole.

– Por exemplo?

Ele sorri, pronto para a jogada. Nesta cidade, todo mundo parece estar sempre olhando por cima do ombro, procurando – esperando – alguém mais interessante ou famoso. Mas não Cooper. Ele tem a capacidade de concentração de um político, ou de um gigolô.

– Existe algo que eu possa fazer, ou falar – diz ele, com os olhos fixos nos dela –, para levar você para a cama esta noite?

Ela vê um sorrisinho meio atrevido pairando nos cantos da boca dele e sente seu próprio sorriso brotar, realmente incontrolável; não pode deixar de sorrir enquanto considera as possíveis respostas, que variam da indignação fingida à procrastinação evasiva e ao desafio brincalhão. Aquela frase funcionaria com outras mulheres? Provavelmente.

– Para ser franca, nunca fiz muita questão de ir para a cama.



Camilla sente a louça fria e lisa sob as palmas quentes das mãos e pressiona o corpo para baixo com mais força, tentando se manter firme, o suor escorrendo por seus braços, em torno dos pulsos, nas mãos, agora deslizando entre sua pele e a superfície da pia, e o polimento da louça faz uma das mãos escorregar para a frente na parte plana da lateral, e ela perde o equilíbrio e cai. O estômago fica comprimido contra a curva da pia, a traseira levantada mais alto no ar.

– Oh... – Ele geme, a voz profunda e gutural.

Ela pressiona o corpo no dele com mais força. Seus cotovelos estão agora apoiados na pia, as mãos contra a parede de azulejo. Ela já não pode vê-lo no espelho; já não pode ver a si mesma. O rosto dela está a apenas alguns centímetros acima da torneira de bronze. Ou será de ouro? Não se espantaria se fosse.

Percebe que esta é a segunda vez que ficou curvada sobre a pia do banheiro numa festa da indústria cinematográfica em Beverly Hills. Será que finalmente descobriu seu fetiche?

Ele geme novamente, um som que demonstra estar quase pronto, e ela também, quase lá, e aperta os olhos fechados, com mais força, mordendo o lábio, tensionando todos os músculos, empurrando o corpo para ele, e pela primeira vez visualiza o homem exatamente que está transando com ela, mesmo

que não possa vê-lo. Então, juntos, chegam ao orgasmo.

– Ufa – diz ela. Em pé novamente, puxando a saia para baixo. Nenhum dos dois tirou uma única peça de roupa. – Foi uma delícia.

– Concordo.

Camilla encontra o olhar dele no espelho, sustenta-o, mas ele o desvia para o lado, para baixo, ajeitando-se para voltar para dentro das calças. Fecha o zíper.

Esgueiram-se pelo corredor. Não deveriam estar no interior; a casa está rigorosamente fora dos limites da festa. Na garagem, grande o suficiente para conter uma frota de dez veículos, há dois reboques com banheiros móveis com atendentes, decorados com sancas, tapetes e flores frescas.

Saem por uma porta lateral, seguem por um caminho calçado de tijolos, contornam a casa e estão de volta ao gramado.

– Preciso deixá-lo aqui – diz ela, parando.

Ele parece ficar magoado, ofendido.

– Vou ter um dia difícil amanhã – acrescenta ela, justificando-se para ele. E para si mesma. – E ainda estou no horário de Nova York, o que significa que terei que acordar às três.

– Posso ligar para você?

Há algo surpreendentemente desesperado no tom de voz dele. Meio tocante. Ela enfia a mão na bolsa, remexe no couro macio procurando o porta-cartões. Tira um cartão de visita, escreve o número do celular no verso.

– Vou passar o fim de semana aqui – diz ela, perguntando a si mesma se será a última vez que vai ver esse homem.

– Tem certeza de que não posso ir junto?

– Você já não esteve bem junto de mim? – Ela ri da própria piada. – Tenho certeza de que sim. De qualquer forma, realmente preciso dormir um pouco agora. Mas foi um prazer de fato. Um prazer genuíno.

Camilla se vira e segue pelo gramado, lamentando imediatamente ter escolhido esse caminho quando seus saltos altíssimos afundam na terra, ameaçando deixá-la cair. Mas sabe que seria humilhante recuar, como sempre. Assim, com grande concentração, equilíbrio e, assim espera, elegância, ela consegue atravessá-lo sem incidentes, passando pelos sofás dispostos em cima de tapetes *en plein air*, pelas fontes cheias de vinho espumante, pelo sushi bar, pelo bar de caviar, pelo bar de bebidas, pelo bar de vinhos e, finalmente, pela orla bem-tratada da entrada para automóveis, onde ela entrega seu tiquete a um rapaz.

– Dois minutos, senhora – diz ele e sai em disparada, descendo o caminho, em busca de seu Mustang alugado, estacionado deliberadamente fora de vista, de modo que Rolls, Ferraris e Maybachs pudessem ocupar posições mais visíveis ali, junto da casa, perto dos convidados.

Camilla tem quase certeza de que é Demi Moore quem passa, chegando

enquanto ela está saindo. Observa a mulher elegante andar sem esforço pela grama.

Imagina se sua vida vai se tornar elegante e sem esforço quando transformar este manuscrito num grande sucesso internacional. Se as outras pessoas vão ter inveja dela, para variar.



O caminho serpenteia montanha abaixo, passa por outras casas enormes cercadas por jardins bem-cuidados, depois pelo portão da embaixada americana em estilo africano que se abre para deixá-la sair da propriedade particular para o mundo público, onde qualquer pessoa é livre para dirigir por onde quiser.

Camilla desce a rua em zigue-zague pelas colinas de Beverly Hills. Percebe que está pisando o freio e diminui marcha. O carro reclama um pouco, vai mais devagar e o ruído da transmissão parece mais normal.

Ela ouve o celular tocando, abafado dentro da bolsa. Não está na hora de procurar o telefone; é assim que as pessoas morrem. No entanto, pode ser importante; pode ser Stan.

Camilla percebe que há outro carro atrás dela, o reflexo dos faróis cegando-a momentaneamente, enquanto contorna outra curva em zigue-zague. Depois, vasculha a bolsa, encontra o celular, puxa-o para fora.

A estrada se estabiliza num cruzamento e ela se permite desviar os olhos do para-brisa para espiar a tela do aparelho: era mesmo Stan.

Agora a estrada se curva e desce de novo, e o carro de trás chega mais perto, se aproximando, colado no seu para-choque. Ela não pode atender no momento. Além disso, se Stan já está ligando, isso significa que está interessado. Não seria ruim fazê-lo suar, nem que fosse só um pouco.

Pelo retrovisor, o farol alto do outro carro a cega.

– Caia fora – murmura.

Inclina-se para a porta, desviando os olhos do reflexo. Começa a se preocupar achando que entrou no acesso errado. E esse outro carro está praticamente em cima dela. Está ficando nervosa.

Seus pneus derrapam no cascalho do acostamento. Ela muda de marcha e o carro dá uma arrancada para a frente, depois se estabiliza, aproximando-se de outra curva fechada.

– Cretino!

Depois, ela acelera na reta, mas então precisa diminuir a marcha novamente ao fazer outra curva, os pneus levantando cascalho. Seu coração dispara e ela atravessa depressa um cruzamento, mal diminuindo ao passar por uma placa de PARE, correndo para sair da frente desse idiota. Não está mais apenas ansiosa; está amedrontada.

A estrada se nivela, mas dá uma longa volta em torno de um afloramento de rochas. Camilla percebe uma rua à direita que desce para um vazio escuro. Olha no retrovisor, mas os faróis sumiram; o outro carro ainda não contornou as rochas. Então, num momento de pânico, clareza mental, irracionalidade ou brilhantismo, ela vira o volante, passa aos solavancos sobre o barranco e cai naquela rua sem iluminação, ao abrigo de árvores, longe da rua principal, fora da vista.

Camilla freia bruscamente o carro, que derrapa com um ruído estridente e para; então apaga os faróis e aperta o volante com as duas mãos. Ela está ofegante.

Vira a cabeça, olha por cima do ombro. Vê o maníaco passar correndo pela curva na estrada principal, ouve o som do carro se distanciando, depois desaparecendo. Graças ao bom Deus.

Camilla fica sentada atrás do volante com o peito arfando, recuperando o fôlego. Ainda está no alto das colinas, vendo lá embaixo a cidade, que apenas um minuto atrás era uma visão apavorante; agora é bonita outra vez. Sabe que se continuar descendo, mais cedo ou mais tarde vai chegar a um terreno plano. E vai conseguir encontrar seu caminho quando estiver lá.

Desce essa rua secundária, passa por muros cobertos de trepadeiras, por palmeiras e laranjeiras, portões de metal pintados no alto de entradas de carro íngremes. Encontra um grande cruzamento com um nome familiar, uma rua que sabe que vai levá-la ao fim de Beverly Hills. Dá um suspiro de alívio e entra na rua.

Camilla tira o pé direito do freio e pisa no acelerador. Leva o conversível a 80 quilômetros por hora, então a 100, o vento desarrumando seu cabelo.

Nem olha no retrovisor para ver o outro carro que reaparece atrás dela, porque agora os faróis estão apagados.

O uivo em dois tons de uma sirene de ambulância fica mais próximo por alguns segundos, depois mais longe, então distante e baixo por um tempo, as ondas sonoras ecoando no lago de Zurique antes de desaparecerem por completo. O autor toma um gole d'água e recomeça a olhar para o teto.

Havia encontrado a testemunha potencial na semana seguinte para um encontro adequado, numa mesa desejável num restaurante conhecido, uma reserva difícil de obter; ela afirmou conhecer o chef por causa de seu trabalho, embora fosse vaga quanto aos detalhes, e o fato parecia ligeiramente improvável. Além disso, dizia chamar-se Anne, e ele sabia que não era seu nome verdadeiro, ou pelo menos não era seu nome na época da faculdade. Ela não parecia ser muito confiável. Ou talvez não estivesse muito confiante.

Apesar das mentiras que essa mulher dizia, ela era sem dúvida divertida, tinha boa aparência, era mais inteligente do que ele esperava e mais engraçada. Foi um encontro agradável. Ótimo. E ela evidentemente não o reconhecia de lugar nenhum.

Mas ele não conseguiu deixar de pensar, a cada minuto, que podia acabar tendo que matá-la. Não seria uma explosão trágica de violência num momento de paixão nem o desrespeito imprudente pela vida num homicídio veicular. Seria premeditado, proposital, um assassinato a sangue-frio. Assassinato em primeiro grau.

Toda vez que esse pensamento horrível se insinuava, ele se forçava a sorrir. Ela deve ter pensado que ele era um idiota. Ou incontrolavelmente atraído por ela, divertindo-se com cada pequena coisa que dizia.

Quando a sobremesa chegou, os dois se sobressaltaram com a voz de um homem que soou ao lado deles.

– Oh, olá! – Charlie Wolfe estava ali em pé, sorrindo para eles. – Que coincidência encontrar você aqui.

Depois das apresentações, Charlie se convidou para sentar com eles e tomar um drinque. Três Portos vintage, em elegantes tulipas, um prato de biscoitos de amêndoa, outro de chocolates meticulosamente pintados.

A mulher examinava Charlie de perto, talvez com curiosidade, talvez desconfiada. Ele era inegavelmente carismático, sempre fora. O autor sentiu uma pontada de ciúme interromper sua ansiedade latente misturada a crises intermitentes de horror; era um guizado emocional confuso fervendo dentro dele.

Os três tinham ido para a faculdade na mesma cidade, mais ou menos na mesma época; tinham muito que recordar de Finger Lakes. Todos moravam em Manhattan e trabalhavam com comunicação, por isso o encontro foi um interrogatório produtivo de seis graus de separação. Foi uma daquelas conversas

não incomuns de Nova York, com exclamações de surpresa em não coincidências absolutamente sem surpresas, interseções de colegas da Ivy League e de vizinhos dos Hamptons, ex-colegas e ex-namoradas.

Quando o vinho do Porto acabou, veio a graspa, em copos ainda menores.

E, quando a graspa se foi, uma expressão repentina de reconhecimento atravessou o rosto da mulher, seguida por uma nuvem escura.

– Eu sei! – exclamou ela, afastando-se de Charlie, o olhar fixo nele. – Eu sei quem você é.



O autor desperta novamente no meio da noite, em pânico, com a mão na arma outra vez. Percebe que o problema que o acordou – o que o enche de medo, esta noite – é de novo algo que não pode ser solucionado com uma arma.

Cai de volta no travesseiro, suando frio, a mente ainda inundada com detritos do pesadelo misturando-se à lembrança real, uma lembrança que parece recente e antiga ao mesmo tempo. Foi apenas seis meses atrás. Mas seis meses atrás foi há uma vida.

Lembra-se de ter saído andando do hospital num dia frio e seco, folhas caídas por toda parte, um mau pressentimento de frio com o vento.

– Charlie – disse ele, depois de dez minutos de táxi até o escritório e uma batidinha de leve na porta do chefe. – Estou doente.

Ele vinha emagrecendo durante todo o outono, uns 7 quilos perdidos. Estava pálido e magro, seus ternos folgados como quando uma criança experimenta as roupas do pai em segredo numa casa vazia, os pais no trabalho, quatro horas em uma tarde entediada e solitária de meio de semana.

– Sinto muito por isso, Dave. Tire o tempo que precisar.

– Não, Charlie, você não entendeu. – Dave fechou a porta atrás de si, o barulho alto do grande escritório movimentado instantaneamente se transformando num zumbido baixo. – Não se trata de um resfriado. Nem de herpes.

Ele vinha antecipando aquela conversa, praticando na frente do espelho, tentando não parecer ensaiada, não soar falsa. Havia muito em jogo, e não foi fácil.

– Estou morrendo, Charlie.

Charlie ergueu as sobancelhas, mas sem emoção. Dave sentia um abismo crescente entre eles, uma frieza. Algo não muito diferente do fim de seu casamento.

– Câncer em estágio quatro.

– Sinto muito, Dave. Isso é... terrível.

Charlie se levantou, contornou sua mesa. Abriu os braços e eles

compartilharam um breve abraço desajeitado.

– Quanto tempo?

Dave deu de ombros. Ele estava preparado para fornecer uma infinidade de detalhes, mas acabou vendo que não precisava. Olhou para os pés e notou que o cadarço do pé direito estava quase desamarrado. Mas agora seria um mau momento para amarrá-lo.

– Sinto muito, muito mesmo.

E então não parecia haver mais nada a dizer.



Ele tomou um táxi para o aeroporto e enfrentou a multidão e o alarido caótico do dia mais movimentado do ano para viajar. Aviões e aeroportos lotados a ponto de explodir, dezenas de milhares de pessoas se deslocando em alheio isolamento, do check-in à lanchonete, do banheiro à porta, onde sujeitos com zilhões de milhas e blazers com dupla fileira de botões dourados pavoneavam-se até o balcão para exigir upgrades, assentos mais largos ou qualquer tratamento preferencial a que achavam que tinham direito em virtude de serem sujeitos que passam muito tempo em aviões.

Em seguida, voou sobre a paisagem cinzenta desnudada, as fábricas ao longo dos rios arrotando plumas brancas de gás nocivo, o New Jersey Turnpike parecendo uma Grande Muralha moderna, o pântano verde-acinzentado de Meadowlands dando lugar aos edifícios marrom-acinzentados de Jersey City e Hoboken e, em seguida, ao grande azul-acinzentado do Rio Hudson, contornando a verde-acinzentada Estátua da Liberdade e voando por cima de toda a ilha cinza-acinzentada.

Ele conseguia até identificar os edifícios onde tinha morado, então se desviando por cima do East River e avistando o sul do Bronx, suas malfadadas favelas, a via expressa esburacada cheia de caminhões e os cubos gigantes dos armazéns, os prédios bombardeados e os terrenos baldios cheios de carcaças queimadas de carros roubados e caminhonetes abandonadas, caindo vertiginosamente sobre o Queens. Em seguida, a assustadoramente próxima língua de terra coleante da desembocadura do Long Island Sound, a freada estridente na pista de pouso do La Guardia com um breve tranco alarmante.

A Grand Central Parkway estava congestionada com as brasas fulgurantes das lanternas traseiras dos para-choques encostados uns nos outros que fluem em ambas as direções, viajantes com passes de transporte público indo e voltando, garotada vindo da faculdade com mochilas cheias de roupa suja, gente com roupa de trabalho e bagagem de fim de semana ligando para dizer “vou estar em casa em vinte minutos”, as camadas de nuvens baixas do lusco-fusco, cinzentas e ameaçadoras, formando dobras de cor neutra como uma fotografia em preto e

branco suavemente desfocada de uma cama desarrumada. Uma leve chuva caindo e os limpadores de para-brisas regulados para a segunda menor velocidade, o chiado deles, e o som direcional, clique-clique, clique-clique, o som dos limpadores, os ruídos de novembro, os tons de novembro, as texturas e camadas de cor cinzenta, a paisagem exalando frio e umidade que gelava sua espinha.

E então o tráfego lento do norte do Queens e os prédios de tijolinhos do Brooklyn. Se fosse uma cidade independente, o Brooklyn seria a quarta maior dos Estados Unidos, com suas ruas arborizadas e vitorianas, repletas de pessoas e correria, tecnologia e desculpas, tudo agora removido para revelar tensões, velhas brigas e ressentimentos fervilhantes, trazidos à tona por tarefas negligenciadas, pratos sujos, folhas não varridas, sapatos encardidos, telefones tocando, mau comportamento à mesa decorada, atrasos, deslizes não intencionais e insultos evidentes, meia voz fervente e desprezo mortífero e olhares fulminantes e solicitude sarcástica, tudo exposto à fraca luz oblíqua do Dia de Ação de Graças, até que todos finalmente se levantam dos sofás e saem das poltronas, se afastam dos aparelhos de televisões e do vinho tinto cheio de tanino e das canecas descombinadas de sidra quente, quando trocam beijos e abraços e abrem a porta da frente e descem com cautela as escadas cheias de neve, e, por fim, na privacidade de seu núcleo familiar, voltam-se uns para os outros e recapitulam mais uma da série interminável de últimas quintas-feiras de novembro.

Mas esta, de repente, foi sua última.

Hayden começou a ler no percurso de helicóptero de Nova Jersey para Westhampton. Continuou lendo em outro utilitário exageradamente grande, na comprida e entediante viagem do aeroporto até a comunidade de praia. Ainda estava lendo quando o carro parou a uns 100 metros da vista, do cheiro e do barulho do mar. E agora está sentado no banco de trás virando páginas depressa, até parar, sem fôlego.

Desce do caminhão e anda até a praia, contempla o mar. Merda. Este livro seria um desastre absoluto, acabaria com ele.

Volta para o caminhão, mas não entra.

– Tyler, você espera aqui. – Depois verifica a arma, que enfia na cintura. – Colby, você e eu vamos explorar os arredores.

Ele encaixa o fone no ouvido, com o microfone pendurado ao pescoço. Hayden examina a ruela interiorana imersa na penumbra. O asfalto é áspero, cheio de cascalho e areia, o acostamento de um lado desce suavemente para um matagal selvagem, enquanto os limites do outro são limpos, demarcados por paisagismo, com arbustos e árvores de pequeno porte, gramados e canteiros de flores, com refinamento, civilização. Os dois homens caminham do lado tratado, onde a vegetação oferece mais cobertura.

Há dois postes perto da praia, banhando o pequeno estacionamento com luz amarelada, desestimulando sexo no banco de trás dos carros, menores de idade bebendo, usuários de maconha descarados, entre outros delitos menos graves causados por imprudências de verão. Um caminho de areia com uma placa de RUA PARTICULAR, paralelo à linha da costa, dá acesso às entradas de um punhado de casas à beira-mar de vários estilos. Uma coisa enorme feita de telhas de madeira parece recém-construída, um chalé branco modesto com excesso de vegetação nos jardins sem cultivo, uma casa vitoriana com ripas escuras, varandas e uma estrutura contemporânea despojada, só vidro, concreto e aço com ângulos retos. É a única que está com as luzes acesas.

A aparência de Hayden e Colby não condiz com a praia, ambos de calças e sapatos. Mas está escuro e ninguém pode ver. Ainda bem.

Eles se aproximam pela areia. O térreo está quase no escuro, bem como um quarto no segundo andar, lançando apenas uma discreta luz para o terreno. Um caminho de pranchas de madeira atravessa as dunas baixas até um portão, que Colby abre e percorre o lado oeste da casa até um grande gramado em total escuridão. Hayden dá a volta para o leste, abaixando-se entre um par de arbustos perto do limite da propriedade, uma comprida cerca de pinheiros. Boa cobertura.

Uma cortina esvoaça no andar de cima e Hayden pode ver que há uma mulher ali. Mas não é a mulher que está procurando; é morena, não loura. Eles

estão na casa errada, o que não é surpresa.

Apoia-se num galho, perfumado e cheio de seiva, ponderando a viabilidade de seu outro palpite, e como deve investigá-lo.

Mas logo ouve um motor de carro na rua e ouve Tyler dizer “Merda” alto no fone de ouvido de Hayden. E acrescenta:

– A polícia local está vindo.

Hayden tem um momento de desânimo.

– Ouviu isso, Colby?

– Hum.

– O quê?

– Estou sem cobertura aqui. Correndo.

Ele ouve a respiração pesada do outro.

Hayden avista os faróis do carro da polícia virados para a rua particular.

– Desloque o veículo uma rua para leste, na praia – Hayden dá as ordens em seu microfone. – Nós nos encontraremos lá. Vá! Agora!

– Polícia! – O grito vem do lado da casa. – Parado!

– Ah, merda! – Hayden ouve Colby exclamar.

– Corra. – Hayden está cruzando o pátio da casa vizinha, a grande em estilo vitoriano. – Não se deixe ser preso. – Ele atravessa outro caminho de pranchas de madeira. – Repito, não se...

É quando Hayden ouve o primeiro tiro.



O fone de ouvido de Colby será a primeira pista. Além disso, o fato de que o homem não traz nenhum documento de identidade, nem celular ou carteira, tudo isso vai ser suspeito. Contudo, ainda assim, são apenas policiais de cidade pequena. O que vão pensar?

– A próxima estrada fica a 800 metros – diz Tyler no ouvido de Hayden, eletronicamente. – O senhor consegue chegar?

Hayden para de correr, senta na areia, encostado em uma duna, tira os sapatos.

– Vou precisar largar aqui o fone de ouvido e o microfone.

– Por quê?

– Porque, se a polícia me parar, preciso parecer alguém inocente, caminhando pela praia. – A possível conversa se desenrola rapidamente na imaginação de Hayden. – Escute, preciso ser convidado de alguém. Encontre-me um nome e um endereço.

– Ok

Hayden tira as meias, as enfia nos sapatos. Dobra a bainha das calças quase até o joelho. Ouve Tyler clicando o teclado.

- Jon Sanderson. Em Bluff Road.
- Dá para ir a pé?
- O senhor tem que caminhar cerca de 1.200 metros.
- Entendi. Agora vou ficar mudo. Se eu não aparecer em vinte minutos, abandone o caminhão e aborte a operação.

Hayden tira o aparelho de plástico incriminador de sua orelha, tira o fio de sua camisa e enterra os milhares de dólares em tecnologia na areia. Segue para a água, o Atlântico batendo e espumando, com os sapatos pendurados na mão. É só mais um sujeito dando um passeio noturno, aborrecido com uma coisa ou outra. Retarda o passo, sente a areia fria e dura sob as solas dos pés. Há anos que não vai à praia. Décadas, talvez.

Cristo, o que está fazendo com sua vida?

Podia se aposentar e ir morar perto de alguma praia, sair para demorados passeios solitários à noite. Arranjar um grande labrador bobão, fazê-lo ir buscar galhos na espuma da arrebentação. Comprar um novo conjunto de tacos de golfe e jogar todos os dias da semana. Talvez pudesse voltar a sentir alguma satisfação em golpear uma bolinha pequena pela grama de um grande parque. Outras pessoas parecem que sentem.

E talvez pudesse encontrar uma companheira mais satisfatória, mais permanente, uma que não fosse casada com outra pessoa. Por mais divertido que tenha sido, Hayden já tinha, a essa altura, mais do que uma vida inteira de mulheres de outros homens. As mulheres casadas tendem a ser fáceis, gratas e entusiastas; elas também têm uma vida útil curta.

A data de validade de Anke está quase expirando, pode até já ter passado. Ele a conhecera havia um ano, quando ela se incumbiu da faixa de terreno ao lado da dele – um metro de largura, 50 metros de comprimento – no jardim comunitário onde ele tinha começado a trabalhar anos atrás na suburbana Wessling, a meia hora de seu apartamento pelo S-Bahn. No começo, o que o motivou foi a ideia de cultivar seus próprios legumes; estava meio gordo e achou que comer legumes plantados por ele mesmo o ajudaria a perder peso. E ajudou.

E então Anke apareceu, tentando lidar com tomates e morangos, em vez de batatas, couves, cenouras ou couve-flor, iguarias que Hayden e outros agricultores de espírito prático do norte da Europa se especializavam. Saíram para um drinque na esquina do seu apartamento. Anke tomou dois copos e se convidou para subir. Ela não era tímida.

Hayden sempre esperou que seu instrumento parasse de funcionar, mas isso nunca aconteceu. E, durante todos esses anos de atividade sexual, mais de um homem confundiu Hayden com um gay; pelo menos uma dúzia de homens o abordaram. As mulheres, por outro lado, parecem sempre saber que ele é heterossexual.

Mas essas fantasias fugazes de aposentadoria despreocupada agora foram

frustradas. Porque Hayden foi apanhado, protegendo os segredos daquele canalha bem-educado.

– Por favor, senhor?

O policial pula fora do carro, a mão pairando perto de seu coldre.

– Pois não? – Hayden sorri para o homem, estreitando os olhos para a luz da lanterna. – Como posso ajudá-lo, senhor guarda?

– O que está fazendo aqui?

– Como disse?

– Eu perguntei: por que está aqui na praia?

– Estou dando um passeio.

– Ouviu algum tiro?

– Não, não vi nenhum vampiro. Que pergunta mais esquis...

– Eu disse tiro, meu senhor. Não ouviu?

– Ah, desculpe, não. É que não ouço muito bem. – Um sorriso de desculpas, então ele arregala os olhos. – Foram tiros? Pensei que fossem fogos de artifício. Crianças brincando.

O policial olha fixo para ele.

– Posso ver sua identidade, senhor?

Hayden dá um tapinha no bolso de trás.

– Oh. Acho que eu não...

O policial franze o cenho, olha para a praia, nervoso.

– Onde o senhor mora?

– Eu moro na cidade. Estou hospedado na casa dos Sandersons, ali em Bluff Road.

O policial ainda olha fixo para ele, perguntando a si mesmo até que ponto precisa ser rigoroso, considerando-se a tentativa de assalto a 400 metros de distância, e tiros, e o suspeito alvejado, talvez um policial também...

Por outro lado, são muito grandes as probabilidades de um homem da idade de Hayden andando na praia de Amagansett ser um figurão qualquer. O tipo de cara que enche o peito e diz “Você sabe quem eu sou?” ou “Você vai se arrepender”. Deve ser uma degradação diária a prestação de serviços públicos por aqui.

– Sinto muito, senhor, mas vai ter que me acompanhar.

Hayden vira as palmas das mãos para cima, como se dissesse: “Ora, tenha a santa paciência!”

– Está falando sério? Só saí para uma caminhada.

– Peço desculpas pelo incôm...

É quando Hayden dá-lhe um golpe na garganta, arranca a arma do homem do coldre e bate com a coronha na parte de trás da cabeça dele. O policial cai de cara na areia.

– Desculpe – diz Hayden ao corpo inerte.

Passa as algemas em volta dos pulsos do rapaz e o deixa deitado na areia úmida. Hayden pega o walkie-talkie do policial, entra no veículo e começa a dirigir.

Então muda de ideia, volta. Salta na areia e arrasta o policial para longe da água. Quem sabe para onde a maré está indo? Hayden não quer que esse pobre rapaz se afogue por causa dele. Pessoas inocentes talvez precisem morrer nesta operação, mas esse policial não será uma delas.

Hayden antecipou em parte essa derrocada, mas, Cristo, é muito pior.

Ele desliga os faróis e acelera pela praia. Na próxima rua que surge, passa para a pista asfaltada, sente a firmeza debaixo das rodas, ouve o barulho de borracha sobre uma superfície artificial. Para junto do caminhão preto que anda em marcha lenta pelo acostamento e baixa o vidro.

– Pegue o equipamento e o manuscrito – diz a Tyler. – Vamos levar este aqui no lugar do nosso.

Tyler não questiona a procedência do veículo, limita-se a colocar as malas na parte de trás, sobe no banco do passageiro, notebook aberto no colo, o carro em movimento antes mesmo que ele feche a porta.

– Sair daqui vai ser um problema. – Tyler está analisando um mapa. – Estamos mais para o final da ilha e há um número muito limitado de estradas e balsas. Além disso, haverá bloqueios de estradas em breve, em todos os lugares.

– Se já não houver.

– Certo. De qualquer forma, o que aconteceu?

– Fomos enganados.

– Ela chamou a polícia? Colocou-os em estado de alerta?

– Ela não estava lá. A mulher naquela casa não é a mulher que estamos procurando. Na verdade, a mulher daquela casa é uma estrela de cinema, tenho quase certeza.

– O quê?

– Eu a vi pela janela, pouco antes de a polícia chegar.

– Ela viu você?

– Não. Devemos ter tropeçado em algum alarme com sensor de movimento.

Hayden achava que tinham caído numa armadilha, seguindo uma pista falsa. Mas o recurso do alarme de segurança foi uma reviravolta inesperada. Hayden já tinha dado muito crédito a Isabel Reed, mas agora percebe que ela merece ainda mais. Assim como o autor acabou por se mostrar mais esperto do que se esperava, o mesmo se dá com sua agente.

Hayden olha para a estrada, o acostamento demasiado guarnecido de refletores excessivamente fortes.

– Então, qual é a jogada, chefe? Continuar a busca?

Hayden concorda e acrescenta:

– Mas precisamos de outro tipo de transporte.

Três dias depois de se encontrar com Charlie em Paris, Hayden estava em Washington, sentado no escritório de Trey Freeley com a vista para o Capitólio, e sua hora de consulta pré-paga chegava ao fim.

– Garanto que o agente vai ser uma mulher. Uma tal de Isabel Reed, de uma empresa chamada Atlantic Talent Management. E Reed é unha e carne com um editor que vê uma conspiração em absolutamente tudo. Um verdadeiro fanático.

Freeley recostou-se na cadeira, com um sorriso de satisfação enorme se espalhando por suas bochechas redondas e rosadas como maçãs.

– Além disso, todo mundo sabe que esse editor é apaixonado por essa agente desde sempre. Entende o que estou dizendo?

– Entendo, você acha que, caso essa agente estivesse representando um manuscrito, como meu manuscrito hipotético, ela o enviaria para esse editor em especial.

– Não, senhor, eu não acho. – O advogado negou com a cabeça. – Eu garanto.

Hayden sempre achou que os advogados não garantiam coisa alguma, nunca. E agora esse sujeito estava esbanjando.

– Obrigado, Sr. Freeley.

Hayden olhou para o relógio, levantou-se.

– Não quer saber por que vai ser essa agente?

Hayden sorriu e estendeu a mão por cima da mesa para apertar a do advogado.

– Ah, isso eu já sei, Sr. Freeley.

A marina é limpa e organizada, cada vaga ocupada por um barco de aparência cara. Hayden anda pelo deque à procura de indícios de desleixo, de uma partida precipitada, do tipo de marinheiro que deixaria uma chave de ignição debaixo da almofada do assento.

O jipe roubado da polícia está agora em um bosque de vegetação cerrada atrás de uma casa escura com uma placa de VENDE-SE no gramado, sem carro na garagem. Isso lhes dá algum tempo de vantagem, mas não para sempre. Precisam sair dali.

Hayden aponta para um barco Boston Whaler e Tyler pula dentro, começando a procurar, tateando fibra de vidro e lona. Hayden se detém junto ao motor de cem cavalos, um refrigerador Coleman à popa, um par de coletes salva-vidas em cima de um assento estofado de vinil, todos os indícios certos.

Entra no barco e, com certeza, lá está a chave, espetada na ignição. Ele verifica os tanques de combustível; três dos quatro estão cheios. Assobia e Tyler vem correndo.

Tyler liga o motor, que começa a funcionar imediatamente com um ronronar suave. Acende as luzes de navegação e aperta o acelerador. O barco arranca e sai do cais para a escuridão.

Hayden senta-se na cabine, onde uma pequena lâmpada sob o painel de controle oferece iluminação. Não dá muita claridade, mas é o suficiente. Ele pega o manuscrito e continua a ler.

Stan não se engana. Sabe o que sua assistente Jessica deve pensar quando mulheres como Camilla aparecem no final do dia com agendas inconsistentes e roupas mais inconsistentes ainda, principalmente depois que ele a manda suspender os telefonemas pelas próximas horas e depois sai de lá com ar satisfeito.

Bem, Jessica tem razão.

Ele também sabe que, quando Jessica pede ao rapaz a quem ela se refere como George Escravo para fazer uma cópia, George faz duas cópias: uma para Stan e outra para a própria Jessica.

Stan sabe disso porque ele conversou – subornou é a expressão correta – com George para dedurar sua assistente. Não foi a primeira e não será a última vez que faz isso. Stan já pagou outros garotos por esse tipo de manobra escusa, mas percebeu que George ficava em volta de Jessica como um cachorrinho esperando-a prestar alguma atenção nele, o que ela raramente faz, de vez em quando lançando um superficial “Você é um amor” para mantê-lo alerta, mas em geral não lhe dando nada em troca. Então ele se retira cabisbaixo, arrastando as bainhas excessivamente compridas da calça jeans pelo assoalho.

De modo que Stan aumentou a aposta para esse patético espiãozinho apaixonado. Às vezes não é conveniente ter uma assistente gostosa. Essa é uma lição que Stan precisou aprender mais de uma vez. Ele não consegue evitar.

Quando saía do escritório, viu Jessica absorta em algo que não queria que Stan visse e que era, sem dúvida, uma cópia do manuscrito contrabandeado por Camilla.

Stan entende a situação da moça. Já passou por isso quando tinha a idade dela. Pegando algo, qualquer coisa, no final do dia – um bom manuscrito, uma sinopse ou um roteiro formal de 120 páginas – sem ter absolutamente nenhuma ideia do que se tratava, apenas para começar a ler. Era como caminhar pelo Theater District, em Nova York, com a multidão se derramando pelas portas duplas escancaradas às 19h50 da noite e, aleatoriamente, se misturar a uma dessas aglomerações para entrar, com as luzes escurecendo, ocupar um lugar na parte de trás, observar a cortina de veludo subindo e ver...? O quê? Poderia ser um musical de grande orçamento cheio de danças com coreografias complexas, efeitos pirotécnicos e animais do jardim zoológico. Ou um drama tenso com um elenco de seis pessoas. Um monólogo de uma mulher sobre a dissolução de seu casamento. Poderia ser qualquer coisa. Como o manuscrito que Jessica está escondendo no colo, escolhido por nenhuma razão diferente das citadas aqui, num escritório onde são tomadas decisões sobre essas coisas.

Stan conhece a vida de Jessica. Sabe que ela não sai para encontros, pelo

menos não por prazer, embora toda semana é provável que se veja sentada junto de uma piscina ou num saguão bebericando Chardonnay excessivamente amadeirado com um sujeito da indústria do cinema. Ela não faz caminhadas no Griffith Park nem surfa em Malibu ou esquia em Mammoth. Não vai a bares às dez horas nem a clubes de dança à meia-noite. Não tira férias em Los Cabos, Havaí ou Paris.

O que Jessica faz é assistir a filmes em Blu-ray e ir ao cinema, pelo menos duas vezes por semana, às vezes vê até três filmes em um único dia no fim de semana. E ler. Jessica lê tudo. Três mil páginas são entregues no escritório de Stan a cada semana, o que representa dezenas, às vezes centenas de projetos. Projetos altamente teóricos. Projetos sem a menor chance. Projetos garantidos, mesmo que tal coisa não exista na prática. Mas não faz mal. Jessica lê pedaços e partes ou tudo de cada um deles.

– Boa noite, Jessica – disse Stan.

Depois, ele entrou no banco de trás do Range Rover e começou a dar seus telefonemas da noite. No meio do caminho para o aeroporto, o motorista Juan ligou para Tim, o piloto, que liga o motor, retira os blocos dos pneus e inicia sua rotina de verificação, enquanto o utilitário de Stan passa pelo estacionamento sem marcação de vagas e os edifícios baixos de escritórios em torno do Aeroporto de Santa Monica.

Quando o portão de segurança se abriu, Juan subiu a escada com a maleta de Stan, abriu-a e colocou o conteúdo sobre a mesa de trabalho de mogno que já estava desdobrada na frente do assento de couro. Juan encheu um copo alto com gelo, despejou nele uma lata de Red Bull e colocou o copo num suporte. Ele abriu a porta para Stan e ficou em posição de sentido.

Só nesse momento Stan desce do carro.

Como ele gostava – exigia –, o percurso do carro para a escada do avião foi de seis passos. O avião começou a taxiar quinze segundos depois de Stan se sentar.

– Lou – disse ele pelo celular, olhando pela janela –, estamos taxiando.

– Ah, oi – respondeu a mulher. – Ótimo. Posso dizer a Irene para servir o primeiro prato às 20h30?

Ele respondeu com algo que soou como “Ugh”.

Stan havia decidido trazer o manuscrito de Camilla, afinal. Não se lembrava da última vez que tinha visto uma pessoa tão confiante e apaixonada por um projeto. E, depois de todos esses anos de sexo sem compromisso, rapidinhas em seu bangalô no Beverly Hills Hotel, sexo oral no banco traseiro dos carros e uma trepada especialmente memorável de cinco minutos no banheiro, ele tem uma dívida com Camilla. Não tem certeza se deve a ela um crédito de produtora executiva, mas deve alguma coisa. Portanto, vai ler o projeto. Não a coisa toda, pelo amor de Deus – livros são sempre tão grandes –, mas uma parte. É

suficiente.

Quando o avião fez a volta na pista, Stan começou a página 1. Ele não menciona isso muitas vezes – na realidade, nunca, jamais admite –, mas sabe fazer leitura dinâmica. No verão entre o segundo e o penúltimo ano da faculdade, quando morava na casa dos pais em Scarsdale e ia todos os dias de trem para a cidade para seu estágio no escritório de advocacia, ele fez um curso de leitura dinâmica. Era no quarto andar de um prédio na esquina da Grand Central Station, três noites por semana, noventa minutos de aula. Nunca contou a ninguém – nem aos pais, nem aos amigos – como passava aquela hora e meia. Chegou a inventar todos os tipos de mentiras elaboradas para explicar o buraco em sua agenda, mas, afinal, durante todo o curso de seis semanas, ninguém nunca perguntou.

Quando o Cessna enfim pousa no Aeroporto Santa Ynez, Stan está na página 198. Ele desafivela o cinto de segurança distraído, sem tirar os olhos do manuscrito. Enfia as páginas debaixo do braço, abaixa a cabeça para passar pela porta, desce a escada. A cada minuto que passa, acrescenta outro nome às suas listas de diretores e atores principais, sorrindo para si mesmo com as perspectivas. Ele vai ter a coisa toda.

Stan pega o celular e liga para Camilla. Um toque, dois, três... Deixa uma mensagem rápida: “É o Stan, este manuscrito está fan-tás-tico, me ligue.”

Este projeto, ele pensa quando sai de seu jato particular e se instala no assento macio de outro Range Rover com motorista, a caminho de seu rancho de mil hectares, é o que finalmente vai, de uma vez por todas, torná-lo podre de rico.



Lou faz uma cara feia do outro lado da mesa quando o telefone de Stan toca. Ele olha para a tela, um número desconhecido. Alguém que ele não conhece conseguiu suas informações de contato. Como isso aconteceu?

– Stan Balzer – responde ele, num tom um tanto hostil. – Quem é?

Lou revira os olhos.

– Boa noite. Meu nome é George Dryden, detetive do Departamento de Polícia de Beverly Hills.

– Certo. O que posso fazer pelo senhor?

– Ah, meu Jesus – diz a mulher. – Quer fazer o favor...?

Ela o expulsa da mesa. Ele a fulmina com o olhar, mas afinal se levanta. Ele está errado, como de costume.

– Sr. Balzer, conhece uma mulher chamada Camilla Browning? Ou seja, Camilla Glyndon-Browning?

Ele, ridiculamente, considera por alguns segundos negar. Mas há muito mais evidências do contrário.

– Sim, conheço.

– Sinto dizer que temos más notícias.

Stan espera, mas o policial não continua.

– Sim? – pergunta ele, deixando a sala de jantar, a caminho de seu escritório.

– Sr. Balzer, a Srta. Browning morreu hoje à noite em um acidente de carro.

Putá merda.

– Sr. Balzer? Está ouvindo?

– Hum, estou – responde com voz gutural. – Estou muito triste com essa notícia sobre Camilla.

– Sabe quem poderia querer fazer-lhe mal? Ou por quê?

– Não, mas não disse que foi um acidente?

– Nós ainda precisamos investigar. Quando viu pela última vez a Srta. Glyndon? Hã, Browning?

– Há algumas horas – diz Stan. – Tivemos uma reunião no meu escritório.

– Sobre o que conversaram?

Stan franze a testa.

– Nessa reunião? – Por que ele quer saber? Será que o policial suspeita de Stan? – Tratava-se do projeto de um filme.

Não há resposta por um momento e Stan está prestes a repetir o que disse quando o sujeito pergunta:

– Qual era o projeto?

Ah, meu Deus. Isso não é da conta do policial. Nenhum policial jamais faria essa pergunta.

Stan havia começado a se preocupar em não poder fazer o filme sem alterar todos os detalhes identificadores. Na verdade, ele tinha a sinistra sensação de que não deveria fazer nenhum filme. Seria impedido por algum braço do governo. Ou por advogados.

Mas agora percebe que, se o que há nesse manuscrito é mesmo verdade, ele enfrentará problemas muito mais graves do que advogados.

Stan segura o corrimão, recompondo-se antes de descer os quatro degraus para o vestíbulo que leva à ala leste. A casa foi projetada para acompanhar o terreno ondulado, com todos os quartos em um nível um pouco diferente, de modo que se está constantemente em escadas, subindo e descendo três degraus, dois degraus, para chegar a algum lugar. O sujeito que construiu a casa era um ator com fama de desequilibrado, que desfrutou de uma notável temporada de trabalho constante entre as décadas de 1950 e 1970. Foi nos seus últimos anos de sucesso que ele dirigiu o projeto da Casa Mariposa, assim chamada por causa de uma de suas muitas obsessões insanas: borboletas. Todo o paisagismo foi planejado para atraí-las. Lá fora é uma verdadeira zona de guerra, todas essas malditas bombardeiam tudo por todo lado.

Stan está tentando pensar rápido. Rápido, rápido, rápido: o que fazer? Ele respira fundo e continua andando para o escritório, para a mesa embutida na

parede debaixo das janelas voltadas para o morro e seu caminho de carros que segue para a sinuosa estrada a distância. O caminho para a cidade, para o aeroporto, para seu avião, para onde quer que precise ir.

– Como disse que é o seu nome? – pergunta Stan, alvoroçado. – Dryden? De Beverly Hills? – A mão está tremendo enquanto ele anota as informações. – E, por favor, qual é o seu número? Alguém está à minha porta. Vou ter que ligar de volta.

Ele percebe que ficou em pé durante toda essa conversa, as pernas cada vez menos firmes, agora bambas, prestes a parar de funcionar. Puxa uma cadeira, cai sentado nela, sente um peso no peito, indo para as têmporas, para dentro de seus globos oculares.

Quem assassinou Camilla vai tentar matá-lo, e essa pessoa pode ser a que estava agora mesmo do outro lado do telefone.

Stan deixa de lado o número de telefone que anotou. Em vez disso, liga para Informações no Departamento de Polícia de Beverly Hills. A ligação é completada. Uma voz jovial atende:

– Departamento de Polícia de Beverly Hills. Para onde posso direcionar sua chamada?

Stan não esperava uma resposta tão animada e amigável da polícia àquela hora da noite.

– Olá – diz ele, então respira fundo. – Gostaria de falar com o detetive Dryden.

Por favor, por favor, por favor, por favor. Por favor, esteja aí; por favor, exista mesmo.

E pensa que pode atribuir valores a essa situação, uma escala que vai de muito ruim a extraordinariamente péssima. Enquanto ouve os cliques de um teclado, sabe que está prestes a descobrir o ponto exato em que ele se encontra.

– Sinto muito, senhor – diz a telefonista, com um sincero pedido de desculpas na voz. – Não há nenhum detetive Dryden no Departamento de Polícia de Beverly Hills.



– Alô, aqui é Brad McNally.

– Oi, Brad. Stan Balzer falando. Você se lembra de mim?

– Claro. Oi, Stan.

– Escute, Brad, tenho más notícias para você. Poucas horas depois de sair do meu escritório, Camilla Glyndon-Browning sofreu um acidente de carro. Ela morreu.

Silêncio.

– Sinto muito, Brad. E também peço desculpas se isso soa indiferente, mas

tenho que perguntar: você sabe alguma coisa sobre o projeto que ela estava me oferecendo?

Brad fica calado por uns segundos. Em seguida, pergunta:

– O que ela ofereceu a você?

– Algo que não tenho certeza de que é você que possui.

– Acho que sei do que você está falando.

– Você já leu?

Outra pausa.

– Não, não propriamente.

Stan está prestes a pedir mais esclarecimentos, mas não faz mesmo muita questão de saber.

– Ouça, Brad. – Faz uma pausa, tentando se certificar de que, seja lá quem estiver ouvindo a conversa, vai ouvir esta mentira em alto e bom som: – Camilla não me deu uma cópia desse manuscrito. Mas, se você tiver uma, sugiro veementemente que a destrua.

Jeffrey termina com um suspiro e uma careta, apertando os olhos, a boca escancarada, como se testemunhasse algo inspirador. Então exala lentamente e Isabel sente-o estremecer pela última vez dentro dela, um frêmito tardio.

Ela sai de cima dele, recuperando o fôlego, o peito subindo e descendo, olhando para o teto, o ventilador girando lentamente em círculos.

Poderia ter sido muito pior. No intervalo de cinco anos entre a época em que Isabel começou a namorar o ex-marido e quando começou a dormir com outros homens, sua gama de escolhas estreitou-se drasticamente. Eles costumam querer mulheres mais jovens e Isabel não é exatamente uma garota. Além disso, os homens do mercado editorial são, em sua maioria, gays, sobretudo na edição. Quando não são gays, são casados, inadequadamente jovens ou inconcebivelmente velhos.

Apenas um em cem se encaixa no perfil de solteiro, hétero e dentro de sua faixa etária. O que isso quer dizer? Mais problemas, mais desafios, mais pilulas para melhorar o desempenho e inclinações pessoais desagradáveis.

Isabel tem diminuído suas expectativas.

– Foi bom – diz ela. Porque, no geral, foi mesmo.

Jeffrey não diz nada. Ela se levanta da cama.

– Estou com sede – diz. Isabel não sabe se quer perambular nua pelo quarto iluminado pelo luar, mas também não tem vontade de puxar um lençol da cama e envolver-se nele. Parece muito pouco íntimo. – Quer um pouco de água?

– Quero. Obrigado.

Há um traço estranho na voz dele, algo que não soa muito bem. Ela talvez não devesse ter usado a palavra “bom”.

Isabel lhe dá um copo de água da torneira e se instala na cama ao lado dele, encostando a cabeça em seu ombro.

– Você deveria ter me levado para a cama anos atrás – diz ela, tentando compensar a palavra dura. – Décadas atrás.

A primeira vez que se beijaram tinha acontecido quase vinte anos antes, quando todo mundo era tão jovem – um ou dois anos depois da faculdade, os primeiros passos da vida adulta. Durante a semana, iam a livrarias e depois para lugares barulhentos com mesas de sinuca, Nirvana e Elvis Costello em jukeboxes, pisos pegajosos e portas de compensado.

– Fielder – disse ela certa vez, virando-se para ele numa dessas salas dos fundos, quando todos os demais estavam em outro lugar. Ela costumava chamar as pessoas pelos sobrenomes. – Você nunca vai me beijar?

Então eles saíram, ficaram parados num bar no meio das luzes dos anúncios de cerveja e dos bancos, numa noite chuvosa de quinta-feira de abril, há muito

tempo, quando ela podia simplesmente ficar com alguém no bar e depois deixar por isso mesmo.

No dia seguinte, no escritório, eles só se encontraram por acaso no final da tarde. Seus cubículos ficavam nas extremidades do andar em um edifício grande.

– Quer fazer alguma coisa mais tarde? – perguntou ele.

Estavam no saguão principal bem-iluminado, ao lado de uma sala de reuniões.

– Não posso, não hoje à noite.

Ela ia jantar com a mãe, que estava na cidade para uma consulta, nunca tendo desistido de seus médicos de Manhattan, nunca os substituindo por médicos na pequena cidade onde realmente morou, nunca admitindo que a mudança para o norte do estado era permanente. Isabel não queria explicar tudo isso para Jeffrey. Portanto, só o que disse, à guisa de explicação, foi:

– Desculpe.

Ele balançou a cabeça, parecendo compreender, mas interpretou errado. Pensou que estava sendo rejeitado e ela nunca reuniu coragem para desfazer o equívoco. Assim, ele nunca mais a convidou.

Mas agora aqui estão eles, duas décadas mais tarde, como ela sempre imaginou que acabariam, mais cedo ou mais tarde.

– Nem mesmo a levei para a cama hoje – diz ele. – Será que levei?

Ela muda de posição, vira o rosto para ele, dá um beijo em seus lábios, pronta para recomençar, pensando se ele também está a fim.

– Não. – Ela dá um beijo em seu peito. – Acho que não.

Em seguida, os dois são surpreendidos pelo som, assustadoramente alto na casa tranqüila e escura.

Triiiimm!

Isabel pensa nas possibilidades: número errado, um antigo namorado ligando para Naomi, uma ligação de telemarketing, uma gravação...

Triim!

Isabel estende a mão por cima da mesa de cabeceira, pega o aparelho, interrompendo o ruído estridente.

– Alô?

– Oi. – Uma voz desconhecida, masculina. – É Isabel Reed?

Todos os seus músculos ficaram tensos.

– Quem é?

– Isabel?

Ela não confirma nem nega.

– Meu nome é Stan Balzer – continua ele. – Sabe quem eu sou?

Ela continua sem responder.

– Quem me deu esse número foi Naomi Berger, cujo número recebi de Brad McNally, que pensou ser possível você estar na casa de Naomi. Vocês dois são

muito amigos, suponho.

– A-hã.

– Fiz um grande esforço para encontrá-la.

– Sim. Por quê?

– Eu sou um profissional de cin...

– Sei quem você é.

– Certo. Tive uma reunião com Camilla Glyndon-Browning, gerente de direitos subsidiários da McNally & Sons, que foi me oferecer um projeto: uma biografia não autorizada de Charlie Wolfe. Você representa esse projeto?

Isabel puxa o lençol até os seios, mas não diz nada.

– Seja como for, o fato é que, logo depois de sair do meu escritório, Camilla foi morta.

Isabel arqueja, sua mão livre corre instintivamente para a boca e o lençol desliza para baixo, expondo-a mais uma vez.

– Supõe-se que foi um acidente de carro.

Jeffrey está sentado na cama, olhando para Isabel, escutando. Ela não sabe se ele consegue ouvir o homem do outro lado do fone.

– Depois recebi um telefonema de alguém se passando por um policial. Alguém que sabia que Camilla e eu tínhamos nos encontrado. Alguém que sabia como me encontrar e onde, o que não é uma coisa fácil. Alguém que queria saber o que tínhamos discutido.

Isabel ouve a respiração pesada do homem, ofegante com o esforço, ou o medo, ou ambos.

– Então, estou ligando para avisar que você está em perigo.

Ela não pôde deixar de rir, uma gargalhada gutural e grave, um som nem um pouco feminino.

– Suponho que você já saiba disso. Também estou ligando para dizer que Camilla não me deu nenhuma cópia do manuscrito e que, a não ser pela proposta, nada sei a respeito. E nem quero saber.

Ele faz uma pausa, aparentemente à espera de alguma resposta.

– Tudo bem. – É só o que ela diz.

– Não estou envolvido de nenhuma maneira. Entendeu?

Ela não entendeu, não de verdade. Aquele é um telefonema estranho e horrível, em um dia cheio de acontecimentos estranhos e horror.

De repente, percebe de que se trata: ser ouvido. Esse produtor de cinema pensa que a conversa está sendo gravada e quer dizer àqueles que ouvem que não tem nada a ver com o problema. Que não há nenhuma razão para perseguir e matar Stan Balzer.

– Acho que entendo – diz ela. – A verdade é que também não estou de fato envolvida.

Ninguém vai acreditar nisso, exceto talvez Stan Balzer, mas provavelmente

nem mesmo ele.

– Boa sorte – diz ele e desliga.

Isabel olha para o fone de plástico com fio comprido em espiral e coloca-o no gancho, numa base grandalhona com um teclado de botões.

– O que houve?

Ela se vira para Jeffrey.

– Você deu uma cópia do manuscrito à sua gerente de direitos subsidiários? Camilla?

– Não – responde Jeffrey na defensiva. – Nem mesmo toquei no assunto com ela.

– Bem, de alguma forma ela sabe a respeito. Sabia.

– Como assim?

– Ela morreu.

– O quê?

Ele parece vasculhar sua memória.

– Ela deve ter tirado cópia do manuscrito enquanto eu estava em uma reunião. Merda. Como ela morreu?

– Acidente de carro.

– Meu Deus. Alguém mais tem uma cópia do manuscrito?

Ela quase responde. Depende da definição de “ter”.

– Não dada por mim. Você deu a alguém além de Brad? Acha que ele teria dado a alguém?

– Eu duvido.

Isabel concorda.

– Portanto, não existem outras cópias no mundo? – pergunta ele. – Além das duas que temos aqui?

Isabel se vira para Jeffrey, examina seu rosto, perguntando-se novamente quanto pode confiar no homem que está na cama com ela. Seu ex-marido acreditava que nunca se deveria confiar nas pessoas. Sempre devemos estar preparados para a traição; nunca se sabe quando isso vai acontecer. Ao longo dos anos, esse ceticismo passou para Isabel. Pensando em retrospecto, essa visão de mundo insidiosa era uma das coisas de que ela não gostava em seu casamento com ele. Contudo, gostando ou não, não há como negar: ela realmente não confia em ninguém.

– Não que eu saiba – diz ela. – Embora o autor deva ter uma cópia.

A ideia do autor paira no ar entre eles.

– Você sabe quem é, não sabe?

– Bem, existe uma possibilidade óbvia.

Jeffrey assente.

– Mas ele já está morto.

O ar da manhã está seco e limpo, o vento sopra dos Alpes e do lago de intenso azul, salpicado de veleiros e patinhos e encrespado com ondas de crista espumosa, fazendo os galhos de árvores balançarem, pesados com as novas folhas verdes da estação. Sente o caminho de terra coberta de cascalho sob as solas amortecedoras de seus novos sapatos de corrida de alta tecnologia, e as pernas parecem elásticas e resistentes como borracha, de uma forma que não é desagradável. Ele se inclina ao correr, o tronco se projetando para a frente, impelindo-o a avançar, na direção das simples torres de relógio quadradas do pequeno centro arrumado.

Apesar de ter dormido apenas algumas horas na noite anterior, não se sente particularmente cansado. Há muito tempo já se acostumou com a insônia. Consegue viver com apenas três ou quatro horas de sono por noite.

O autor se afasta do lago, sai do caminho de cascalho, correndo agora na calçada dura da rua, muito menos agradável para as solas, os joelhos e a estrutura de um homem de meia-idade.

Seu apartamento fica no bloco seguinte. Ele olha para a tela do celular na palma da mão, para o aplicativo orientado por GPS que rastreia sua corrida, agora em 7,8 quilômetros. Se passar pelo prédio, dará mais uma volta em torno do quarteirão, completando 8 quilômetros, um bom número par, um objetivo respeitável.

Nem olha para a porta da frente quando passa correndo, jogando uma perna na frente da outra, o impacto vibrando por suas pernas acima. Ele respira devagar, exala duas rajadas curtas sobre passadas consecutivas, em seguida duas inalações curtas nos próximos dois passos, um ritmo hipnotizante que o embala e o faz entrar numa região fora do espaço, na qual ele quase se esquece de tudo que o mantém acordado no meio da noite. Gostaria que fosse possível dormir enquanto corre.

Assim, a princípio, ele não repara nos dois homens dentro do carro, na esquina, de frente para ele. Um carro alugado, duas cabeças com traços bem-definidos e cara de americano. Nenhum jornal, nenhum telefone, nada para ocupar a atenção deles no banco da frente do reluzente Opel branco, estacionado num quarteirão tranquilo de um bairro residencial às oito horas da manhã de um dia da semana.

Merda.

Ele continua correndo na direção da esquina e vira à esquerda, acelerando o ritmo involuntariamente, a adrenalina circulando em sua corrente sanguínea, sem sentir o impacto de seus passos ou a dor em seu quadríceps, os músculos cada vez mais fortes com a infusão hormonal, sua audição e visão mais

penetrantes, um gosto estranho na boca.

Dobra outra esquina, que dá para o quarteirão atrás do seu, e corre mais 50 metros. Depois começa a caminhar. Sai da rua e entra num beco entre duas casas altas, um caminho apertado onde há um suporte de bicicleta, quatro latas de lixo, um carrinho de mão vermelho.

Nos fundos da casa, ele para. Apoia a mão no frio e áspero tijolo pintado e estica o pescoço para espiar além da esquina. Examina o quintal da casa, uma cerca baixa de madeira o separa da construção. Olha para a escada de incêndio, para a janela do seu quarto.

Uma equipe pode estar lá em cima, no apartamento, esperando por ele, um homem escondido na parede ao lado da porta, outro sentado em seu sofá, segurando uma pistola. Os dois homens no carro podem ser um reforço. Talvez haja outros, em vans, em motocicletas, no aeroporto, na estação de trem. Ele pode estar cercado.

Espera um minuto, dois. Avista seu vizinho de baixo dando um nó na gravata; no prédio ao lado, uma jovem mãe holandesa tenta fazer os filhos louros saírem de casa.

Ele previu este momento, a descoberta de que fora desmascarado, o encontro com as pessoas que estão procurando por ele – Charlie Wolfe e seu executor na CIA, ou mais provavelmente alguma equipe de agentes particulares contratados por uma ou outra das partes motivadas. Ele se planejou para essa eventualidade. Em seu armário de casacos mantém uma bolsa de emergência, uma mochila de náilon com uma muda de roupa, um celular descartável e seu carregador, um pen-drive vazio pronto para copiar o manuscrito, outro passaporte e cartões de crédito novos, mais de 100 mil dólares em moedas variadas – dólares, euros, francos suíços e libras –, uma chave de carro de reserva e uma foto 3x4 de uma criança, antiga, com as beiradas amassadas.

Espera mais um minuto. Seus batimentos cardíacos desaceleraram e sua respiração está quase normal, e ele sente o suor esfriando nas costas, no peito, a camiseta fina úmida e pesada. Está quase pronto para começar a se mexer, pular a cerca baixa que separa os quintais, subir a escada de incêndio, dobrar o corpo para entrar pela janela do seu quarto...

Cruza o pátio, a cabeça girando à esquerda e à direita, olhando para trás. Sobe a escada, uma das mãos depois da outra, pelo exterior do prédio de tijolos pintados até o quarto andar, bem acima destes gramados de selo postal do norte da Suíça.

Espia pela janela do quarto. Avista um pedaço vazio da sala de estar, um ângulo da porta da frente. Nada parece fora do comum. Entretanto, não há muito para ver daquela posição.

Tem o costume de deixar essa janela destrancada, disposto a sacrificar um pouco de segurança pela alternativa, como a desta situação exata, neste exato

momento. Não tem tanto medo assim de ser assaltado em Zurique; tem medo é de ser capturado pela CIA.

Faz pressão com as palmas das mãos, empurrando para cima a madeira velha, a moldura da janela começa a deslizar.

É quando percebe a abertura da porta da frente.



Passava de meia-noite e quase todas as outras mesas estavam vazias, a cozinha fechada, o restaurante encerrando mais uma noite movimentada. A mulher se recostou em sua cadeira e o autor se inclinou para ela, ansioso para ouvir o que ela tinha a dizer, sem querer perder uma palavra.

Dois garçons trocaram piadas no balcão, enquanto, do outro lado da sala, dois ajudantes estavam em pé, mortos de cansaço. O barman fez deslizar uma bebida pelo balcão do bar com um sorriso malicioso para uma mulher que já tinha escorregado de seu banquinho pelo menos uma vez. O *maitre* lia o *Post* a partir do fim. A música soava mais alta do que o esperado de um lugar tão caro e era Led Zeppelin, entre todas as coisas malditas.

E essa mulher estava olhando para Charlie.

– Isso mesmo. Eu sei quem você é.

E Charlie a fitava, o queixo duro como aço, todo o corpo tenso, contraído.

E o coração do autor pulsava tão rápido que ele achou que ia bater as botas ali mesmo, tombando para a frente em cima da toalha branca engomada. Estava prendendo a respiração, ficando sem oxigênio.

– Você estava na televisão, não? – perguntou ela.



Ela não tinha a menor noção do que estava em jogo naquela noite. Não sabia que o primeiro encontro deles no bar havia sido encenado; não sabia que a chegada de Charlie ao restaurante tinha sido combinada; não sabia que os dois homens estavam sentados na beirada de seus assentos, dois assassinos contratados que alimentavam a ideia de um crime premeditado. Contra ela. Ela não sabia de nada disso, na ocasião. Agora, porém, certamente sabe.

Como se viu, não era de Ithaca, de quinze anos antes, que ela reconhecia Charlie, e sim por causa das aparições dele na TV. A estação de notícias nacionais estava prestes a ir ao ar e Charlie já era conhecido nos círculos de mídia. Agora, estava prestes a se tornar famoso mundialmente, e parecia que o trabalho dessa mulher era estar familiarizada com essa população sempre mutante. “Gente no precipício da fama”, explicou ela, “é o meu negócio.”

Então, ela não era uma testemunha. Não havia nenhuma testemunha. O autor sentiu um alívio imenso, um alívio em êxtase, incomparável a qualquer mero orgasmo. Ele imediatamente convidou a mulher para um segundo encontro na semana seguinte.



Ele desce depressa os degraus da escada de incêndio, grato pela sola de borracha macia dos tênis, que quase não produzem som na estrutura resistente. Desce o caminho de tijolos, retorna pelos pátios, do beco, correndo de novo no meio da rua arborizada, num ritmo mais rápido do que antes, mais rápido do que vai ser capaz de manter, lutando contra o desejo de fazer a volta, procurar perseguidores. Corredores inocentes não se viram para ver quem está atrás deles. Então ele precisa parecer um corredor inocente.

Ele se junta ao fluxo de pessoas fazendo exercícios no parque, os corredores encharcados de suor, os de meia-idade com seus bastões de caminhada, os ciclistas musculosos com cabelos espetados e trajes de lycra de cores berrantes, misturados às pessoas em roupas de trabalho seguindo para o centro da cidade a pé.

Ele dobra a curva movimentada da Bellevueplatz para cruzar a foz do rio em Quaibrücke, perdendo as forças, diminuindo a marcha, ofegante. Quando entra no jardim Bürkliterrasse, ele se detém, como se ali fosse seu destino previsto, o ponto final de uma rota planejada. Coloca o pé direito em cima da borda de um banco, inclina-se para frente para alongar a panturrilha, olhando para trás na direção de onde veio, examinando as multidões. Alterna as pernas, olha para o outro lado, enquanto revê uma lista mental de seu plano de emergência. Seu plano de emergência alternativo.

Começa a caminhar por Belvoir, no lado oeste do lago, a imagem espelhada de seu bairro, as duas áreas de frente uma para a outra com a água no meio. Dobra uma esquina, passa por um moderno portão de metal fosco e segue contornando o edifício de estilo contemporâneo todo de vidro e aço, por um caminho pavimentado ladeado por altos arbustos viçosos. Ajoelha-se na base do terceiro arbusto, estende a mão para o tronco nodoso, tateia em volta dele.

Retira o braço do meio da folhagem, olha para a palma da mão, segurando a pequena caixa de metal para guardar chaves. Abre-a e retira de dentro duas chaves. Uma delas abre a prancha toscamente talhada que constitui a porta da frente do edifício, e ele passa pelo vestibulo arejado até um lance de escadas para o apartamento 4, um numeral sem serifa de aço escovado flutuando acima da madeira ebonizada.

Inclina-se contra a porta, apurando o ouvido para tentar captar todos os sons dentro do apartamento.

Nada.

Ele está diante do apartamento de Vanessa, a sensual consultora de gestão que ele conheceu no parque e depois encontrou no Widder para fazer um *ménage*. De vez em quando ela topa um encontro, um jantar eventual, uma transa satisfatória e um rápido desjejum antes de ir para o trabalho.

Depois de uma dessas noites, ele conseguiu roubar as chaves, copiá-las e devolvê-las algumas horas mais tarde, em pé no saguão do prédio do escritório dela, desculpando-se; pegou o chaveiro errado quando saiu. Apertaram-se as mãos quando se separaram.

Vanessa costuma sair de casa por volta de 7h45, no mais tardar às 8h15 já está à sua mesa de trabalho. Agora são 8h22. Ele enfia a chave duplicada na fechadura, gira, clica. A porta se abre, pesada, suave e silenciosa em suas dobradiças bem lubrificadas. Os olhos dele esquadrinham a cozinha, a sala de jantar, a sala de estar, a grande janela para um pátio arborizado, a mesa de centro, as taças de vinho. No plural.

E um par de sapatos masculinos.

Brad tenta pela segunda vez em dez minutos, porém novamente sua chamada cai direto na caixa postal.

“Oi, aqui é o Jeff...”

Desliga o celular sem deixar mensagem e solta o botão de pausa da música que estava ouvindo, a meio caminho do que ainda visualiza como o lado 2 do *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, apesar de ter substituído sua versão em vinil por este CD em... quando mesmo... 25 anos atrás?

Olha pela janela do escritório em casa, acomodado no que foi construído como um quarto de empregada, na época em que todo mundo aqui na Park Avenue tinha uma empregada fixa. É uma saleta pequena, onde cabem apenas um sofá, algumas estantes, a mesa com uma luminária, uma cadeira confortável, uma janela francesa que dá para o pátio e as janelas de dezenas de outros quartos de empregada, cozinhas, banheiros e patamares das escadas, para onde adolescentes e algumas mães mais desesperadas se esgueiram para fumar um cigarrinho.

Brad pensava que já estava havia bastante tempo no ramo editorial e vira todas as situações no setor de livros e publicações que pudessem surgir. Viu best-sellers vindos de surpresa do nada, enquanto sucessos garantidos afundavam. Conheceu autores enlevados, autores hostis e autores que sumariamente rompiam contratos, ou entravam com ações judiciais, ou cometiam suicídio, ou simplesmente surtavam. Viu livros encadernados de cabeça para baixo, livros distribuídos com o nome do autor escrito errado na sobrecapa, livros faltando as páginas finais cruciais ou fichas catalográficas, livros com imprecisões factuais e distorções difamatórias e erros flagrantes de julgamento e de bom gosto.

Mas nunca viu isso antes. Olha para o manuscrito, sua salvação ou ruína, tantas vezes entrelaçadas. Olha para o bloco de rascunho, para os cálculos da receita que poderia ser gerada com a publicação de *O acidente*.

Eles deveriam poder cobrar duas vezes mais para este livro, caramba. Por qualquer livro. No decorrer das mais de duas décadas que Brad vem trabalhando neste mercado, os preços de todos os bens de consumo subiram constantemente – as entradas de cinema dobraram, uma dúzia de ovos custa até 250% mais, a gasolina quase 300%. No entanto, em 1991, um livro novo de capa dura era vendido por 22 dólares. E hoje? Chega apenas a 26 dólares. Um aumento de 18%. Não admira que toda a indústria editorial esteja à beira da falência.

Empurra a janela e a abre totalmente. Espia para baixo, ao redor, verificando se alguém notou sua janela aberta. Abre a gaveta do meio e tira uma caixinha de couro para guardar joias, comprada numa feira de antiguidades vinte anos atrás.

Desencava a chave pequenina do fundo de uma salva redonda de prata cheia de moedas de pequeno valor. Abre a caixa e espia o interior.

Brad paga a si mesmo um salário anual de redondos e agradáveis 500 mil dólares, o mesmo montante que a empresa orçou para o cargo de editor há dez anos. Pôr dois filhos na faculdade – depois do equivalente a trinta anos de escola particular – mantendo quartos em Manhattan à disposição deles e meio milhão por ano não tornam ninguém rico. Mal são suficientes.

Agora, parece que ele nunca vai ganhar mais do que isso, possivelmente menos, talvez até mesmo nada. Felizmente, quando as crianças foram para o ensino médio, Lucy voltou a trabalhar, retomando sem problemas seu trabalho como professora. Este ano, o salário dela de cerca de 70 mil dólares por ano, descontando os impostos, não chega a cobrir os custos de manutenção do apartamento. Mas Brad está começando a desconfiar de que, no próximo ano, a renda dela – especialmente o seguro de saúde inabalável, solicitado e garantido pelo sindicato – virá a calhar, quando a McNally & Sons, uma das últimas editoras independentes ainda de pé, for vendida e os novos donos o mandarem pastar. Não é apenas Jeffrey Fielder quem está na mira da aposentadoria involuntária.

Brad extrai dois saquinhos da caixa de couro verde. Tira um cachimbo de um, uma pitada de marijuana do outro.

Alguém o contrataria de novo algum dia? Um ex-editor de mais de 50 anos? Ou este é o último ano de sua vida em que ele vai ter um trabalho regular em tempo integral? Este vai ser seu último mês de trabalho?

Puxa vida, pensa, a linha de chegada me pegou mesmo de surpresa.

Debruça na janela, acende o cachimbo e inala profundamente. Segura a fumaça nos pulmões, conta até cinco, depois exala no espaço comum do pátio.

Ahhhh.

– Jesus Cristo, Brad. – Sua mulher está em pé junto à porta, a mão no quadril. Ele nem ouviu a porta ser aberta, com o David Bowie cantando. – Com as crianças em casa?

Ele abre a boca para responder, mas não sai nada. Lucy balança a cabeça, aborrecida.

– Milo ainda precisa de uma caminhada – diz ela e fecha a porta atrás de si.

Ele volta para sua mesa, para seu dilema, sua decisão. Afligiui-se com isso o dia inteiro, a noite toda.

Por um lado, Brad está convencido de que, por mais prejudiciais que sejam as revelações do manuscrito, elas são absolutamente verdadeiras. O livro deve ser publicado e o desgraçado ganancioso antiético denunciado, ao mesmo tempo salvando McNally & Sons da falência ou da venda, além de salvar sua própria carreira e seus meios de subsistência. Há uma porção de vantagens.

Por outro lado, é possível que o agente federal – se é que Joseph Lyons é isso

mesmo – esteja mesmo dizendo a verdade. O manuscrito pode ser uma fraude, perpetrada com a finalidade de manipular preços de ações para uma aquisição hostil, com milhões ou bilhões de dólares em jogo. Deus sabe que as pessoas têm feito muito pior por muito menos.

Mas, se o manuscrito for verdadeiro e Wolfe estiver em conluio com agentes clandestinos da CIA, o próprio Brad poderia enfrentar o risco de prisão por acusações forjadas, ou ser enviado para Guantánamo. Ou simplesmente levar um tiro.

Ele reacende seu cachimbo, inspira profundamente, respira devagar. Pega o celular e faz outra chamada que cai direto na caixa postal. Mas desta vez ele deixa uma mensagem:

– Oi, Freeley, aqui é McNally. Refleti muito e decidi ir até o fim. Para tentar publicar isso, o mais rápido possível. – Até a palavra “rápido” lhe dá arrepios. – Por favor, me ligue para conversar sobre como devo proceder. Obrigado.

Deixa o telefone em cima do mata-borrão de mogno de sua mesa de infância e escuta a cantoria de “Rock and Roll Suicide”, a última faixa do disco. Então, quando a música termina, ele ouve que Milo, o poodle, está correndo pelo apartamento, depois que ouviu seu nome alguns minutos antes, pronto para seu passeio noturno.

Brad levanta-se da cadeira, que solta um rangido, e veste sua velha e surrada jaqueta de lona, os bolsos cheios de sacos plásticos e dinheiro trocado, canhotos de ingressos, boletos de lavanderia e recibos de supermercado, uma coleção permanente de porcarias que ele carrega pelo bairro nesta peça de roupa que ele tem há 34 anos.

O simpático poodle trota na frente de Brad pelo pequeno corredor e espera no elevador com o focinho pressionado contra a emenda entre as duas portas, decidido a ser o primeiro a passar por qualquer lugar, a qualquer hora.

No hall de entrada os dois deparam com o Sr. Benning, do 7B, um homenzinho afetado de suéter arrastando um cachorrinho afetado de suéter, algum tipo de terrier miniatura excessivamente escovado, que rosna para Milo, que tem o bom senso de ignorá-lo.

– Bom menino – murmura Brad e o cachorro imediatamente puxa a guia e Brad até a calçada e faz xixi numa caixa de papelão. – Um bom menino. E muito bonitão.

O cão olha para ele, as sobrancelhas expressivas como se perguntasse: “Podemos ir? Estou sentindo um cheiro bom ali. Podemos ir agora? Para lá?”

Brad continua passeando com Milo pela rua tranquila, o cão cheirando e indo de um lado para outro, avaliando com atenção os aromas de seu mundo.

Isso vai ser emocionante, pensa Brad. A coisa mais significativa que já fez na carreira. Na vida. Mas não pode ser emocionante a menos que haja, pelo menos, um pouco de perigo.

Ele ouve duas portas de carro fecharem-se em uníssono quase perfeito ali perto, em algum lugar atrás dele, um rápido tum-tum. Percebe que o cachorro para de farejar o hidrante, gira em torno da guia, olhando para cima. Brad ri para seu cão, o décimo milésimo riso nervoso de sua vida, meio século preenchendo silêncios desconfortáveis com o som, com a ideia de alegria.

Brad segue a atenção do cão, ainda sorrindo enquanto se vira, ainda sorrindo enquanto ouve o som dos tiros, ainda sorrindo enquanto sente o calor repentino e desconcertante se espalhando em seu peito.

– O nome é Naomi Berger... Sim, tenho certeza de que a linha dela está sendo vigiada. Por quê? Porque ela é dona de uma livraria de tendências radicais na cidade de Nova York... É claro, leve o tempo que precisar.

Hayden volta a atenção para o manuscrito em seu colo, sentado no barquinho que oscila na água ao luar, ondas suaves lambendo o casco. Ele lê umas duas páginas, então o técnico volta a chamar.

– Ótimo... – Hayden pressiona o fone mais fundo no ouvido. – Tudo bem, vá em frente.

Ele ouve a conversa telefônica gravada, vinda de um banco de dados federal, entre Isabel Reed e sua amiga Naomi Berger. Depois encerra a ligação.

Ele acena para Tyler, que está no comando.

– Vamos.

Tyler abre o afogador novamente e o barco corre pela água, enquanto Hayden volta ao manuscrito, comparando a versão dos acontecimentos do livro com suas próprias lembranças.



– Por que estamos aqui fora? – perguntou Charlie. – Você já percebeu que está, hum, chovendo?

Hayden deu alguns passos antes de responder.

– Chuva? Isto não é chuva. Você não está acostumado ao tempo de Londres.

Ele usou a ponta de seu comprido guarda-chuva preto para marcar cada passo. Estava morando na Inglaterra havia quase um ano e se acostumara a sempre carregar um guarda-chuva. Assim como se acostumara ao contínuo estado de luto pela princesa Diana.

– Isto é nevoeiro, Charlie. Chuva é outra coisa completamente diferente.

– Tanto faz.

– Estamos aqui fora, Charlie, porque é impossível grampear o exterior, ao ar livre. Aqui é impossível haver um transmissor escondido debaixo da mesa ou uma câmera na parede. É impossível alguém estar espreitando na sala atrás de nós.

– A-hã.

– E para ter este nível de segurança contra vigilância indesejável, às vezes é preciso tolerar certa quantidade de névoa.

Andaram em silêncio por meio minuto no caminho até a beira do lago do parque de St. James, na direção do vulto agigantado do Palácio de Buckingham.

– Então, já pensou na minha proposta?

O parque estava desabrochando em bulbos de primavera, cores vivas irrompendo de todo aquele verde, sob o cinza escuro e úmido.

– Pensei, Charlie, pensei.

– E?

– Bem, vou lhe dizer. – Hayden parou de andar, virou-se para seu jovem companheiro ansioso. – Há um candidato presidencial na Itália que não apreciamos muito.

Charlie inclinou a cabeça para o lado.

– No passado ele andou se extraviando de seu casamento. Não sabemos ao certo se hoje ele, hum, perambula por aí. Mas, mesmo que não esteja, duvidamos que seja difícil providenciar para que o faça.

Charlie inclinou a cabeça para o outro lado. Hayden se perguntou se um dos lados seria para ouvir e o outro para pensar. O intelecto do jovem Sr. Wolfe não deixava Hayden muito impressionado, mas o sujeito tinha de alguma forma conseguido realizar coisas que pareciam ser bem difíceis de serem realizadas.

– Você está me dizendo para preparar um arдил para esse sujeito e desmascará-lo?

– Não estou dizendo para você fazer nada, Charlie. Nunca vou dizer a você para fazer nada. Você não trabalha para mim.

– A-hã.

– O que eu estou fazendo é comentando que seria melhor para os Estados Unidos se esse candidato em particular não levasse vantagem. – Hayden entregou-lhe um papel dobrado. – É um nome complicado. Eu o escrevi para ajudá-lo a se lembrar.

Charlie olhou para baixo.

– Da mesma forma que preferiríamos que Saddam Hussein fosse derrubado. Que Hugo Chávez não tivesse ganhado aquela eleição na Venezuela. Que pudéssemos fazer alguma coisa sobre a confusão no Kosovo. O desafio na Itália é, em comparação, muito menor. Mas também faria a cobertura de notícias ficar muito mais suculenta. Excitante.

Naquele momento, uns dez patos saíram do lago e cruzaram o caminho pavimentado até um renque de arbustos de folhagem nova. Devia haver ninhinhos ali, patos sentados sobre ovos com infinita paciência. Não se via patinhos novos por ali, ainda não.

Charlie virou-se para observar o gingado das aves aquáticas, como se pudessem querer se intrometer naquela conversa, talvez na escuta.

– Estou apenas especulando, Charlie, sobre eventos internacionais. E dando um alerta amigável para uma notícia que poderia se desenvolver. Uma história que seu novo site italiano pode estar em uma posição excepcional para divulgar.

Charlie olhou para a esquerda, depois para a direita, devagar. Era quase

risível.

– Ouça, Charlie, se quer adotar esta linha de trabalho, vai precisar ser menos óbvio. Por favor, não olhe em volta assim. Acaba chamando a atenção para si mesmo e fica parecendo um idiota. E o pior: me faz parecer um imbecil que lida com amadores. Portanto, me faça esse favor.

Charlie assentiu.

– E se eu fizer isso por você...

Hayden levantou a mão.

– Não, Charlie. Se você fizer isso por *você*, para seu próprio benefício. Então posso assegurar que não vai ser investigado ou perseguido por nós. E vamos apreciar o resultado. E por isso vamos alertá-lo para outras oportunidades semelhantes que possam surgir no futuro.

– E por “nós” você quer dizer...?

– Quero dizer eu.

O olhar de Charlie se desviou de novo, cada vez mais nervoso, mas, a seu favor, desta vez ele não girou o pescoço.

– Como achou que seria, Charlie? Que eu lhe daria dicas para dar notícias internacionais em primeira mão porque conheço seu pai? Porque, com toda a bondade do meu coração, eu quero ajudar você a ficar rico?

Charlie observou os patos desaparecerem na vegetação.

– Você me procurou, Charlie. – Hayden bateu em seu ombro. – Pense nisso.

Hayden foi embora, os saltos de couro de seus sapatos ressoando no duro caminho úmido, a ponta do guarda-chuva batendo no chão, as mangas de sua nova capa emborrachada farfalhando contra seu corpo, uma capa que tinha comprado em Mayfair junto com o caro guarda-chuva, ao perceber que aquele clima sombrio seria parte de sua vida por um longo, longo tempo. Precisava aproveitar bem aquilo. Aquilo tudo.

Takeou no bolso direito da capa fria até o polegar apertar o botão de parar e a fita parar de rodar.



Hayden espia a lateral do barco, a espuma branca jorrando da água negra, o barco seguindo ligeiro em direção à estreita fileira de luzes no horizonte, onde Isabel Reed e Jeffrey Fielder passam a noite, escondendo-se dele, prestes a serem descobertos.

A princípio, Hayden esperava que a missão fosse muito mais breve, infinitamente mais simples: encontrar o autor, matá-lo e destruir seu livro. A cada ano se torna mais fácil localizar pessoas, em qualquer lugar, com celulares que podem ser triangulados, endereços IP identificados, cartões bancários cujas

operações podem ser monitoradas, câmeras de segurança em aeroportos e estações de trem, bancos e postos de gasolina. É extremamente difícil alguém conseguir se esconder, a não ser que seja muito inteligente, muito cuidadoso e disponha de muitos recursos financeiros.

Lamentavelmente, o autor reunia todas essas características e, portanto, talvez impossível de ser encontrado dentro de um prazo razoável. Assim, Hayden voltou sua atenção para o lado da demanda da futura transação. Usou recursos de Langley para colocar Isabel Reed sob vigilância eletrônica contínua, direcionada para a mesa de um técnico freelancer chamado Gunter, instalado no sexto andar de um prédio perto da Universidade de Munique.

Grças ao programa de escutas telefônicas ilegais depois do Onze de Setembro, os sistemas já estavam preparados para monitorar qualquer americano a qualquer momento; não foi difícil para alguém na posição de Hayden obter acesso a esse sistema. E, como Isabel era apenas uma pessoa comum, que só podia usar realmente um aparelho de cada vez, e que dormia, comia, ia para o trabalho, fazia exercícios e assistia à televisão, não custava muito ouvir absolutamente cada palavra que ela dissesse ao telefone, ler cada e-mail que enviasse ou recebesse. Não era exatamente divertido, mas também não um grande desafio.

Infelizmente, os meses de escuta direcionada para o mundo editorial de Reed em Nova York não renderam nada de relevante. Nem uma mensagem, nem um telefonema. Gunter tinha vontade de se matar. Hayden precisou dobrar o salário do sujeito duas vezes.

Hayden encheu a pequena mala chique de náilon que comprou num momento de capricho em Milão, voou pela Lufthansa na classe executiva para o Aeroporto JFK, depois a esvaziou num quarto de tamanho modesto de um hotel de preço pouco modesto no Upper East Side. Combateu o jet lag durante a tarde longa percorrendo as galerias de arte islâmica do Metropolitan Museum, jantou no bar de um restaurante italiano e se forçou a ficar na rua até as nove, quando se permitiu desabar. Acordou oito horas depois suficientemente descansado e ajustado às cinco horas de diferença de fuso horário.

Todas as manhãs, durante uma semana, vestido num de seus ternos leves de viagem, camisa de punhos duplos e gravata de seda de cor discreta, ele saiu de táxi para um bairro diferente, indo de editora em editora, andando em meio à neve suja do inverno, o fluxo das multidões, o tráfego ensurdecedor, os imensos arranha-céus, o ataque implacável de Nova York, alta, densa, reticulada, ângulos retos em quase todos os cruzamentos, completamente diferente das cidades europeias com sua disposição desordenada, seus becos sem saída, diagonais e rotundas, a sóbria arquitetura previsível e ruas estreitas controláveis. As proporções de Manhattan faziam o pulso de Hayden acelerar.

Ele caminhava sem pressa, voltando atrás em seu próprio caminho, parando

em vitrines, entrando em *delicatessens*, esquadrinhando e memorizando rostos, chamando táxis de repente. O trabalho estafante, infinitamente cansativo da contravigilância, um estudo da infinita paciência necessária para evitar mortes despropositadas.

E era por isso que fazia todas aquelas reuniões com editores, antes de mais nada: evitando o excesso de mortes. Hayden tinha quase certeza de que o autor confiaria seu manuscrito a Isabel Reed, e de que ela iria passá-lo para Jeffrey Fielder. Mas a diferença entre a quase certeza e a certeza absoluta pode ser a diferença entre a vida e a morte.

Portanto, Hayden viu-se iludindo a vigilância inexistente em Manhattan, passando por portas giratórias de saguões contemporâneos de pé-direito altíssimo ou de vestibulos Art Déco de linhas retas, entrando no edifício Flatiron e no Rockefeller Center, em edifícios antigos acachapados e sujos, em arranha-céus sem alma. Ele se aproximava dos balcões altos de recepção, sorria para os guardas vestindo paletós azul-marinho bordados com os nomes das empresas de segurança. Recebia um crachá pendurado numa fita ou uma pequena etiqueta para colar na lapela. Sentava-se na antessala da recepcionista, pernas cruzadas, folheando um catálogo sazonal dos lançamentos, à espera de uma secretária que o levasse por um corredor forrado de livros para uma sala de escritório na quina do prédio.

Hayden sentava-se diante de homens alguns anos mais moços do que ele, de ternos escuros e óculos da moda, executivos de meia-idade, gorduchos, de carne macia, impacientes com a intrusão, mas também intimidados, e muitas vezes eriçados com uma espécie de desprezo.

Ele apresentava um crachá que o identificava como funcionário da Agência de Segurança Nacional. Tinha cartões de visita fazendo referência a isso, com seu suposto nome, Joseph Lyons. A Agência de Segurança Nacional não era a cobertura ideal para essa situação, mas a experiência de Hayden dizia que todos não só ficavam intimidados, como se mostravam confusos, sem saber direito o que a agência fazia e para qual ramo do governo.

Tinha no rosto uma expressão próxima da indignação moral enquanto explicava sobre o manuscrito, sobre a farsa que estava sendo perpetrada. Quando esse manuscrito surgisse, Hayden dizia, seria imperativo que ele fosse alertado de imediato. Para que essas pessoas fossem apanhadas, para se conter e, em seguida, anular aquele embuste, e o tempo era um fator fundamental, absolutamente crucial.

Hayden apertava as mãos com firmeza e deixava para trás seu cartão falso com um número de telefone verdadeiro. Mandara fazer uma caixa inteira desses cartões, 250 deles, dois anos antes. Estavam quase acabando.

Uma noite, passou um desses cartões para um aliado muito provável e lhe ofereceu um suborno.

Outra noite, encontrou-se com uma mulher que havia conhecido quando estava em Cambridge, muito tempo atrás. Tinham mantido um contato intermitente. Fazia agora quinze anos que Bitsy tinha se divorciado. Depois do jantar, fizeram a volta do quarteirão até o apartamento dela, tapetes persas antigos e paisagens da escola Hudson River em molduras douradas rebuscadas, uma cama de dossel em mogno com lençóis obscenamente macios, uma transa lenta e confortável e uma taça de armanaque para aquecer, vestindo robes de seda na frente da janela virada para o parque, a galáxia de luzes cintilantes da linha do horizonte, difusa por causa do nevoeiro que se instalava por cima do parque escuro como um frio cobertor molhado.

Escapuliu às três da manhã, andou pelas ruas desertas da cidade alta, as fileiras de toldos verdes de edifícios iguais a fortalezas, as fachadas elaboradas das mansões de pedra calcária, as bandeiras farfalhantes de museus e escolas particulares, o vidro impecável das fachadas de galerias de arte e lojas sofisticadas de roupas, os grandes sacos pretos de lixo nas calçadas em frente aos restaurantes, à espera de serem recolhidos pelo exército de caminhões que percorria a cidade tarde da noite como uma gangue em busca de um alvo fácil, resmungando sem serem contestados, como se fossem donos da rua.

Hayden caiu de volta em sua cama de hotel, imaginando como teria sido, como poderia ter sido, se tivesse sido ele em vez de Roger a se casar com Bitsy, mudar-se para Nova York, ir para a faculdade de Direito ou para Wall Street, tornar sua esta cidade, sua vida, toda a família reunida para esquiar nos feriados de Natal. Ele havia passado o último Natal sozinho em seu apartamento de Munique, ouvindo Wagner e lendo sobre o Egito. Passava quase todos os feriados sozinho.

Deixou Nova York na noite seguinte, confiante de que tinha intimidado como devia os escalões superiores do mundo editorial. Confiante de que, quando o manuscrito chegasse, ele logo seria alertado.

Por outro lado, também era possível, era provável, que o manuscrito nunca chegasse ao mercado, que toda essa população de informantes nunca visse nem sombra dele. Hayden tinha feito planos também para essa contingência.

Tinha planos até para outra contingência que nunca admitira para si mesmo. E agora ficava claro, ao ler o manuscrito naquele barco roubado, que colocava em prática um plano que nem ele se dera conta de ter formulado.

Sim, pensa, sei como isso vai acabar.

E volta a atenção para o manuscrito.

O acidente Página 219

O acordo com David Miller não foi o único que Preston Wolfe fez naquela noite.

– Dave, pode nos dar licença um minuto?

O Sr. Wolfe estendeu a mão, fazendo Dave sair para o corredor do hotel, onde ele se encostou na parede, depois se deixou cair no chão e ficou esperando.

Apenas uns dois minutos.

– Acabaram-se as drogas – disse Preston ao filho. – Acabou-se a bebedeira. Acabaram-se as mentiras, a preguiça. Tudo está acabado.

Ele cutucou Charlie no peito, um golpe duro e rápido de seu dedo indicador.

– Eu vou resolver isso. Ninguém nunca vai saber a respeito. A menos que você me desafie, Charlie. – Outro golpe, com mais força. – Então não vou ter pena. Nenhuma.

Preston Wolfe deu um passo para trás e olhou para o filho, um rapaz alto, embora não tanto quanto o pai.

– Estamos entendidos?

O celular toca, toca, toca, em seguida entra na caixa postal. Stan termina a ligação e envia um texto para Jessica: *Ligue para mim. Urgente.*

Algo chama sua atenção fora da janela, na colina. Parecem faróis, subindo pela entrada de carros.

Pode haver muitas razões para alguém vir até sua casa a esta hora da noite. Pode ser o enólogo tagarela que mora na casa ao lado, que tem o hábito de aparecer sem ser convidado, não totalmente sóbrio. Pode ser algum namorado (ou namorada) da cozinheira Irene. Pode ser o empregado do rancho, Logan, voltando sei lá de onde Logan vai à noite. Podem ser policiais. Podem ser assassinos.

É mesmo um veículo que vem subindo pelo caminho. Stan se pergunta que merda deve ter acontecido com o sistema de segurança do portão da frente, que lhe garantiram ser o melhor de todos.

Da casa, as estradas se estendem em três direções para destinos diferentes na propriedade. Mas nenhuma oferece qualquer saída para a estrada principal. Nenhuma serve de fuga, só para esconderijos.

Assim como empregar uma assistente gostosa, às vezes possuir um rancho de mil hectares com seus vizinhos mais próximos a 2 quilômetros de distância tem suas desvantagens.



Jessica se enrola na manta do sofá. Acha que ouviu sua campainha tocar. Teria sido mesmo a campainha? Ela baixa o volume da música, escuta. Sim, tocou novamente.

– Alô?

Olha a tela de vídeo do porteiro eletrônico: traços definidos, boa forma, quase 40 anos, vestido de modo respeitável, mas não com elegância.

– Jessica Mendelsohn? – pergunta o homem de boa aparência.

– Sim?

– Aqui é o detetive Dryden, do Departamento de Polícia de Beverly Hills. Nós nos falamos pelo telefone há alguns minutos.

O homem dá um passo atrás, longe da câmera por meio metro. Segura uma maleta numa das mãos. Ele enfia a outra no bolso do casaco, puxa uma carteira, que abre e leva até a câmera. É mesmo um distintivo, com certeza.

– Ah, sim. Oi, detetive. Como posso ajudá-lo?

– Eu poderia entrar, por favor?

Ela não está muito certa disso, mas o que pode fazer?

– Claro! – responde, com a alegria forçada que usa para dizer obrigada para centenas de pessoas todos os dias, pessoalmente e por telefone.

Ela espera junto à porta, em seguida, percebe que está de roupão de banho e volta ao quarto a fim de se vestir, mas depois percebe que não tem tempo, e é melhor estar segura de roupão do que com as roupas caindo. Ela fecha o roupão firmemente contra o peito e as coxas.

Toc-toc.

Ela abre a porta.

– Obrigado. Desculpe incomodá-la. O Sr. Balzer lhe disse por que ligamos?

Ela balança a cabeça.

– É sobre Camilla Browning. Glyndon-Browning, acho que é o nome completo dela. Esteve com ela?

Jessica concorda.

– Bem, sinto muito lhe dizer, mas a Srta., hã, Browning morreu. Sofreu um acidente de carro hoje à noite. Sinto muito.

– Meu Deus!

– Pois é, coisa horrível. E, como a Srta. Glyndon-Browning não é, hã, daqui...

Jessica olha para ele fixamente.

– E como o Sr. Balzer está fora da cidade...

– Sim?

Ela acha que deveria saber o que ele quer, mas não sabe. Passou tanto tempo de sua vida imersa em tramas de filmes e não percebe quando sua vida entrou numa delas.

– Nós não conseguimos identificar o corpo.

Jessica balança a cabeça, ainda sem entender.

– E precisamos fazer isso.

– A-hã.

– Então – diz ele, meio frustrado –, será que se importaria de vir até a delegacia? Só vai levar um minuto.

Ah, meu Deus, pensa ela. Eles querem que eu identifique a garota inglesa morta.

– Sério? – Que coisa mais desagradável. Ela se pergunta se há alguma maneira de sair dessa. – Tudo bem – diz, num tom forçado de animação. – Pode me dar um minuto para eu me vestir?

– Claro.

– Eu o encontro na rua? Eu posso segui-lo de carro.

Ela coloca a mão na maçaneta, pronta para empurrá-la e fechar a porta, mas o policial não se mexe.

– Acho melhor eu esperar aqui enquanto se apronta.

– Hum...

Ele dá um sorriso largo. É realmente muito bonito para um policial. Abre a porta e o deixa entrar.

– Dois segundos.

É quando está de roupa de baixo dentro do quarto com a porta fechada que ouve seu telefone tocar, lá fora, na sala de estar, em cima da mesa, ao lado da xícara de chá e da pilha de folhas do incrível manuscrito. Veste depressa um suéter, mas não tem como pegar o celular antes que a ligação caia na caixa postal. Dane-se, pensa. Mesmo que seja Stan, ele pode esperar cinco minutos.

Jessica sai do quarto puxando seu cabelo para fora do suéter, mas não vê o detetive, e cai em pânico uma fração de segundo antes de perceber que isso é inteiramente justificado, porque um fio foi enrolado em torno do seu pescoço.



O quadriciclo sacoleja pela estrada esburacada ao lado do vinhedo, fileira após fileira de Pinot Noir, com ramos de roseiras em flor dirigidos para as estacas no final de cada fileira, e que Stan se lembra não estarem ali apenas por estética, mas para servir a alguma razão agrícola que pode ou não envolver fungo ou mofo, ou algo nojento que ele não esperava ter relação com um vinhedo.

Stan não ligou os faróis. A luz daria sua localização e, apesar do luar, ele está tendo problemas para dirigir no escuro.

No outro extremo do vinhedo, ele se dirige para o caminho ainda mais acidentado que leva à montanha, para a mata fechada. Há coiotes lá em cima; ele ouve todas as noites. Ursos também, às vezes. Os animais selvagens são parte dos atrativos desta propriedade, desta área. Stan tem pavor de vida selvagem.

O motor faz um esforço para subir, produzindo um gemido agudo. Stan não consegue se lembrar de ter comprado este veículo ou aprovado sua compra. Não tem ideia de quanto pode ter custado. Não sabe se é algum tipo de máquina de alta performance ou um brinquedo insípido que funciona precariamente.

O lado esquerdo do veículo sobe num ressalto do caminho, bate numa pedra e ele o sente tombar para a direita, apoiar-se em apenas duas rodas por meio segundo antes de perder o equilíbrio e virar. Stan está caindo, batendo violentamente com a coxa e o braço no chão de terra compactada, enquanto o carro desaba para o outro lado.

Agora está preso ali, na encosta da montanha, no escuro, com o que sente ser uma perna quebrada, um cotovelo quebrado, um ombro deslocado e um corte na têmpora, enquanto as grandes rodas gordas de borracha continuam a girar e zumbir, num arremedo de movimento.

Ele quase não consegue acreditar como é ruim sua situação, mas depois, claro, fica ainda pior.

O autor se imobiliza na entrada do apartamento de Vanessa, a porta ainda aberta para o corredor escuro, silencioso. O edifício é como um hotel para homens de negócios, tapetes cor de carvão de ponta a ponta, arandelas niqueladas e insípidas gravuras não representacionais em molduras de metal negro. E ele se sente como um invasor. Pensando bem, ele *é* um invasor.

Desvia o olhar do par de sapatos masculinos para a porta do banheiro fechada. Acha que ouve a água do chuveiro correndo lá dentro.

Vira-se, olha para trás, para o corredor. Talvez fosse melhor sair, esperar que esse homem, esse destinatário alternativo das ministrações de Vanessa, fosse embora. O sujeito está tomando banho, deve sair em dez minutos.

Mas talvez ele não possa desperdiçar dez minutos. Os exércitos inimigos podem estar inundando o aeroporto com pessoal neste exato minuto, talvez a polícia local ou agentes da Interpol, até quem sabe os malditos Boinas Verdes, erguendo barricadas...

O autor analisa o apartamento, estantes, tapetes, até que sua atenção se volta para a sala de estar. Ele cruza o ambiente, ligeiro, os pés deslizando pelo piso de parkê, até o aparador ocupado pela televisão de tela plana ao lado das luzes verdes dançantes de um pequeno roteador preto. Segura um castiçal alto de vidro, tira a vela branca e a coloca sem ruído em cima da brilhante superfície envernizada. Avalia o castiçal na palma da mão. Vai servir.

As cortinas ainda estão fechadas no quarto, as cobertas espalhadas, roupas jogadas ao pé da cama. Ele pega o paletó do terno, de boa lã macia em padrão risca de giz, e examina a etiqueta, tamanho 52.

O chuveiro ainda está aberto. Veste depressa as calças desse outro homem, a camisa branca amarrotada, o paletó. As calças ficam um pouco curtas, mas dentro de uma margem de erro aceitável.

Vanessa e ele nunca conversaram sobre uma relação de exclusividade. Não era algo que se sentia no direito de solicitar, levando em conta a insinceridade fundamental de tudo o que se referia a ele. Entretanto nunca percebera quanto não era exclusiva.

Ele abaixa a maçaneta de metal escovado, solta o trinco e abre a porta do banheiro. O chuveiro está aberto por trás da cortina opaca, um desses modelos portáteis, o jato batendo de leve no tecido, fazendo-o ondular, antes de ser direcionado para outro lugar, com mais cuidado.

Abaixa o assento do vaso sanitário e sobe em cima dele. Alcança o alto do armário de remédios, estendendo todo o braço que não segura o castiçal, Tateando sob a borda da frente da estrutura de aço, até encontrá-la, a chave de fenda pequenina. Vira-se de frente para a parede, ainda em pé no vaso, e leva a

chave de fenda até a grade que cobre a ventoinha de ventilação, o duto de ar. Tira um parafuso, girando rápido a ferramenta na palma da mão, puxando o pequeno cilindro de aço, que escorrega de seus dedos e cai no chão com um pequeno tinido.

Droga. Ele se imobiliza, olhando por cima do ombro para a cortina do chuveiro, a água ainda correndo, nenhuma mudança.

Volta a atenção para o segundo parafuso, tem dificuldade em encontrar a ranhura, com os nervos à flor da pele quando a ponta da chave de fenda escapa uma vez, e mais outra. Um calafrio percorre sua espinha e ele se vira.

– *Merde.*

A torneira ainda está aberta, um fluxo de água na parede de azulejos, borrifando-a. O homem nu abriu a cortina e está ali pingando, olhando, tentando descobrir como deve agir, qual a gravidade da situação. Às vezes, as pessoas sabem quando estão prestes a morrer. Às vezes não.



– Era uma criança – disse Dave. – Praticamente um bebê.

Charlie balançou a cabeça, assentindo, solidário.

– Não posso deixar de concordar com você que foi uma circunstância muito, muito infeliz. Também estou muito abalado com isso.

– Não. Não como eu. Você não está.

– Pode ser. Mas é compreensível, não?

Dave não respondeu.

– Seja como for – diz Charlie –, não se pode dizer que nós fizemos isso acontecer.

– Nós? Não existe *nós* nessa situação. E você fez isso acontecer, sim, Charlie.

Por alguns segundos, nenhum dos dois disse nada.

– O que você tem em mente, Dave? O que acha que devemos fazer? O que você quer de mim?

– Há quanto tempo isso vem acontecendo?

– O quê?

– Essa... essa história de armar ciladas para as pessoas.

Charlie revirou os olhos como um adolescente petulante.

– Como acha que conseguimos todos os furos, Dave? As entrevistas exclusivas? Com uma equipe formada por um monte de amadores? E, apesar disso, de alguma forma nós batemos as agências de notícias e redes de notícias a cabo, os maiores jornais, durante quinze anos? Como acha que aconteceu? Sorte? Habilidade? Você está no seu juízo perfeito?

Charlie estendia as mãos, convidando respostas às suas perguntas retóricas.

– Você finge que não sabe nada sobre o lado feio do negócio, Dave. Mas você sabe. Sei que sabe. Você só preferiu ignorá-lo. Sempre fez isso. Mas fingir que não sabe não é o mesmo que fazer alguma coisa a respeito. E não é o mesmo que não saber. Então desça do seu pedestal, seu cretino hipócrita.

– Eu me demito.

– Se demite? – Charlie riu. – Você não pode se demitir. Está pensando que é uma porra de um funcionariãozinho? Você é o diretor de operações de uma empresa de capital aberto. Você assinou um contrato blindado.

– E daí?

– Sem falar numa porrada de acordos de confidencialidade. Além disso, você vem depositando uma quantidade enorme de dinheiro em suas contas bancárias. Faz muito, muito, tempo.

O ano anterior tinha sido o último em que Preston Wolfe tinha depositado para Dave um cheque de 40 mil dólares, conforme o combinado no quarto de hotel de Ithaca 25 anos antes, no meio de uma longa noite de desespero. Na época parecia ser um monte de dinheiro. Pareceu valer a pena, um milhão de dólares, para ficar em silêncio.

– Você me pertence, Dave. Você sempre me pertenceu e vai me pertencer para sempre. E é melhor que não se esqueça disso.

Os dois tinham permanecido em pé, encarando-se de cada lado da mesa limpa e organizada de um homem que normalmente não lidava com papel.

– E vamos lembrar, Dave, que foi você quem correu atrás de mim.

– De que merda você está falando?

– No primeiro ano, você grudou em mim no dormitório. Você foi para a mesma fraternidade que eu. Você pediu que eu dividisse o quarto com você. – Ele riu, um riso breve e feio. Charlie vinha subjugando seu temperamento arrogante por décadas, mas às vezes aquele traço de caráter se mostrava muito forte e borbulhava de baixo para cima, queimando tudo no caminho. – E foi você quem sugeriu o clube de dança naquela noite. Estou certo?

Dave contraiu a mandíbula.

– Eu entendo isso, Dave, entendo mesmo. Um pobre garoto judeu do Brooklyn. E um cara como eu, devo ter parecido muito, muito atraente. Para um cara como *você*.

Dave fez um esforço para não morder a isca, permanecendo em silêncio, fervendo.

Charlie respirou fundo.

– Neste momento, Dave, eu preciso de você. A Wolfe Media precisa de você. Para cuidar desse negócio com a Ásia. Por nós. – O discurso parecia ter acabado. Agora, como sempre, ele recuaria. Mas não todo o caminho. – Depois disso, se você ainda quiser, podemos descobrir uma forma de você, hum, se desligar.

Tentando desarmar a bomba que ele mesmo havia construído e depois acendido o estopim.

Dave sempre foi mais inteligente do que Charlie. Ambos sabiam disso, sempre souberam. Além disso, Dave era o único que entendia de logística e finanças de uma forma que Charlie nunca se preocupou em aprender. Charlie precisava de Dave, mais do que ele jamais admitiria.

– Na próxima primavera, Dave. No verão, o mais tardar.

Aquela não era uma briga que podia ser vencida. Nenhum dos dois poderia convencer o outro de quem tinha mais razão. Apenas de quem era mais forte.

De modo que Dave não disse nada. Não existia traição comparável a descobrir que uma amizade da vida inteira não havia sido genuína.



Ele flexiona os dois braços, o do candelabro e o da chave de fenda, ameaçador, carrancudo, tentando parecer firme, tentando evitar a violência. O francês nu parece considerar a possibilidade de se lançar sobre ele, mas parece dissuadido pelo fato de estar encurralado numa banheira alta, nu e desarmado.

– *Qu'est-ce que vous voulez?*

O que eu quero? Boa pergunta. O autor balança a cabeça.

– *Rien.*

Ele faz um gesto vago com o castiçal, incentivando o outro a ficar parado.

– *Restez là.*

Mas por quanto tempo ele pode esperar que o francês nu não faça nada? O homem vai chamar a polícia assim que o autor sair pela porta. Sirenes, pneus cantando...

– *Parlez-vous anglais?*

– Um pouco.

– Não quero nada de você. *Comprenez?*

– *Oui.*

– Mas preciso amarrá-lo.

O homem não entende isso.

– *Il faut que...* – Ele engasga; não sabe como dizer isso em francês. Faz mímica, colocando as mãos na frente do corpo, pulsos juntos como se estivessem amarrados.

Um lampejo de compreensão atravessa o rosto do francês, depois algo mais, uma decisão, uma resolução.

O autor já está correndo de novo o apartamento em sua imaginação, pelos pontos onde deixou impressões digitais, esta manhã, na semana passada, sabe lá quando.

– *Allons-y* – diz ele, sinalizando para que o homem nu saia da banheira.

O autor vai amarrar o homem com a gravata, sentado no chão desarrumado do quarto escuro, cercado pela evidência de sexo da noite anterior. Ou dessa manhã. Vanessa gosta de ser acordada.

A água ainda está correndo, e o francês dá um passo alto para fora da banheira, depois outro.

– *À la chambre* – ordena o autor.

– *Oui*.

Passadas molhadas estalando nos azulejos, depois silenciosas sobre o tapete da sala, entrando no quarto, o autor segue com o castiçal numa das mãos e a chave de fenda na outra.

Então o homem nu gira nos calcanhares, seu punho direito voa, entra em contato direto com a face esquerda do autor, uma explosão de dor lancinante. Ele vê estrelas e, quase cego, reage por instinto: brande o castiçal com máxima velocidade, o vidro pesado bate na pele nua e molhada da parte superior do braço do homem, recua para golpear novamente, mas o francês cai no chão, entesoura uma perna e derruba o autor, que cai sentado, mas de alguma forma consegue segurar tanto o castiçal quanto a pequena chave de fenda, que usa quando o homem se atira sobre ele, para dar-lhe uma estocada no estômago, uma ferida profunda que paralisa o homem no lugar, sua boca semiaberta de surpresa e dor. Ele cambaleia para trás com um passo vacilante, lento, e mais outro, apertando a barriga com as mãos.

O autor olha horrorizado. E horror existe por saber que aquilo não será o pior momento de seu dia.

Ele se põe em pé num salto, ainda segurando as duas armas improvisadas, uma das quais agora suja de sangue. Nunca em sua vida esteve numa briga, nunca teve aulas de judô, de karatê ou boxe, nunca, desde a infância, bateu em outra pessoa com raiva. Nunca descarregou uma arma de fogo de qualquer tipo, nunca empunhou uma faca que não fosse de cozinha, nunca até este momento apontou qualquer arma para qualquer criatura viva, exceto insetos.

Certa vez armou uma ratoeira. Na primeira noite, pegou e matou um rato, minúsculo e cinzento, parecendo o Stuart Little. O autor usou pinças de cozinha para pegar a armadilha, com rato morto e tudo, que jogou dentro do saco de sua lata de lixo. Carregou-a até a lixeira do porão, fechou a tampa com firmeza e bateu em retirada às pressas para o elevador.

Na outra vez que descobriu um rato no apartamento, decidiu que os dois, homem e rato, poderiam coexistir pacificamente juntos, coabitar. O rato não lhe causaria nenhum mal.

O sangue escorre entre os dedos do francês nu, escorre pelo seu abdômen, encharca o tufo denso de seus pelos pubianos. O autor brande o castiçal com todas as suas forças. No último instante antes do impacto, ele fecha os olhos, mas

ainda sente a reverberação em sua mão e ouve o estalo medonho.

Abre os olhos e vê que vai precisar golpear novamente, pelo menos mais uma vez. E desta vez terá que manter seus malditos olhos abertos.

Hayden corre os olhos pelo porto, os barcos balançando, o cais e as docas, a pequena estrutura com um mastro de bandeira, toldos, móveis de exterior.

Havia chegado à metade do manuscrito e percebeu que tinha pouco tempo. Então pulou para o final e leu as últimas páginas. Vai ter que ficar nisso. Metade da história. O que é muito mais do que nada.

– Esvazie aquele balde, por favor.

– Sim, senhor – diz Tyler e vira de cabeça para baixo o balde galvanizado contendo pacotes de gelo, latas de cerveja e um saco de pretzels.

Hayden se esforça para ficar em pé, as pernas cansadas e doloridas, a calça amarrutada e um pouco molhada. Está vestindo a mesma roupa faz um bom tempo, calças leves cor de carvão, uma camisa azul-clara de colarinho aberto, brogues ingleses cor de chocolate com sola crepe. O paletó esporte está dobrado em sua bolsa. Ele o tira, vasculha os bolsos, encontra um Zippo. Hayden nunca fumou, mas ele sempre carrega um isqueiro.

Amassa algumas páginas da cópia da assistente, joga-as no balde de aço e põe fogo no manuscrito.



Amarram o barco ao lado de uma placa que diz 30 MINUTOS DE ATRACAÇÃO e se afastam de mais um meio de transporte roubado. Hayden olha ao redor da marina, para todas as opções de embarcação para mais tarde. Avista um belo Beneteau de 54 pés, que se parece muito com o barco que sua família usava para ir todos os verões de Cape até o Maine, entregando e recolhendo as crianças menores que pernoitavam no acampamento, transformando uma simples tarefa numa aventura. Também vê um barco muito semelhante ao que alugou alguns verões atrás, em Mallorca. A embarcação perfeita para velejar num longo percurso solitário. Sim, ele pensa, é esse.

Tyler e ele andam pelo cais como se não tivessem nada com que se preocupar no mundo, dois companheiros de pescaria, ainda que sem o equipamento próprio. A meio caminho da terra, o cais de madeira torna-se um cais de concreto, a superfície áspera coberta de areia, pedrinhas, conchas que as gaivotas deixam cair. E entram numa rua arborizada, cheia de casas, arbustos floridos, balanços na varanda, caminhonetes importadas.

Hayden está perdido em pensamentos, delineando as etapas de seu novo plano, enumerando os desafios, rebatendo-os com soluções.

Passam por uma sorveteria com venezianas fechadas, um posto dos correios,

um armazém, uma mulher passeando devagar com um cãozinho marrom. Um cão velho, como o próprio Hayden, olhando para cima com os olhos remelentos. Tudo tranquilo.

– Olá – diz a mulher.

– Boa tarde.

Hayden percebe que deveriam conversar amenidades, Tyler e ele. Dois homens numa calçada à noite devem conversar. O silêncio é suspeito. Mas ele não consegue pensar em droga nenhuma para falar.



Havia sido quase um ano atrás, quando estavam numa banqueta no canto de uma sala cheia de toalhas brancas, estofamentos cor de vinho, colunas de mármore sustentando o teto alto ricamente trabalhado, garçons vestindo coletes pretos com aventais brancos.

– Pois é. As coisas correram muito mal na Finlândia – disse Hayden.

– Não discordo.

Charlie Wolfe contemplava seu *wiener schnitzel* intocado, fatias de limão, um grande prato branco.

– Não posso continuar com isso.

Hayden levou à boca um pedaço da lagosta espinhenta. Em Munique, tinha acesso a muita *schnitzel* boa, mas gostava da *bouillabaisse* dali, seu restaurante favorito em Berlim na Französische Straße, perto de seu escritório na embaixada.

– É muito perigoso para mim, Hayden. Estar envolvido em coisas assim.

Hayden largou os talheres. Limpou a boca com o guardanapo.

– O que você está dizendo é que não precisa mais de mim. Agora que é bilionário.

– Não sou bilionário.

Agora Hayden entendia por que Charlie queria que o encontro fosse num restaurante. Por quinze anos, eles fizeram juntos apenas outra refeição, um almoço rápido em Davos. Nas outras vezes, reuniram-se em bancos isolados de parques tranquilos onde planejavam os escândalos mutuamente benéficos.

– Mas eu me tornei muito famoso. E quero me tornar ainda mais. Não posso... você sabe.

Aquele era aparentemente o fim de sua longa relação simbiótica, uma despedida cordial amansada por uma boa garrafa de Meursault.

Hayden assentiu. Pegou o garfo e a faca de novo, pôs na boca mais um pedaço de sua lagosta. Engoliu.

– Tenho a impressão de que não é só isso. Estou certo?

Charlie não respondeu de imediato, tentando juntar coragem.

– Dave descobriu.

Hayden estreitou os olhos.

– Descobriu o quê?

– Sobre o cara da Finlândia.

Hayden respirou fundo.

– O filho do homem estava na casa, Hayden. Quando a polícia invadiu, ele começou a atirar e os policiais revidaram... Era um menino de 3 anos, ele foi baleado. E sangrou até morrer. Abraçando seu maldito ursinho de pelúcia.

– Eu sei o que aconteceu, Charlie.

– Bem, Dave surtou. Além do resto.

– Está sob controle?

– Está. Se bem que... Não, não sei.

– Como você está lidando com isso?

– Não tão bem quanto deveria.

– Como assim?

– Ele foi hipócrita comigo, agressivo. E eu tentei ser prudente... Não que eu me sinta bem sobre o caso do sujeito finlandês e do filho dele, mas perdi a paciência. E acabei dizendo coisas que não deveria ter dito. Ele ficou uma fera.

– É reparável?

– Acho que sim. Acredito que sim. Mas, quer saber, francamente?

– Não, Charlie, por favor, minta para mim.

– Francamente, Hayden, não sei.

Hayden tomou um gole do Borgonha, tentando manter a calma. Aquela era uma notícia muito ruim. Não podia deixar de visualizar os piores cenários circulando pelos corredores de sua imaginação, e vários deles levavam ao seu cofre no Banco de Basel.

No decorrer dos anos, Hayden tinha usado mais de uma dúzia de gravadores em miniatura, cada vez menores e mais discretos a cada geração, que foram dando lugar aos modelos digitais praticamente imperceptíveis. Depois disso, adiou as trocas por alguns anos antes de empreender a tarefa considerável e tediosa de transferir o conteúdo de todas as antigas fitas analógicas para o armazenamento digital, em pen-drives. Muito menores, baixados sem esforço, com segurança cada vez mais complexa e maçante.

Ou talvez a segurança não seja de fato mais complexa, mas Hayden simplesmente chegou a esse ponto da idade em que todos os avanços tecnológicos são o oposto de amigáveis.

Cofres em bancos suíços, por sorte, se mantiveram relativamente inalterados nos últimos quarenta anos. Agora todas as suas gravações, que são seu seguro de vida, estão guardadas num único pen-drive, portanto ele não precisa mais de uma grande gaveta de metal. Entretanto, guarda lá muito mais dinheiro do que antes.

Foi *bom*, dissera ela. Uma faca enfiada em seu estômago, depois torcida: *bom*. É o que se diz depois de vinte anos de casamento, não depois da primeira vez juntos.

– Você ainda acha que só temos que esperar?

Jeff pega sua cueca, agora de costas para Isabel. Olha para baixo, para seu pênis pegajoso, mole e ligeiramente absurdo.

– Não sei – responde ela. – Estou começando a me perguntar se temos que ir a público, de alguma forma. Talvez tentar fazer uma entrevista coletiva. Ou apenas ir direto à NBC, CNN ou algo assim, entrar num escritório e contar nossa história...

Sim. É isso que as pessoas gostariam que fizessem nesse tipo de situação.

– Isso faz certo sentido, não faz?

Ele resolve voltar para a cama ao lado dela, mas eles não se tocam.

– O que me preocupa é que ir a público talvez nos mantenha vivos só até amanhã. E depois, Jeffrey? Será que entramos no programa de proteção a testemunhas? E somos mesmo testemunhas de alguma coisa? Podemos confiar nas pessoas que deveriam nos proteger?

Jeff não responde.

– Ele é um dos homens mais poderosos dos Estados Unidos e está ligado à CIA, que opera ilegalmente. Eles vão nos matar. Não... A única maneira de esse plano dar certo é o autor ou alguém com conhecimento de primeira mão aparecer. E, obviamente, se o autor quisesse fazer isso na TV, ele não teria todo o trabalho de escrever o manuscrito. E não estaria mais se escondendo. Teria simplesmente ido à TV.

A imagem do autor paira no ar entre eles, desconfortável.

Jeff agita as mãos. Sabe que precisa se esforçar mais para esconder o profundo ressentimento que acompanha seu amor não correspondido há tanto tempo, ferida causada pela rejeição, pela indiferença, pelo carinho morno. Porque agora, mais do que nunca, ele tem certeza de que Isabel não o ama. Ela sentiu uma necessidade e ele estava ao alcance, então foram para a cama. É como um bom hambúrguer de restaurante fast-food, não um jantar num quatro estrelas: para uma fome súbita, é o suficiente.

– Por que acha que ele não fez isso? Ir à televisão?

Isabel deixa escapar um muxoxo de desdém.

– Ele sabe das limitações da TV. Sabe que não há como contar uma história complexa assim em telejornais, o que reduziria tudo a uma simplificação com destaque para o detalhe mais escabroso. Ele quer que o público entenda mais. Além disso, tenho certeza de que quer a permanência de um livro, a validação, a

legitimidade conferida pelo fato de estar no mundo físico, em lojas e bibliotecas, nas prateleiras das pessoas, em suas mesas de café. Existem ainda algumas histórias que merecem um livro. Essa é uma delas.



– Está acordada?

– Hummm.

É o som intermediário entre acordada e dormindo.

– Não consigo dormir – sussurra ele.

Seu cérebro não para de trabalhar, na cama com essa mulher depois de tantos anos, escondido nesta casa com o manuscrito lá embaixo e homens armados por aí, talvez à procura dele.

– Vou descer.

– Hummm.

Jeff percorre o corredor comprido, desce a escada. Fecha a porta que dá para ela, uma forma tranquila de isolá-lo de Isabel. Não quer acordá-la.

Acende a primeira luz que encontra: um objeto bulboso de cerâmica com uma correntinha para ser puxada, uma lâmpada de 25 watts amortecida por uma cúpula de pergaminho. Sombras fundas espreitam de todos os cantos, atrás de cada objeto.

Olha ao redor na luz suave. Achou que tinha deixado sua bolsa no sofá, mas não a vê aqui. Entra em pânico, procurando freneticamente com os olhos. O pânico dura apenas um segundo porque lá está ela, no chão, encostada na parede. Sã e salva.

Jeff abre a bolsa, tira a pilha de papel, muito grossa para uma só mão, quase uma resma inteira. Ele deposita o manuscrito em cima da mesa de centro com tampo de vidro, de frente para uma poltrona de estofado floral com um pequeno pufe, em frente à lareira. Um bom lugar para ler.

Cruza com dois passos o tapete oval feito à mão, círculos concêntricos alongados em tons azuis, verdes e branco encardido. Segura a grande tela da lareira, quase pesada demais para levantar com uma das mãos, e a afasta para o lado. Amassa umas folhas de jornal e coloca dentro da lareira, em cima da camada fina de poeira e cinzas e de alguns pedaços de madeira parcialmente incinerados. Abre a caixa de fósforos compridos e finos de madeira, pega um, cortado toscamente e cheio de lascas, a substância inflamável salpicada na ponta de forma desigual, ao acaso. Risca esse fósforo esquisito, abaixa-se e enfia o palito aceso sob o papel de jornal. O fogo flameja.

Jeff ruma se é assim que a traição acontece com todo mundo, um caso bem claro de troca da integridade pelo sucesso. Sempre achou que a traição fosse algo que acontecesse lentamente, com a erosão da força de vontade, o

desbastamento do idealismo, até chegar a um ponto onde a decisão nem parece ser mais uma decisão – apenas a coisa que a pessoa faz e nem percebe que está traindo.

Mas não, aqui está, diante dele, diferente do que imaginava, como tantas coisas importantes acabam sendo. Aqui é tudo de uma só vez num momento de fraqueza. Sua empresa está prestes a falir, e ele sabe que não será um dos primeiros recém-desempregados a encontrar um emprego. Está salvando sua pele. É tão banal.

Agora está claro para ele que a parte mais hedionda da traição é o fato de se trair a confiança. A confiança de um amigo, de alguém da família ou de um colega. Até a sua própria, sua autoestima. Você se envolve com alguma coisa, acredita em algo que sabe que não deveria. Faz algo que sabe que não é o certo, não é o que pretendia fazer. Não é como você queria ser.

O que se ganha em troca? Sempre o mesmo, ele imagina: o sucesso. Pode vir vestido em trajes diferentes, mas provavelmente o raciocínio é sempre semelhante, para todos, pôr num lado da balança o desejo de algum sucesso e no outro o custo de trair a confiança de alguém.

Talvez todo mundo pense a mesma coisa: se não for eu a fazer esta negociação, outra pessoa cometerá a traição e se beneficiará. Há sempre alguém disposto a receber suborno, a morder a isca, a agarrar a oportunidade de dirigir o departamento, a empresa, o mundo. Há sempre alguém.

A pergunta é: eu devo ser essa pessoa?

Jeff se vira, olha para o manuscrito. Pega um pequeno maço das folhas de cima. Vira-se para a lareira e espalha o papel no pequeno fogo ardente. Ele sopra suavemente as chamas iniciais e espera que peguem, engolindo o papel que está no fundo. À luz da própria chama, relê a página de cima antes que se enrole e encolha, desaparecendo em seguida.

Fica ali ajoelhado, alimentando aos poucos as labaredas crescentes com pequenas pilhas de papel, observando o manuscrito se consumir, até que as últimas páginas se transformem em fumaça.



Sob a luz fraca, junto da porta da frente, ele se ajoelha e abre a bolsa dela. À primeira vista, não acha nada. Então procura com mais cuidado, remove os objetos maiores, e ainda assim não encontra a grossa pilha de papel. Não está ali.

Jeff se levanta, examina a sala de estar à claridade das chamas bruxuleantes, rememorando as últimas horas, a viagem de carro, as compras, a chegada à casa, lendo enquanto Isabel preparava o jantar na cozinha, comendo na varanda. Em seguida, o beijo, ir para o andar de cima, cama, sexo, conversas. Aquele telefonema.

Então ele voltou e queimou sua cópia do manuscrito.

Mas não consegue se lembrar da última vez que viu o exemplar dela. Será que o deixou no carro? Abandonou no posto de gasolina? Será que o escondeu? Onde ela teria a oportunidade...?

Ele acende a luz da cozinha. Começa a abrir armários, gavetas, uma a uma, o mais silenciosamente possível. Há uma porção de lugares em uma cozinha onde se pode esconder algo. Olha em cima do armário e embaixo da pia. No forno. Dentro do lava-louças. No quatinho da despensa e no minúsculo banheiro de paredes caiadas.

Quando o encontra, ele sorri.



A lua projeta fracas sombras das árvores no gramado que se estende até o penhasco rochoso. Ele mal enxerga as luzes de Connecticut cintilando em uma linha baixa sobre a água. Na direção do leste, longe do luar, o céu está cheio de estrelas.

A poltrona encapada de tecido é macia e envolvente, e Jeff se deixa afundar, mais e mais, com os pés apoiados na almofada listrada do pufe. Ouve o ranger das velhas tábuas largas do piso do andar de cima. O assobio dos canos e a vibração distante de água corrente, o clique e o zumbido da bomba no porão, ligando, funcionando, em seguida um tipo diferente de silêncio quando ela para. Ondas de 60 centímetros quebram mansamente na praia, no ritmo do dedilhar de um violão. Ele sente o cheiro da maresia, trazido por um sopro de brisa fresca.

Está adormecendo, ciente do devaneio de seus pensamentos, imagens surreais atravessando seu cérebro como soldados marchando por uma cidade ocupada. Reconhece esses pensamentos como sonhos. Ele sabe que está sonhando. Mas não está dormindo, não totalmente. Ainda está consciente do mundo real, dos sons e das sensações à sua volta. Ou pelo menos pensa que está.

Um desses sons o puxa para a plena consciência, tira-o do estado semiadormecido: é um estalido que vem da frente da casa, no andar de baixo. Não é Isabel. É o ruído da porta da frente a meio caminho do seu arco.

Jeff abre os olhos de súbito, mas ele não se mexe. Isso é real, há alguém na casa.

Ele fica petrificado, afundado na poltrona. Não tem certeza se, de onde está, pode ser visto. Pode estar tão afundado na poltrona que ficou invisível.

Jeff ouve um estalo no assoalho atrás dele. Outro.

Está segurando a respiração por muito tempo. Expira devagar, em silêncio, depois inspira igualmente devagar, esforçando-se para ficar parado, não fazer barulho nenhum, ser invisível.

E então ouve um pequeno som metálico, algo que caiu no chão de madeira. A

peça da pia do banheiro, caindo do bolso.

Merda.

Um segundo mais tarde, sente algo tocar em sua têmpora. Qualquer dúvida de que a coisa é uma arma se dissipa quando um homem diz:

– Não se mexa.

Isso não faz sentido, pensa Jeff. Não faz parte do plano. Não deveria haver arma nenhuma apontada para ele. Uma ideia percorre depressa seu cérebro, a de que ele deveria tentar explicar isso. Por outro lado, a explicação poderia levar o homem a atirar.

Um segundo sujeito aparece na frente dele. Um sujeito conhecido. Alguém que Jeff encontrou uma vez, meses antes.



Jeff sempre frequentou um bar na esquina. Na década de 1990, era o Max Fish, perto de seu apartamento no Lower East Side, bem como o pub irlandês O'Flaherty que ficava no quarteirão do seu escritório na Times Square. Durante o pouco tempo em que morou na parte alta da cidade, o difícil foi encontrar um lugar em Amsterdã que não estivesse constantemente lotado por antigos garotos de fraternidade bêbados e meninas do grêmio. E quando começou a passar grande parte de sua vida na Union Square, custou a achar um bar que não explodisse com a movimentação da *happy hour* todas as noites.

Porque o que ele está sempre procurando é uma ilusão: um lugar confortável que não seja proibitivamente lotado nem deprimentemente vazio. Com uma clientela mais velha do que a de jovens universitários e bebedores desenfreados de 20 e poucos anos, porém mais jovem que o núcleo de velhotes desconjugados debruçados sobre seus Manhattans e revistas de corridas de cavalos em bares de homens velhos. Ele quer ver um jogo numa televisão ligada no canto, mas não vinte telões transmitindo o campeonato. Uma seleção decente de uísque, sem ter que pagar 18 dólares por dose. A cozinha pode produzir um hambúrguer aceitável, mas não um croquete gourmet a preços inacessíveis feito com costeletas grelhadas ou recheado com *foie gras*.

O que Jeff quer é um lugar para ficar depois do expediente, para intermediar a distância solitária entre o escritório e a cama. Nos mais de vinte anos em que residiu em Nova York, morou com outro ser humano por um total de apenas cinco anos; houve um companheiro de quarto de um ano no início, depois uma namorada de longo prazo quando tinha uns 20 e muitos e, mais tarde, a esposa de curto prazo. Nos outros anos, porém, esteve solitário, como tantos nova-iorquinos, jantando em bares, encomendando comida chinesa para comer sentado no sofá, acendendo a lâmpada de cabeceira às duas da manhã sem se preocupar em

acordar alguém.

Ele acredita que este é o segredo para a grande produtividade de Nova York: todo mundo trabalha o tempo todo para evitar enfrentar a solidão.

Era uma noite solitária, fria, úmida e escura de início de inverno quando Jeff seguiu para o antigo bar na Rua 18 ao sair do escritório. Faróis de carros, idiotas egoístas de terno com enormes guarda-chuvas tomando toda a calçada, mulheres de saias curtas e saltos altos tentando chamar táxis em cada esquina, o brilho acolhedor de lojas, restaurantes, bares e lounges, clientes entrando lúcidos e saindo cambaleantes.

Quando entrou na avenida, uma rajada de vento inchou seu pequeno guarda-chuva de 5 dólares, soltando algumas varetas de alumínio. Apesar do vento forte, a chuva era leve, o que fazia seu guarda-chuva barato causar mais problemas do que valia a pena; jogou-o na lixeira de uma esquina e seguiu pelo quarteirão protegido apenas por seu casaco de chuva impermeável.

Jeff pendurou o casaco úmido e pesado num cabide na porta do bar. Ele adora o casaco. É confortável, quente e à prova d'água e seca rapidamente, tem bolsos nos lugares certos e se encaixa bem por cima de um paletó esporte. Ao mesmo tempo, no entanto, ele odeia sua onipresença, sua associação com um uniforme de time do qual ele não faz parte.

Sentou-se num banquinho de madeira na extremidade do bar, com um lugar vazio entre ele e duas mulheres na faixa dos 30 e poucos anos. Uma deu-lhe uma rápida olhadela de avaliação, batendo cílios pintados em excesso por cima de uma bebida cor-de-rosa, o que não era a coisa certa a pedir naquele bar. Ali era lugar de se tomar cerveja.

Ele tirou uma pilha pequena de propostas da mochila e a caneta-tinteiro Sheaffer do bolso do paletó de flanela. Pediu um primeiro copo de cerveja; beberia o segundo com a comida. Leu as cartas que acompanhavam as propostas de agentes, um discurso interminável sobre o porquê disso e daquilo, e por que o projeto deveria existir no mundo, e como Fulano é respeitado, e que assunto interessante é tal e tal. Publicidade garantida. Liquidação especial, oportunidade imperdível. Superlativos, exageros, descrições enganosas e pelo menos uma falsidade completa.

Um homem ocupou o banco ao lado de Jeff e pediu uma cerveja belga. Jeff ergueu os olhos ao som da voz do homem, refinada e de classe alta, fora de contexto naquele pub do centro. Uma voz que pertencia ao Bemelmans Bar, talvez ao Union Club, vinda de Boston em visita ou saída da década de 1920.

Os dois se mantiveram em silêncio por alguns minutos enquanto os Knicks venciam e o barman se ocupava em preparar novos drinques para as mulheres, depois encher uma bandeja com copos de cerveja para um grupo grande numa mesa, antes de ir para a outra extremidade do bar para conversar com duas mulheres mais novas e mais bonitas.

Foi quando o homem disse:

– Você é Jeffrey Fielder, certo?

Jeff virou-se para o estranho. Devia ter quase 60 anos. Alto e em boa forma física, óculos grandes e cabelos grisalhos bem-penteados, bem-vestido, com um lenço numa estampa de plumas de pavão saindo do bolso do paletó esportivo sob medida. O tipo de homem que se vê em restaurantes caros na parte alta da cidade, em salas de conselhos de empresas. Não que Jeff jamais tivesse estado numa sala dessas. Ou soubesse bem o que fosse. Mas o sujeito não parecia o tipo de pessoa que frequentava um lugar como aquele.

– Nós nos conhecemos?

Jeff tentou um sorriso, em meio ao vago desconforto de um homem de 40 e poucos anos com uma memória medíocre e uma longa história de embriaguez. Havia encontrado muitas pessoas de que mais tarde não conseguia se lembrar. Sobre tudo homens. Esquecia-se de dezenas, talvez centenas, de homens por ano. Esquecer homens era praticamente seu passatempo.

– Não, você não me conhece.

Jeff ergueu as sobrancelhas, esperando uma explicação.

– Sou uma espécie do que você chamaria de entusiasta sobre o mundo editorial.

Um *stalker*? Um romancista fracassado e frustrado procurando um jeito de ser publicado?

– Sim.

Ou um escritor rejeitado em busca de vingança?

– Venho estudando o setor de livros recentemente, aprendendo sobre o processo. Agentes, editores, escritores. Contratos, direitos autorais, questões jurídicas. Difamação e coisas assim.

Jeff estava agora totalmente de frente para esse sujeito. Ele com certeza não parecia ameaçador nem se comportava como tal; parecia um negociante de arte, isso sim. Mas a conversa era sem dúvida assustadora.

Jeff já havia sido perseguido antes, por uma escritora que foi ao escritório com seu agente incompetente para um encontro amigável. Jeff recusou-se a fazer uma oferta para o projeto, como aparentemente todos os outros editores em múltiplas rodadas de apresentações, e a escritora acabou recorrendo a métodos alternativos para tentar vender seu trabalho: persegui-lo e, em seguida, oferecer-se sexualmente a Jeff. Depois de ele ter recusado, a louca ainda ligou para sua casa e declarou à esposa que ele não se recusara, desencadeando uma tempestade de merda da qual seu casamento nunca conseguiu se recuperar.

A lição que se tira daí é que nunca se sabe quando um louco vai aparecer, e não há maneira de se proteger. Portanto, não foi exatamente uma lição de moral, mas apenas a revelação de um desagradável fato da vida para quem trabalha no setor de fazer os sonhos das outras pessoas se tornarem realidade, ou de destruí-

los.

– Como posso ajudá-lo, senhor...? Não entendi seu nome.

– Pode me chamar de Joseph Lyons. Joe.

– O que quer dizer com isso? Seu nome é esse?

– Não, não realmente. – O homem sorriu. – Sr. Fielder, algum dia, em breve, nas próximas semanas, talvez, ou em poucos meses, um manuscrito deve chegar ao senhor. Será o manuscrito de um livro sobre Charlie Wolfe. Ele vai, quer dizer, o manuscrito...

Jeff apreciou o esclarecimento sobre o pronome. Mas essa coisa toda o estava deixando arrepiado de medo.

– ... pretende divulgar revelações, hum, bombásticas. Pode ser uma biografia completa da vida do homem ou ter um escopo mais limitado. Esse aspecto do projeto não está completamente claro para nós, no momento.

– Nós quem?

O homem ignorou a pergunta.

– O que está claro é que esse manuscrito vai alegar que o Sr. Wolfe fez algumas coisas horríveis. Indecorosas. Talvez ilegais. – Ele deu de ombros. – Quem sabe.

O barman parou diante deles e o homem pediu outra cerveja, fez uma pausa na história, olhando ao redor com ar satisfeito.

– Aqui é um bom lugar.

– Sim – concordou Jeffrey. – Há uma grande quantidade de bebida alcoólica.

– Citando Hemingway! – O barman pôs o copo de cerveja na frente dele e o homem o pegou, levantou-o para Jeff. – Muito bem, Sr. Fielder. Muito bem. – Tomou um gole. O barman se afastou. – Porém, esse trabalho será, na verdade, uma farsa. Está sendo no momento preparado por um freelancer dinamarquês com a finalidade de criar um escândalo sobre o Sr. Wolfe a fim de derrubar o preço das ações da Wolfe Worldwide Media, levando a uma aquisição hostil da empresa, e centenas de milhões, ou bilhões, de lucro.

– Como sabe disso?

– Sabendo.

Jeff bufou. O homem balançou a cabeça, aceitando a incredulidade de Jeff.

– Você, Jeffrey Fielder, da turma de 1991 da Brown University, tem uma conta corrente no Banco JP Morgan Chase com pouco mais de 400 dólares no momento, e uma dívida por crédito rotativo de pouco menos de 12 mil dólares. Você mora num apartamento 4A em Chinatown, com uma área de 56 metros quadrados. A última vez que saiu dos Estados Unidos foi há dois anos, numa viagem de negócios a Londres. Seu site favorito de pornografia é o velho mas útil YouPorn.

Jeff se encolheu diante dessa humilhante invasão de privacidade.

– O que quer de mim?

– Tenho uma proposta, Sr. Fielder.
– Uma proposta?
– É a seguinte: fazer tudo para convencer o agente literário, para convencer seu editor, para convencer a todos, que deseja adquirir esse manuscrito, que quer publicá-lo.

Tudo indicava que ele iria querer mesmo fazer isso.

– Vai querer que o agente não o envie a outras editoras, para que possa destruí-lo.

– Como disse?!

– Vai destruir fisicamente todas as cópias. Destruí-las, queimá-las, o que for.

– Está brincando.

– Se o manuscrito for enviado por e-mail, vai apagar o arquivo. Se de algum modo acabar em computadores de outras pessoas, o que você deve fazer tudo para evitar, use isto. – O homem enfiou a mão no bolso do casaco, tirou um pen-drive e um cartão de visita. – Ligue o pen-drive em qualquer porta USB, deixe-o lá por cinco segundos, em seguida o remova. Todos os arquivos serão corrompidos, o sistema deixará de funcionar, o computador se tornará sucata eletrônica. – O homem colocou o pequeno aparelho e o cartão em cima do balcão do bar. – Se tiver dificuldades, se algo der errado ou se acontecer qualquer coisa, ligue para mim.

– Qualquer coisa como o quê, por exemplo?

– Qualquer coisa. O agente receber uma oferta. Ou o autor entrar em contato com você. Ou homens estranhos baterem à sua porta. – O homem apoiou o dedo no cartão. – Este é o número do meu telefone. Guarde-o.

Jeff olhou para baixo.

– E?

– E o quê?

– E por que eu deveria fazer isso? Só porque você sabe que eu estou duro? Todo mundo sabe que eu estou duro. Não cometi nenhum crime. Você não tem nada do que me acusar. E, francamente, tenho a impressão de que tudo isso é um monte de merda.

O homem balançou a cabeça.

– É justo. Você quer saber o que ganha com isso. Além dos sinceros e silenciosos agradecimentos de uma nação ignorantemente grata, é claro.

– Quero.

– Pois bem, eis o que vou prometer, Jeffrey Fielder: assim que esse manuscrito for erradicado da face da terra, Charlie Wolfe vai chamá-lo, assim, do nada. Vai dizer que admira seu histórico, seus princípios. Ele vai lhe perguntar se está interessado em publicar seu livro de memórias.

Jeff levantou as sobrancelhas.

– Os editores que adquirem e editam biografias, de pessoas como o Sr. Wolfe,

eles são bem-tratados no seu negócio, não são? Esses livros geram receitas enormes. E acho que as pessoas que trazem essas receitas são recompensadas. Isso é capitalismo, certo?

O homem inclinou-se para Jeff.

– Esse é o livro que vai torná-lo famoso, Fielder. Um trunfo inestimável. Bem-remunerado, com segurança de emprego. Uma raridade no ambiente econômico precário de hoje. Quantos anos você tem?

Jeff não pôde deixar de notar outro homem sozinho entrando no bar, vindo da chuva lá de fora. Ele se perguntou se o recém-chegado teria ligação com Lyons; e ficou de olho na cara nova quando ele se instalou do outro lado da sala.

– Você sabe quantos anos eu tenho.

– É verdade. Sei mesmo.

– Então está me subornando?

– Suborno não é uma palavra atraente, concorda? E não acho que seja o mais importante aqui.

Editores recebem um monte de propostas extravagantes. Mas esta tinha sido, de longe, a mais extravagante de todas.

– E se eu recusar?

– Nós dois sabemos que não é uma opção viável. – O homem tomou outro gole da cerveja. – A farsa nunca será perpetrada com sucesso, Fielder. Com ou sem você. Vai ser impedida de seguir adiante, com detenções e prisões, se necessário. Talvez pior.

– Pior?

– Não há vantagem em tentar publicar esse livro. Somente em impedir a publicação. Você pode muito bem aproveitar o lado positivo.

O homem chamou o garçom.

– Quero fechar a conta, por favor. E me encarrego da conta do meu amigo também. – O homem tirou duas notas de vinte.

Jeff olhou para o alto do seu copo de cerveja, a espuma dissolvida, agora só uma superfície marrom e lisa.

– Não é tão ruim assim, hein, Fielder?

Jeff não respondeu. De todas as traições, esta certamente não era tão ruim quanto ele teria imaginado. Mas também não era exatamente o que ele tinha planejado para avançar na carreira. Embora, de fato, não tivesse planos específicos a esse respeito.

– Ah, quase esqueci – disse o homem, levantando-se da banquetta. – Há outra razão pela qual você vai querer aceitar minha proposta. A razão mais forte. – O homem se curvou para Jeff, exalando um perfume de sândalo e malte caramelado. – Porque se não aceitar... eu vou matar você.

– Pensei que tivéssemos feito um acordo.

Esse mesmo homem está agora iluminado por trás pelo brilho do fogo baixo da lareira. A cópia de Jeff foi completamente incinerada em cima dos troncos fumegantes, as chamas lambendo por baixo.

– Será que entendi errado?

Jeff não consegue encontrar sua voz.

– Você deveria ter me telefonado, caso fizesse algo parecido com, sei lá, fugir da cidade. Não é mesmo, Fielder?

Jeff engole em seco.

– Ela jogou meu celular no East River.

O homem ri.

– O que queria que eu fizesse?

– Não deixá-la jogar não era uma opção?

– Não, não era. E, aliás, poderia tirar essa porra dessa arma da minha cabeça?

O homem na frente dele assente. Jeff dá um suspiro quase cômico de alívio.

– O que está fazendo aqui? – pergunta Jeff.

– Estamos encontrando você. E ela. Ela está lá em cima? Dormindo?

– O que quer com ela?

O homem leva a mão ao cós da calça e tira sua própria arma.

– Ora, Sr. Fielder, não seja hipócrita. Sabe muito bem o que eu quero.

O autor volta a subir na tampa do vaso sanitário e abre o duto de ar. Enfia a mão na cavidade escura, onde escondeu um conjunto de reserva de seus mais importantes recursos de emergência, para a contingência lamentável que acabou de acontecer: seu disfarce foi revelado e ele não pode entrar em seu apartamento.

Pega outro passaporte falso com o qual vai poder atravessar as fronteiras e um maço de dinheiro enrolado preso com elásticos, com o qual vai poder realizar muitas outras coisas. Comprar uma nova identidade, viver em outro lugar, como outra pessoa.

Porém não vai ter uma cópia do manuscrito, preso no disco rígido do computador, que já deve estar nas mãos de seus perseguidores, quem quer que sejam, talvez neste exato momento tentando invadir o sistema de segurança do notebook, seus arquivos criptografados. Felizmente eles não serão bem-sucedidos. Depois de dez segundos tentando iniciar o sistema sem a devida autenticação, o disco rígido irá se autodestruir, completamente apagado, irrecuperável.

E ele não vai poder continuar com seus tratamentos, suas visitas ao cirurgião plástico. Mas tudo bem; não há realmente mais nada a fazer por lá. Só a paz de espírito que lhe vem ao visitar o homem que reconfigurou suas impressões digitais, e o outro homem que reconstruiu partes do seu rosto, para que possa ouvi-lo dizer que está com boa aparência; agradável, até. Essa garantia tem sido tranquilizadora. Mas o autor pode viver sem isso.

Capta um reflexo momentâneo de si mesmo no espelho de Vanessa, desta nova versão. O inchaço e as manchas roxas desapareceram. Seria impossível detectar as marcas das incisões, a menos que se soubesse exatamente onde olhar e o que procurar. Ninguém jamais olharia para este rosto e diria que foi alterado cirurgicamente. E, de fato, não é tão diferente de seu rosto antigo: ponta do queixo diferente, uma nova covinha, uma ligeira inclinação nos olhos. Sem dúvida o suficiente para confundir um software de reconhecimento facial. Mas não tanto para ele precisar ficar seis meses envolto em ataduras.

Agora, depois de quase um ano de vida com um ou outro desafio médico, ele está finalmente livre. Seu primeiro desafio, quando tomou sua decisão depois daquela conversa horrível com Charlie, foi tornar-se alguém que parecesse estar morrendo. Então, começou a tomar estimulantes do sistema nervoso central, inibindo seu apetite, perdendo um quilo por semana durante toda a temporada, o suficiente para afrouxar os colarinhos de suas camisas, as cinturas das calças. No final, até comprou algumas camisas maiores que seu número, uns centímetros extras que realmente o faziam parecer nadar na casimira de algodão. Isso tudo combinado com três meses evitando a luz do sol, pouco sono, perda de peso e

doses diárias de velocidade, ele conseguiu parecer um lixo. Um homem agonizante.

E, em seguida, ao chegar à Zurique, houve a cirurgia plástica no rosto e os procedimentos para alterar suas impressões digitais, com recuperações subsequentes, antibióticos e analgésicos, além de uma variedade de tratamentos musculares e de pele.

Será que seus perseguidores algum dia iriam encontrar aquele velho Schloss, escondido na floresta das montanhas? Vão achar que o autor está aqui na Suíça se submetendo a tratamentos alternativos para o câncer, e vão viajar de um local a outro acompanhados pela polícia suíça, brandindo credenciais do governo, exigindo ver registros confidenciais de pacientes. Não imaginariam que ele estaria aqui para uma cirurgia plástica, não um sujeito que está morrendo de câncer. E não vão encontrar nada.

Mas e se eles depararem com Vanessa? Vai ser um problema. Eles vão fazer um retrato falado. Em seguida, vão encontrar filmagens de alguma câmera em algum lugar, uma imagem de um rosto que corresponda ao desenho. “Sim, é ele”, a sul-africana vai dizer com seu belo sotaque. Mas o rosto não vai coincidir com a fisionomia de David Miller. Será que vão saber que era ele no apartamento dela, matando aquele outro homem?

Se encontrarem mesmo Vanessa, também vão descobrir que o rosto do homem que ela descreve corresponde ao do que mora no apartamento do último andar do outro lado do lago, com o computador que se autodestruíu e a escassez de pertences pessoais. Então vão de fato saber qual é sua aparência de agora, ou vão chegar perto o suficiente. E têm um conjunto de suas novas impressões digitais. Todas aquelas cirurgias para nada.

Ele precisa desaparecer de novo, ir para mais longe, para um ambiente menos procurado. Vai usar seus milhões acumulados para viver numa praia no leste da África, talvez do Pacífico Sul. Tem planos específicos para as duas possibilidades e vai tentar a primeira até achar que não lhe parece mais tão segura, e neste ponto vai se mudar para a segunda. Vai beber água de coco fresca, comer peixe grelhado e pagar pela companhia de mulheres jovens, eróticas e exóticas, enquanto espera seu manuscrito ser publicado, sua venalidade ser revelada para o mundo e seu ex-amigo ser vilipendiado, talvez preso, condenado.

Foi bom ter terminado o manuscrito. Agora espera que Isabel o esteja levando muito a sério e tomando providências urgentes com relação a ele. Vai sem dúvida enviá-lo a Jeffrey Fielder, seu amante intermitente, que provavelmente tem tagarelado sobre isso com metade de Nova York jornalistas, olheiros e produtores, o peso da verdade da coisa criando a seu próprio ímpeto, sua inevitabilidade, enquanto viaja pelos círculos de mídia em seu caminho para a publicação, não apenas no sentido impresso da palavra, mas no sentido de

público. Publicação.

O autor contratou uma equipe de segurança para proteger Isabel por seis meses. Vigilância 24 horas, equipes de ex-fuzileiros navais, seguindo-a em pessoa, e usando triangulação de torre de celulares da localização do celular dela como backup. Seguindo-a pelas ruas de Manhattan, no metrô e de táxis, em escritórios e restaurantes, seguindo o rastro de Isabel Reed e a mantendo viva.

Talvez o autor ligue para ela, de um telefone público em uma cabana de palha em algum lugar do outro lado do mundo. Ele não fala com Isabel faz um bom tempo.



É remotamente possível que as autoridades locais não associem este assassinato àquele fugitivo. Um dos fatos é um crime violento local, o outro, um embuste internacional. Portanto, vale a pena se dar ao trabalho de encobrir a ligação entre os dois para tentar manter os norte-americanos fora da investigação, para tentar manter sua identidade oculta.

Encontra um pano embaixo da pia e pulveriza-o com uma solução de cloro de amônio. E limpa todo o apartamento, usando luvas de borracha amarelas que são muito pequenas, limpa todas as superfícies que se lembra de ter tocado, não apenas esta manhã, mas quinta-feira passada, na semana anterior, sabe-se lá quando, antes. Geladeira, lata de lixo e cafeteira, maçanetas, interruptores e puxadores de gavetas, a ponteira de plástico no cabo das persianas finas de alumínio.

Passa a todo instante por cima do morto francês nu ao andar pelo apartamento para limpar, tentando não olhar para baixo, não ver os olhos fixos do homem. Não tem coragem de fechá-los.

Lava o castiçal e a chave de fenda, coloca ambos em um saco de compras junto com suas roupas e tênis de corrida. Vai jogar fora as armas assim que puder, mas longe o suficiente deste apartamento para que não levante suspeitas, e seja difícil associarem-nas a esse crime.

Em uma gaveta da cozinha, encontra a chave do carro dela, um BMW, aparentemente. Espera que esse carro esteja no lugar onde ele pensa que está. Nunca falaram sobre o estacionamento, mas com certeza há um no canto de uma garagem escura de teto rebaixado que gorjeia uma resposta alegre para a chave remota, um dos seis BMWs em meio a vinte carros.

As ruas deste bairro residencial são tão tranquilas quanto as do seu, e ele tenta se conter para não correr pelas ruas arborizadas e sem trânsito, nas curvas suaves, subindo a colina, fora da cidade.

São 9h49 da manhã. Vanessa não vai estar de volta antes das seis da tarde, por isso ele tem oito horas antes que ela chegue em casa e descubra seu amante

morto e seu carro roubado. O autor vai de carro para o sul, passando pelas montanhas; o óbvio seria ele preferir uma rota de fuga mais rápida pelo norte para a Alemanha; ou a leste para a França. Vai usar as estradas locais, evitando qualquer possível bloqueio e radares de velocidade. Não existem muitas opções para cruzar os Alpes de carro.

Deve chegar por volta das três da tarde a Milão. Vai abandonar o carro numa garagem pública a um quilômetro e meio da estação de trem, em seguida vai a pé até a *stazione centrale* e embarcar no trem de alta velocidade para Salerno. Quando Vanessa estiver comunicando o roubo do carro – se é que ela vai perceber isso ainda hoje –, ele estará na balsa noturna para Palermo, a cidade mais terceiro-mundista da Europa Ocidental, repleta de cães vadios, mendigos ciganos e terrenos baldios cheio de entulho no centro da cidade. Amanhã de manhã ele vai atravessar a região rural do Oeste Selvagem siciliano, maltrapilha, crestada e pouco povoada, a Catânia, a porta de entrada para a maioria das drogas ilícitas na Europa, um ponto de partida poroso para alguém como ele, um americano discreto com maços de dinheiro que nada mais deseja do que uma passagem tranquila para a Tunísia, sem carregar contrabando algum.

Absorto nesses planos, não percebe que um carro acelera atrás dele até estar muito perto do seu, numa curva ampla na estrada estreita, e sua atenção é atraída para o retrovisor, para as luzes piscando do carro da polícia, a dois carros de distância.

Merda.



“Vamos lá”, dissera ele, 25 anos antes. “Pare essa merda de carro agora!” O velho Jaguar conversível ainda estava na primeira marcha e Charlie agarrava o volante com as duas mãos. Dave arrastava os pés para trás, o para-choque batendo em seus joelhos. “Charlie, pare o carro!”

Charlie sorriu, riu histericamente e jogou a cabeça para trás. Seu rosto estava virado para o céu escuro e o carro ainda estava em movimento, mas Charlie não. Ele desmaiara.

Dave pulou alguns passos para trás para obter distância entre ele e o veículo lento, depois correu em torno dele. Abriu a porta, caminhou ao lado do carro e bateu no ombro de Charlie para tentar acordá-lo, mas não funcionou. Então Dave o empurrou, deixou-o debruçado por cima da alavanca de câmbio; empurrou-o de novo e ele caiu, metade no banco do passageiro, metade no chão, morto para o mundo.

Com o banco do motorista desimpedido, Dave saltou para dentro do carro. Pôs-se ao volante e afivelou o cinto de segurança; não era o momento de não

usar cinto de segurança. Estava com medo de a polícia aparecer, a moça ainda devia estar em algum ponto na estrada, fugindo, e seria uma terrível confusão. Ele passou para a segunda marcha.

Não via a garota, mas achou que ela já devia ter passado da curva, talvez a uns 400 metros de distância; ela tinha saído correndo. A essa altura, já poderia ter chegado a outro cruzamento, entrado em outra rua, desaparecido. Ele poderia ficar dirigindo por ali para sempre à procura da menina.

Dave estava furioso com Charlie por colocá-lo naquela enrascada. Pensou em parar o carro, fazer meia-volta, abandonar a garota e o problema, ir para casa. Poderia deixar que Charlie cuidasse daquilo sozinho no dia seguinte, desse no que desse aquele desastre. Era culpa dele.

Mas, não, Dave não poderia fazer isso.

Ele começou a fazer a curva e então Charlie acordou e virou-se para Dave, agitando os braços, empurrando com raiva o braço de Dave sobre a alavanca de câmbio. Dave olhava rapidamente de Charlie para a estrada, ainda fazendo a longa curva, depois começou a lutar com o amigo bêbado, irracional.

O carro contornou a curva sob a chuva fina e a escuridão profunda, e houve um súbito lampejo de movimento num lado da estrada, não exatamente no acostamento, então um baque surdo e um grito aterrorizado e um estalo nauseante e o guincho dos pneus e o chiar estridente dos freios.

E Dave fizera o velho conversível parar estremecendo.



Ele passou a maior parte do fim de semana de Ação de Graças caminhando com dificuldade sob o frio revigorante de fim de outono, as árvores secas e as calçadas molhadas e escorregadias com as folhas caídas. Andou pelo parque, em meio aos cães que brincavam na desordem úmida, os casais sorridentes e encasacados passeando de mãos dadas, os corredores vestidos de malhas justas e luvas de fibra sintética, as idosas sob cobertores de lã em cadeiras de rodas, sendo empurradas por enfermeiras afro-caribenhas indiferentes usando uniformes folgados cor-de-rosa.

Ficou parado do outro lado da rua do prédio de sua ex-mulher, encostado na parede de pedra áspera do parque, sob uma garoa leve, uma névoa se formando em torno do seu rosto, as orelhas vermelhas, as mãos enfiadas nos bolsos das calças de veludo. Pegou seu celular e ligou.

– Alô?

– Oi, sou eu.

– Ah, oi.

– Olha, estou aqui embaixo. Posso ver você?

Ela fez uma pausa, surpresa.

– É claro. Suba.



O elevador era lento e ruidoso, um velho elevador de Nova York num velho prédio de apartamentos de Nova York, o tipo de estrutura que não existe em Washington.

Ela estava enquadrada na porta, vestindo um suéter de lã, com os pés descalços. Eles se abraçaram.

– Como foi seu Dia de Ação de Graças? – perguntou ele, entrando no vestibulo, examinando as fotos nas paredes, vagamente esperando deparar com uma de si mesmo.

– Ah, sabe como é.

Entraram na sala de estar de piso rebaixado, ele viu que a litografia expressionista abstrata ainda estava pendurada com destaque acima da lareira e sentiu uma pequena onda de orgulho. Pelo menos fizera isso direito.

– Seu pai estava bêbado? – perguntou.

Ela riu.

– Minha mãe também. E Simon. Todos, na verdade, exceto as crianças e eu. Eles insistiram em jogar futebol depois do jantar, mas estava chovendo e lamacento lá fora, então ficamos todos imundos e congelados. Depois voltamos para dentro e vestimos agasalhos e pijamas enquanto mamãe lavava a roupa, todos sentados ao redor como se fosse uma festa do pijama, bebendo cidra quente. – Ela riu de novo. Ele ainda amava o som da risada dela. – Agora que estou descrevendo a cena, já acho que não soa tão terrível.

Ele sabia que esta seria sua última interação amigável, depois de anos de divórcio amigável. A opinião de sua ex-mulher sobre ele logo iria mudar, para pior, e para sempre.

– Não – disse ele –, não soa mesmo.

– E você?

– Minha mãe continua louca como sempre, por isso, sabe... – Ele parou. Queria apenas olhá-la, ouvir a voz dela, por um minuto ou dois. Não queria lhe dizer o que viera dizer a ela, outra grande mentira. Não queria fazer isso com ela, mais uma vez.

Mas ela não falou mais nada, esperando que ele continuasse, olhando-o com a pergunta muda: por que você está aqui?

– Escute, estou doente.

Ela respirou fundo, ajustou a postura e olhou para a frente, reunindo forças para receber bem a informação. Era o que fazia quando ouvia algo que a preocupava.

– O que quer dizer com isso, estar doente?

– Estou com câncer. – Sua garganta travou. – Eu...

Ela ocupou o espaço entre eles, abrindo os braços. Assim que ele sentiu seu abraço, começou a chorar, lágrimas descendo por suas faces enrugadas, frias.

– Estou morrendo, Isabel.

Isabel vira-se na cama, enredando-se num emaranhado cada vez mais anárquico de lençóis. Pensa em descer, encontrar Jeffrey, também insone esta noite. Aconchegar-se em seu colo, aninhar sua cabeça em seu pescoço. Mas talvez ele queira um pouco de privacidade. Talvez ela também.

Ouve as árvores farfalhando ao vento e as ondas roçando na praia, mas esses ruídos não a acalmam. Quando os demônios chegam no meio da noite, nada é reconfortante.

Foi inevitável culpar a si mesma, culpar sua ambição. Tinha sido um daqueles dias atipicamente emblemáticos, em que tudo colidiu. Ela estava promovendo o leilão de um segundo romance muito aguardado, cujos concorrentes aumentavam suas ofertas a cada meia hora, de cerca de 50 mil dólares a quase um milhão ao longo do dia. Esse período tenso e lucrativo foi seguido por um evento de gala às 19h15, que incluía uma homenagem a outro autor dela. Portanto, o dia frenético contou apenas com uma mudança de roupa.

A parte noturna do trabalho era igualmente importante. O fato de haver comes e bebes e roupas elegantes não significava que não fosse trabalho: fazer e reativar contatos na hora do coquetel, no salão de baile, no toalete das senhoras, no pátio onde os fumantes se reuniam, um *tête-à-tête* depois do outro, alegres apertos de mão, beijos no rosto e agendamentos de encontros.

A babá ligou umas duas vezes durante o dia de dezesseis horas de Isabel, avisando, preocupada, que o resfriado de Tommy estava piorando. Mas o marido de Isabel viajava a negócios e Isabel não queria que fosse Lupe a levar Tommy ao médico. O inglês da babá poderia ser descrito como fraco e às vezes isso fazia diferença. De modo que Isabel marcou uma hora no pediatra para a manhã seguinte bem cedo. Teria problemas por faltar à reunião semanal da equipe, mas, de vez em quando, para uma mãe que trabalha, isso era inevitável.

Qualquer um teria feito o mesmo. Nos meses seguintes, as pessoas haviam lhe dito isso o tempo todo, alguém teria feito exatamente a mesma coisa. Só que, é claro, não fizeram.

Já passava de meia-noite quando Isabel chegou em casa exausta. Agradeceu Lupe e mandou-a embora de táxi com um extra de 50 dólares, deixou seu vestido de coquetel no chão do quarto e caiu na cama.

Acordou de madrugada com os gritos. Tommy estava ardendo em febre, com mais de 40 graus. Ela desceu depressa com o menino nos braços e correu pelo quarteirão, ofegante e desesperada, até encontrar um táxi.

– Não se preocupe, querido. Vamos chegar ao médico em um minuto.

O hospital era a 1,5 quilômetro de distância. O táxi arrancou, a lúgubre luz azul se refletia nos caminhões de lixo encardidos, a classe baixa lavava as

calçadas, os ambulantes vendiam doces, posicionando seus carrinhos em frente aos prédios de escritórios, os corredores com faixas reflexivas em seus shorts, a atividade normal da cidade grande voltando à vida.

– Estamos chegando? – perguntou Tommy, como fizera tantas vezes recentemente do banco de trás do utilitário reluzente, limpo toda semana pelos zeladores da garagem. Seja a caminho da casa da sogra, no Brooklyn, ou de seus pais, no Vale do Hudson, era algo que o menino perguntava o tempo todo.

– Falta pouco – respondeu ela.

No banco do táxi cheirando a mofo, ela afastou o cabelo úmido de febre da testa do filho. No escorregadio banco de vinil prateado do táxi, sacolejando por causa da rua esburacada, Tommy fechou os olhos e ali mesmo entrou em coma.

Uma hora depois, o filhinho de Isabel estava morto. Uma infecção cardíaca, dissera o médico, que tinha virado a noite trabalhando, sabe-se lá por quanto tempo. Estava cansado e frustrado, e talvez tenha tido menos tato do que deveria.

E, o médico acrescentara, não havia quase nada que ela pudesse ter feito. Quase nada.



Isabel está agitada e com sede. Levanta-se da cama e vai até o banheiro, estende a mão para o interruptor, mas depois percebe que há claridade suficiente com o luar. Não precisa de energia elétrica, não quer despertar mais que o necessário. Aliás, deveria ter continuado a dormir.

Pega o copinho no suporte de cerâmica preso à parede de madeira e percebe que a borda está lascada, uma pequena sombra feita pelo luar que entra pela janela, um pequeno arco escuro no círculo brilhante da borda, um único defeito. Abre a torneira fria, deixa a água correr e expelir ferrugem, sedimentos, o que quer que seja, metal, terra e crostas que se acumulam no encanamento antigo de uma casa como esta. Bebe o copo inteiro num longo gole, depois o enche de novo.

Do outro lado do quarto, as portas francesas que levam à pequena varanda estremecem com uma lufada de vento. O quarto está abafado, as portas balançam. Ela deveria deixar entrar um pouco de ar fresco; deveria ir lá fora, respirar a brisa salgada. Precisa acalmar sua mente para poder dormir, para poder sobreviver. Os seres humanos precisam mais de sono do que de comida. E, sem dúvida, ela terá que enfrentar desafios maiores amanhã. Talvez até antes de amanhã.

Meu Deus, pensa, no que foi que eu me meti? Como isso vai acabar? Isabel sabe que está sendo perseguida, que estão em seu encalço. Desconfia de que logo será encontrada. Na verdade, está surpresa por ter conseguido chegar até aqui.

Cogita se, na verdade, a teriam *deixado* chegar até aqui, para ver aonde ela os leva, o que faz e com quem.

Talvez esteja sendo manipulada, não perseguida. Talvez seu plano não dê certo, afinal. Talvez precise de ajuda. Talvez possa obtê-la de uma fonte improvável.

Apesar de estar absolutamente furiosa com o que o manuscrito revelou, deve admitir que foi preciso reunir uma enorme coragem para contar aquelas verdades. E também para orquestrar as amplas maquinações, a logística complexa, os recursos, a previsão. Tudo isso exigiu um esforço incrível. E o objetivo de todo esse esforço, ela sabe, é a expiação. A busca do perdão.

Há um computador velho em cima de uma mesa num canto do quarto, um dinossauro que poucos anos atrás era visto como um equipamento de última geração. Ela o liga, as ventoinhas zumbem e as luzes piscam.

Isabel abre o navegador e faz login na sua conta de e-mail secundária, que não usa há anos. A conta da agência deve ter sido desativada a essa altura. Quase ninguém sabe da existência desse seu e-mail mais antigo. Certamente ninguém que conheceu Isabel nos últimos cinco anos. Ninguém que tenha começado a segui-la recentemente.

Digita rápido, os dedos voando sobre o teclado, muito mais fácil do que no celular. Relê sua mensagem, depois aperta Enviar.



Isabel segura a alavanca da porta, pressiona para baixo, solta o trinco. Empurra, mas a porta travou.

Ela se vira para voltar para a cama, mas as pontas dos dedos permanecem na alavanca. Odeia ser derrotada por pequenas coisas. Volta-se para a porta, determinada a empurrá-la com mais força. Olha para cima e para baixo do batente, tentando identificar o ponto preso, o local da discórdia, onde deve pressionar.

Dá outro empurrão firme e a porta se abre, os painéis de vidro estremecem. Pisa com cuidado ao passar por ela, desce alguns centímetros para as tábuas pintadas da varanda estreita, de apenas 2 metros de largura. Sem espaço para nada, apenas o suficiente para ficar em pé e ver o pôr do sol, contemplar o mar e as estrelas.

Uma rajada de vento bate no seu rosto, um tapa forte de maresia.

Olha para o gramado, os arbustos, as árvores, tudo brilhando em esmeralda e negro ao luar. Outra forte lufada de vento penetra por cima do pijama de linho bem gasto que encontrou no armário do corredor, desnudando a base de seu pescoço, o começo dos seios. Sua mão instintivamente se ergue para segurar o

tecido, para fechá-lo, para se proteger.

A porta bate com um baque atrás dela, impelida pela mesma rajada que lhe abriu a gola do pijama, e Isabel se vira, assustada. Mas é apenas a porta, batendo com o vento. Em seguida ela se abre bruscamente, e mantém-se alguns centímetros entreaberta.

Ela se volta para o céu, para a vista. Mas algo lá dentro chama sua atenção. Gira a cabeça para ver que a porta do quarto se abre lentamente. Talvez seja o vento causando algum tipo de vácuo. Talvez não.

Isabel se esgueira para o canto da varanda, ficando escondida, e observa. A porta se abre mais um pouco, e ainda assim ela não consegue enxergar nada do outro lado, somente a escuridão de um vestibulo sem janelas, sem claridade, sem luzes, sem luar. Apenas escuridão.

A porta se abre mais e mais, até ficar escancarada.

E então ela vê um joelho coberto de tecido aparecer sob o luar, e em seguida um pé. Não o pé descalço de Jeffrey, mas um sapato de couro. Então, outro joelho e um torso, depois os ombros e a cabeça; em seguida, aparece o rosto, e nada disso pertence a Jeffrey. É de alguém que ela nunca viu antes, um estranho que entra em seu quarto no meio da noite. Um intruso. Com uma arma em punho.

Ela desliza para o lado, completamente fora da visão de quem está dentro, o corpo encostado nas telhas ásperas de madeira castigadas pelo tempo.

Dá uma olhadela para baixo. Até o gramado, deve haver uns 6 metros, mas há grama lá embaixo. É macia. Pode não doer. Pode ser que ela fique bem.

Mas também pode quebrar as duas pernas, levar um tiro e morrer, tudo nos próximos dois segundos. Sua vida pode acabar, agora mesmo.

Outra rajada de vento, e a mão de Isabel instintivamente pousa de novo no decote, bem como a porta bate de novo e volta a se abrir, e ela percebe que esse ruído foi notado pelo intruso e que ela praticamente não tem tempo antes que o homem com a arma a encontre.

Ela pula.



A queda demora mais do que o esperado, e Isabel tem tempo para pensar no impacto, dobrar os joelhos, se preparar, se agachar e rolar, a grama molhada e fresca, o orvalho nos joelhos nus umedecendo o linho fino que cobre suas costas, umedecendo seu rosto enquanto ela completa a cambalhota e, com a respiração ofegante e em pânico, acaba sentada.

Isabel se põe de pé num salto e dispara em direção à fileira de hortênsias que separa o plano horizontal do gramado exuberante da face vertical do penhasco acima da praia coberta de cascalho e pontilhada de rochedos.

Ela consegue distinguir um espaço entre dois arbustos, o portão de cedro com sua trava de ferro forjado, mais nítido à medida que ela se aproxima. Faz um movimento rápido para soltar a trava, abre o portão, bambo nas dobradiças soltas, e já está descendo a escada instável de dois em dois degraus, segurando o corrimão para fazer a volta nos patamares, quando uma farpa penetra profundamente na sola de um dos pés, a dor lancinante de uma pequena lasca de madeira enfiada em sua carne.

Ela quase grita, mas consegue se conter.

Continua descendo as escadas aos pulinhos, mancando agora com o pé machucado, num ritmo instável, irregular, escorregando quando faz a volta em outro patamar, desabando sobre a superfície tosca da madeira gasta, o mato passando pelos espaços entre as tábuas. Seu joelho está sangrando.

Isabel olha para o alto do penhasco e vê uma figura saindo do portão, olhando para baixo, localizando-a. Ela se levanta, derrubada por seus próprios equívocos e, cautelosa, continua descendo as escadas até o fim, até a praia coberta de pedras de todos os tamanhos possíveis, machucando as solas dos pés descalços, e pula por cima de pedaços de troncos trazidos pelas águas, contorna rochedos do tamanho de carros, entrando até os tornozelos no frio chocante da água do início do verão.

Olha para trás, vê o homem saltar os últimos degraus para a praia.

Ela passa correndo por um barco a remo em pé, então vê outra escada 50 metros à frente, que pode levá-la de volta ao penhasco, à casa de um vizinho e um pedido de socorro pelo telefone, um caminho, uma estrada, segurança, liberdade...

Então ouve o estrondo de uma arma e se pergunta se levou um tiro.

Quando Jeff ouviu o tiro, um espasmo percorre todo o seu corpo, como se recebesse um choque elétrico.

– O que foi isso?

E, alguns segundos, depois soam mais três tiros. O homem lança-lhe um olhar, como se dissesse: “Claro, está falando sério?” Foi há poucos minutos que o sujeito desceu correndo as escadas, apontando para o jardim, gritando para o companheiro: “Vá atrás dela!” E então ele desceu os últimos degraus e voltou sua atenção para Jeff. Acenou com a pistola na direção de Jeff.

– Fique parado.

E é exatamente isso que Jeff faz.

– Foram tiros? – pergunta Jeff.

– Qual é a situação?

– Hã? – diz Jeff, então percebe que o cara está falando num microfone, em algum lugar. Preso no paletó? Implantado em sua mandíbula? Quem sabe. O que importa.

– Situação? – repete o homem, mas não obtém uma resposta.

– Ela não tem uma arma de fogo aqui, tem, Sr. Fielder?

– Acho que não – responde Jeff –, mas como eu vou saber? Ninguém me diz merda nenhuma.

– É mesmo?

Alguns segundos se passam em silêncio.

– É verdade o que está no manuscrito? – pergunta Jeff.

– Não sei.

Jeff olha para esse homem, esse intruso armado, apesar da aparência, no meio da noite na sala de uma casa de praia, protegendo os segredos de pessoas poderosas.

– Quem é você?

– Quem acha que sou?

– FBI?

– Quase. Que diferença faz para você, afinal?

Jeff não sabe. Acha que o sujeito tem razão; não faz nenhuma diferença para qual organização ele trabalha.

– É seu trabalho evitar que esse livro seja publicado?

– É.

– Por qualquer meio necessário?

O cara sorri.

– Correto, Sr. Fielder. – Ele brande a pistola. – Qualquer meio. Destruí sua cópia?

Jeff aponta com a cabeça para o fogo ardente, agora com chamas baixas, os pequenos troncos totalmente envolvidos em gavinhas azuis que dançam.

– Alguém mais no escritório tem uma cópia?

– Dei algumas páginas para meu chefe, Brad McNally. Não muitas. Não o suficiente para ser um problema. Levantaria suspeitas se não lhe desse alguma coisa – acrescenta Jeff, na defensiva. – Aquela parte do manuscrito não continha nada de particularmente... prejudicial, acho.

– Mais alguém?

– Ninguém.

– Como a Srta. Glyndon-Browning conseguiu uma cópia?

– Não sei. Eu não lhe dei nenhuma cópia.

– E a cópia da Srta. Reed?

– Está... – É agora, o momento em que pode consumir a traição ou não. Quando vai trair Isabel ou não. – Eu a queimei também.

Os dois homens se entreolham.

– Não há outras cópias nesta casa?

Jeff faz que não com a cabeça.

– Então, nosso negócio ainda, hum...?

– Bem, depende.

Jeff não sabe o que isso significa, e está prestes a pedir esclarecimentos quando a porta da varanda se abre. Em um instante, o homem deu os três passos que os separavam e levou a pistola à têmpora de Jeff. Um refém.

Então os dois homens olham para a porta e veem Isabel entrar mancando, desgrenhada, sangrando e aterrorizada, apontando uma arma.

O autor tira o pé do acelerador, mas não o transfere para o freio, sem saber qual é sua situação. Sim, este carro é roubado, mas a polícia não pode saber disso, ainda não. Sim, as armas do crime estão numa sacola no banco do carona, mas a polícia também não sabe disso ainda. Sim, ele é um fugitivo, uma fraude, vivendo sob um nome falso. Será que a polícia suíça sabe disso?

Ele olha pelo retrovisor de novo, com o pé ainda entre os dois pedais, o carro diminuindo a marcha gradativamente.

Então decide afundar o pé no acelerador. Porque é muito pouco provável que qualquer tipo de interação com a polícia aqui, nesta estrada sinuosa nos contrafortes dos Alpes, não acabe com ele sendo detido. E isso levaria, quase que imediatamente, a seu assassinato, uma bala na testa enquanto ele estivesse algemado, balançando a cabeça, negando, e sua última palavra seria uma súplica, “por favor”.

Sente o acelerador sob a sola e usa os músculos do tornozelo e da panturrilha para pressionar fundo o pé no pedal de borracha com ranhuras, primeiro para experimentar, ganhando apenas alguns quilômetros por hora...

Então, sua atenção é atraída por uma grande agitação no retrovisor, o patrulheiro da polícia passando para a pista da esquerda, acelerando fortemente, uma bala passando... por ele... e para além dele, sem interromper seu caminho, mas ganhando velocidade na reta à frente e rapidamente desaparecendo de vista, indo embora, um assunto que não tem a ver com ele.



Parados ali no acostamento da estrada escura de Ithaca sob a chuva, Dave percebeu o que estava acontecendo, mas não conseguia acreditar. Virou-se para Charlie, de boca aberta, incapaz de dizer qualquer coisa, apenas olhando para seu amigo sentado ali, de cabeça baixa, arrasado.

– Eu a matei – concluiu Charlie, atordoado, os olhos vazios.

Putá merda, pensou Dave. Charlie acredita que ele é quem estava dirigindo. Qual seria a coisa certa a fazer no caso? Para si, para seu amigo, para essa menina morta, para o mundo? O carro era de Charlie, a garota estava ficando com Charlie e quem estava bêbado e se comportando mal, causando a morte dela, foi Charlie. Se alguém devia pagar por esse acidente, era ele. Seria justo. Não seria?

Dave, por sua vez, não tinha feito nada de errado, não de fato. Foi ele quem se manteve sóbrio. Foi ele quem pôs um ponto final no abuso sexual. Foi ele

quem tirou o sujeito perigoso de trás do volante. Ele só tinha boas intenções. Não era justo que fosse punido.

Dave olhou para a traseira do carro, por baixo dele, o corpo mutilado, sangue por toda parte.

Se Charlie acreditava que havia matado a garota, o que aconteceria com ele? Iria para a cadeia? Provavelmente não. Essa tragédia o forçaria a mudar de rumo, a ter juízo? Possivelmente.

Por outro lado, e se Dave assumisse a culpa? O que aconteceria com ele? Ele, David Miller, iria para a cadeia. Por um crime que não cometera, não com intenção. E Charlie Wolfe, por sua vez, acreditava que havia sido ele quem estava ao volante; acreditava que tinha matado a menina.

Por apenas alguns segundos Dave se debateu com a decisão de contar a verdade a Charlie. Admitir que era ele ao volante, o pé de Dave no pedal do acelerador, quando o Jaguar antigo atropelou a moça.

– É – disse Dave, completamente inseguro quanto a essa linha de conduta –, pelo jeito foi mesmo o que você fez.

E então Charlie tomou para si a decisão unânime, inequívoca, de esconder o corpo. Para manter segredo. Para encobrir o crime que pensou ter cometido. Charlie Wolfe, estava claro naquele momento, era um canalha sem coração, e Dave sentiu-se completamente vingado por ter decidido deixar que esse canalha sem coração acreditasse que era um assassino.

Com o passar do tempo, Charlie tomou um grande número de decisões semelhantes, e Dave ficou sentado de braços cruzados. Dave tinha engatado a contragosto seu vagão na estrela de Charlie, sem jamais ter explicitamente pretendido fazê-lo. Aconteceu uma opção aparentemente óbvia de cada vez, uma consideração prática após outra ao longo de 25 anos, descendo a ladeira escorregadia da amoralidade conveniente, transformando-se numa pessoa que jamais imaginara que se transformaria, até não ter mais estômago para aquilo. Foi quando começou a escrever.

Dave refletiu muito sobre o assunto, aquela escolha que precisou fazer. Qual havia sido o pior crime: a fração de segundo de inevitável desatenção não intencional ao dirigir um carro ou a decisão intencional de encobrir um homicídio veicular e fugir para luxuosas férias de verão na França, deixando o corpo da garota morta apodrecer num barranco?

Quem era o vilão dessa história?



Foi quase insuportavelmente doloroso escrever o trecho em *O acidente* sobre o acidente em si, revivendo os detalhes, os sons e as cenas, a sensação da chuva

fraca daquela noite. Dave sentia-se pressionado pela culpa, e, mais uma vez, furioso com a injustiça que foi estar ele próprio ao volante, em vez da pessoa que tinha sido o estuprador, o motorista bêbado, o conspirador que quis fugir do local do crime para esconder as provas.

Então, na semana anterior, ele se sentou na frente de seu pequeno computador elegante, diante do lago suíço cintilante, e tentou outra coisa: revisou as páginas de acordo com o que Charlie acreditava que tinha acontecido naquela estrada, formalizando a mentira com a qual eles vinham vivendo durante suas vidas adultas. Na mídia impressa, a mentira se perpetuaria.

Foram apenas duas páginas do texto, representando dois minutos de vida e morte, e os dois minutos de tempo que se levaria para ler a passagem. Apenas umas dez alterações, mudando o nome do motorista de Dave para Charlie.

Dave releu a passagem várias vezes, debatendo consigo mesmo se deveria revertê-la para a verdade de fato ou se deveria difundir aquela verdade melhorada, aquela verdade mais verdadeira, na qual a pessoa ruim é que tinha feito a coisa errada.

Apertou Salvar e fechou o documento.



Ele força a si mesmo a se acalmar, a diminuir a velocidade do pequeno carro esportivo para 80 quilômetros por hora, que ronrona de forma constante na pista lisa, sob a luz do sol que brilha intermitente sob as copas densas das árvores das colinas acima de Zurique.

Ainda está tremendo quando seu celular vibra, um sobressalto de parar o coração depois da adrenalina do carro da polícia. O telefone está com a tela para baixo no banco do carona, e não dá para ver quem liga. Ele tenta virar o aparelho, mas sua mão direita trêmula acaba por jogá-lo no chão. Ele estende mais o braço, tira os olhos do para-brisa por uma fração de segundo. Não consegue alcançar...

Não, pensa. Perigoso demais.

Deve ser Isabel. Será que tem novidades? Alguma proposta de um editor?

Com uma olhadela, vê o celular em cima do tapete cinzento limpo. Ninguém nunca se sentou no banco do carona, os tapetes nunca foram manchados com solas de sapatos.

Ele se abaixa de novo, perde a estrada de vista novamente, sente que os dedos envolveram o celular. Quando começa a apurar o corpo, seu ombro bate no volante revestido de couro, sua cabeça também, e ele fica preso por um instante, em pânico...

Solta-se, levantando-se, endireitando as costas depressa. Ergue o olhar acima do nível do painel, e vê, tarde demais, seu carro chocar-se com a encosta da

montanha...

Não o surpreende ser uma imagem do rosto de sua ex-mulher que ele agora vê. Não o rosto trágico, entristecido, marcado pela idade, que viu no inverno passado no vestibulo de seu apartamento em Manhattan, ouvindo-o contar que estava com câncer. Mas o rosto dela naquela noite de anos atrás, sentada diante dele naquele restaurante italiano perto de Washington Square, com a graspa, as taças de Porto, os pratos de biscoitos e chocolates espalhados pela mesa, inclinando-se para trás com um sorriso brincalhão de covinhas no rosto, as faces coradas por causa do vinho e de toda a atenção, os momentos finais de um primeiro encontro, antes que qualquer um deles percebesse que era o início de um romance, que haveria uma proposta, um casamento, um menino lindo...

E pensar que, durante alguns dias, naquela época, ele achou que talvez tivesse que matar Isabel Reed. Mas acabou se casando com ela, em vez disso.

Seria irônico se estivesse realmente prestes a se matar, também, num acidente de carro.

Por alguns segundos, ninguém diz nada, ou se move, entreolhando-se sob a claridade fraca do fogo aceso e de uma única lâmpada de baixa potência por trás da cúpula de pergaminho do abajur.

– O que pensa que está fazendo? – pergunta Hayden.

– Largue a arma.

Hayden vê que Isabel tem um corte no joelho, uma aba de carne sangrenta na patela, o sangue escorrendo pela perna, ao redor do tornozelo, no peito do pé.

– Acho que não.

Hayden não pode ignorar que a mão dela está tremendo. Ela pode muito bem matá-lo por engano. Seria uma vergonha terrível. Pensou em muitos possíveis momentos finais para essa charada complicada, mas ser morto por engano não foi um deles.

Sente-se muito mais calmo do que acha ser necessário, tendo em vista a gravidade da situação. Pergunta a si mesmo se esta será sua versão do suicídio assistido por policial. Um suicídio assistido pela vítima.

– Já pensou bem nisso? – pergunta ele. – Acha que simplesmente vou embora e deixá-los em paz?

Ela não responde, nem mesmo abre a boca.

– Percebe que há uma grande probabilidade de você errar o tiro? Não é tão fácil quanto pensa atirar em alguém a mais de 12 metros de distância.

Hayden pressiona mais o cano da pistola contra a cabeça de Fielder e segura a arma com mais força. Para dar impressão de que sente muita vontade de atirar na cabeça do editor, mesmo que não esteja nada disposto a fazer isso.

– Por outro lado, é impossível que eu erre.

Isabel ainda está em silêncio, imóvel. Não tenta avançar ou fazer qualquer coisa para mudar a situação. O que não faz muito sentido. E ela não é uma pessoa que faz coisas sem sentido.

– A única questão é: o cérebro do Sr. Fielder vai ficar salpicado na parede? Ou esparramado sobre a mesa de café? Ou vai só escorrer como gosma pegajosa no chão?

Hayden tem certeza de que essa mulher está novamente tentando enganá-lo. Mas como? O que poderia estar fazendo, ali parada...?

Ela deve querer ganhar tempo. O que significa que espera que algo aconteça. Está esperando por alguém? Está mantendo Hayden concentrado nesta parte da casa porque alguém vai chegar de outro lugar. De trás?

– Levante-se.

E puxa Fielder pelos cabelos.

– Ai!

Hayden arrasta Fielder para trás, para a sala de estar, onde há uma parede larga com uma quantidade enorme de fotografias em molduras penduradas, algumas das quais se espatifam quando ele as derruba ao se encostar, com Fielder na frente servindo de escudo. Além do tilintar de vidro quebrado, Hayden ouve outro som, um rangido, e desvia os olhos e a mira da arma de Isabel para outro extremo da casa, para a sala escura e a porta da frente, que está se abrindo.

Ele aperta o gatilho e dispara quatro vezes, voam lascas de madeira e estilhaços de vidro, há um grito de homem e um baque seco quando o corpo do sujeito cai no chão. Hayden refaz sua mira e faz mais três disparos no que agora é sem sombra de dúvida uma pessoa morta e, rápido, volta a apontar a arma para a témpora de Fielder enquanto Isabel grita. Depois tudo fica em silêncio.

– Há outros?

Ela não responde, trêmula. Nem aponta mais a arma, que está virada para o chão.

– Há mais outros deles? – grita Hayden.

Ela faz que sim com a cabeça.

– Mais um, baleado. Morto, acho. Na praia.

– Quem são?

– Guarda-costas.

– Você tem guarda-costas? Contratou guarda-costas?

– Eu nem sabia que eles existiam. Até alguns minutos atrás.

Ele entende: o autor contratou esses homens para tomar conta da agente. Para protegê-la. Nada surpreendente, afinal.

Hayden não queria que esse caso se transformasse num banho de sangue, mas olhem só para isso. Jorra sangue dos furos do homem caído na porta, pinga sangue do joelho ferido de Isabel, escorre sangue de Tyler em algum lugar na praia, junto com o parceiro desse cara morto. E agora Hayden percebe que escorre sangue também de seu próprio pulso esquerdo, do polegar e da palma da mão, caindo gota a gota no chão da ponta do seu dedo indicador. Sente a manga da camisa úmida. Seu braço esquerdo começou a arder. Hayden foi atingido no braço, pelo jeito. Droga.

Sempre soube que um dia levaria um tiro, e é espantoso que isso não tivesse acontecido até agora. Quase levou um tiro várias vezes. Inferno, quase foi baleado hoje cedo – ou foi ontem? – em Copenhague. Mas um quase tiro e um tiro de verdade são coisas muito diferentes.

Precisa dar o fora daqui.

– Onde está? – pergunta ele, com a voz firme.

– O quê? – responde Isabel, balançando a cabeça. – Não sei.

– Onde está esse maldito manuscrito? – berrou ele a plenos pulmões.

Ela grita mais uma vez.

– Não aqui. Num lugar seguro. Em Nova York.

Hayden se vira para Fielder, petrificado. Hayden pode ver a súplica nos olhos do sujeito. “Por favor, não conte a ela. POR FAVOR.” Hayden levanta a arma e acerta Fielder no maxilar.

O sujeito desmorona, gritando de dor.

– Seu mentiroso idiota. – Ele chuta Fielder no abdômen. Mas não com tanta força quanto poderia. Vira-se para Isabel. – E você está mentindo também.

Seu braço esquerdo começou a latejar. Está ficando sem tempo e sem paciência.

– ONDE ESTÁ?

Hayden desce o braço direito, aperta o gatilho e há uma explosão e uma rachadura do piso de madeira. Fielder grita, com um buraco no pé. Hayden volta a apontar para o rosto dele, agora contorcido de dor e pavor absoluto.

– Vou matá-lo – diz Hayden, da maneira mais convincente que consegue. Não quer matar mais ninguém esta noite. Espera que nunca mais.

– Não – diz ela, esforçando-se para falar. – Não vai. Olhe, ali na estante. Quarta prateleira de baixo para cima, junto a esse livro com a lombada vermelha grossa.

O olhar de Hayden encontra o local indicado na prateleira, um círculo escuro brilhante.

– E lá – continua ela, apontando para um recipiente de vime num aparador. – Há outras. Ativadas por movimento. Câmeras de vídeo.

Hayden dá um passo em direção à estante, como se quisesse arrancar a câmera fora e pisar nela.

– Não adianta – diz ela. – Estão ligadas em rede a um computador portátil que está enviando o vídeo para um servidor que fica, bem, em outro lugar.

Hayden se vira para a mulher, pensa em falar a verdade e contar-lhe que está errada. Contar que ele já desativou o sistema de vídeo, desligou as câmeras do notebook, apagou tudo que havia nele. E que fez isso porque sabe o motivo pelo qual ela está aqui, nesta casa, porque escutou a conversa dela ao telefone com Naomi, porque sabia que viria para cá, mesmo fingindo ir para outro lugar. Opta por fingir que se deixou enganar. Fingir que não sabe o que ela fez na copiadora esta manhã. Porque, embora ela seja muito inteligente, ele é mais inteligente do que ela.

Mas ela não é a pessoa que precisa enganar. Começa a andar em direção a Isabel.

– Você seria filmado cometendo assassinato a sangue-frio.

Hayden está a poucos passos dela. Ele admira sua coragem e sua capacidade de se esquivar, sua persistência. Também tem pena, da má sorte que tem enfrentado na vida, com a morte à sua volta durante duas décadas. Tem vontade de explicar tudo a ela, quer lhe dizer que tudo vai ficar bem. Que ela vai vencer.

Mas não pode fazer isso. Precisa desempenhar seu papel, manter sua fraude.

– Quer saber? – diz ele. – Não ligo a mínima.

Ele levanta a arma mais uma vez para o rosto dela. Ela arqueja.

– Não! – Fielder grita atrás dele. – Está na cozinha. No congelador.

Hayden vê no rosto da mulher que é verdade.

O agente atravessa a sala calmamente e arranca a arma dela, a arma de Tyler. Passa pela sala de jantar, acende a luz da cozinha, abre a porta do compartimento abarrotado de coisas, porções de sopa congelada de mariscos e potes de sorvete e garrafas de vodka e limoncello e recipientes de suco concentrado e um saco de caudas de lagosta embaladas a vácuo e uma caixa com uma dúzia de ravióli. E um saco plástico grande, fechado com zíper, contendo uma pilha grossa de papel.



No banheiro, consegue gaze, esparadrapo, pinças, tesouras, iodo, analgésicos e um vidro cheio pela metade dos antibióticos prescritos. Despeja tudo numa sacola de praia feita de lona junto com o Ziploc contendo o manuscrito, além da arma do guarda-costas contratado, agora morto, bem como um boné de beisebol e um grande poncho no armário de casacos do vestibulo, uma caixa de barras de granola e uma garrafa d'água da despensa.

A coleta desses suprimentos leva dois minutos.

Passa correndo pela sala de jantar, entra na sala de estar, esperando ver Isabel debruçada sobre o pé alvejado de Fielder. Mas ele se detém, paralisado, quando dá com ela em pé no meio da sala, apontando-lhe uma pistola. Onde ela conseguiu outra arma?

– Não seja ridícula – diz ele, sem se mexer. Talvez ela não esteja sendo ridícula. – Guarde isso antes que se machuque. Está mesmo carregado?

Ela gira o braço para o lado e atira na parede, depois aponta para Hayden novamente. Ele tem duas armas, mas, naquele momento, nenhuma delas está em sua mão.

Talvez este seja o fim de tudo; talvez seja isso que ele merece. Ser abatido com um tiro aqui, por uma amadora. Seria uma justiça poética, de certa forma. Depois de uma vida passada entre agentes profissionais e ativos financeiros e criminosos e diplomatas, na Europa, levar um tiro de uma agente literária na casa de fim de semana de alguém em Long Island. Se pelo menos houvesse uma piscina, ele poderia ser encontrado boiando com o rosto virado para baixo, como Gatsby.

Hayden encara Isabel, pálida e ainda sangrando, cheia de determinação.

E a questão é que ela está certa e ele está errado. Ela está fazendo o que deveria, ele não.

Dane-se tudo, pensa ele. Se ela vai mesmo atirar em mim, que atire.

Começa a andar, olhando para a frente. Sente que ela o acompanha na mira da arma por toda a sala, e se prepara para o disparo, a queimação, a dor. Vê a si mesmo caído no chão de madeira fria, sangrando, morrendo. Não haveria nenhum funeral.

Entretanto, até o momento em que chega à porta, não foi baleado. “Boa sorte”, ouve-se dizer, em voz baixa, audível apenas para si mesmo. Pelo menos pode permitir-lhe a satisfação de pensar que ela o enganou.



Foi há uma vida, durante o verão, antes da faculdade, que Hayden partiu de Cape Cod para a Islândia, no Atlântico Norte, até seu porto de destino de rocha vulcânica na Península Seltjarnarnes, no paralelo 64, a mesma latitude do Alasca central, da Sibéria e da Groenlândia.

A água era gelada. Baleias jubarte vinham à tona e botos nadavam ao lado do barco. Os três marinheiros choraram de alegria à visão da negra costa escarpada depois de três semanas no mar, enjoados da comida e do balanço do barco, doentes de tédio, enjoados do cheiro de mofo dos colchões finos, enjoados uns dos outros.

Foi uma grande aventura absurda, aquela viagem, Hayden e seu primo acompanhando o tio numa missão para vender um barco velho e castigado para um parente distante na Escócia – passando pela Islândia, pelas Ilhas Faroe e em seguida, indo para Aberdeen –, a venda servindo de desculpa para comprar um barco maior e mais bonito, bem como para velejar durante um mês e seu tio passar julho inteiro fora do escritório, eles três trocando entre si livros de bolso de Norman Mailer e John Updike, esquentando latas de sopa Campbell. Uma viagem que nenhum deles jamais iria esquecer.

Vai ser muito mais difícil sozinho, mas não impossível. Ele vai atravessar o Sound velejando até Stonington, em Connecticut, ou, com este vento, chegar a Newport, Rhode Island. Vai ficar atracado por um dia para comprar suprimentos, peças de reposição e mais material de primeiros socorros; a ferida é superficial e de pouca importância, a bala passou de raspão em seu braço. Ele vai alterar os números do casco, comprar velas e peças de reserva, verificar três vezes todos os aprestos. Então, se o vento estiver favorável, ele terá passado o Cabo antes do fim de semana, antes que o proprietário deste veleiro – um usuário de fim de semana, sem dúvida – note que seu barco não está atracado onde o deixou. Ou talvez o proprietário leve mais uma semana ou duas para notar. Portos como este estão repletos de embarcações pouco utilizadas.

Acha graça quando percebe que o tiro que o atingiu, que causou o pequeno ferimento no braço, pode ajudá-lo. Os investigadores podem pensar que ele morrerá. Deixou cair uma boa quantidade de sangue naquela casa.

Eles vão procurá-lo, é claro. Mas ninguém vai imaginar que ele iria roubar um barco e atravessar o Atlântico, desaparecer com mais de 20 milhões de euros escondidos numa conta numerada na Suíça que ninguém sabe que existe.

Sentado no frio crepúsculo parisiense com Charlie, há seis meses, Hayden percebeu que estava farto daquela vida. Dos compromissos éticos e dos dilemas morais, dos subterfúgios cotidianos e das desonestidades íntimas. De uma existência cuidadosamente administrada que ele permitiu que escapasse de seu controle, para cair nas mãos de alguém em quem ele não deveria ter confiado, para sucumbir à influência de uma ambição que ele nunca havia realmente tido. Mas a ambição, aparentemente, era algo que podia ser impingido a alguém por uma pessoa mais ambiciosa.

Às vezes, a vida conspira para colocar uma pessoa numa situação ruim, para forçá-la a fazer algo que ela sabe que não deveria. Então, o que lhe resta? A pessoa faz o que é preciso. Rastreia e destrói todas as cópias de um manuscrito, mata metade das pessoas que o leram, assusta a outra metade, caça e acaba com o autor.



Ou finge fazer tudo isso. E então desaparece.

Ele escolheu a cidade onde vai viver, umas duas horas ao norte de Reykjavík, na Península Snæfellsnes, à sombra do vulcão Snæfellsjökull. Alugou uma casa, usando o que será seu novo nome, e encheu-a de móveis e roupas, um suprimento básico de alimentos. O vizinho criador de ovelhas concordou em ficar de olho nas coisas.

A luz do sol começa a se infiltrar no horizonte, a leste, mas a oeste ainda é noite fechada, o mar agitado brilhando à luz da lua. Hayden fixa o leme. Pega a bolsa e tira a supostamente última cópia restante do manuscrito, e olha para a página do título, estranhamente legível à luz do luar. Continua lendo de onde parou. E, à medida que termina cada folha digitada, ele a joga no mar, onde flutua brevemente, absorvendo a água salgada, até afundar.

O segredo para abandonar uma luta, Hayden acredita, é ninguém saber, jamais, que você fingiu ter sido nocauteado.

Isabel não sente os dedos dos pés. Na verdade, não sente os pés. Tudo abaixo da cintura parece estar insensível. É preciso muita concentração para forçar as pernas a se mexerem, mas ela consegue, um pequeno passo de cada vez.

– Por que você não atirou nele? – pergunta Jeffrey.

– Isto não é... – Isabel começa a falar, olhando para a arma na mão. – As balas não são de verdade. – A arma de Naomi tinha sido usada como acessório em um de seus filmes esquisitos. – São de festim.

Jeffrey examina o pé que sangra.

– Você poderia, hã...

E aponta para baixo. Isabel vai até o banheiro, pega uma toalha de rosto. Volta para junto de Jeffrey e envolve a ferida com firmeza. Usa o telefone fixo para discar 911, intrusos em casa, homem ferido, venham depressa, obrigada.

– O que você vai fazer com o vídeo? – pergunta Jeffrey. Ele está pálido, abatido, preocupado.

– Você está bem?

– Não, realmente.

– Uma ambulância está a caminho.

– E o vídeo?

– Não sei. Provavelmente nada.

Ele ergue os olhos para ela.

– De que adiantaria? – diz ela. – Como eu iria usá-lo?

Jeffrey não responde.

– Não podemos enviá-lo para a polícia – continua ela. – Nem para a CIA ou o FBI. Em quem podemos confiar? Qualquer um poderia estar do lado deles. Qualquer um. – Isabel balança a cabeça. – E, mesmo assim, castigar esse homem que acabou de sair não seria fazer a justiça que estamos procurando. Não é ele o vilão.

– Ele atirou em mim.

– Não é a justiça que eu estou buscando.

Isabel escuta algo, inclina a cabeça para um lado. Uma sirene, distante.

– Então você acha que ele ainda está vivo?

– Quem? Dave?

Ela imagina seu ex-marido em algum paraíso do Terceiro Mundo, em outro hemisfério. África, talvez, ou Pacífico Sul. Ele conhecia a América Latina muito bem, e romanceava as várias incógnitas do outro lado do mundo. Vai deixar o cabelo crescer e talvez usar uma barba desgrenhada. Mas aqueles olhos azuis continuariam inconfundíveis.

– Sim.

– E acha que isso vai detê-lo? Ou será que ele vai enviar outra cópia, talvez para outra pessoa?

– Não. Ele deve saber que essas pessoas todas foram mortas, e vai querer me proteger.

– É por isso que você ainda está viva? Foi por isso que eles não a mataram?

– Sim. Viva, eu sou útil. Assim, a ameaça de me matarem ainda pode pairar sobre Dave.

O som da sirene se torna mais distinto.

– E você não tem mesmo outra cópia?

Isabel olha para Jeffrey, indagando-se novamente sobre sua lealdade, sua honestidade.

– Não.

– Existe outra em seu escritório? Com sua assistente?

Alexis. Pobre moça. Parece que aconteceu anos atrás.

– Não. E você?

Isabel e Jeffrey se entreolham. Ela tem quase certeza de que ele está escondendo alguma coisa. E ele parece suspeitar o mesmo dela. Ele balança a cabeça.

– Então, acho que é o fim disso tudo.



É difícil dizer qual teria sido a revelação mais explosiva no manuscrito. Para a maioria dos leitores, Isabel pensa, seria saber que Charlie Wolfe matara uma garota. Ou que sua reação instintiva e inabalável foi encobrir o fato, com a ajuda do pai, figurão de Washington, e de seu parceiro de negócios.

Outras pessoas poderiam ficar abaladas com os atos posteriores. Como o fato de Charlie Wolfe ter conspirado com a CIA para armar uma cilada, incriminar falsamente ou comprometer empresários e políticos estrangeiros a fim de promover interesses políticos norte-americanos e garantir o sucesso dos sites da Wolfe Media. O fato de pessoas terem sido mortas nesse processo. O fato de, apesar de não ter quaisquer convicções políticas, a carreira de Charlie ter sido impulsionada pelas convicções muito mais simples de que seus programas deveriam ter classificações elevadas, seu negócio deveria ser rentável e ele deveria tornar-se imensamente influente e próspero. Ele pretendia concorrer para um alto cargo político.

No entanto, para Isabel, o que a abalou como um terremoto foi saber que Charlie Wolfe e Dave Miller haviam, certa vez, conspirado para assassinar a testemunha em potencial do papel representado por eles no acidente de carro na faculdade. Procuraram a testemunha, sondaram-na e descobriram que ela não poderia reconhecê-los. E Dave acabou se casando com a testemunha. Eu, pensa

ela. Eu era aquela testemunha.

Isabel ficou sentada na delegacia de Ithaca folheando arquivos de fotos policiais, depois os livros de todas as turmas de todas as faculdades da época na região de Finger Lakes, dezenas de milhares de pequenas fotos em preto e branco. Isso foi bem antes do Onze de Setembro, antes das câmeras de vigilância espalhadas, antes que todos pudessem ser rastreados aonde quer que fossem. Ela não havia encontrado os rapazes que saíram do clube de dança com Lauren; não podia começar a gerar uma pista.

Depois de algumas horas, ela deu de ombros.

– É impossível.

O policial assentiu, balançando a cabeça, e entregou-lhe outro livro de fotos. Agora ela sabe que, em algum momento, naquela tarde, realmente viu fotos desses rapazes de fraternidade, olhou para seus rostos plastificados, passou para a folha seguinte, ignorante. E ainda estava ignorante anos mais tarde, quando encontrou um deles num bar, concordou em jantar com ele mais uma noite, depois outra, casou-se com o sujeito, teve um filho com ele. Foram juntos ao funeral de seu bebê e se separaram. E ela acabou lamentando a doença dele, sua morte.

Sua morte simulada.



A porta da frente range. Está quase inteiramente aberta sob seu arco, deixando ver a subida de terra batida do caminho de carro que segue por dentro do bosque, cujas árvores estão ganhando vida com a luz, o sol logo abaixo do horizonte lá fora, prestes a coroar a curvatura da terra, a manhã nascendo clara e sem nuvens à luz dourada do verão.

A bolsa de Isabel está no chão, perto da porta, seu conteúdo de valor inestimável agora apreendido, confiscado, sem dúvida destruído. Há um pequeno rasgo no couro, de onde ela arrancou o aparelho de rastreamento que havia sido instalado por um homem a serviço de seu ex-marido, tentando mantê-la segura. Há a caneta e o bloco com que ela e Jeffrey trocaram bilhetes, tentando esconder seu diálogo de inimigos fantasmas que no final das contas eram protetores.

Há cartões de visita soltos espalhados lá dentro, assim como recibos dobrados, amassados e rasgados, impressos em papel frágil, que deveriam ser submetidos ao setor de contas a pagar para futuro reembolso. Agora Isabel vai arquivá-los para lançar como despesas comerciais de empresária autônoma nas declarações fiscais do próximo ano. Vai precisar etiquetar novas pastas de arquivos. Vai precisar comprar pastas de arquivo, e canetas e *Post-it* e papel de impressora, e

talvez uma impressora, e uma escrivaninha e uma cadeira para o escritório que vai ter que alugar, em algum ponto da cidade. Talvez instale sua empresa no centro de Manhattan.

Um dos recibos dentro da bolsa é de 80 dólares, drinques com um cliente em potencial num bar de hotel excessivamente luxuoso. Outro é de 52 dólares, livros novos de capa dura. Dezoito, de algumas revistas. Há pequenos canhotos de tarifas de táxi, entradas de cinema, notas de um sanduíche de aeroporto com uma garrafa d'água e um pacote de chiclete de hortelã.

E há o recibo de ontem, pago em espécie, na copiadora aberta 24 horas: 8 centavos vezes 488 páginas, o que deu 39,04 dólares.

Duas vezes.

O autor se desfaz dos airbags vazios que o cercam no banco do motorista, como plástico-bolha em torno de um caro vaso de cerâmica, embalado cuidadosamente numa caixa feita sob medida. Mas alguém não percebeu o rótulo de ESTE LADO PARA CIMA, e o carro está de cabeça para baixo, as quatro rodas girando no ar, indo a lugar nenhum.

Dave se arrasta para fora, para o chão da floresta. Não tem certeza se deveria tentar ficar em pé, não está confiante de que seu corpo esteja intacto, funcionando. Não há dor, mas talvez seja porque ele está em estado de choque. Talvez tudo tenha se quebrado, e ele esteja prestes a morrer, mas não sente nada.

Olha-se de cima a baixo, examina-se com tapinhas pelo corpo. Surpreendentemente, parece estar bem.

Desvia o olhar para a vertente da colina, para a estrada 3 metros acima, os pedaços retorcidos da grade de proteção. Em seguida, olha para o outro lado, para além do pequeno platô irregular em que o carro amassado está apoiado, para o declive abrupto de centenas de metros para baixo até a ravina, uma fenda profunda escavada por um rio estreito alimentado pela neve dos Alpes.

Essa foi por um triz. Mais uma.

Vai até o lado do passageiro. Vê seu celular lá, estende a mão e o agarra. Abre o e-mail que recebeu pouco antes de sair da estrada, lê a mensagem. Como esperava, é de sua ex-mulher:

Caro D.,

Estou feliz em saber que você está vivo. Não posso dizer que algum dia vá perdoá-lo, mas compreendo a maior parte das coisas que você fez. E aprecio o que você está tentando fazer com este livro.

Contudo, é impossível publicá-lo agora. Wolfe está matando pessoas e destruindo cópias do manuscrito. Como sabe, ele tem muitos recursos e muitos amigos, e nada vai detê-lo.

Portanto, vou deixá-lo acreditar que conseguiu eliminar todas as cópias. Até que as investigações policiais acabem, até que o FBI e a CIA tenham vindo e ido, até os funerais e obituários. Até que essa parte da história tenha terminado.

Então, vamos começar tudo de novo.

Beijo,

I.

AGRADECIMENTOS

Este livro passou por muitas mãos entre o meu teclado e sua mesa de cabeceira, e todas elas tiveram um papel importante. O mundo editorial é povoado por pessoas dedicadas, experientes e criativas, que trabalham arduamente, em geral ganhando muito pouco, e quase sempre sem receber reconhecimento algum. Então, aqui vai um...

O primeiro editor do manuscrito foi o agente literário David Gernert, com a assistência de Anna Worrall e Ellen Goodson na Gernert Company, em Nova York, cuja equipe de direitos de Rebecca Gardner e Will Roberts foi responsável pelas negociações para publicação no exterior; Sylvie Rabineau, em Los Angeles, tratou da questão ainda mais estrangeira dos direitos de filmagem. Kim Carpenter, também na Califórnia, me manteve honesto.

Alguns rascunhos depois, *O manuscrito* chegou a Molly Stern, editora da Crown, e aos editores Zachary Wagman e Meagan Stacey, com a assistência de Jesse Aylen, Sarah Bedingfield e Miriam Chotiner-Gardiner. E também às mesas dos editores da Faber & Faber, Angus Cargill e Hannah Griffiths, em Londres. Todas essas pessoas ajudaram a tornar o livro melhor, e a maioria delas ainda teve a gentileza de conversar comigo a respeito durante o almoço.

O texto foi então copidescado por Mary Anne Stewart e as provas revisadas por Susan Groarke e Scott Auerbach, num processo gerenciado pelo editor de produção Terry Deal. Essas pessoas ajudaram a remover erros, podar arestas e evitar desastres.

Em seguida, o texto foi transformado em livro pela designer Elina Nudelman, sob supervisão da diretora de design Elizabeth Rendfleisch; pelo capista Chris Brand sob supervisão da diretora de design Marysarah Quinn; e pela gerente de produção Luisa Francavilla, num processo supervisionado por Derek Gullino, Linnea Knollmueller, Amy Boorstein, Rachel Meier e Sally Franklin, numa linha de montagem que está sempre congestionada com mais de uma centena de livros novos.

Falando de uma grande quantidade de livros novos, há *centenas de milhares* deles sendo publicados a cada ano. A tarefa de lançar qualquer um neste mercado é hercúlea. Se por algum motivo você escolheu *O manuscrito*, é provavelmente por causa de Annsley Rosner, Sarah Breivogel e Carisa Hays, do setor de publicidade; Donna Passannante, Jay Sones, e Kayleigh George, do setor de marketing; Linda Kaplan e Courtney Snyder, do setor de direitos; ou Sheila O'Shea, editora.

Toda essa operação ocorreu numa companhia chamada Crown Publishing

Group, que se mantém sólida e próspera por obra e graça da presidente e editora Maya Mavjee, junto com David Drake e Jill Flaxman, bem como Kevin Tobin e Katie Ziga no setor financeiro. A Crown é uma divisão da Random House Penguin, onde *O manuscrito* foi beneficiado pelo trabalho de Megan Thomas, Dorothy Boyajy e David Sanford, do setor de contratos; Matthew Martin e Kathy Trager, do setor jurídico; Amanda D’Acerno, Sue Daulton, Amy Metsch e Dan Zitt, do setor de áudio; além de Annette Danek e toda a equipe do depósito e do atendimento ao cliente, que consiste em *centenas* de pessoas; além de James O’Malley, que nunca me esqueceu, mesmo quando eu desaparecia por anos.

E depois há o departamento de vendas. Em um negócio com dezenas de milhares de produtores criando centenas de milhares de novos produtos distintos a cada ano para um incontável número de distribuidores e varejistas, o processo de vendas não é exatamente simples. E todos esses produtos são *livros* completos, não camisetas, celulares ou lanchonetes. Você não pode avaliá-los – nem vendê-los – com uma olhadela ou uma mordida. Se você comprou a edição Crown de *O manuscrito*, primeiro alguém na Random House teve que vendê-la, e isso inclui John Adams, Andy Augusto, Patty Berg, Pam Brown, Eric Buscher, Cathy Calvert, Morgan Carattini, Candice Chaplin, Tom Cox, Chris Dufault, Christine Edwards, Michael Gentile, Amiee Gibbs, David Glenn, K. J. Grow, John Hastie, Toni Hetzel, Cheryl Kelly, Cyrus Kheradi, Nan Khilall, Michael Kindness, Ann Kingman, Beth Koehler, Ron Koltnow, Dan Kosack, Ceneta Lee-Williams, Jerry Lex, Wade Lucas, Shauna Masi, Lisa McCormack, Annette Trial O’Neil, David Phethean, Bridget Piekarz, Judy Pohlhaus, Anke Reichelt, Andrew Rein, Jennifer Ridgway, David Romine, Sasha Sadikot, Kim Shannon, Ron Shoop, Scott Smith, Michele Sulka, David Underwood, Jaci Updike, Sherry Virtz, Valerie Walley, Jeff Weber e Lori Zook.

Todas essas pessoas, e muitas mais que com certeza esqueci (perdoem-me!), ganham a vida transformando originais em livros e lançando livros como o meu no mundo. Agradeço sincera e imensamente a todas.

SOBRE O AUTOR

© Nina Subin



Chris Pavone cresceu em Nova York, estudou no Brooklyn e se formou na Universidade Cornell. Depois de trabalhar como editor por quase vinte anos, seu primeiro romance, *Os impostores*, chegou às listas de mais vendidos, conseguindo os prêmios Edgar Allan Poe e Anthony na categoria Melhor Romance de Estreia. Chris é casado e pai de gêmeos. A família divide seu tempo entre Greenwich Village, no coração da cidade de Nova York, e a área rural do estado.

www.chrispavone.com

CONHEÇA OUTRO LIVRO DO AUTOR



Os impostores

Kate Moore é uma mãe que trabalha fora e luta para equilibrar as despesas e o orçamento, criar os filhos, manter viva a chama do casamento... e guardar um segredo cada vez mais difícil de suportar. Por isso, quando seu marido, Dexter, recebe uma proposta de emprego em Luxemburgo, ela agarra a chance de deixar para trás sua vida dupla e recomeçar do zero longe de Washington.

Em outro país, Kate se reinventa, enquanto Dexter trabalha sem parar num emprego que ela nunca entendeu, para um cliente que ela não pode saber quem é. Em pouco tempo, a confortável vida europeia com que sonhava se revela uma rotina cansativa em que o marido vai ficando cada vez mais distante e evasivo e ela, solitária e entediada.

Chega então outro casal americano, que faz amizade com Dexter e Kate. Mas ela logo desconfia que os novos amigos não sejam exatamente quem dizem ser – e fica apavorada diante da possibilidade de estar sendo perseguida por fantasmas do passado.

Assim, Kate começa a investigá-los e acaba descobrindo camadas e mais camadas de mentiras que a cercam e, por trás disso tudo, um golpe extremamente bem elaborado que ameaça sua família, seu casamento e até sua

vida.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Prólogo

PARTE I

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

PARTE II

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

PARTE III

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro livro do autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)